

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**ALESSANDRA RUFINO SANTOS**

**INTERAÇÃO SOCIAL E ESTIGMA NA FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA: UM  
OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS E  
VENEZUELANOS**

Porto Alegre

2018

ALESSANDRA RUFINO SANTOS

**INTERAÇÃO SOCIAL E ESTIGMA NA FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA: UM  
OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS E  
VENEZUELANOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

**Linha de pesquisa:** Minorias Sociais: estigmatização, discriminação, desigualdade e resistência.

**Orientador:** Prof. Dr. Karl Martin Monsma (UFRGS).

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Alessandra Rufino  
Interação social e estigma na fronteira  
Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a  
migração de brasileiros e venezuelanos / Alessandra  
Rufino Santos. -- 2018.  
224 f.  
Orientador: Karl Martin Monsma.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Estigma. 2. Fronteira. 3. Interação Social. 4.  
Migração. I. Monsma, Karl Martin, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Tese intitulada “*Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos*”, de autoria da doutoranda Alessandra Rufino Santos, apresentada a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Karl Martin Monsma  
PPG em Sociologia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Profa. Dra. Vanessa Marx  
PPG em Sociologia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Profa. Dra. Raquel Andrade Weiss  
PPG em Sociologia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Profa. Dra. Adriana Dorfman  
PPG em Geografia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof. Dr. José Lindomar Coelho Albuquerque  
PPG em Ciências Sociais / Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Porto Alegre, 09 mar. 2018.

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que apostaram nas minhas potencialidades no decorrer da minha trajetória acadêmica.

É dedicado especialmente aos meus pais, Raimundo e Maria, por terem investido sempre em mim.

Dedico ainda aos migrantes brasileiros e venezuelanos que ajudam a construir, apesar das diversidades, uma fronteira cada vez mais dinâmica.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a concretização de um sonho. Sonho esse que, para mim, não foi fácil de realizar, pois trilhando o caminho de sua realização deparei-me com muitos desafios. O percurso foi longo, repleto de idas e vindas. E, nesse caso, sei que a vida é mais que uma tese. No entanto, durante os últimos quatro anos, minha vida se resumiu a ela. Por isso, ao chegar ao final, gostaria de agradecer especialmente:

A Deus, por me iluminar e me dar tranquilidade para seguir em frente com meus objetivos e não desanimar com as dificuldades.

À minha família, principalmente aos meus pais, que sempre me apoiaram, entenderam os momentos em que me afastei e me mostraram o quanto é importante estudar, apesar de não terem tido a mesma oportunidade.

Ao meu orientador Karl, por ter acolhido meu projeto de pesquisa, pelos ensinamentos, pelos momentos de compreensão, incentivo e, principalmente, paciência na reta final.

À professora Vanessa Marx, por aceitar presidir a banca examinadora de defesa na ausência do professor Karl.

À banca examinadora de qualificação, Cinara Rosenfield, Daniel Mocelin e Adriana Dorfman, pelas sugestões e críticas que contribuíram na consolidação deste trabalho.

Aos professores participantes da banca examinadora de defesa da tese, Raquel Weiss, Adriana Dorfman e Lindomar Albuquerque, pelos valiosos questionamentos e sugestões que servirão para pesquisas futuras.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), por terem me acolhido como estudante de doutorado e pelos ensinamentos que recebi dos professores, os quais foram, são e serão muito importantes para mim e para a minha vida profissional. Agradeço também aos demais funcionários, em especial a Regiane, que fez com que tudo funcionasse da melhor maneira possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa durante os dois anos iniciais do doutorado.

À Universidade Federal de Roraima (UFRR), em especial ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), por me acolher como docente nos dois anos finais do doutorado.

Aos homens e mulheres de nacionalidade brasileira e venezuelana da fronteira Brasil/Venezuela pelas informações e apoio à pesquisa de campo.

Ao Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras (GEIFRON), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), pelas contribuições valiosas desde a época da graduação.

Ao Wagner, que me recebeu em sua residência quando fui participar da seleção do PPGS/UFRGS, e à Márcia, amiga desde a época do mestrado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que me colocou em contato com o Wagner em 2013.

À Ana Cláudia, que foi como uma pessoa da minha família em Porto Alegre no período em que dividimos apartamento, entre os anos de 2014 e 2015.

À Valesca pela amizade estabelecida no decorrer do doutorado e pelas trocas durante esse percurso.

Ao Otto, por me passar alegria nos momentos em que estive distante da minha família.

Aos meus colegas de doutorado. Além destes, a todas as pessoas que conheci em Porto Alegre e na UFRGS, entre elas Lucio, Tábata, Neidinha, Vilma, Kátia, Ronald e Júlio.

Nesses agradecimentos não pode faltar o nome do Prof. Gilson Monteiro: a pessoa que desde o mestrado demonstrou acreditar em mim mais do que eu mesma.

Também sou grata à France Rodrigues por todos os ensinamentos enquanto minha orientadora na graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e na graduação em História da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e ao Prof. Renan Freitas, meu orientador no mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo apoio na pesquisa sobre a imigração peruana em Boa Vista.

Agradeço ainda à minha querida professora da época da graduação em Ciências Sociais e, agora, amiga, Joani Lyra pelo incentivo e por acreditar no meu potencial.

Da mesma forma, sou muito grata aos professores Alexandro Namem e Amarildo Batista (in memoriam) pela amizade e incentivo.

Também sou muito grata a duas pessoas muito importantes na minha vida atualmente: Arlene e Jeneffer, que me fizeram acreditar ser possível constituir amizade no ambiente de trabalho. Sem o apoio e incentivo delas, eu não teria conseguido finalizar a tese.

Por último, agradeço a Ana Paula, Antonia, Cleide, Marly e David pela amizade e por terem entendido minha ausência.

A todos vocês, meu MUITO OBRIGADA!

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

(Guimarães Rosa, 1956, Grande Sertão Veredas)

## RESUMO

A presente tese de doutorado tem por objetivo analisar a estrutura social da fronteira Brasil/Venezuela tomando por referência as relações transnacionais motivadas pelo fenômeno migratório de brasileiros e venezuelanos marcado por interação e estigmas sociais. Para isso, toma como referência parcial os pressupostos teórico-metodológicos da fenomenologia social com a finalidade de retratar a fronteira Brasil/Venezuela como lugar da migração. Neste sentido, o trabalho apresenta e discute as tipificações sociais como produto dos processos de estigmatização. Além disso, articula algumas noções acerca da construção identitária presente na interação social entre os grupos de migrantes já mencionados. Nesse processo, a base de análise é, portanto, a interação social entre os migrantes e o grupo social do lugar de destino. Ainda nesse cenário, a interação social está relacionada, sobretudo, às relações comerciais, às relações de trabalho, às relações familiares e de amizades. Sendo assim, a tese objetiva analisar o fenômeno da interação social e da estigmatização dos migrantes brasileiros e venezuelanos a partir dos moradores locais estabelecidos no lado do Brasil e no lado da Venezuela. Objetiva ainda verificar e demonstrar o porquê do impacto da imigração venezuelana ter sido maior para o Brasil, especificamente no Estado de Roraima, do que a emigração de brasileiros para a Venezuela, em especial no Estado Bolívar. Para alcançar tais objetivos, toma por base as seguintes questões norteadoras: como ocorre o processo de interação social dos migrantes brasileiros e venezuelanos com os habitantes estabelecidos na fronteira Brasil/Venezuela? Nesse cenário, os migrantes brasileiros são mais estigmatizados do que os migrantes venezuelanos? Com esses questionamentos, a pesquisa toma como referência os métodos mistos, em especial a abordagem qualitativa, tendo em vista que esta abordagem permite um diálogo com o método fenomenológico. Assim, o uso deste método torna-se importante para que o procedimento de coleta e análise de dados ocorra sob o viés da interpretação compreensiva. Consequentemente, a partir dos resultados obtidos neste estudo, pode-se afirmar que brasileiros e venezuelanos compartilham uma condição fronteiriça marcada, por um lado, pela interiorização de uma identidade incerta e estigmatizada e, por outro lado, pela possibilidade concreta de interação social. No entanto, diante da mudança ocorrida nos fluxos migratórios da fronteira Brasil/Venezuela, os venezuelanos passaram a ser mais estigmatizados no Brasil do que os brasileiros na Venezuela. Isso ocorre devido ao fato de o Estado de Roraima ter uma estrutura precária para receber um grande contingente desses migrantes e também por esta ser uma migração recente se comparada à migração de brasileiros na Venezuela. Logo, Roraima tem acolhido, mas ainda não integrado os venezuelanos a sua sociedade.

**Palavras-chave:** Estigma; Fronteira; Interação Social; Migração.

## ABSTRACT

The present doctoral thesis aims to analyze the social structure of the Brazil/Venezuela border, taking as a reference the transnational relations motivated by the migratory phenomenon of brazilians and venezuelans, marked by interaction and social stigmas. For this, it takes as partial reference the theoretical-methodological assumptions of social phenomenology with the purpose of portraying the Brazil/Venezuela border as a place of migration. In this sense, the work presents and discusses social typifications as a product of stigmatization processes. Besides, it articulates some notions about the construction of identity, present in the social interaction between the groups of migrants already mentioned. In this process, the basis of analysis is, therefore, the social interaction between immigrants and the social group of the place of destination. In this scenario, the social interaction is related, above all, with business relationships, work relationships, family relationships and friendships. Thus, the objective of the thesis is to analyze the phenomenon of social interaction and the stigmatization of brazilian and venezuelan migrants by the local inhabitants established on the side of Brazil and on the Venezuelan side. This thesis also aims verifying and demonstrating that the impact of venezuelan immigration has been greater for Brazil, specifically in the State of Roraima, than the emigration of brazilians to Venezuela, especially the Bolívar State. To achieve these objectives, the following guiding questions are based on: how does the process of social interaction of brazilian and venezuelan migrants with the population established on the Brazil/Venezuela border work? In that scenario, are brazilian migrants more stigmatized than venezuelan migrants? With these questions, the research takes as a reference the mixed methods, especially the qualitative approach, considering that this approach allows a dialogue with the phenomenological method. Thus, the use of this method becomes important for the data collection and analysis procedure to occur under the bias of comprehensive interpretation. Consequently, from the results obtained in this study, it can be affirmed that brazilians and venezuelans share a border condition marked, on the one hand, by the internalization of an uncertain and stigmatized identity and, on the other hand, by the concrete possibility of social interaction. However, before the change in migration flows from the Brazil/Venezuela border, venezuelans became more stigmatized in Brazil than brazilians in Venezuela. This happens due to the State of Roraima having a precarious structure to receive a large contingent of these migrants and also because it is a recent migration when compared to the migration of brazilians in Venezuela. Then, Roraima has welcomed, but has not yet integrated the Venezuelan society.

**Keywords:** Stigma; Border; Social Interaction; Migration.

## RESÚMEN

La presente tesis de doctorado tiene por objetivo analizar la estructura social de la frontera Brasil/Venezuela tomando por referencia las relaciones transnacionales motivadas por el fenómeno migratorio de brasileños y venezolanos, marcado por interacción y estigmas sociales. Para ello, toma como referencia parcial los presupuestos teórico-metodológicos de la fenomenología social con la finalidad de retratar la frontera Brasil/Venezuela como lugar de migración. En este sentido, el trabajo presenta y discute las tipificaciones sociales como producto de los procesos de estigmatización. Además de eso, articula algunas nociones acerca de la construcción identitaria, presente en la interacción social entre los grupos de migrantes ya mencionados. En este proceso, la base de análisis es, por lo tanto, la interacción social entre los migrantes y el grupo social del lugar de destino. En este escenario, la interacción social está relacionada, sobre todo, con las relaciones comerciales, relaciones de trabajo, relaciones familiares y de amistades. Siendo así, el objetivo de la tesis es analizar el fenómeno de la interacción social y de la estigmatización de los migrantes brasileños y venezolanos por los habitantes locales establecidos en el lado de Brasil y en el lado de Venezuela. El objetivo de verificar y demostrar el porqué del impacto de la inmigración venezolana ha sido mayor para Brasil, específicamente en el Estado de Roraima, que la emigración de brasileños a Venezuela, en especial el Estado Bolívar. Para alcanzar tales objetivos, se basan las siguientes cuestiones orientadoras: ¿cómo ocurre el proceso de interacción social de los migrantes brasileños e migrantes venezolanos con los habitantes establecidos en la frontera Brasil/Venezuela? En ese escenario, los migrantes brasileños son más estigmatizados que los migrantes venezolanos? Con estos cuestionamientos, la investigación toma como referencia los métodos mixtos, en especial al abordaje cualitativo, teniendo en cuenta que este enfoque permite un diálogo con el método fenomenológico. Así, el uso de este método se vuelve importante para que el procedimiento de recolección y análisis de datos ocurra bajo el sesgo de la interpretación comprensiva. En consecuencia, a partir de los resultados obtenidos en este estudio, se puede afirmar que brasileños y venezolanos comparten una condición fronteriza marcada, por un lado, por la interiorización de una identidad incierta y estigmatizada y, por otro lado, por la posibilidad concreta de interacción social. Sin embargo, ante el cambio ocurrido en los flujos migratorios de la frontera Brasil/Venezuela, los venezolanos pasaron a ser más estigmatizados en Brasil que los brasileños en Venezuela. Esto ocurre debido al Estado de Roraima tener una estructura precaria para recibir un gran contingente de esos migrantes y también por ser una migración reciente si se compara con la migración de brasileños en Venezuela. Luego, Roraima ha acogido, pero aún no ha integrado a los venezolanos su sociedad.

**Palabras clave:** Estigma; Frontera; Interacción Social; Migración.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Mapa das cidades que compreendem a Região da fronteira Brasil/Venezuela (locus de investigação da pesquisa) .....	35
Figura 02 – Venezuelanos que “fugiram” da crise na Venezuela e procuram trabalho em Boa Vista/RR .....	40
Figura 03- Marco da fronteira do Brasil com a Venezuela .....	41
Figura 04- Rua Suapi, principal rua de Pacaraima .....	42
Figura 05- Cidade de Pacaraima, lado brasileiro da fronteira Brasil/Venezuela .....	43
Figura 06- Parque Nacional de Canaima.....	45
Figura 07- Posto internacional de combustíveis de Santa Elena de Uairén/Venezuela .....	46
Figura 08 - Mapa da migração de brasileiros e venezuelanos .....	48
Figura 09 – Mapa do Arco Norte da faixa de fronteira internacional do Brasil .....	57
Figura 10 – Mapa da faixa de fronteira internacional do Estado de Roraima .....	66
Figura 11 – Mapa da faixa de fronteira internacional do Estado Bolívar .....	67
Figura 12 – Reportagem da Radio France Internacional sobre a permanência de brasileiros na Venezuela (23/07/2016) .....	100
Figura 13 – Reportagem da Folha de São Paulo sobre a prostituição de venezuelanas em Roraima (24/04/2017) .....	106
Figura 14 – Reportagem da EBC Radioagência Nacional sobre a migração de venezuelanos em Roraima (13/02/2017) .....	140
Figura 15 – Venezuelanos que trabalham em semáforo de Boa Vista .....	162
Figura 16 – Mulher indígena Warao pede dinheiro na rua de Boa Vista .....	170

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – População residente em Boa Vista, Pacaraima (Estado de Roraima) e Santa Elena de Uairén (Estado de Bolívar) – 1996/2017 .....	38
Tabela 02 - População residente em Roraima por grupo de idade .....	38
Tabela 03 - População residente em Roraima e Bolívar (1950/2010) .....	69
Tabela 04 - Pedidos de solicitação de refúgio de venezuelanos e outros imigrantes em Boa Vista/RR .....	175

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Abordagens teóricas da Sociologia e áreas afins que contribuem no estudo da categoria sociológica de fronteira e migração.....	85
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01– Origem dos entrevistados venezuelanos por Regiões Administrativas da Venezuela .....	141
Gráfico 02 - Fonte de informações sobre o Brasil e a Venezuela .....	144
Gráfico 03 – Motivações que ocasionaram a decisão de migrar (brasileiros e venezuelanos) .....	145
Gráfico 04 – Enfrentamento de dificuldades financeiras (brasileiros e venezuelanos) .....	146
Gráfico 05 – Motivos da escolha da fronteira Brasil/Venezuela como destino (brasileiros e venezuelanos) .....	147
Gráfico 06 - Origem dos entrevistados brasileiros por Regiões administrativas do Brasil ...	150
Gráfico 07 – Atividades que os entrevistados brasileiros passaram a desempenhar após a migração .....	152
Gráfico 08 – Escolaridade do grupo de brasileiros estudado .....	153
Gráfico 09 – Atividades desempenhadas pelos entrevistados brasileiros na ocasião da migração .....	153
Gráfico 10– Escolaridade do grupo de venezuelanos estudado .....	159
Gráfico 11 – Atividades desempenhadas pelos entrevistados venezuelanos na ocasião da migração .....	160
Gráfico 12 - Atividades que os entrevistados venezuelanos passaram a desempenhar após a migração.....	160

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Acre

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados

CE – Ceará

CNIg - Conselho Nacional de Imigração

GEIFRON - Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Fronteiras

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MI - Ministério da Integração Nacional

OIM - Organização Internacional para as Migrações

PNDR - Política Nacional de Desenvolvimento Regional

RFI - Radio France Internacional

RO - Rondônia

RR – Roraima

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEPLAN/RR - Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRR - Universidade Federal de Roraima

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>21</b>
<b>1 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	<b>33</b>
1.1 Tipo de estudo .....	33
1.2 Contextualização do lócus da pesquisa: o desenho da fronteira Brasil/Venezuela a partir de Boa Vista, Pacaraima e Santa Elena de Uairén .....	34
1.3 Sujeitos do estudo e coleta dos dados .....	47
1.4 Análise dos dados .....	49
<b>2 A AMAZÔNIA ENQUANTO ESPAÇO FRONTEIRIÇO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS MIGRAÇÕES</b> .....	<b>51</b>
2.1 A expansão da fronteira amazônica: contextualização dos processos migratórios .....	55
2.2 Os Estados de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela) no contexto regional fronteiriço amazônico: elementos para pensar na situação de “atração” .....	64
2.3 A estigmatização na Amazônia e a estereotipização de seus migrantes .....	75
2.4 Aspectos históricos da formação da fronteira entre o Brasil e a Venezuela sob o viés das questões políticas e das mudanças econômicas .....	76
<b>3 EXPLORANDO A FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA PELA ÓTICA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS</b> .....	<b>84</b>
3.1 O papel das cidades fronteiriças na interação regional: o desafio amazônico .....	89
3.2 A fronteira Brasil/Venezuela como espaço de interação social, de negociação e estigma .....	96
3.3 (Des)encadeando intercâmbios na fronteira Brasil/Venezuela: As parcerias interpessoais de trocas a partir da interação social .....	108
<b>4 FAZENDO SOCIOLOGIA NA FRONTEIRA: DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE FENOMENOLOGIA SOCIAL, ESTIGMA, ESTEREÓTIPO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL NUMA RELAÇÃO COM A MIGRAÇÃO</b> .....	<b>117</b>
4.1 Em busca da experiência migratória na fronteira: adaptação e resistência no cotidiano fronteiriço sob o viés da fenomenologia social .....	120
4.2 O mundo da vida enquanto mundo social: os efeitos da migração na estrutura social fronteiriça .....	126
4.3 Exclusão e inclusão social na sociedade fronteiriça: tipificação, estigma, estereótipo e desqualificação social .....	131

<b>5 INTERAÇÕES E ESTIGMAS ENTRE BRASILEIROS E VENEZUELANOS NA FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA: REDEFINIÇÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO</b> .....	<b>136</b>
5.1 A experiência de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos no Brasil: uma contextualização da dinâmica migratória recente .....	138
5.2 Brasileiros em Santa Elena de Uairén (Bolívar/Venezuela) .....	149
5.3 Venezuelanos em Pacaraima e Boa Vista (Roraima/Brasil) .....	159
5.4 Processos de estigmatização e estereotipização na fronteira Brasil/Venezuela: mudanças das tipificações sociais na inversão do fluxo migratório .....	171
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>184</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>202</b>

## INTRODUÇÃO

O sociólogo é “contido” por seu objeto e às vezes está intimamente ligado a ele. Sua intuição depende, de um lado, de sua capacidade em relacionar as experiências de sua própria condição social aos fenômenos humanos que ele deseja analisar cientificamente. (PAUGAM, 2003, p.67)

Este trabalho consiste em um esforço que venho realizando, ao longo de minha formação acadêmica, para entender as especificidades da migração de brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela. A minha inserção na temática iniciou-se no curso de graduação em Ciências Sociais (2007-2010) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), em 2008, com base nas atividades desenvolvidas no projeto de iniciação científica “Representações sociais: uma análise da fronteira e da migração em Roraima” vinculado ao Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Fronteiras (GEIFRON) e orientado pela Profa. Dra. Francilene dos Santos Rodrigues. Este projeto consistiu em investigar as construções/representações sociais do migrante e da fronteira nos discursos das populações do lugar fronteiriço e me colocou em contato com um fenômeno, até então, recente em Roraima: a imigração de peruanos. Esse contato com a imigração peruana contribuiu para a elaboração da minha monografia na graduação e para o meu ingresso no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (2011-2013) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

No curso de mestrado, fui orientada pelo Prof. Dr. Ernesto Renan Freitas Pinto. A dissertação desenvolvida demonstrou que Roraima é um Estado que se insere no contexto das migrações, principalmente por constituir-se em um lugar de recepção de grande fluxo de pessoas brasileiras e de outros países. Consequentemente, evidenciou a condição fronteiriça de Roraima ao destacar a tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana como um eixo de integração além da floresta amazônica, onde as pequenas cidades podem ser definidas como ponto de apoio às “estratégias de sobrevivência”.

Sendo assim, os resultados dessa dissertação me possibilitaram avançar os estudos na proposta de uma tese. Para isso, busquei dar sequência à pesquisa voltada aos estudos migratórios devido a ter me deparado com obstáculos epistemológicos e questões inconclusas relacionadas, principalmente, à presença de migrantes brasileiros na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana.

Neste sentido, as motivações por ingressar no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (2014-2018) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação do Prof. Dr. Karl Martin Monsma, partiram do interesse pela linha de pesquisa “Minorias Sociais: Estigmatização, Discriminação, Desigualdade e Resistência”.

A experiência do doutorado levou-me a priorizar, na fase da qualificação, as faces da fronteira Brasil/Venezuela, especificamente o papel das redes de relações sociais na inserção do migrante brasileiro na fronteira em questão. Para tanto, com a chegada em massa de venezuelanos em Roraima, a partir de 2015, motivada pela crise política e econômica da Venezuela, a proposta da tese foi rediscutida e redesenhada, articulando o esforço de explorar, através dos pressupostos teórico-metodológicos da fenomenologia social, o processo de interação e estigmatização social dos migrantes brasileiros e venezuelanos pela sociedade estabelecida no lado do Brasil e no lado da Venezuela.

A proposta volta-se, portanto, ao interesse em compreender as consequências da mudança ocorrida nos fluxos migratórios da fronteira Brasil/Venezuela. Entre essas consequências, está a formação das redes de relações sociais que “acionam a fronteira em proveito próprio” (DORFMAN, 2013, p.18). De qualquer forma, outros esclarecimentos acerca desta tese estão evidenciados nas próximas seções, que abordam a apresentação e justificativa do problema, objetivos e hipóteses da pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos e a própria estrutura da tese.

## **Apresentação e justificativa do problema**

Os atores fronteiriços estão em constante contato por meio do matrimônio, das relações comerciais, do uso de serviços públicos, entre outros fatores. No caso da fronteira do Extremo-Norte do Brasil, essa realidade não é diferente. No entanto, essa fronteira torna-se diferente quando comparada com as fronteiras das demais Regiões do Brasil.

A fronteira Brasil/Venezuela diferencia-se no seu processo de formação na base produtiva, na posição geográfica e no predomínio de população indígena. Caracteriza-se como uma Região que apresenta maior conectividade em razão de sua malha rodoviária ser a mais desenvolvida do Arco Norte<sup>1</sup>, marcada pela presença da capital estadual Boa Vista, que projeta sua área de influência para além dos limites nacionais. Essa região também é marcada por fluxos migratórios procedentes de outras Regiões do Brasil, principalmente do Nordeste.

---

<sup>1</sup> Segundo informações do Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (2009), o Arco Norte abrange a Faixa de Fronteira dos Estados do Amapá, do Pará, de Roraima, do Amazonas e Acre.

Sua estrutura produtiva está voltada para a agricultura (mandioca, milho e arroz), a extração de minério (ouro e diamante) e atividades comerciais e turísticas, além do funcionalismo público. Como principais problemas, listam-se os conflitos de terras entre indígenas e não indígenas, as rotas de contrabando com o Caribe e o descaminho da gasolina venezuelana para o Brasil.

Diante desse quadro, esta tese discute como os processos migratórios de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil impactam as comunidades locais no processo de interação e estigmatização social<sup>2</sup>. Tal interesse exige uma interpretação do sentido cultural e simbólico em que se fundamenta o cotidiano da vida na fronteira. Exige ainda que fronteira seja entendida a partir do conceito de *frontier* trabalhado por Gordillo e Leguizamón (2001), que entendem a fronteira para além dos limites geopolíticos e a caracterizam como espaço de articulação entre sistemas com dinâmicas socioeconômicas heterogêneas.

Dessa maneira, a discussão sobre fronteira feita neste trabalho subsidia a interpretação de que o movimento migratório pode envolver relações de interesse entre aqueles que chegam ao novo local e os outros já residentes no lugar. Para Haeserbaert (2005), trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que (re)significam as ações sociais, (re)territorializam os grupos sociais, (re)arranjam as parcerias e os espaços de vivência do migrante na sociedade de destino. Sendo assim, torna-se evidente que os processos de interação e estigmatização social vivenciados na fronteira do Brasil/Venezuela, deixam à mostra a rica diversidade cultural desta fronteira e revelam, entre outras coisas, a travessia dos elementos simbólicos e culturais de brasileiros e venezuelanos.

A interação social pode ser interpretada segundo a noção de “cultura de contato”, apresentada por Cardoso de Oliveira (2005), que proporciona o entendimento de que os povos da fronteira estão interligados por relações de parentesco que ao longo dos anos estreitaram amizades e criaram grupos familiares que ultrapassam os limites geopolíticos. Tais relações são entendidas como rede de parentesco que subsidia e possibilita a existência de outras redes de relações sociais no âmbito do trabalho, comércio, educação, saúde e lazer.

De modo sequente, é no grupo social a qual o indivíduo pertence, que grande parte de sua interação é efetivada. Neste grupo, os indivíduos constroem a sua identidade e sua

---

<sup>2</sup> No decorrer da tese, o conceito de migração será utilizado para se referir tanto a imigração quanto a emigração da mesma forma que o conceito migrante corresponderá simultaneamente a emigrante e a imigrante. Essa escolha se deve a Sayad (1998), que reconhece a emigração e a imigração como duas faces de uma mesma realidade; devido ao país de origem que se pretende deixar, o que se destaca é o emigrante que se torna imigrante ao adentrar as fronteiras do país de acolhimento.

significação acerca do mundo. Outra questão que pode ocorrer quanto ao grupo, segundo Diehl (2015, p.132), “é que pelo fato do indivíduo pertencer a um grupo ele poderá ser discriminado por ser membro deste grupo”. Em outras palavras, o indivíduo quando não segue uma identidade social comum, estipulada pela sociedade, pode ser estigmatizado por indivíduos de outros grupos sociais. Goffman (1988) nos mostra que isso ocorre porque os sujeitos sociais considerados “normais” escolhem uma característica relacionada à biografia de um indivíduo para definir sua identidade, desconsiderando qualquer outro traço da personalidade desse indivíduo. Sendo assim, do que foi exposto por Goffman (1988), apreendemos que o indivíduo em si não é levado em consideração, mas sim o grupo social a qual ele pertence.

Acerca disso, a existência de poucos estudos sociológicos voltados a temática da fronteira e migração pelo viés da estigmatização e da interação social torna-se uma das principais justificativas para a realização deste trabalho, proporcionando um diálogo com o conceito do mundo da vida cotidiana. O referido conceito foi desenvolvido por Alfred Schutz (2003) e interpretado por Peter Berger e Thomas Luckmann (1974). Como afirma Schutz (2003), o mundo da vida cotidiana é uma representação social de uma dada realidade. Dentro dessa questão, Becker (1993) diz que os sujeitos ao tempo todo fazem representações de si mesmos, contando e omitindo o que determinam ser essencial.

O fato é que, para Schutz (1979), o mundo social no qual o homem nasce e tem de achar seu caminho é por ele vivenciado como uma rede de relacionamentos sociais, de sistemas de signos e símbolos com sua estrutura de significados particular de formas institucionalizadas de organização social. O mesmo autor pontua que o sujeito que vive nesse mundo da vida cotidiana e estabelece relações sociais com seus semelhantes é influenciado por seus predecessores e poderá modificar ações de seus sucessores.

Nessa linha de raciocínio, é importante reconhecer que não estamos diante apenas de grupos sociais estruturados, cujas relações fundamentais tendem a permanecer na migração. Mas também estamos diante de uma série de processos sociais que influenciam ativamente a diversidade étnico-cultural e, como consequência, coloca-se, em muitos casos, a problemática da dificuldade de interação existente entre os migrantes e a comunidade de acolhimento.

Cada vez mais que uma sociedade passa por uma crescente migração, seus integrantes se deparam com diversas situações de comunicação, tensões e conflitos étnicos, pobreza, criminalidade, entre outros. Nesse sentido, mesmo havendo no cotidiano uma interação social

constante, existe uma necessidade de “acomodar a diversidade étnica e evitar a explosão do conflito étnico” (GIDDENS, 2005, p.213).

No tocante à inserção de brasileiros no seio da sociedade venezuelana e de venezuelanos no seio da sociedade brasileira, existe um leque contínuo e infindável de situações possíveis no contexto fronteiriço, consoante o tempo, o lugar e as culturas postas em situação de contato próximo. Essas situações fazem com que os movimentos migratórios na fronteira Brasil/Venezuela somem-se à diversidade étnica e cultural de seus grupos sociais, contribuindo para que as dinâmicas demográfica, econômica e social sejam moldadas.

Na maioria dos casos, os migrantes presentes em ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela transportam consigo a sua bagagem cultural e de valores, de referência e de memórias, todos ligados ao seu lugar de origem. No entanto, com a permanência no lugar de destino, outros elementos colhidos no contexto fronteiriço chegam a ser adotados, adaptados, sobrepostos ou recombinados com os que inicialmente existiam, dando, assim, origem a situações complexas que podem ser denominadas como (re)significação das identidades. Apesar disso, os desvios das normas sociais podem conduzir a reações de antipatia e de rejeição e à estigmatização por parte da sociedade de acolhimento.

Há, nessa lógica, o surgimento de algumas questões norteadoras para o desenvolvimento desta tese, elencadas a seguir: como retratar a fronteira Brasil/Venezuela a partir da experiência fenomenológica dos processos migratórios? Quais são as tendências e consequências das mudanças dos fluxos migratórios na fronteira Brasil/Venezuela? O impacto da imigração venezuelana, no lado do Brasil, possui o mesmo impacto da emigração de brasileiros para o lado venezuelano? E, finalmente, como relacionar a fenomenologia social ao estigma?

O problema de pesquisa surge, assim, diante da necessidade de construção do conhecimento sociológico sobre a fronteira Brasil/Venezuela para facilitar o entendimento dos fluxos migratórios nessa realidade fronteiriça diante de aspectos como a interação e estigmatização social, dando ênfase às questões culturais e identitárias.

No geral, os povos da fronteira, isto é, os migrantes e a população já estabelecida, vivem uma situação de proximidade pelo espaço que os separa e os une. Nesses termos, torna-se também importante desenvolver uma discussão sobre as relações sociais que emergem dessas interações sociais. Feito isso, chegamos ao entendimento de que a imigração de venezuelanos no Brasil e da emigração de brasileiros para a Venezuela ultrapassa o limite internacional e constrói várias fronteiras, contribuindo para que se torne evidente, por

exemplo, as interações sociais na fronteira em que se destacam as relações de vizinhança, de parentesco, de comercialização, na oferta e procura por trabalho, de religião, de busca por serviços públicos e lazer.

No entanto, no decorrer da pesquisa, verificou-se uma requalificação das questões voltadas para o problema de pesquisa. Sendo assim, o estudo também analisa a formação de estereótipos como um processo marcante na diferenciação social entre povos de nacionalidades distintas, como é o caso dos brasileiros e venezuelanos.

Esquemáticamente, podemos dizer que, nessa situação, as experiências vividas na fronteira Brasil/Venezuela por migrantes brasileiros e venezuelanos dependerão, em certa medida, do nível de consciência acerca das obrigações ligadas ao status e aos papéis sociais e da correspondência com as expectativas das instituições de ação social. Nesse caso, à procura de um reconhecimento social pela população já estabelecida no local de destino, os sujeitos migrantes se organizam para (re)construir um espaço cultural tolerável ou tentar rejeitar situações de estigmatização no processo de adaptação. Desse modo, foi à luz desse direcionamento empírico que a pesquisa sobre a migração de brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela, sob a ótica da interação e do estigma social, foi desenvolvida.

### **Objetivos e hipóteses da pesquisa**

A Sociologia tem tratado o tema da interação e do estigma social sob uma ótica voltada para as implicações desses conceitos na vida dos estigmatizados. Dessa forma, esta tese tem como objetivo geral compreender como se processa a formação do estereótipo dos migrantes brasileiros e venezuelanos nas interações sociais cotidianas pela sociedade estabelecida em ambos lados da fronteira Brasil/Venezuela.

Com isso, chega aos seguintes objetivos específicos: 1) Verificar como são acolhidos e como vivem os migrantes brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela, bem como o impacto dessa migração na estrutura social da fronteira em questão; 2) Averiguar como esses migrantes se enquadram e interagem com a sociedade fronteiriça; 3) Interpretar em que medida os migrantes brasileiros e venezuelanos são estigmatizados pela sociedade do local de destino; 4) Identificar como o estigma sobre os migrantes brasileiros e venezuelanos aparece no discurso de pessoas que pertencem a esse grupo social e no discurso da população estabelecida na fronteira Brasil/Venezuela.

Diante dos objetivos apresentados, a hipótese central desenvolvida neste trabalho volta-se ao pressuposto de que a estigmatização, bem como a estereotipização, são fatores

constantemente presentes na vida dos migrantes brasileiros e venezuelanos que vivem na fronteira Brasil/Venezuela. Nessa sequência, cabe a pesquisadores da temática buscar subsídios que proporcionem um maior entendimento desse processo a fim de desenvolver estratégias de enfrentamento.

Além do mais, a fenomenologia social, elaborada por Schutz (1979), contribui para que a fronteira Brasil/Venezuela seja entendida como mundo da vida dos migrantes brasileiros e venezuelanos originários de várias cidades do Brasil e da Venezuela. Isso ocorre porque a experiência cotidiana que esses indivíduos partilham toma como referência a realidade social, interpretada por Beger e Luckmann (2002) como um mundo intersubjetivo construído a partir da interação entre os sujeitos sociais.

Neste sentido, a fronteira Brasil/Venezuela ao ser observada a partir da fenomenologia social propicia o processo de tipificação por instituir e perpetuar a vida cotidiana. Para completar este raciocínio, supomos que a fenomenologia social possibilita investigar não só os comportamentos individuais dos migrantes brasileiros e venezuelanos, mas também conhecer como se constitui um grupo social de migrantes, em ambos os lados da fronteira, que vive uma determinada situação típica.

Supomos ainda que a construção do projeto migratório de brasileiros e venezuelanos pode ser explicada pela ação social, conduta dirigida para a realização de um determinado fim. Certamente, essa ação só pode ser interpretada pela subjetividade do ator, pois somente a própria pessoa pode definir seu projeto de ação, seu desempenho social. Por esse ângulo, a compreensão do social volta-se para o comportamento do social em relação aos motivos, para as intenções que orientam a ação e para suas significações na perspectiva do ator da ação.

Assim sendo, acreditamos que, ao encontrarmos os significados para as ações tipificadas, compartilhadas e apreendidas pelos sujeitos do processo, é possível explorar as tendências e consequências das mudanças dos fluxos migratórios na fronteira Brasil/Venezuela. Diante disso, deduzimos que o fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela passou por uma reviravolta em meados de 2015 devido à crise política e econômica da Venezuela, que proporcionou uma mudança de posicionamento dos fluxos migratórios entre o Brasil e a Venezuela. O argumento se baseia na constante emigração de venezuelanos para o Brasil, precisamente para o Estado de Roraima, e num possível fluxo de retorno dos brasileiros ao país de origem.

Mesmo se tratando de uma dinâmica muito recente e não havendo dados estatísticos precisos sobre o número de brasileiros que emigraram para a Venezuela, que ainda

permanecem e que já retornam ao Brasil acompanhados dos venezuelanos, presumimos que os fluxos migratórios da fronteira Brasil/Venezuela foram certamente afetados, principalmente na inversão dos estereótipos e estigmas, que antes afetavam com mais frequência aos brasileiros que procuraram a Venezuela em busca de estabilidade de vida.

Atualmente, diante do complexo cenário de crise política e econômica em que vive a Venezuela, foram os venezuelanos que recorreram ao Brasil para “fugir” da crise que passaram a ser estigmatizados, pela sociedade estabelecida no lado fronteiriço brasileiro, como sujeitos que estão numa condição de desqualificação social. Aparentemente, esse processo de desqualificação social dos venezuelanos torna-se pertinente para o entendimento das transformações das tipificações e dos estereótipos sociais no contexto migratório transnacional, bem como dos fatores determinantes dessa transformação.

Nesse caso específico, partimos da premissa de que os migrantes brasileiros e venezuelanos compartilham uma condição fronteiriça marcada, por um lado, pela interiorização de uma identidade incerta e estigmatizada e, por outro lado, pela possibilidade concreta de interação social. Essa suposição oportuniza reconhecermos o impacto da imigração venezuelana, no lado do Brasil, ser mais agravante que o impacto da emigração de brasileiros para o lado venezuelano. A referida hipótese justifica-se por Roraima ter uma estrutura social precária para receber um grande contingente de venezuelanos e também por esta ser uma imigração recente se comparada a imigração de brasileiros na Venezuela.

Outro aspecto que consideramos neste estudo está situado na relação que pode ser feita da fenomenologia social com o estigma para que novos horizontes sejam abertos no processo de interpretação sociológica da interação e estigmatização social na fronteira Brasil/Venezuela a partir da migração de brasileiros e venezuelanos.

Frente a essa realidade social, entendemos o estigma como uma construção social legitimada pelo outro, compreendida como uma rede de normas, códigos e comportamentos de um grupo ou sociedade, que delinea territórios de “normalidade”. Sob essas circunstâncias, a fenomenologia social contribui para que os estigmas e estereótipos sejam repensados enquanto uma forma de sair das prescrições da realidade social fronteiriça já estruturada e sigam por caminhos em que as relações sociais possam falar por si.

### **Procedimentos metodológicos**

Para a sustentação deste trabalho, do ponto de vista metodológico, recorreremos a uma investigação de natureza qualitativa em sua maior dimensão, mas também quantitativa e com

abordagem fenomenológica. Assim sendo, essa escolha se deve pelo interesse desta pesquisa em ir além dos conhecimentos teóricos e se aproximar da experiência humana sob novas concepções para compreendê-la a partir da sua dimensão existencial.

Com tal característica, Schutz (2003) expõe que uma das principais atribuições do método fenomenológico é a de explorar os princípios gerais segundo os quais o ser humano organiza suas vivências na vida diária e, especialmente, as do mundo social. Permeando esses princípios, Schutz (1979) também compartilha que o mundo social tem uma estrutura de significado para os seres humanos que vivem, pensam e atuam dentro dele. Por conta disso, o investigador social observa a conduta humana e elabora construções de segundo grau, interpretando aquelas feitas pelos próprios atores na sociedade.

Diante disso, a aproximação inicial dos brasileiros na Venezuela foi viabilizada pela colaboração em atividades do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras (GEIFRON) antes mesmo do início dessa pesquisa. Já a aproximação dos venezuelanos em Roraima, precisamente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, deu-se por redes de contatos estabelecidas ao longo do trabalho de campo.

Em meio a esse contexto, a abrangência temporal deste estudo contemplou a realização de entrevistas entre os anos de 2015 e 2017, referindo-se as trajetórias dos migrantes brasileiros e venezuelanos, e muitas das experiências que mencionaram nas entrevistas são anteriores a 2015, o que motivou a pesquisa focalizar principalmente o período de 1987 a 2017.

Mesmo não existindo parâmetros precisos que possam definir o tamanho do universo dos migrantes brasileiros e venezuelanos, foram entrevistados 33 migrantes brasileiros e venezuelanos oriundos de diferentes cidades do Brasil e da Venezuela, e com faixa etária entre 22 anos e 68 anos. Destas pessoas, 18 brasileiros – sendo 7 mulheres e 11 homens – e 15 venezuelanos – destes 7 mulheres e 8 homens. A escolha desses dois grupos de migrantes de nacionalidades diferentes foi feita de modo a poder fazer uma análise comparativa dos efeitos da mudança do fluxo migratório já citado. Além disso, permitiu apurar como se dá o processo de interação e estigmatização social desses migrantes com a sociedade estabelecida nesse cenário fronteiriço.

Após essa classificação, o desafio foi traçar o perfil desses imigrantes com o máximo de informações possíveis como, por exemplo, lugar de nascimento, profissão exercida no lugar de origem, profissão desempenhada no lugar de destino, entre outras. Apesar disso, as

possibilidades de coleta de dados encontraram-se bastante dispersas e, por esse motivo, tivemos de criar alguns mecanismos para que esta pudesse ser realizada.

A discussão de temáticas que envolvem a migração e a fronteira é algo que se apresenta de maneira bastante discreta na Sociologia, sendo que, embora o embasamento teórico da pesquisa tenha sido a fenomenologia social, não deixamos de dialogar com referências bibliográficas de outras áreas das ciências humanas. Fora isso, os textos e dados referentes à história da “criação” das cidades que compreendem a fronteira Brasil/Venezuela e do processo migratório para esta fronteira são muito raros e bastante sucintos.

Obtivemos dados sobre a migração de brasileiros e venezuelanos, no contexto espacial já mencionado, fornecidos pela Superintendência da Polícia Federal em Roraima, do Vice-Consulado do Brasil na Venezuela e do Consulado da Venezuela em Roraima. No entanto, o material encontrado foi incipiente. Tal fato nos levou a recorrer a reportagens de jornais online – Folha de Boa Vista, Portal G1 de notícias em Roraima, Radio France Internacional, Folha de São Paulo, EBC Radioagência Nacional e Amazônia Real – que veiculam notícias sobre o fenômeno da migração de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos no Brasil.

De tal modo, diante das dificuldades metodológicas e a existência de materiais acadêmicos sobre a temática da pesquisa, consideramos viável a realização de entrevistas com sujeitos migrantes brasileiros e venezuelanos, assim como autoridades do Brasil e da Venezuela, para possibilitarmos o conhecimento e a compreensão de valores sociais relacionados ao fluxo migratório de brasileiros e venezuelanos no cotidiano da fronteira Brasil/Venezuela.

Por tais motivos, procuramos analisar os resultados da técnica da entrevista como uma fonte de pesquisa tendo em vista que, para Freitas (2006), uma entrevista gravada pode ser usada da mesma maneira que é usada uma notícia do jornal, por exemplo. Mas consideramos importante que fossem tomadas precauções de deixar os entrevistados livres para organizarem seus pensamentos, com a menor influência possível do entrevistador.

De qualquer forma, temos a consciência de que a elaboração do roteiro da entrevista, o tipo de abordagem e os dados solicitados podem confluir para um direcionamento propositado em torno do objeto de investigação. Nesse contexto, utilizamos como estratégia de análise a interpretação compreensiva para interpretar o que foi descrito pelo interlocutor enquanto uma dimensão do depoimento descritivo. Ricoeur (2000, p.87) reforça que “compreender não é

apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se observou”.

A realidade mencionada nos levou a refletir que este trabalho tem um enfoque na aproximação da percepção da territorialidade fronteiriça com algumas questões que inquietaram os migrantes e a sociedade fronteiriça na síntese das experiências vividas na fronteira Brasil/Venezuela. Finalmente, para compreender essas experiências, partimos dos seguintes eixos de análise que serão explicados de forma detalhada na estrutura da tese: 1) Migração como projeto, ação e ato; 2) A fronteira como lugar de recepção dos migrantes e mundo social; 3) A adaptação no destino; 4) Interação e estigma; 5) Redefinição do fluxo migratório.

### **Estrutura da tese**

A partir dos eixos apresentados na seção anterior, estruturamos a tese em cinco capítulos que se complementam e têm pretensão de permitir a compreensão das mudanças do fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela, tomando por referência o processamento da formação de estereótipos de migrantes brasileiros e venezuelanos em suas interações sociais com a sociedade já estabelecida na fronteira em questão.

No primeiro capítulo, **Itinerários metodológicos da pesquisa**, apresentamos o tipo de estudo que se volta para a sociologia fenomenológica e se insere na abordagem qualitativa, embora o estudo tenha sido pautado nos métodos mistos. Para facilitar o entendimento, contextualizamos o lócus da pesquisa com o auxílio do desenho da fronteira Brasil/Venezuela a partir das cidades de Boa Vista (Brasil), Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela). Na sequência, damos ênfase aos sujeitos do estudo, a coleta dos dados e, posteriormente, ao processo de análise dos dados.

Em seguida, o segundo capítulo, **A Amazônia enquanto espaço fronteiriço: uma abordagem a partir das migrações**, além da abordagem de questões mais gerais acerca da fronteira amazônica, destaca a expansão desta fronteira por meio dos processos migratórios e toma como referência a situação fronteiriça dos Estados de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela). Além disso, para facilitar ainda mais o entendimento dessa realidade fronteiriça, apresenta a estigmatização na Amazônia e a estereotipização de seus migrantes e faz uma relação disso com os aspectos históricos referentes à sua formação socioespacial sob o viés das questões políticas e das mudanças econômicas.

O terceiro capítulo, **Explorando a fronteira Brasil/Venezuela pela ótica das estruturas sociais e simbólicas**, discute a estrutura social da fronteira Brasil/Venezuela a partir da fenomenologia, dando ênfase ao papel de suas cidades na interação regional, nos processos de negociação e estigma, bem como às parcerias interpessoais de trocas estabelecidas no processo migratório por meio da interação social.

Logo após, o quarto capítulo, **Fazendo sociologia na fronteira: discussões teóricas sobre a fenomenologia social, estigma, estereótipo e desqualificação social numa relação com a migração**, reitera a adaptação e resistência no cotidiano fronteiriço sob o viés da fenomenologia social para retratar experiência migratória na fronteira do ponto de vista teórico. Além disso, situa os efeitos da migração na estrutura social fronteiriça ao tomar como referência o mundo da vida enquanto mundo social. Com isso, expõe a exclusão e inclusão social na sociedade fronteiriça através de uma discussão teórica sobre tipificação, estigma, estereótipo e desqualificação social.

O quinto capítulo, **Interações e estigmas entre brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela: redefinindo o fluxo migratório**, coloca em foco a experiência de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos no Brasil a partir de uma contextualização da dinâmica migratória recente, isto é, um fluxo migratório que tende a existir entre os países vizinhos. Aborda também os processos de estigmatização e estereotipização na fronteira Brasil/Venezuela, o que dá abertura para o debate acerca das mudanças e tipificações sociais na inversão do fluxo migratório.

Por fim, a **Conclusão** apresenta um balanço das possibilidades de avanço teórico na pesquisa, a partir da discussão fenomenológica, e aponta para os desdobramentos da presente investigação a serem desenvolvidos por estudos posteriores.

## 1 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

[...] É na sociologia do conhecimento sociológico que o sociólogo pode encontrar o instrumento que permite dar sua força plena e sua forma específica à crítica epistemológica, tratando mais de colocar em evidência os pressupostos inconscientes e as petições de princípios de uma teoria constituída. (BOURDIEU et al., 2015, p.87).

O presente capítulo tem por finalidade informar os recursos metodológicos empregados e os pressupostos epistemológicos que fundamentam as escolhas que foram tomadas em razão do objeto investigado. Nesse entremeio, o que segue, nas seções seguintes, não é puramente um receituário da metodologia empregada, ao modo da descrição resumida dos métodos e técnicas. Trata-se, na verdade, da maneira pela qual foram equacionados dois planos de análise: o teórico e o empírico.

### 1.1 Tipo de estudo

A modalidade de pesquisa mais adequada para entender parcialmente as finalidades deste estudo é a fenomenologia, particularmente a sociologia fenomenológica. Segundo Capalbo (1998), esta modalidade de pesquisa está inserida no campo da ciência como um tipo de pesquisa de abordagem qualitativa. Schutz (1972) complementa que a fenomenologia social possibilita investigar não os comportamentos individuais, mas, sim, conhecer como se constitui um grupo social que vive uma determinada situação típica. Em outras palavras, possibilita o olhar sob a dimensão social tendo por referência as relações intersubjetivas inscritas nas experiências cotidianas dos sujeitos.

De igual modo, para Danzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, sendo uma atividade situada que localiza o observador nesse mundo. Os autores também afirmam que este tipo de pesquisa envolve uma abordagem naturalista e interpretativa para o mundo. Isso ocorre devido ao pesquisador estudar as coisas em seus cenários naturais, tentando compreender e/ou interpretar os fenômenos através dos significados que as pessoas conferem a eles.

Dando continuidade a esse raciocínio, Minayo (2006) compartilha que a pesquisa qualitativa aborda a questão de que o mundo e o sujeito se relacionam de forma dinâmica, visto uma interdependência do sujeito com o objeto e da objetividade com a subjetividade,

entendendo o sujeito como um participante do processo no qual interpreta os fenômenos, dando a eles um significado.

No caso específico desta pesquisa, o método fenomenológico, conforme os estudos de Gil (2008), consiste em mostrar aquilo que está dado e em esclarecê-lo por considerá-lo presente imediatamente à consciência. O autor ainda continua com a seguinte observação:

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (GIL, 2008, p.15).

Face ao exposto, Carvalho (1991, p.15) observa que o saber buscado pela fenomenologia não é o saber sobre o fenômeno, mas o saber do fenômeno, sendo o saber algo que é essencial ao fenômeno em seu existir e em seu mostrar-se ao pesquisador. Com efeito, a fenomenologia apresenta-se como um referencial metodológico para o pesquisador que objetiva “desvendar” a essência de um fenômeno específico, sendo este um parecer de uma dimensão do mundo para um ser que o habita.

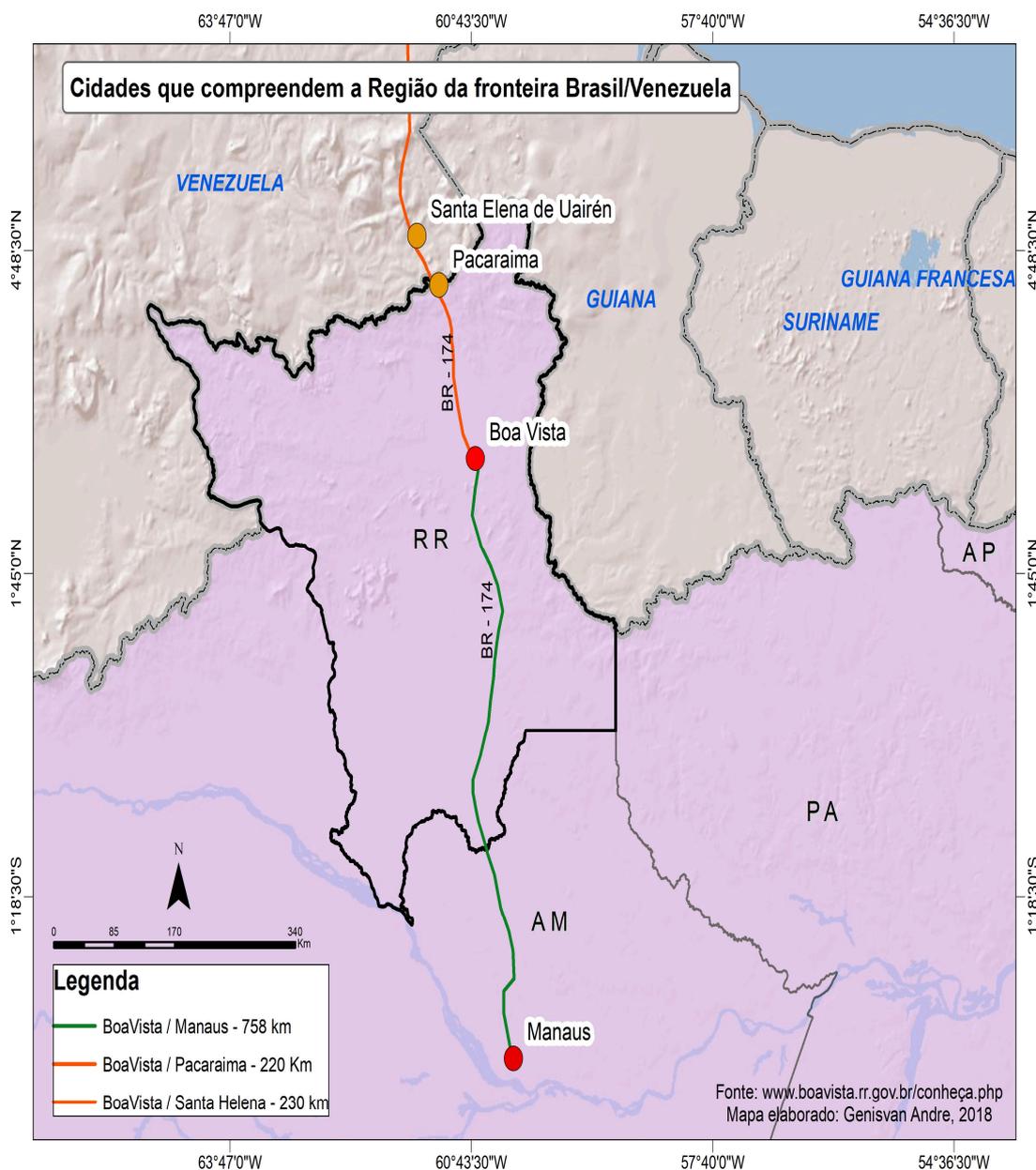
Sinteticamente, o método fenomenológico torna-se fundamental, nesta investigação, para uma melhor compreensão dos dados obtidos no decorrer da pesquisa bibliográfica e de campo, bem como foi fundamental na análise, interpretação, classificação, síntese e discussão das narrativas sobre o processo migratório a inserção dos migrantes brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela e as consequências disso, já que a pesquisa tomou como princípio os pressupostos dos métodos mistos embora sua fundamentação metodológica esteja pautada nas técnicas qualitativas.

## **1.2 Contextualização do lócus da pesquisa: o desenho da fronteira Brasil/Venezuela a partir de Boa Vista, Pacaraima e Santa Elena de Uairén**

A espacialidade da fronteira Brasil/Venezuela constitui-se, do lado do Brasil, na Região Norte. Abrange a antiga Região do Rio Branco e ali se localiza o Estado de Roraima. A capital de Roraima é Boa Vista, distante 215 km de Pacaraima, cidade que se encontra no limite com o território da República Bolivariana da Venezuela. Do outro lado da fronteira, se localiza a cidade de Santa Elena de Uairén, distante 15 km de Pacaraima. Assim, fazem parte

do cenário fronteiriço as cidades de Boa Vista, Pacaraima e Santa Elena de Uairén. São elas que formam a Região de fronteira, lócus desta investigação (Figura 01).

O território de Roraima passou à condição de Estado em janeiro de 1991, com a posse de Ottomar de Sousa Pinto, primeiro governador eleito. Esse Estado, segundo a literatura, continua com o nome do ex-território, uma referência à maior elevação serrana e ponto turístico daquela região, o Monte Roraima, que desenha a fronteira do Brasil com a Venezuela e a República Cooperativa da Guiana.



**Figura 01 - Mapa das cidades que compreendem a Região da fronteira Brasil/Venezuela (lócus de investigação da pesquisa)**

**Fonte:** Mapa elaborado por Genisvan André (2018) a partir da adaptação de informações contidas no site: [www.boavista.rr.gov.br/conheca.php](http://www.boavista.rr.gov.br/conheca.php).

De acordo com Souza e Nogueira (2013), entre as décadas de 1980 e 1990<sup>3</sup>, a cidade de Boa Vista, capital de Roraima, concentrava cerca de 50% da população do Estado. Os autores observam que a maioria dos migrantes que povoam atualmente Roraima chegou entre o período de 1996 a 2000, incentivada pela busca de melhores condições de vida e trabalho, sendo em sua maior parte de origem nordestina. É significativo acentuar esse dado referente ao crescimento demográfico de Boa Vista porque esta, das cidades que compõem a região de fronteira, além de ser a mais desenvolvida, é a referência nos serviços públicos e na relação comercial que envolvem os sujeitos sociais deste estudo. Portanto, a alteração em seu quadro demográfico representa dados significativos de análise para a estrutura social da Região que engloba a fronteira Brasil/Venezuela.

O recorte temporal de 1996 a 2000, mencionado anteriormente, reforça a observação de que houve um crescimento significativo daquela população decorrente do “boom do garimpo”, ocorrido em Roraima no final da década de 1980 e início da década de 1990. Naquela ocasião, tomou conta do país a ideia em relação a Roraima de um novo “eldorado” e uma massa significativa de excluídos da população nordestina migrou para este Estado. No intuito de entender esse processo migratório como conjuntural, o chefe do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Roraima (IBGE/RR), Vicente de Paula Joaquim, em entrevista concedida a Pereira (2005, p.44), fez uma análise mais abrangente sobre o processo migratório da Região fronteira de Roraima, alertando para os aspectos que explicam os fatores diversos que provocam a migração e demonstram o perfil do migrante desta região:

A mesma coisa que é bastante complicado, por exemplo, em Roraima é você entender o movimento migratório. Porque você acaba concluindo que a partir do momento que despeja cinco ônibus lotados de Manaus na rodoviária internacional de Boa Vista, isso significa coisa de cento e cinquenta pessoas, diariamente, descendo em Boa Vista. Mas, nós esquecemos um detalhe: todo dia, também, sai cinco ônibus lotados que vai embora por causa do momento de transição que o Estado está passando, principalmente, de uso do dinheiro público. Agora o que se observa é que é um Estado de fronteira. É um Estado que ele absorve, efetivamente, as famílias que estão à margem de outros Estados, principalmente do Nordeste. Porque a formação da nossa população, historicamente, é uma formação nordestina. Então, é um Estado de desbravamento, pioneiro. Os primeiros que vieram estão agora trazendo seus familiares, que estão em situação bastante difícil pra lá. No entanto, nós temos um mercado se desenvolvendo. Só que esse mercado está sendo exigente com relação à mão de obra. E nós temos carência de mão de obra e temos sobra de mão de obra desqualificada. É isso que está ocorrendo.

---

<sup>3</sup> Período que corresponde à descoberta de novos garimpos.

As palavras do chefe do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Roraima (IBGE/RR) contribuem para justificar, neste trabalho, porque é tão importante entender Boa Vista e Pacaraima do ponto de vista fronteiriço e dos movimentos migratórios. Alguns aspectos dessa fala possibilitam apreender o dialético processo migratório que mostra o movimento diário de sonhos e decepções daqueles que fazem o trânsito fronteiriço interno e externo da Região Norte do Brasil. Também possibilitam perceber o quanto se torna complexo caracterizar Roraima e as cidades fronteiriças em estatísticas que revelam informações em longo prazo. O que se pode dizer é que o fluxo migratório ocasionou mudanças que hoje se refletem nas exigências do mercado de trabalho, alterando, aos poucos, os aspectos culturais entre outros fatores decorrentes de tais processos.

Com isso, de acordo com Vale (2007), Boa Vista apresenta proporções visíveis do crescimento da população, enquanto Pacaraima e Santa Elena de Uairén são cidades de baixa densidade demográfica, apesar de também serem destinos de muitos migrantes (Tabela 01). Dentre as principais características da época atual está a informação de que, em um primeiro momento, Pacaraima não se configura como um atrativo para os migrantes de outros lugares do Brasil e de outros países que chegam ao Estado de Roraima, embora represente o oitavo município em relação à população, ficando à frente de municípios localizados nas regiões de expansão da fronteira agrícola ao Sul do referido Estado. No entanto, cabe lembrar que o fluxo migratório em Pacaraima intensificou-se em virtude da sua transformação em cidade, no ano de 1997<sup>4</sup>, e da criação de uma Área de Livre-Comércio no mesmo ano<sup>5</sup>, e, também, com as frequentes oscilações econômicas enfrentadas por Brasil e Venezuela, o que possibilita a ascensão econômica de um, quando o outro possui uma queda na sua economia.

---

<sup>4</sup> De acordo com a Prefeitura Municipal de Pacaraima (2015), Pacaraima foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 96 de 17/10/1995, sendo desmembrado do município de Boa Vista. Antes de ser elevado a município era um aglomerado rural denominado Vila Pacaraima.

<sup>5</sup> Em 2008, com a Lei nº 11.732/2008, a Área de Livre Comércio de Pacaraima (ALCP) passou a denominar-se Área de Livre Comércio de Boa Vista (ALCBV).

**Tabela 01 – População residente em Boa Vista, Pacaraima (Estado de Roraima) e Santa Elena de Uairén (Estado de Bolívar) – 1996/2017**

<b>ANOS</b>	<b>BOA VISTA</b>	<b>PACARAIMA</b>	<b>SANTA ELENA DE UAIRÉN</b>
	<b>População</b>	<b>População</b>	<b>População</b>
1996	162.828	5.777	16.237
2000	200.568	6.690	20.000
2007	249.853	8.640	25.342
2010	284.313	10.433	28.219
2014 <sup>6</sup>	314.900	11.667	36.423
2017 <sup>7</sup>	332.020	12.375	38.500

**Fonte:** IBGE (2017); INE (2017); Consulado da Venezuela em Roraima (2017).

Sobre a população de Roraima, tendo como foco de análise Boa Vista e Pacaraima respectivamente, é também significativo destacar as informações quanto ao gênero, às áreas urbana e rural e à faixa etária. No aspecto de gênero, o Estado de Roraima, pelo censo de 2010, informa que a população cresceu de forma a concentrar maiores índices demográficos na capital Boa Vista, um pouco estabilizados entre homens e mulheres, porém nem tanto quanto à faixa etária. Quanto à distinção entre urbano e rural, a população em Boa Vista é de 277.799, enquanto que na área rural ela é de 6.514. Pacaraima, diferentemente, apresenta 4.514 na área urbana e 5.919 na área rural. Quanto à faixa etária, Roraima é um Estado eminentemente de população jovem, que se concentra na capital. No entanto, quando se compara Pacaraima a Boa Vista, Pacaraima também apresenta uma população jovem majoritária, conforme se deduz da fase anterior, de criança a adolescente (Tabela 02).

**Tabela 02 - População residente em Roraima por grupo de idade**

<b>CIDADES</b>	<b>TOTAL</b>	<b>0-17</b>	<b>18-29</b>	<b>30-59</b>	<b>60-74</b>	<b>75-80 ou +</b>
Boa Vista	284.313	79.598	88.885	101.101	11.269	3.460
Pacaraima	10.433	4.172	2.925	2.841	371	124

**Fonte:** IBGE: Censo Demográfico 2010.

<sup>6</sup> Estimativa.

<sup>7</sup> Estimativa.

Conforme as informações disponibilizadas pela Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN/RR, 2016), a cidade de Boa Vista tem um desenho espacial na forma de leque em cuja parte central está o setor comercial e administrativo. Dalí irradiam grandes avenidas em direção aos bairros. Os serviços especializados, como hotéis, laboratórios, clínicas médicas, hospitais, cartório, redes de escolas públicas e privadas desde educação infantil ao ensino médio, as instituições de ensino superior públicas e privadas, fazem da cidade o pólo de referência de desenvolvimento do Estado de Roraima.

No entanto, o setor comercial (em todas as áreas) ainda é bastante limitado, especialmente no que tange à presença de redes de supermercado, de magazines, restaurantes e casas noturnas. Mesmo assim, o setor comercial é um dos responsáveis pelos índices de emprego e movimentação da economia local. Ainda segundo as informações da Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN/RR, 2016), o setor comercial de Boa Vista se caracteriza por shoppings, casas comerciais e magazines com produtos oriundos de Manaus e São Paulo (confeções, sapatos, etc.); por armazéns de comestíveis de produção local (cereais); por pequenos e médios supermercados; por restaurantes de médio porte e drogarias.

Também há um mercado informal bem movimentado com barracas que se concentram no centro de Boa Vista, em especial, no Mercado Caxambu. Segundo Albuquerque (2011), os barraqueiros são, em sua maioria, estrangeiros, muito provavelmente em situação ilegal. Muitos falam o português com um forte sotaque espanhol. Seus produtos são, na maior parte, eletroeletrônicos oriundos da Venezuela<sup>8</sup>. Para a mesma autora, nas ruas e nos semáforos também se nota a presença de vendedores ambulantes, em grande parte indígenas e migrantes internacionais, que vendem artigos diversificados, tais como: baldes, bacias, colchas de cama, escovas, lixeiras, porta-pratos, mel, água, coco, queijo, rifas, picolés, amendoim, castanhas e outros.

Diante dessa breve contextualização, Boa Vista é pensada como um espaço que transcende o espaço geográfico circunscrito às cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén, uma vez que, por ser capital do Estado de Roraima, configura-se como um lugar de passagem para os brasileiros que emigram para a fronteira do Brasil/Venezuela e de recepção para a maioria dos venezuelanos que procuram Roraima para “fugir” da crise na Venezuela (Figura 02), além de ser o maior pólo econômico e de serviços mais próximo dessa fronteira. Para

---

<sup>8</sup> A forte desvalorização cambial que sofre a moeda venezuelana – bolívar – favorece aos brasileiros desenvolver um intenso comércio legal e ilegal. Fazem-no através de deslocamentos contínuos à cidade fronteira de Santa Elena de Uairén e a outras mais além para comprar produtos eletroeletrônicos, comestíveis e combustíveis. Este último se caracteriza como a principal atividade ilegal na compra e transporte, principalmente, da gasolina.

além dessas questões, pensar o desenho da fronteira do Brasil/Venezuela a partir de Boa Vista, Pacaraima e Santa Elena de Uairén é, também, narrar as várias formas de deslocamentos que se produzem em função da situação de fronteira. São deslocamentos físicos e de significados conforme os aspectos da interação social que servem à comparação e também retratam as várias formas de travessia na fronteira.



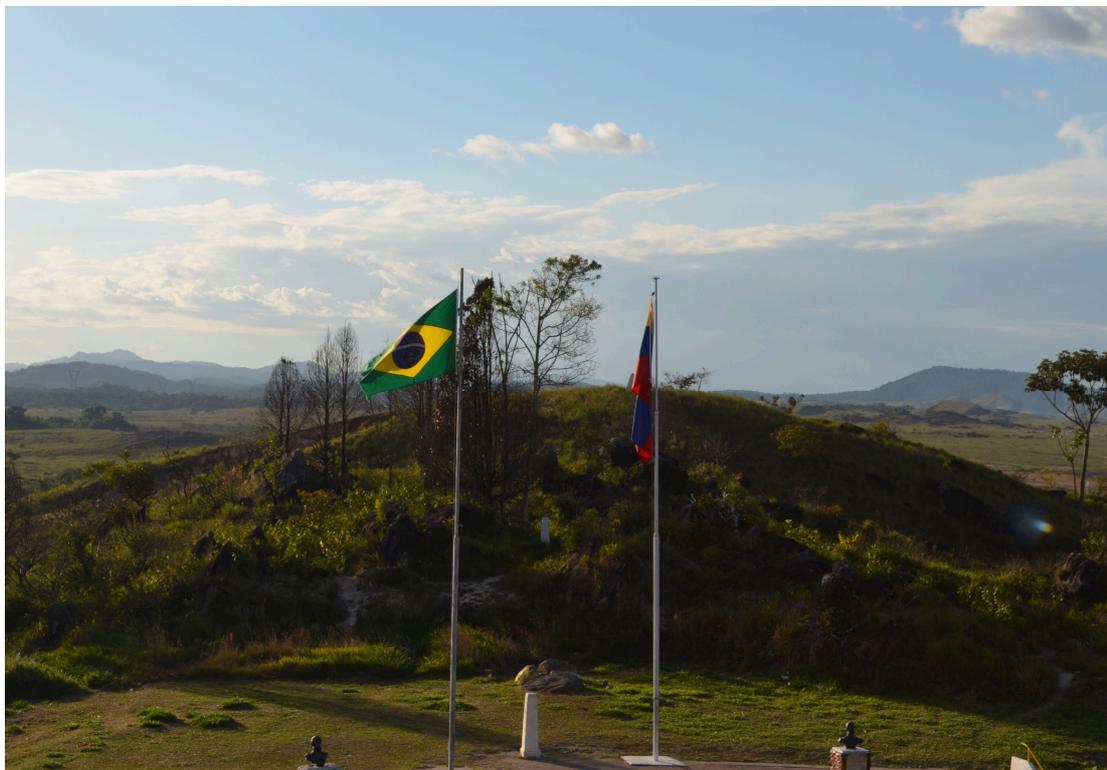
**Figura 02 – Venezuelanos que “fugiram” da crise na Venezuela e procuram trabalho em Boa Vista/RR**

Fonte: G1/RR (2017).

Somada à condição de fronteira das cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén, Lemos (2012) ratifica que ambas apresentam em suas composições um aspecto comum: são formadas por uma população migrante e por uma grande população indígena, o que as tornam muito parecidas. Isso significa que são caracterizadas por uma presença demográfica relativamente importante e por uma estrutura social complexa.

Dentro desse contexto, Fernandes Neto (2002) informa que a cidade de Pacaraima foi criada em 1995 e instalada em 1997, na antiga localidade conhecida como BV-8, em alusão ao marco Brasil-Venezuela n.º 8 (Figura 03). Santos (2010) complementa que Pacaraima, exceto

a sede, está inserida nas reservas indígenas de São Marcos e Raposa Serra do Sol<sup>9</sup>. Também faz parte de Pacaraima a Vila Surumu e trinta e cinco comunidades indígenas.



**Figura 03- Marco da fronteira do Brasil com a Venezuela**

Fonte: G1/RR (2015).

Conforme o último censo realizado, em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pacaraima possui uma população de 10.433 habitantes, sendo 5.785 indígenas. Sua renda é baseada no serviço público e na produção de alguns produtos agrícolas. No caso das comunidades indígenas, o potencial produtivo concentra-se na criação de gado bovino de corte e na agricultura baseada nos produtos básicos. Além disso, Braz (2010) destaca que o comércio turístico é entendido pelos brasileiros que vivem na cidade como a atividade econômica de maior importância.

Cabe acrescentar que dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/RR, 2016) revelam que 23 empresas formais estão cadastradas em Pacaraima no ramo de mercearia, vestuário, farmácias, materiais de construção, açougue, comércio de armarinho, comércio varejista de gás, comércio varejista de artigos importados,

---

<sup>9</sup> De acordo com Rocha e Silva (2012), a Reserva Indígena São Marcos foi criada em 1991 e a Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, em 2005. Possuem uma área equivalente a 8.063,9 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 3,58% da área total de Roraima, sendo a maioria das terras de domínio indígena com participação de 98,81% em relação ao total do Município de Pacaraima.

papelaria, restaurantes, lanchonetes, bares, hotéis, venda de passagem terrestre e locadora de vídeo. Ainda segundo o SEBRAE/RR (2016), a atividade industrial neste município se desenvolve nos ramos de construção civil, panificação e fabricação de móveis em madeira.

Neste contexto, a maioria da população segue o padrão de outras cidades pequenas, empregando-se no mercado de trabalho informal, bastante significativo, que é composto tanto por brasileiros quanto por venezuelanos que montam suas barracas na rua principal<sup>10</sup>, através da qual se chega à fronteira com a Venezuela (Figura 04). Apesar da distância de aproximadamente 15 km entre Pacaraima e Santa Elena de Uairén, existe um intercâmbio muito grande entre as duas cidades. Um exemplo é que o comércio de Pacaraima aceita o Bolívar (moeda venezuelana) e o comércio de Santa Elena de Uairén aceita o real (moeda brasileira). Além disso, os taxistas venezuelanos trabalham no Brasil e vice-versa<sup>11</sup>.



**Figura 04 – Rua Suapi, principal rua de Pacaraima**

Fonte: Alessandra Rufino Santos (2015).

Quanto à localização geográfica, pode-se destacar que Pacaraima localiza-se ao Norte do Estado de Roraima, fazendo fronteira com a cidade venezuelana de Santa Elena de Uairén

<sup>10</sup> Rua Suapi.

<sup>11</sup> A infraestrutura de acesso à cidade de Pacaraima se dá pela rodovia federal BR- 174. Existe um serviço regular de linha de ônibus para o município a partir de Boa Vista, capital de Roraima, tanto até Pacaraima quanto até Santa Elena de Uairén e demais cidades da Venezuela, além de serviços de transportadores autônomos (Cooperativa de Taxi) que fazem o percurso diariamente.

(Figura 05). Limita-se ao Sul com os municípios de Boa Vista e Amajari, ao Leste com Normandia e Uiramutã e ao Oeste com o município de Amajari. Sua geografia caracteriza-se por suas serras, rios, cachoeiras, corredeiras, florestas e savanas.



**Figura 05 – Cidade de Pacaraima, lado brasileiro da fronteira Brasil/Venezuela**  
Fonte: G1/RR (2015).

No que diz respeito a história de Pacaraima, Oliveira (2003) argumenta que o referido município surgiu em 1948 com o lucrativo comércio de venda de gado nos limites do Brasil com a Venezuela. Nesse período, não havia nenhuma estrada. O que havia era apenas uma linha, chamada de divisor, pois era o marco divisório entre o Brasil e a Venezuela. Esse comércio de venda era feito por pessoas que compravam o gado no antigo Território do Rio Branco (atual Estado de Roraima) e revendiam na Venezuela, entregando-os em Santa Elena de Uairén e regiões de garimpo. Como não havia estrada, o transporte do gado era feito pela mata, percurso este que levava entre cinco e seis dias para chegar com o rebanho em Santa Elena de Uairén. Somente na década de 1970 foi aberta a estrada BR-174 fazendo ligação entre Boa Vista, capital de Roraima, e Venezuela.

Nos dias de hoje, uma característica marcante de Pacaraima é a sua diversidade linguística, pois além do português, língua oficial, a população que lá reside ou circula fala o espanhol, língua da Venezuela, e algumas línguas indígenas, como o Taurepang, o Makuxi, o Arekuná e o Wapixana. Outra característica é que a presença de brasileiros de várias regiões do Brasil, principalmente nordestinos, e de hispanos, sobretudo venezuelanos, faz com que os povos interajam em situação diária de convivência, proporcionando-lhes “escolhas” de desenvolvimento profissional nas cidades fronteiriças de Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela).

Cabe mencionar também nessa descrição a indefinição do território de Pacaraima que, segundo Silva et. al. (2014), encontra-se sub judice por estar situada em duas áreas indígenas, a Terra indígena São Marcos e a Raposa Serra do Sol. Tal situação gera tumultos fundiários, deixando a população apreensiva e descrente de que haja possíveis resoluções, pois, essa questão dificulta a economia local, principalmente no que diz respeito ao setor imobiliário, devido às terras não possuírem títulos definitivos. Esse fato tem causado atrasos para futuros investimentos por parte de outros setores também, como o comércio, agências de turismo, financiamentos de casas ou estabelecimentos comerciais, hotéis, entre outros.

Em relação ao setor turístico, com base nas informações fornecidas pela Casa de Cultura e Turismo de Pacaraima (2015), existem dados que comprovam que transitam pelo município de Pacaraima um número significativo de turistas de diversas partes do mundo, entre eles é possível citar: italianos, espanhóis, franceses, japoneses, chineses, alemães, além de nacionalidades de toda a América, sobretudo brasileiros e venezuelanos. Ainda assim, todo este fluxo turístico não movimentou de forma significativa a economia local, em parte por não possuir infraestrutura adequada e também por não haver interesses em investir na região pelo fato de que a regularização da área do município ainda está por se definir.

Diante da contextualização já realizada, é importante evidenciar que as informações sobre Pacaraima precisam ser complementadas com informações sobre Santa Elena de Uairén, capital de Gran Sabana, que é município do Estado de Bolívar. Segundo Fernandes Neto (2002), a referida cidade foi fundada em 16 de setembro de 1923 por Lucas Fernandez Peña<sup>12</sup>, atraído pelo auge diamantífero do território. Localiza-se no Sul da Venezuela, fazendo fronteira com Sifontes e Piar ao Norte; com Pacaraima ao Sul; com a República Cooperativa da Guiana ao Leste; e com Bolivariano Angostura ao Oeste. De acordo com os dados

---

<sup>12</sup> Venezuelano nascido na cidade de Cojedes, no ano de 1894, o farmacêutico Lucas Fernández Peña chegou a região na época da ditadura Gomez e durante a real ameaça de anexação pelos ingleses na Guiana Inglesa (atual República Cooperativa Guiana). Oito anos depois, chegaram os primeiros missionários capuccinos e, em 1945, a aldeia foi elevada à categoria de município.

fornecidos pelo Consulado da Venezuela em Roraima (2017), sua população está estimada em 38.500 habitantes, dos quais cerca de 15 mil são brasileiros<sup>13</sup>. Os dados também demonstram que tal população é composta não só por venezuelanos e brasileiros<sup>14</sup>, mas também por chineses, japoneses e outras nacionalidades hispano-americanas, além de etnias indígenas<sup>15</sup>. A sua economia consiste na atividade do comércio, turismo ecológico e extração de minério.

Peiter e Fernandes Neto (2001) ressaltam que Santa Elena de Uairén pertence à grande região conhecida como La Gran Sabana, considerada muito importante na Venezuela e onde se localiza o Parque Nacional de Canaima (Figura 06). Esse é um dos motivos para que atualmente a cidade viva quase que exclusivamente em função do fluxo de turistas que vem do mundo todo para conhecer o Parque de La Gran Sabana.



**Figura 06- Parque Nacional de Canaima**

Fonte: MINTUR (2015).

No ano de 1999, Santa Elena de Uairén foi declarada “puerto libre”, isto é, zona franca. No entanto, o processo de ajuste para esse fim tem sido lento e trabalhoso. Guimarães

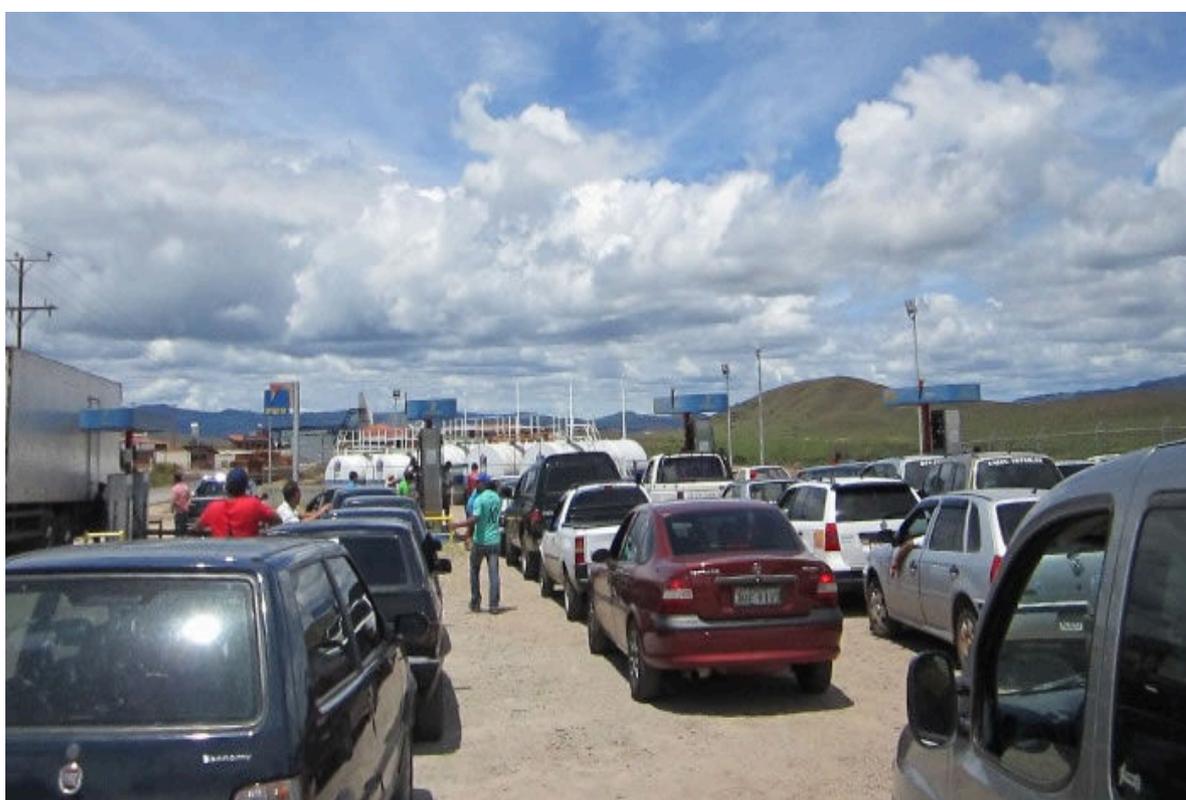
---

<sup>13</sup> Segundo informações fornecidas pelo Vice-Consulado do Brasil em Santa Elena de Uairén (2017), deste número, aproximadamente 10 mil brasileiros possuem dupla nacionalidade, isto é, a nacionalidade brasileira e a nacionalidade venezuelana.

<sup>14</sup> Há muitos brasileiros vivendo em Santa Elena de Uairén. Alguns trabalham nas minas, outros no comércio de ouro e diamantes – resultado dos anos em que o garimpo no lado brasileiro ainda era muito forte na região –, outros em restaurantes.

<sup>15</sup> Estão presentes os povos indígenas Pemón, constituídos por vários subgrupos, Arekuná, Taurepang, Makuxi e Patamona.

e Alves Júnior (1997) apontam que poucos produtos estão vinculados a esse regime jurídico do comércio. A cidade em questão possui uma rede de comércio e serviços mais estruturada que em Pacaraima: existem alguns bancos, há farmácias, restaurantes, telefonia fixa e móvel, supermercados, pizzarias, hotéis com todos os recursos, acampamentos ecológicos, igrejas e bombas de gasolina, inclusive uma que atende somente a brasileiros (Figura 07). Apesar disso, com a recente crise econômica e política pela qual tem passado a Venezuela, muitos estabelecimentos comerciais fecharam. Há também hospitais relativamente bons e que por vezes recebem moradores de Pacaraima para atendimento. Em decorrência desse cenário, no ano de 2010, foi estabelecido um convênio entre as prefeituras de Pacaraima e Santa Elena de Uairén no que diz respeito ao atendimento médico.



**Figura 07- Posto internacional de combustíveis de Santa Elena de Uairén/Venezuela**  
**Fonte:** Portal da Amazônia (2015).

Essa contextualização feita até aqui sobre o lócus de pesquisa fundamenta-se na forma como Schutz (2008) discute a estrutura social e salienta a relação social como elemento fundamental na interpretação dos significados resultantes da interação social. Em consequência disso, priorizamos como relevante compreender o cotidiano da fronteira Brasil/Venezuela como mundo da vida e, em sequência, como mundo social marcado por relações sociais que permitem aos sujeitos migrantes brasileiros e venezuelanos interagirem

com a sociedade já estabelecida no espaço fronteiriço, propiciando os processos constitutivos de identidades como resultado da estigmatização e estereotipização social.

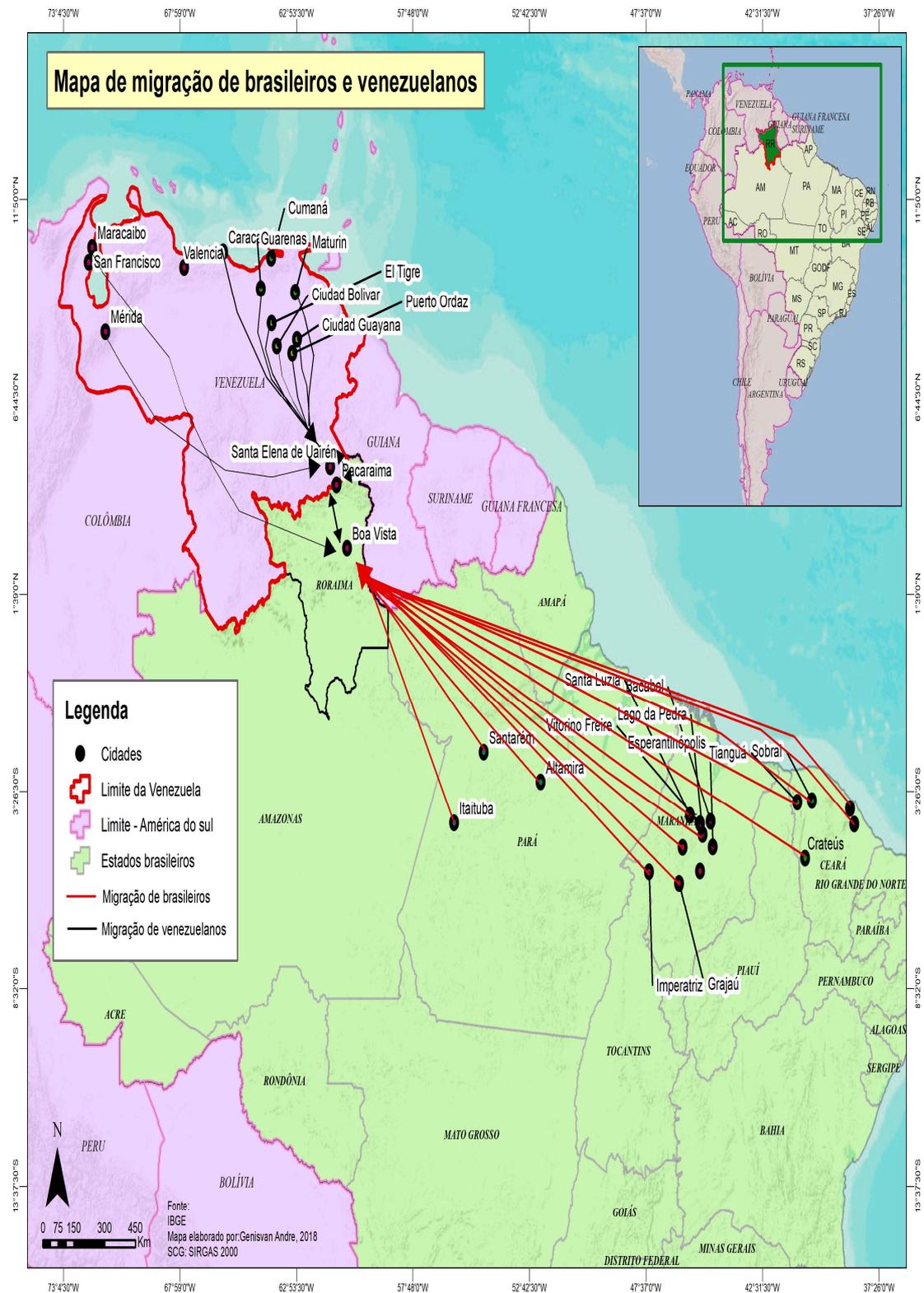
### **1.3 Sujeitos do estudo e coleta dos dados**

As pessoas que participaram deste estudo correspondem ao total de 33 migrantes, sendo 18 brasileiros e 15 venezuelanos, residentes há mais de 01 ano na fronteira Brasil/Venezuela e que tinham disponibilidade em participar da pesquisa. Sendo assim, não se tratou de fixar faixa etária – apesar dos entrevistados compreenderem a faixa etária de 22 a 68 anos -, condição social, profissão ou religiosidade para a seleção dos participantes. Além da disposição, como já foi mencionada, levamos em consideração as facilidades de cada interlocutor para discorrer sobre suas vivências na fronteira Brasil/Venezuela. No que se refere à distribuição por gênero, 61,2% dos brasileiros entrevistados eram homens e 38,8% mulheres. Dos venezuelanos entrevistados, por sua vez, 53,3% corresponderam ao sexo masculino e 46,7% ao sexo feminino.

Em consonância da maioria dos entrevistados de nacionalidade brasileira e venezuelana serem homens, caracterizamos o fluxo migratório de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil (Figura 08) como predominantemente masculino, o que corrobora para o entendimento de que homens e mulheres vivenciam o fenômeno da migração de forma diferenciada. Cabe lembrar que, neste trabalho, especificamos as cidades de Santa Elena de Uairén (Bolívar/Venezuela), Pacaraima (Roraima/Brasil) e Boa Vista (Roraima/Brasil) como cidades que compreendem a fronteira Brasil/Venezuela nesse fluxo migratório, como já mencionamos na seção anterior.

A inserção no campo ocorreu em dois momentos. O primeiro, entre janeiro e fevereiro de 2015, representou o contato inicial com os migrantes brasileiros e a população venezuelana. Já o segundo momento, ocorreu esporadicamente entre agosto de 2016 e novembro de 2017, concentrando-se, especialmente, na cidade de Boa Vista em decorrência da imigração venezuelana ter se intensificado para esta cidade. Neste período, os sujeitos de pesquisa foram os migrantes venezuelanos e membros da população roraimense. No que se refere à fonte de informações e dados, a pesquisa contou com a contribuição de algumas autoridades e instituições envolvidas no cenário de migração e fronteira, tais como: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); a Superintendência da Polícia Federal de Roraima; a Secretária de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR) e o Diretor de Comércio Exterior vinculado a esta secretaria; o Consulado da Venezuela em Roraima e o

cônsul que atua nesta representação consular, bem como o Vice-Consulado do Brasil em Santa Elena de Uairén e seu representante.



**Figura 08 - Mapa da migração de brasileiros e venezuelanos**

Fonte: Mapa elaborado por Genisvan André (2018) a partir da pesquisa de campo feita por Alessandra Rufino Santos.

No que se refere ao procedimento de coleta de dados, Carvalho e Valle (2002) destacam que na investigação fenomenológica, a coleta de dados manifesta-se como intersubjetividade, já que é o encontro entre o sujeito que conhece e vivencia uma situação e o pesquisador que a desconhece. Assim, nesta pesquisa, a entrevista, nosso principal instrumento de coleta de dados, contribuiu para que os interlocutores entrevistados fornecessem dados básicos para a compreensão de suas crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos seus comportamentos e comportamentos de outros sujeitos já estabelecidos na sociedade venezuelana e na sociedade brasileira, dando ênfase a contextos sociais específicos da fronteira Brasil/Venezuela.

Nesse intuito, Schutz (1972) reforça que a interpretação intersubjetiva só é possível revelando os motivos que determinam o seu curso, e, para isso, é preciso descobrir o projeto existente por trás do ato de comunicação, expresso por signos, que caracterizam um contexto objetivo de significação. Por essa razão, houve o cuidado em ouvir os sujeitos sem senso crítico de julgamento, buscando interagir numa abordagem compreensiva.

A realização das entrevistas seguiu um formulário pré-elaborado com 60 questões (Apêndices A e B), sendo 33,33% perguntas fechadas e 66,67% perguntas abertas, construído a partir de 05 eixos que também contribuíram na elaboração dos eixos de análises: 1) Identificação e dados socioeconômicos; 2) Vida no local de origem; 3) Migração para a fronteira Brasil/Venezuela; 4) Adaptação e trajetórias sociais no lugar de destino; 5) Processos de estigmatização e interação social. As entrevistas foram gravadas após anuência e autorização por escrito dos entrevistados, e, posteriormente, transcritas e identificadas com nomes fictícios, sendo resguardado o sigilo da fonte, conforme acordado em termo de consentimento (Apêndices C e D).

As entrevistas foram encerradas no momento em que observamos convergência entre discursos, isto é, a repetição acentuada das mesmas afirmações nas narrativas dos sujeitos de pesquisa. Diante dessa informação, cabe esclarecer que o principal interesse desta investigação se pautou na variação e amplitude do fenômeno e não na sua quantificação<sup>16</sup>.

#### **1.4 Análise dos dados**

Para alcançarmos os objetivos propostos por esta pesquisa, no procedimento de análise dos dados, trabalhamos com os resultados que surgiram das entrevistas à luz do referencial da

---

<sup>16</sup> De acordo com Leopardi (2002), na pesquisa qualitativa, a coleta de dados pode ser conduzida pelo pesquisador até que os dados sejam recorrentes, ou seja, as informações não apresentem “novidade”, ou novo conteúdo, pois, ao contrário dos métodos quantitativos, o que se intenta não é explicar propriamente, mas sim compreender os eventos investigados.

sociologia fenomenológica. Sobre este ponto, Schutz (1979) compartilha que, na análise fenomenológica, cabe ao pesquisador organizar as experiências relativas ao mundo social dos sujeitos do estudo através da construção de categorias concretas, denominadas por ele *construtos de segundo grau*, ou seja, interpretações feitas pelo pesquisador acerca das descrições das vivências dos entrevistados.

Nessa lógica, como forma de “revelar” a essência do fenômeno estudado, este trabalho seguiu os pressupostos da interpretação compreensiva das entrevistas no intuito de elaborar algumas categorias analíticas que deram origem aos capítulos da tese, elencadas da seguinte forma: 1) Migração como projeto, ação e ato; 2) A fronteira como lugar de recepção dos migrantes e mundo social; 3) A adaptação no destino; 4) Interação e estigma; 5) Redefinição do fluxo migratório.

A partir dessas categorias analíticas, ao fazermos uma síntese dos resultados obtidos – explorado mais à frente, no quinto capítulo – buscamos alcançar a tipologia compreensiva de Schutz (1979), que se faz pela organização teórica das características da existência concreta de sujeitos típicos no mundo social, constituindo o tipo vivido.

Como forma de melhor compreender, nas análises, a migração e a fronteira como temas de grande importância para este trabalho e realizar uma análise mais específica sobre os fluxos migratórios na fronteira Brasil/Venezuela, recorreremos ao próximo capítulo “A Amazônia enquanto espaço fronteiro: uma abordagem a partir das migrações”. O capítulo, em questão, torna-se pertinente para uma análise mais específica da fronteira amazônica enquanto lugar de recepção de brasileiros e venezuelanos, que praticam a migração para colocarem em evidência seus projetos, ações e atos.

## 2 A AMAZÔNIA ENQUANTO ESPAÇO FRONTEIRIÇO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DAS MIGRAÇÕES

O homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos — ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, etc) — que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos. (FRAXE et. al., 2009, p.30).

Dadas as transformações do sistema capitalista de produção, sobretudo, a partir do século XIX, quando clássicos da Sociologia tomaram como seus objetos de investigação a sociedade capitalista industrial, novos fenômenos sociais foram surgindo como consequência da reorganização social e exigindo novas interpretações. O conceito de fronteira, por exemplo, passou pelas transformações decorrentes da globalização.

Nessa lógica, o processo de globalização não conduz a um impulso gerador de incremento uniforme do progresso e do desenvolvimento regional. Tem-se observado o contrário, isto é, o favorecimento de certas regiões e países. Com isso, surge uma globalização desigual e fragmentada, que tem concentrado as vantagens do desenvolvimento em uma porção relativamente reduzida da população mundial.

Este panorama pode ser verificado na fronteira da Amazônia brasileira, cuja integração ao desenvolvimento socioeconômico do Brasil, por questões históricas<sup>17</sup>, ainda é considerada problemática e conflituosa. Diante desse contexto, desenvolver uma discussão em torno do debate acerca da Amazônia enquanto espaço fronteiro, com uma abordagem a partir das migrações, é tarefa fundamental para expressar a complexidade das representações negativas que foram elaboradas sobre o processo de desenvolvimento econômico, político, social e cultural dessa região.

De acordo com Cruz (2006, p.63), o modelo que orientou o processo de ocupação e apropriação da Amazônia nas últimas décadas esteve pautado na crença da modernização como a única força capaz de “desenvolver” a região, não importando o seu custo social, cultural e político. Essa ideologia pautada numa espécie de “fundamentalismo do progresso” justificou um conjunto de práticas e representações marcadas pelo colonialismo que serviam, e ainda servem para justificar a subalternização dos povos considerados tradicionais.

---

<sup>17</sup> Becker (2007), ao fazer considerações sobre o processo de formação da Amazônia, destaca que esta região foi marcada por uma ocupação tardia dependente do mercado externo. Tal característica reforça que a ocupação do que hoje é a Amazônia se fez em surtos devassadores ligados à valorização momentânea de produtos no mercado internacional, seguindo-se por longos períodos de estagnação.

Conforme sustenta Rocha (2006, p.146), não é possível entender a Amazônia “sem conhecer no passado e no presente da região o genocídio dos povos indígenas, a exploração da mão de obra escrava e a devastação para gerar a riqueza que tem sido apropriada por tão poucos”. Soma-se a isso a necessidade de desconstruir a ideia de que a Amazônia se tornou uma região atrasada e subdesenvolvida.

Em decorrência dessas preocupações, a Amazônia é reconhecida não apenas como um ambiente ecológico, mas também como um ambiente humano, que possui uma história social, política e econômica que se inicia antes mesmo do surgimento da própria palavra Amazônia<sup>18</sup>. Consequentemente, devemos reconhecer que não há uma visão verdadeira do que seja a Amazônia, pois a verdade do colonizador não é a mesma que a do colonizado. Muitas vezes, os diferentes agentes que atuam na região tentam impor sua verdade. Por isso que, quando se fala em Amazônia, precisamos estar atentos para sabermos à qual Amazônia estamos nos referindo.

Nessa lógica, o eixo condutor do presente capítulo é a compreensão do espaço fronteiriço amazônico a partir das migrações<sup>19</sup>, o que nos exige reconhecer que falar desta fronteira requer falar do múltiplo, do diverso, do plural, de controversos e contraditórios (des)encontros, como reforça Souza (2016).

Além do mais, desde a chegada dos primeiros europeus às Américas, as diferentes formas de contato estabelecidas entre os habitantes originários e os que chegavam configuraram e tornaram as migrações um campo de estudo fundamental para se entender a Região. Numa perspectiva mais contemporânea, Souza (2016, p.08) expõe o seguinte pensamento:

Contemporaneamente, com o acirramento dos debates acerca das questões de identidade e diferença e das relações que tanto suscitam quanto mediam tais discussões, torna-se ainda mais pertinente pensar as chegadas, partidas e permanências daqueles que deixam o seu *locus* original e tornam a Amazônia o seu lugar.

Desse modo, o estudo sistemático das migrações na perspectiva da fronteira amazônica é fundamental para que a dinâmica e o crescimento da população amazônica seja conhecida. Essa é tarefa fundamental para expressar a complexidade das transformações da

---

<sup>18</sup> Gondim (2007) explica que a Amazônia não foi descoberta e sequer foi construída. Foi inventada pelos europeus, já que os primeiros viajantes construíram narrativas que caem na cegueira da confirmação das verdades científicas.

<sup>19</sup> No decorrer deste trabalho, os conceitos de imigrante e migração serão utilizados sem grande distinção, não explorando a diferença entre migração e imigração, mas procurando compreender, basicamente, os efeitos dos deslocamentos nas relações sociais dos sujeitos.

paisagem urbana em torno de mudanças em sua estrutura demográfica e econômica. Em linhas gerais, interessa destacar que as cidades da Amazônia repõem, pouco a pouco, uma característica que marcou a história dessa região até, pelo menos, as primeiras décadas do século XX, como um lugar de migração favorecido pela capacidade de integração e interação das diferentes comunidades de migrantes internacionais e internos que ocuparam a região atraídos pelo auge do ciclo da borracha.

Segundo Castro (2008, p.09), entender as lógicas que estruturam a diversidade de formas de ocupação da Amazônia “é extremamente importante, pois remete a uma reflexão sobre a formação histórica e cultural, os processos de trabalho e os impactos das políticas governamentais na redefinição e na reestruturação do espaço regional”. Além do mais, para a mesma autora, a Amazônia precisa ser vista enquanto uma região cada vez mais urbana, já que quase 70% de sua população vive nas cidades.

No entanto, devido à densidade populacional na Amazônia ser muito menor que em outras regiões do Brasil, é difícil para alguns autores decifram o que é urbano nessa região. Contudo, as práticas migratórias evidenciam que habitar os espaços da Amazônia é um desafio à convivência com a diversidade resultante dos patrimônios que os povos amazônidas oferecem para o diálogo com outras culturas e saberes.

Sem dúvida, o diálogo entre diferentes culturas e saberes reforça a interpretação de que existem várias fronteiras na Amazônia<sup>20</sup>. Conforme Steiman (p.2002, p.18), o estabelecimento das fronteiras políticas internacionais é composto pelas seguintes etapas:

a delimitação que consiste na fixação através dos tratados internacionais; a demarcação, que é a implantação física dos limites, por meio da construção de marcos em pontos determinados; a densificação ou caracterização, etapa na qual se realiza aperfeiçoamento sistemático da materialização da linha divisória, mediante intercalação de novos marcos, com o objetivo de torná-los cada vez mais intervisíveis.

Ainda segundo Steiman (2002, p.18), “a faixa de fronteira internacional do Brasil se estende em 15.719 km, dos quais 9.058 km correspondem ao limite internacional da Amazônia Ocidental”. Esse trecho de faixa forma um arco que compreende desde Rondônia, ao Sul, até o estado de Roraima, ao Norte. A mesma autora observa que esse arco abriga três

---

<sup>20</sup> Na perspectiva da Geografia e da Sociologia, a fronteira pode ser conceituada como fronteira física ou fronteira simbólica respectivamente. Segundo Martin (1997), a fronteira física, ou também geográfica, refere-se à territorialidade, ao território real ocupado e construído pelo grupo e em função do grupo. Para além dessas características, a fronteira simbólica é, para Bauman (2001), uma noção vaga que se refere ao mundo cultural, religioso e ético-moral do grupo. Nessa perspectiva, a fronteira simbólica é o lugar onde se vive as tradições culturais e religiosas, onde se procura reconstruir, preservar e dar continuidade à memória histórica da comunidade.

capitais estaduais: Boa Vista (RR), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). No entanto, o estado de Roraima é o único totalmente situado à faixa de fronteira. O estado do Amazonas, por sua vez, é o único cuja capital não está localizada na faixa de fronteira.

A partir dos estudos de Gonçalves (2010), é possível inferir que a fronteira amazônica abrange o estabelecimento de relações distintas que facilitam a existência de um intercâmbio cultural, social e político que contribui para que a diferenciação entre o “eu” e o “outro” seja perceptível. Dessa maneira, no espaço fronteiro amazônico tanto a identidade quanto a alteridade configuram as relações sociais que envolvem um processo de contradições e ambiguidades que podem ser identificadas através do surgimento da diferença.

Nessas breves reflexões, a fronteira torna-se um dos raros lugares na sociedade contemporânea em que a disputa pela definição da linha que separa tanto a cultura e a natureza, quanto o homem do animal, ainda tem visibilidade. Seguindo essa linha de pensamento, Ratzel (1988) divide as fronteiras em três grupos: *fronteiras políticas*, *fronteiras naturais* e *fronteiras artificiais*. O que é importante notar é que essa classificação realizada pelo autor tem a ver com a necessidade de compreender os movimentos que ocorrem em cada parcela ou região de um território nacional. Isso corrobora para que Ancel (1984) defina a fronteira como isóbaras políticas, ou seja, linhas permanentes de tensão entre dois campos de força.

Embora as definições de fronteira utilizadas por Ratzel (1988) e Ancel (1984) sejam originárias da Geografia, as mesmas contribuem com o desenvolvimento de um pensamento sociológico ao estimular o seguinte questionamento: a fronteira é uma categoria sociológica? Como resposta, Silva (2011) aponta que autores como Weber (1974), Lênin (1980) e Turner (1963) destacam que a fronteira é uma categoria chave da interpretação sociológica.

Para os três autores, a ideia de “fronteira” está associada a uma estrutura de terras livres abertas à colonização, ou seja, à ocupação por agricultores interessados na posse e cultivo da terra, seja para sua subsistência ou principalmente para a comercialização. A esse respeito, Silva (2011) explica que a fronteira torna-se um elemento importante em um contexto mais amplo de transformações, com a emergência de uma agricultura comercial e capitalista em lugar das antigas formas de agricultura feudal. Nessa explicação, há uma conexão desta fronteira com a expansão do capitalismo agrário e com os processos conhecidos como modernização destas sociedades.

Mas voltando ao questionamento de que “a fronteira é uma categoria sociológica?”, Martins (2009, p.10) refere-se à fronteira “como lugar privilegiado da observação sociológica

e do conhecimento sobre os conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano no encontro de sociedades que vivem no seu limite e no limiar da história”.

Essa definição de Martins (2009) nos estimula a compreender a fronteira amazônica como o espaço próprio do encontro das sociedades e culturas diferentes. Dito em outras palavras, a fronteira amazônica também pode ser reconhecida como a busca desenfreada de oportunidades. Isso significa que o homem vem transformando o meio onde vive para satisfazer suas necessidades físicas e naturais.

O cenário mencionado é propício ao desenvolvimento do pensamento sociológico, tendo em vista que, para Bauman e May (2010, p. 08), “desenvolver um pensamento sociológico não só facilita nossa compreensão um dos outros e de nós mesmos, mas também propicia explicações importantes para a dinâmica das sociedades e das relações sociais como um todo”.

Diante dessas questões acerca da fronteira amazônica, a construção do conhecimento sociológico sobre essa região supõe a escolha de temáticas sociais emergentes e de teorias sociológicas explicativas da realidade, com seus conceitos inter-relacionados. Por conta disso, o referido capítulo tratará da expansão da fronteira amazônica por meio dos processos migratórios, tomando como referência a situação fronteiriça dos Estados de Roraima e Bolívar para retratar o contexto regional fronteiriço amazônico através da fronteira do Brasil com a Venezuela. Por fim, para facilitar o entendimento dessa realidade fronteiriça, apresentará os aspectos históricos referentes à sua formação socioespacial sob o viés das questões políticas e das mudanças econômicas.

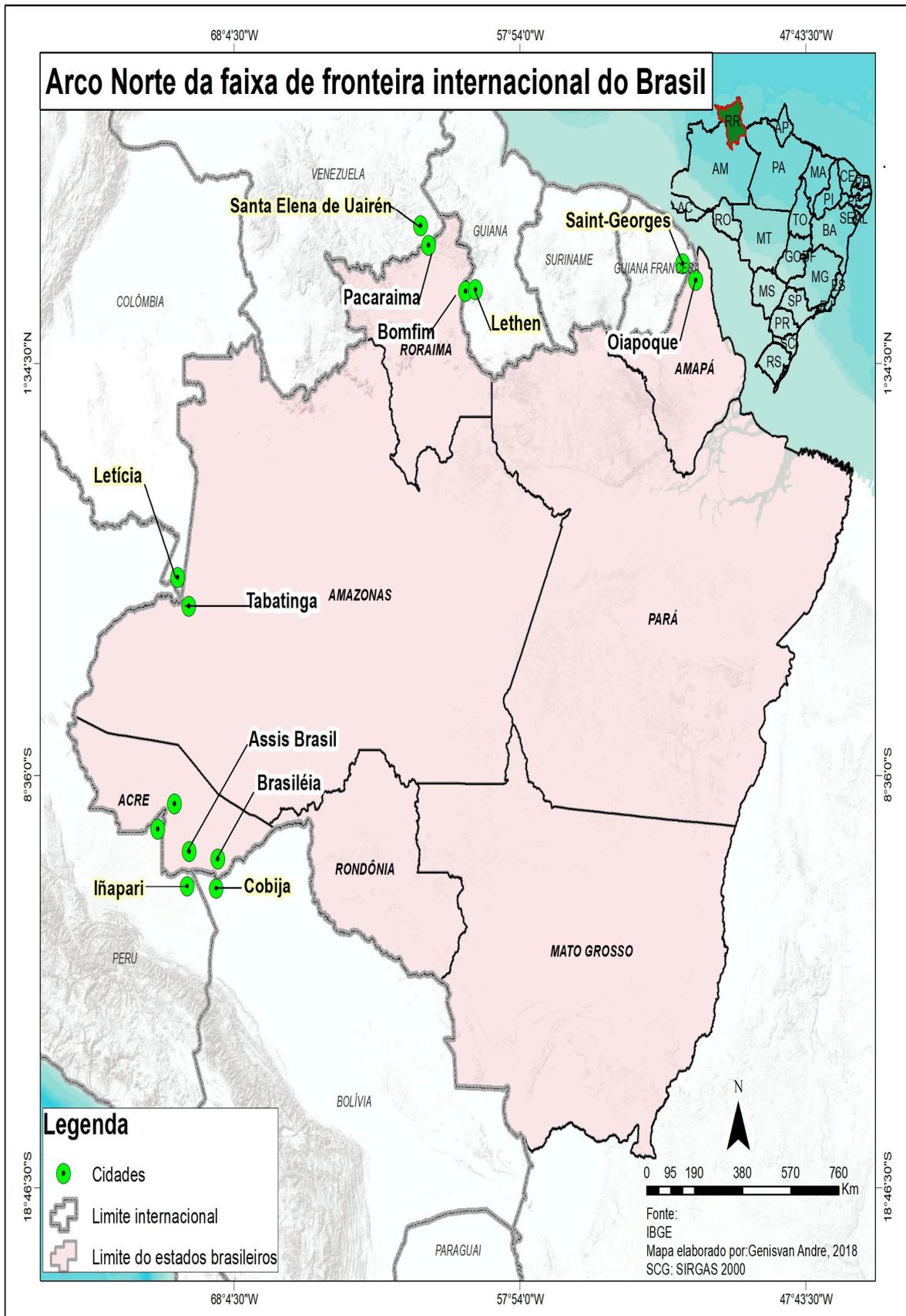
## **2.1 A expansão da fronteira amazônica: contextualização dos processos migratórios**

A Amazônia possui uma complexidade que abriga uma extraordinária diversidade de ecossistema, de grupos sociais e peculiaridades locais. Nessa perspectiva, Gonçalves (2010, p.17) afirma que aparentemente parece ser fácil caracterizar essa região, que está associada “a imagem de uma grande área localizada na porção centro-oriental da América do Sul, cortada pela linha do Equador, com um clima quente e úmido, coberta por uma densa floresta tropical úmida”, banhada por uma extensa bacia hidrográfica, habitada por uma população constituída basicamente por populações indígenas e que abriga riquezas naturais incalculáveis. Sem dúvida, é essa imagem, contraditoriamente construída ao longo da História, que está praticamente consagrada na literatura – seja ela didática, científica e artística – e nos meios de comunicação.

O diálogo entre diferentes culturas e saberes reforça a representação de que existem várias fronteiras na Amazônia. Na perspectiva sociológica, essas fronteiras representam separação, divisão ou diferença de grupos sociais. Desta forma, a fronteira amazônica contribui para o reconhecimento e definição de identidades que, para Enninger (2013, p.02), “são compreendidas como um processo em que são construídos significados, baseados em atributos culturais”.

As interações sociais existentes na fronteira amazônica, principalmente por processos de migração e comércio, intensificam o contato entre culturas diferentes. Com isso, pode acontecer o que Canclini (2008) chama de hibridação, a associação de elementos de uma cultura com a de outra, proporcionando o surgimento de novos elementos culturais. A partir dessa interpretação, Ribeiro (2000) diz que as fronteiras são sempre lugares isolados, impostos pelo distanciamento geográfico dos centros de poder que fazem deles uma fronteira e um lugar de liberdade. Em linhas gerais, a fronteira de povoamento da Amazônia brasileira tem sido marcada pela forte mobilidade da população e do trabalho, podendo ser associada ao fluxo e refluxo de migrantes responsáveis pelo aparecimento de novas cidades.

Como reflexo do surgimento de cidades na Amazônia, Fernandes Neto (2003. p.01) reconhece “a importância de se mencionar os elementos geográficos que caracterizam o Arco Norte da faixa de fronteira internacional do Brasil”. Segundo o mesmo autor, o Arco Norte corresponde à faixa de fronteira dos estados de Roraima, Amazonas, Acre, Rondônia, Amapá, Pará e Mato Grosso com países vizinhos, isto é, o arco que envolve a bacia amazônica brasileira e um trecho da bacia do Paraná-Paraguai (Mato Grosso) (Figura 09).



**Figura 09 – Mapa do Arco Norte da faixa de fronteira internacional do Brasil**  
 Fonte: IBGE (2017). Mapa elaborado por Genisvan André, 2018.

Diniz (1997) aponta a existência de um movimento generalizado de ocupação das cidades amazônicas, destacando um forte ritmo de urbanização na faixa de fronteira. Desta forma, é possível afirmar que o surgimento dos primeiros núcleos urbanos na Amazônia além de terem causado inúmeros danos à natureza, foi fortalecido pelo avanço da organização do sistema extrativista, do transporte de mercadorias, do processo de catequese e da dominação de indígenas para o trabalho servil. Nunes (2008, p.49) complementa este pensamento com o seguinte argumento: “a Amazônia é uma macrorregião com especificidades que há séculos tem sido submetida a estímulos exógenos do crescimento econômico, o que conferiu características específicas tanto à sua economia, quanto à ocupação do seu território”.

A ascensão da economia da borracha, por exemplo, garantiu as diferentes formas de produção e trocas de mercadorias, abrindo novas áreas de povoamento. Conforme evidenciam Acevedo e Castro (2003), a rede que organizava a produção e circulação de mercadorias foi a base da produção inicial da borracha, pois em todas bocas de igarapés e rios com recursos e possibilidades de exploração, localizava-se um posto ou comércio que tinha a função de garantir o desenvolvimento da produção agroextrativa trazida das terras interiores e de drená-la para os portos de cidades maiores, base da extensa rede de aviação. Castro (2008, p.18) evidencia, por sua vez, que “a função econômica de circulação e gestão da produção, a partir da cidade, é chave para o entendimento da formação da rede urbana na Amazônia”.

O boom da borracha foi fundamental para o surgimento de vilas que deram origem posteriormente às cidades. Incentivados pelo governo brasileiro, um número expressivo de migrantes nacionais e internacionais se deslocaram para a Amazônia. Alguns autores estimam que entre os anos 1870 e 1900, cerca de 300 nordestinos se deslocaram para essa região. Muitos desses migrantes eram recrutados para trabalhar nos seringais, porém não possuíam direito na aquisição de terras, pois, na maioria das vezes, os seringais eram administrados por famílias tradicionais locais.

Esse contexto nos ajuda a ressaltar que o processo histórico de ocupação humana e urbanização da Amazônia não ocorreu de forma linear, visto que os fatores políticos e econômicos foram determinantes para a sua estruturação. A expansão urbana aconteceu na medida em que as bases da economia colonial foram definidas, garantindo a relação campo-cidade e a apropriação das terras em grandes latifúndios.

No entanto, Pinto (2008, p.232) deixa claro que “a construção da nação brasileira tomava a Amazônia como um vazio demográfico complicado de ser incorporado ao todo nacional, que na realidade não chegou a existir”. Essa ideia de Amazônia como vazio

demográfico indica que a identidade nacional não admitia, para sua conformação, que existissem agrupamentos e populações com vida cultural própria. Naturalmente, sabia-se da existência de povos que habitavam a Amazônia. Mas na formulação do vazio, essa gente não representava uma existência histórica capaz de integrar a ideia de nação.

De um modo geral, essas ideias estão impressas no inconsciente coletivo das pessoas que vivem ou não na região e aparecem no conjunto de interpretações reais e imaginárias que denominam a presença da natureza despovoada, da paisagem sem homens e do colorido das formas naturais sem as tensões. As questões que já foram expostas só reforçam o pensamento de que a concepção de região amazônica vem sendo construída desde a chegada do colonizador europeu ao novo mundo.

De acordo com Cruz (2011), a Amazônia tem sido interpretada como região natural, inferno verde, vazio demográfico, vazio cultural, fonte incomensurável de riquezas e região do futuro. Apesar das características preponderantemente associadas à região terem se transformado bastante no decorrer dos séculos, alguns elementos permanecem em torno dessas representações. Bueno (2008, p.78) destaca que se a expressão “inferno verde” foi “originalmente atribuída à região devido ao calor, aos insetos, à dificuldade de penetração na densa floresta e pode ser hoje uma alusão às frequentes queimadas que nela ocorrem”.

Bueno (2008, p.79) justifica ainda que “essas interpretações expressas em relação à Amazônia são também constitutivas da própria região”. Isso significa que a Amazônia passa continuamente por distintos processos de significados, mantendo-se de maneira consistente com o sistema de avaliação utilizado pelos indivíduos em relação a ela.

Diante dessas questões acerca das distintas interpretações sobre a Amazônia, é importante acrescentar que, de acordo com Oliveira Neves (2012), apesar do preconceito dominante, a Amazônia nunca foi uma terra sem homens. Construída pelo imaginário da sociedade europeia como “um espaço vazio”, a Amazônia sempre foi vista como uma região povoada apenas por espécimes exóticos da fauna e flora, com uma presença humana ínfima em número e potencialidades.

Desta maneira, o mito do vazio demográfico serviu como motivação e argumento para a colonização da região no período pós-descobrimento e, constantemente reatualizado, vem sendo utilizado ao longo dos anos para a implantação de programas e projetos de ocupação da região, através de iniciativas públicas e privadas.

Além dessas questões, a mobilidade humana na Amazônia pode ser tratada do ponto de vista da dinâmica demográfica, conforme demonstra Oliveira (2010). Segundo o autor, a

dinâmica demográfica parte do princípio de que a população está relacionada à força de trabalho e a sua dinâmica exprime a forma histórico-social concreta de como ocorre a espacialização da sociedade com a natureza. Sendo assim, a dinâmica demográfica expressa as demarcações históricas da formação de determinada sociedade em cada tempo e lugar. Nesse sentido, Oliveira (2010, p.165) expressa que “a migração aparece como mobilidade territorial da população”.

Historicamente, o processo de ocupação da Amazônia sempre se baseou na transferência de significativos contingentes populacionais vindos de fora da região. Oliveira (2010) informa em seus estudos que no período colonial, entre 1755-1816, foram trazidos para o que corresponde hoje a Amazônia cerca de 34 mil escravos africanos. A partir de meados do século XIX, com o ciclo da borracha, o fluxo migratório veio do Nordeste, aparecendo como causa as secas cíclicas que atingem aquela região, fazendo com que os nordestinos se deslocassem para o interior amazônico, seguindo o vale dos rios, constituindo-se, assim, na principal força de trabalho para a extração do látex. Nessa mesma perspectiva, Oliveira (1983) acrescenta que cerca de meio milhão de nordestinos migraram para a Amazônia entre as três últimas décadas do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX.

No que se refere ao fluxo migratório mais recente, Moura et. al. (1997) sustentam que esse processo esteve ligado às políticas desenvolvimentistas adotadas a partir de 1960. Para os autores, é possível identificar pelo menos quatro grandes eixos ou polos da ocupação amazônica recente, frutos do processo de expansão da fronteira ou de ações específicas do setor público.

O primeiro eixo é formado pela Zona Franca de Manaus, polo industrial idealizado com o propósito de direcionar o desenvolvimento regional para a Amazônia Ocidental<sup>21</sup>. O segundo ocorre por meio do polo Carajás, abrangendo o triângulo São Luís-Marabá-Belém, muito ligado à disponibilidade de recursos naturais – mineiro-ferríferos principalmente – inseridos num contexto de globalização, com exportações direcionadas aos mercados internacionais.

O terceiro eixo, por sua vez, refere-se ao avanço da fronteira agropecuária. É, na verdade, o prolongamento do avanço da fronteira oeste e está vinculado, economicamente, aos Estados de Minas Gerais e São Paulo e os migrantes não são mais os “cearenses”, mas os

---

<sup>21</sup> Segundo Becker (2007), a Amazônia Ocidental está localizada no centro geográfico da Amazônia e ocupa uma área de 2.194.599 km<sup>2</sup>. Esta área corresponde a 25,7% do território brasileiro. Tem 6.242.000 habitantes, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. Foi criada pelo Decreto de lei 356/68 e é constituída pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

“gaúchos”. Oliveira (2010) diz que na Região Norte, esse eixo penetra especialmente pelas rodovias do Sul do Pará e Sul do Maranhão e por áreas de Rondônia, Acre e Sul do Amazonas. A construção do porto de Itacoatiara, no rio Madeira, tem a ver com a viabilização econômica desse eixo.

Finalmente, o quarto eixo apontado por Moura et. al. (1997) foi fomentado pelo governo federal, por meio da criação de um sistema orientado para assentar migrantes de outras regiões do país e assim gerar polos de colonização agrícola. São os projetos de colonização dirigida executados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

A partir dessas considerações, Oliveira (2016, p.18) reforça que o INCRA “encarregou-se de deslocar para a Amazônia milhares de colonos expropriados de suas terras no Sul e Sudeste do país, conforme estava previsto no Programa Polo Noroeste do Governo Federal<sup>22</sup>, atendendo três objetivos básicos na região, segundo informações de Passos (2007, p.105-106):

Objetivo econômico, ou seja, promover a agricultura como meta de aumentar a produção de alimentos para abastecer o mercado interno e para exportação; objetivo demográfico, isto é, frear o êxodo rural e reorientar, para a Amazônia, o fluxo que se dirige para as grandes metrópoles do Sudeste; por fim, o objetivo social, que era diminuir as tensões sociais provocadas pelo latifúndio no Nordeste e pelo minifúndio no sul do país.

No entanto, Martins (1986) lembra que os projetos de colonização dirigida implantados pelo Governo Federal, apenas beneficiaram os grandes grupos empresariais que, com a concessão de incentivos fiscais, passam a ver a terra como uma fonte de extração de renda, além de explorar a mão de obra indígena e migrante. Por este ângulo, pode-se afirmar que o Governo, através de sua política agrária, em nada contribuiu para conter o processo de exclusão da terra a que eram submetidos os posseiros, camponeses e pequenos proprietários, mas, pelo contrário, aguçou as contradições.

---

<sup>22</sup> Oliveira (2016, p.18-19) esclarece que o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil – Polo Noroeste – foi um projeto financiado pelo Banco Mundial em 1981, na ordem de US\$ 411 milhões, que se encarregou da construção e pavimentação da BR 364, acelerando ainda mais o processo migratório, transformando radicalmente, em menos de 10 anos, quase toda a estrutura social, cultural e ambiental do Norte do Estado do Mato Grosso e em todo o território do Estado de Rondônia. O Polo Noroeste se propunha também a assentar comunidade de pequenos agricultores embasadas na agricultura autossustentada, com atendimento básico nas áreas de saúde, educação, escoamento da produção, protegendo a floresta e garantindo a manutenção das terras e das culturas das comunidades indígenas. Entretanto, na sua vigência, esse Programa fomentou os mais altos índices de desmatamento de toda a região. Com isso, apesar de todos os recursos financeiros investidos, esteve longe de atingir os objetivos propostos e pode ser considerado um desastre tanto do ponto de vista ambiental quanto social.

Diante deste cenário, Oliveira (2016, p.20) menciona que a partir do início da década de 1990 “observa-se um intenso processo de deslocamento dos colonos para as pequenas cidades que surgiram ao redor dos assentamentos rurais, dando lugar às grandes empresas do agronegócio, o que parecia já estar previsto no Programa Polo Noroeste desde a década de 1980”.

O fracasso dos projetos de colonização agrícola, em alguns estados da Amazônia, despertou em muitos homens que estavam na zona rural o interesse pela garimpagem. No caso de Roraima, por exemplo, o garimpo, que teve seu auge no final da década de 1980, promoveu a vinda para o referido estado de outros migrantes que ainda estavam na região Nordeste, em especial no Maranhão. Muitos dos que vieram devido ao garimpo tiveram contato com a fronteira Brasil/Venezuela em decorrência do declínio da garimpagem em Roraima ao mesmo tempo em que o fechamento dos garimpos em 1991, motivado pela demarcação das terras indígenas Yanomami, estimulou a ida de homens que trabalhavam como garimpeiros para a zona rural roraimense.

Rodrigues (2012) explica que, enquanto Roraima passava pelo declínio dos projetos de colonização e pelo declínio da garimpagem, a Região Sul da Venezuela recebeu a implementação de uma política de ocupação através do Programa Desarrollo del Sur, que incluiu entre outras ações a instalação de projetos de infraestrutura e indústrias básicas de siderurgia e energia, motivando a emigração de brasileiros para o país vizinho.

Diante do exposto, a análise historiográfica do povoamento da Amazônia nos permite afirmar que existe uma relação de complementariedade e interação entre a Região Nordeste e a Amazônia que, segundo Souza e Nogueira (2013), condicionaria uma situação de “expulsão” para a primeira e de “atração” para a segunda. Como dito em outro momento do texto, conjunturas socioeconômicas em diversos períodos trouxeram para a Amazônia trabalhadores oriundos de várias partes do Nordeste brasileiro.

Sendo assim, o estudo do povoamento da Amazônia e, em especial, de Roraima contribui com a concepção de que existe uma espécie de “corredor de acesso” entre as regiões Norte e Nordeste. Souza e Nogueira (2013) verificaram em seus estudos que estas rotas de passagem são condicionadas em grande parte pela expansão dos meios de transporte e de comunicação e pela quantidade e qualidade dos estímulos produzidos pela dinâmica econômica e geopolítica que historicamente visam ocupar o “vazio” amazônico, que findam por criar as chamadas condições de atração de nordestinos.

A posição estratégica de Roraima, por fazer fronteira com a República Cooperativa da Guiana e com a República Bolivariana da Venezuela, sem dúvida, possibilita sua inserção no processo de abertura de fronteiras pelo qual passa o Brasil. Além disso, com relação à integração fronteiriça, Boa Vista, capital de Roraima, é considerada como ponto estratégico de conexão via terrestre com Manaus, Lethem, na República da Guiana, e Santa Elena de Uairén, na Venezuela. Para Magalhães (2007), o triângulo Boa Vista-Santa Elena de Uairén-Lethem deverá ter seu progresso incentivado pelos três países, transformando-se, provavelmente, numa área fronteiriça de intercâmbios, verdadeiro polo de relações com dimensões internacionais, irradiando desenvolvimento de ordem econômica e social às regiões adjacentes.

Mudanças recentes no sistema de estados nacionais ocasionadas pela globalização indicam que tanto as barreiras fiscais impostas ao comércio internacional como do controle sobre o fluxo de pessoas, estão reforçando a concepção da fronteira como zona de comunicação e troca. É este o sentido da contribuição de Ganster et. al. (1997) apud Steiman (2002, p.12) quando afirmam que as regiões de fronteira constituem pontes entre nações, tornando mais abrangentes as formas de cooperação internacional.

Sem dúvida, a partir dos pressupostos da fenomenologia social podemos descrever a noção de fronteira enquanto realidade sociocultural e imaginada. Neste sentido, Souza (1996) esclarece que é possível interpretar a fronteira como parte da construção da nação, pois o pensamento social sobre a fronteira revela, por meio do componente linguístico das tradições inventadas, o propósito de fomentar o nacionalismo inerente a todo Estado-Nação. Conforme sustenta Rodrigues (2014, p.22), isto é especialmente verdadeiro “quando a criação do Estado-nação implicou grandes transformações, como é o caso do Brasil e da Venezuela que vivenciaram a passagem do estado de colônias para o de nações independentes”.

Rodrigues (2014, p. 27) assegura ainda que, possivelmente, “os pensamentos sociais dos dois países citados acima possuem uma estrutura, ou modelo construído a partir dos acontecimentos históricos, que pode ser desvendada por meio da verificação de hipóteses que expliquem as recorrências e diferenças”.

No caso da fronteira Brasil/Venezuela, além dos significados de demarcação territorial jurídica e política, configura-se como o lugar onde os Estados-Nações se inscrevem, delimitam e se reafirmam como fronteiras territoriais que demarcam a soberania de uma e outra nação. Por essa razão, a fronteira internacional é um lugar que requer maior vigilância e controle institucional, particularmente policial e militar.

Neste sentido, é possível inferir que a fronteira Brasil/Venezuela estabelece a divisão espacial que marca a soberania de cada Estado-Nação sobre o seu respectivo território. Delimitada pelo Tratado de 1859 e confirmada pelo Protocolo de 1929, esta fronteira possui uma extensão de 2.199,0 km.

Para Faria (2009), essa mesma fronteira apresenta-se como importante zona de intercâmbio, onde o avanço da tecnologia, no âmbito dos meios de transporte e comunicação, contribuiu para a intensificação das trocas de mercadoria e informações, bem como o fluxo de pessoas, sejam elas turistas, migrantes temporários ou não. É importante acrescentar que grande parte das relações entre o Brasil e a Venezuela que acontecem na área fronteira é mediada pelos estados de Roraima (Brasil) e o estado de Bolívar (Venezuela). Tal relação se justifica devido à distância que o estado de Roraima apresenta dos grandes centros econômicos brasileiros. Logo, um estreitamento de suas relações com a Venezuela pode ajudá-lo a superar as dificuldades adquiridas em seu desenvolvimento econômico.

## **2.2 Os Estados de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela) no contexto regional fronteiriço amazônico: elementos para pensar na situação de “atração”**

Pensar a questão das fronteiras no Norte do Brasil é tratar, necessariamente, da complexidade da região amazônica a partir da análise das formas conflituosas de sua apropriação por diferentes autores, como destaca Meirelles Filho (2006). Nessa lógica, Becker (2007, p.19) diz que o contato que a Amazônia teve com milhões de migrantes e com a intensa mobilidade do trabalho rural-urbano, os conflitos de terra, a formação de inúmeros núcleos urbanos, a rapidez e a escala de ocupação regional, “proporciona a compreensão de que esse processo associa-se ao projeto nacional de rápida modernização da sociedade e do território sob o comando do Estado”.

A realidade mencionada exige que o espaço fronteiriço amazônico seja conceituado como espaço não plenamente estruturado, e, por isso mesmo, potencialmente gerador de novas realidades. Mesmo com grandes transformações na Amazônia, este conceito de fronteira continua válido, embora nela existam diferenças significativas em consequência da complexidade do novo contexto histórico em que vivemos, referente, principalmente, às novas motivações e aos novos atores que a impulsionaram.

Para Becker (2007), não se trata mais do domínio das instituições governamentais, nem tanto da expansão territorial da economia e da população nacionais, mas, sim, de forças que têm uma forte e diferente atuação nas escalas global, nacional e regional/local,

configurando verdadeiras fronteiras nesses níveis por meio das populações ditas “tradicionais”, dos governos estaduais e da cooperação internacional. Logo, essa complexa configuração indica que a Amazônia não é mais apenas uma fronteira móvel e que, por isso, adquiriu uma dinâmica regional própria.

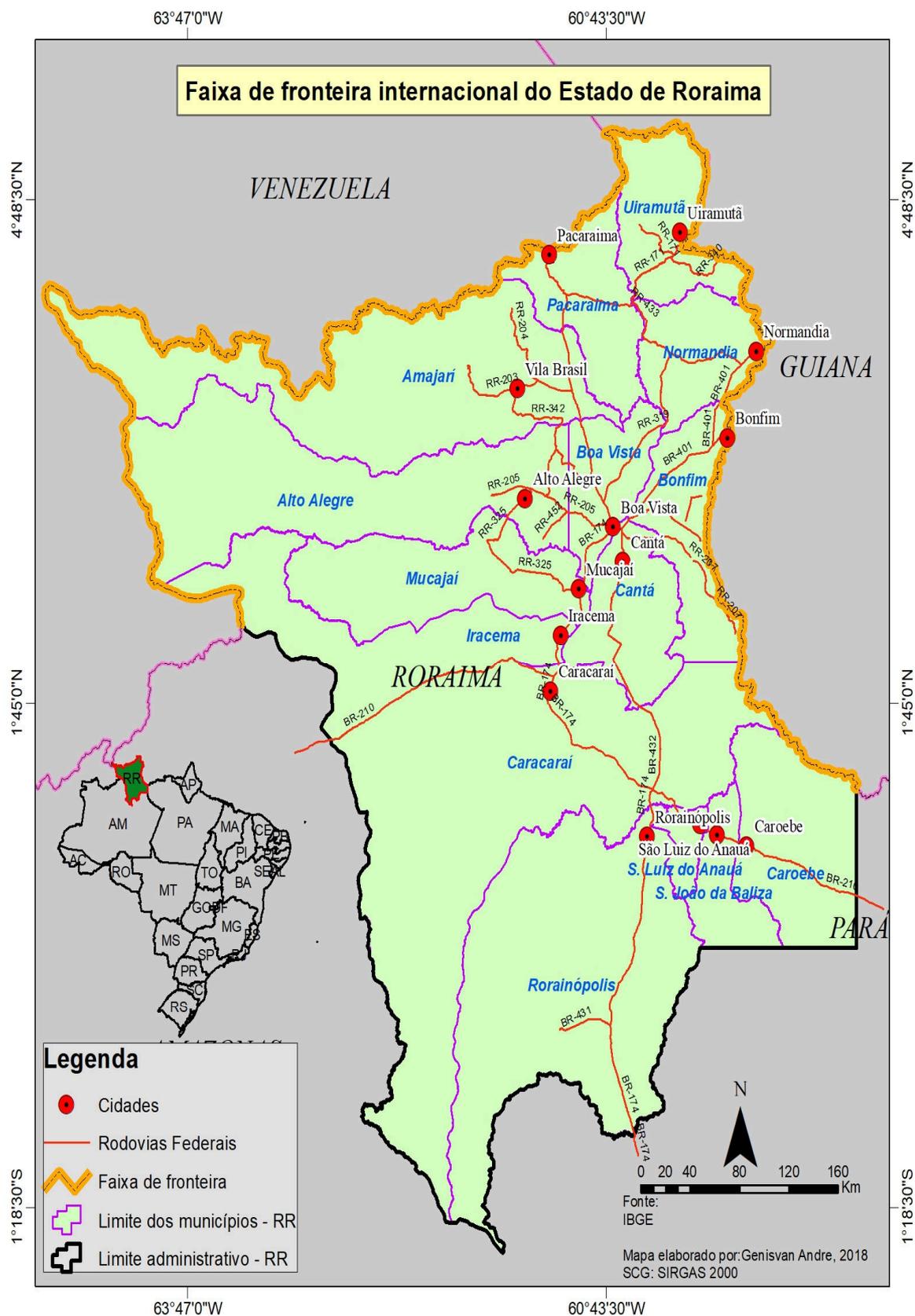
O pensamento de Becker (2007) indica que a fronteira amazônica não tem porteiros, nem muros intransponíveis e muito menos impedimentos burocráticos. Esse pressuposto estimula a compreensão dos fatores que têm contribuído com a entrada e circulação de migrantes nas fronteiras do Estado de Roraima, em especial na fronteira com a Venezuela.

Conforme os estudos de Diegues Júnior (1980), a fronteira do Brasil com a Venezuela formou-se ao longo do processo de colonização europeia na América do Sul. Nessa ótica, a referida fronteira foi construída a partir dos encontros de populações distintas. Na contemporaneidade, tornou-se um lugar de grande complexidade onde vivem populações indígenas de diversas etnias, migrantes regionais e de todos os continentes. O contexto mencionado exige maiores esclarecimentos sobre o desenho da fronteira Brasil/Venezuela a partir dos Estados de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela) no contexto regional fronteiro amazônico.

De acordo com Faria et. al. (2012), Roraima localiza-se na região Norte do Brasil e é o Estado mais setentrional do país, cuja capital, Boa Vista, encontra-se no Hemisfério Norte. Com uma área total de 224.298,280 km<sup>2</sup><sup>23</sup>, ocupando 2,63% da área total do Brasil (8.514.876,599 km<sup>2</sup>) e 5,82% da área total da região Norte (3.853.327,229 km<sup>2</sup>), Roraima detém as fronteiras trinacionais entre Brasil, Venezuela e Guiana, apresentando, conseqüentemente, os seguintes limites territoriais (Figura 10): limita-se com a República Bolivariana da Venezuela ao Norte e ao Oeste; com a República Cooperativa da Guiana ao Leste; com o Estado do Amazonas ao Sul e ao Oeste e com o Estado do Pará ao Sul.

---

<sup>23</sup> Informação fornecida no Anuário Estatístico de Roraima (2009).



**Figura 10 – Mapa da faixa de fronteira internacional do Estado de Roraima**  
**Fonte:** Mapa elaborado por Genisvan André (2018) a partir de adaptações de informações obtidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Estado Bolívar, por sua vez, localiza-se ao Sul da República Bolivariana da Venezuela, possuindo as seguintes fronteiras (Figura 11): limita-se com os Estados venezuelanos Anzoátegui, Guárico, Monaguas e Delta Amacuro ao Norte; com o Estado venezuelano Amazonas e com o Brasil, especificamente o Estado de Roraima, ao Sul; com o Estado venezuelano Apure ao Oeste; com a República Cooperativa da Guiana ao Leste, sendo essa região de fronteira ainda assunto de discórdia entre os países vizinhos<sup>24</sup>.



**Figura 11 – Mapa da faixa de fronteira internacional do Estado Bolívar**

**Fonte:** Mapa elaborado por Genisvan André (2018) a partir de adaptações de informações obtidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>24</sup> Faria et. al. (2012) explicam que a Venezuela trata a área, que possui cerca de 150.000  $\text{km}^2$ , como “Zona de Reclamação”, pois considera que, por direito, a região deve fazer parte de seu território e não da Guiana.

Nas palavras de Betancourt (2005), Bolívar é o maior estado venezuelano, possuindo 233.498 km<sup>2</sup>, o que equivale a 26% da área total do país, e sua capital denomina-se Ciudad Bolívar. No entanto, o município fronteiriço venezuelano que faz fronteira com o município brasileiro Pacaraima, no lado de Roraima, é Gran Sabana, que tem como capital Santa Elena de Uairén.

Rodrigues (2014, p.57) se refere a Pacaraima e Santa Elena de Uairén como *lugar Guayana*, “tendo em vista que este lugar possibilita falar diversas línguas e praticar modos de vida que obrigam a um deslocamento não apenas do ponto de vista físico, mas também cultural e subjetivo”.

Nessa direção, ao tomarmos como referência os pressupostos teóricos do interacionismo simbólico, com a finalidade de articular algumas noções acerca da construção identitária na fronteira do Brasil com a Venezuela, verificaremos que o lugar Guayana possibilita aos sujeitos sociais, que vivem ou transitam nesse espaço, experimentar identidades culturais porosas que viabilizam o trânsito entre diversas posições, diferentes mundos e tradições culturais. A fala da brasileira Simone Pereira<sup>25</sup>, de 59 anos, natural de Barra do Corda/MA, proprietária de um restaurante em Santa Elena de Uairén e residente nesta cidade desde o ano de 1981, pode ser tomada como referência para compreendermos essa realidade bastante comum na fronteira Brasil/Venezuela:

Foi muito difícil pra mim deixar os costumes do Brasil para me acostumar com a cultura venezuelana. Minha principal dificuldade foi com o espanhol. Mas como aqui também têm brasileiros eu não me senti distante do Brasil [...] Tem também o fato de Santa Elena estar distante do Brasil somente 15 km. Isso fez com que eu nunca deixasse de ser brasileira [...] Aqui na fronteira eu tive a oportunidade de aprender a conviver com outras culturas. Hoje eu entendo o espanhol, eu escuto as músicas venezuelanas e as músicas brasileiras, como a comida venezuelana e a comida brasileira. Não sei como seria viver longe daqui. Mesmo eu continuando sendo brasileira, me sinto parte do povo venezuelano. Construí uma história aqui. Eu amo esse lugar. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 17/02/2015).

A partir do que foi exposto pela entrevistada Simone Pereira, percebe-se que, na fronteira do Brasil com a Venezuela, os sujeitos sociais transitam cotidianamente entre diversas identidades. Essa característica a torna um local privilegiado para que sejam produzidas novas identidades ou, como diz Rodrigues (2014), formas inovadoras de conceber a sociedade.

---

<sup>25</sup> Nome fictício.

Desse modo, segundo Rodrigues (2006), o Estado Bolívar, ao Sul da Venezuela, e o Estado de Roraima, na Região Norte do Brasil, possuem semelhanças, tais como o fato de se constituírem em grandes espaços em relação aos seus respectivos territórios nacionais; viverem processos de expansão da fronteira econômica, cujos programas oficiais de exploração de recursos naturais enfatizavam o caráter de “espaços vazios”, resultando em políticas de ocupação baseadas no conceito de desenvolvimento vinculado à doutrina de Segurança Nacional; são palcos de constantes conflitos pelo controle dos recursos naturais travados por diversos atores sociais (indígenas, garimpeiros, madeireiros, empresários, fazendeiros, militares); possuem populações indígenas significativas e estão situados em áreas de fronteira internacional; portanto, em área que delimita a soberania das duas nações.

Ainda para Rodrigues (2006), a diferença visível entre esses estados é que Bolívar é um grande centro de indústrias de bases, enquanto Roraima sobrevive predominantemente dos recursos federais e de um setor primário incipiente. Apesar disso, os dois estados funcionam como lugares de atração populacional regional, cujas taxas de migração intra-regional<sup>26</sup> são altas (Tabela 03).

**Tabela 03 - População residente em Roraima e Bolívar (1950/2010)**

ANOS	Estado de Roraima		Estado Bolívar	
	População absoluta	Cresc. (%) Década	População absoluta	Cresc. (%) Década
1950	18.116	-	127.436	34,8
1960	28.304	56,1	213.543	67,6
1970	40.885	44,4	391.665	83,4
1980	79.159	93,6	668.340	70,6
1990	217.583	174,8	900.310	34,7
2000	324.152	48,9	1.214.846	34,9
2010	450.479	38,9	1.620.359	33,3

**Fonte:** RODRIGUES (2006); IBGE (2010); INE (2010).

Os dados mencionados na tabela 01 indicam que o crescimento populacional foi significativo para o Estado Bolívar nas décadas de 1960 e 1970. Já para o Estado de Roraima foi significativo nas décadas de 1980 e 1990. No caso deste último estado, o movimento

<sup>26</sup> Rocha-Trindade (2005) conceitua migração intra-regional como migração no mesmo estado, isto é, migração por cidades no mesmo estado.

migratório dos anos 1990 conciliou os atrativos da “fronteira agrícola” com a “frente garimpeira”<sup>27</sup>. Além disso, Rodrigues (2006) registra que, em Roraima, a atividade de mineração se configurou, durante toda a década de 1980 e início da de 1990, no principal atrativo à migração. Já para o Estado Bolívar, a prática migratória foi favorecida, dentre outros fatores, pelo processo de instalação de projetos de infraestrutura e indústrias básicas de siderurgia e energia.

Assim como os Estados de Roraima e Bolívar possuem aproximações, os municípios fronteiriços de Gran Sabana e Pacaraima apresentam semelhanças no que se refere à inserção regional e à ocupação dos territórios estaduais e nacionais. Segundo Rodrigues (2006), são municípios de projetos de expansão agrícola, áreas de intensa exploração mineral ao longo de suas histórias, e possuem um grande contingente de população indígena. Outra característica em comum é que Santa Elena de Uairén e Pacaraima são localidades de baixa densidade demográfica, mas de uma população representativa tanto de nacionais quanto de estrangeiros.

Nessa ótica, essa região fronteiriça é reconhecida, do ponto de vista sociológico, como um lugar singular de trânsito e também de encontros culturais e de jogos de identidades. Essa percepção da fronteira como lugar de contato remete à ideia de movimento e de trocas, de relações culturais e linguísticas, o que permite uma compreensão das dinâmicas das migrações sul-americanas e do processo de interação entre o Brasil e a Venezuela.

É importante frisar que, na contemporaneidade, a fronteira do Brasil com a Venezuela tornou-se um lugar de grande complexidade onde vivem populações indígenas de diversas etnias, migrantes regionais e de todos os continentes. Tal complexidade está relacionada, em especial, ao fato de constituir-se em múltiplas fronteiras no sentido de limite territorial e de soberania entre os Estados nacionais.

Dentro dessa discussão, o processo migratório entre brasileiros e venezuelanos na fronteira do Brasil com a Venezuela, de um modo geral, sempre foi marcado mais pelo deslocamento de brasileiros para a Venezuela do que de venezuelanos para o Brasil. A respeito da migração brasileira na fronteira já mencionada, Rodrigues (2009) e Vasconcelos (2013) verificam que a migração de brasileiros para a fronteira do Brasil com a Venezuela representa um processo marcado por três fases.

A primeira fase iniciou-se na década de 1970 e caracterizou-se por uma migração predominantemente masculina, tendo como principal estímulo o declínio da mineração na

---

<sup>27</sup> Oliveira Filho (1979) define a “fronteira agrícola” como um mecanismo de ocupação das novas terras e de sua incorporação, em condição subordinada, a uma economia de mercado. Pereira (1992), por sua vez, destaca a “frente garimpeira” como uma frente que se superpôs à frente agrícola da Amazônia na década de 1980.

região do Tepequém<sup>28</sup> e na região Nordeste do Estado de Roraima. Com este acontecimento, muitos brasileiros emigraram para atuar nas áreas de mineração ao Sul da Venezuela, localizadas precisamente na Gran Sabana, Maturin e Ciudad Bolívar.

A segunda fase, por sua vez, iniciou-se nos anos 1990 e também foi estimulada pelo declínio da mineração nas áreas de garimpagem em Roraima e pelo fracasso dos projetos de colonização e assentamento. Apresenta como principal característica uma migração de homens e de mulheres, estimulando a reunificação familiar e a participação das mulheres nas atividades indiretas da mineração, tais como cozinheiras e lavadeiras nos próprios garimpos ou nas vilas e centros de apoio. Cabe ressaltar que parte dessas mulheres também atua na prostituição.

Já a terceira fase iniciou-se nos anos 2000 e tornou-se marcada pelo aumento da migração feminina para Santa Elena de Uairén. Muitas mulheres passaram a trabalhar no comércio local, nos restaurantes de brasileiros, no ramo do embelezamento, no serviço doméstico e nas casas noturnas e prostíbulos. Nesta fase, também passou a existir uma migração de retorno para o Brasil, uma vez que muitos garimpos na Venezuela foram fechados devido a uma intensa fiscalização.

A descrição acima demonstra que o fenômeno migratório não pode ser analisado somente por uma perspectiva individual, mas como um projeto coletivo cujas consequências são compartilhadas tanto no lugar de destino migratório quanto no lugar de origem.

Diante disso, ao transpor uma fronteira, o migrante parte em busca da concretização de um projeto, levando na bagagem muitas memórias, muitas lembranças. Conforme Cardoso (2012), estas lembranças – de familiares, de amigos, da cidade – vão acompanhar o projeto migratório, sendo elas, muitas vezes, as motivadoras para a continuidade do projeto. Esse tipo de situação aconteceu com o brasileiro João Fernandes<sup>29</sup>, de 48 anos, natural de Sobral/CE, que trabalhou nos garimpos da Venezuela, entre os anos de 1996 a 2008, e atualmente é comerciante na cidade de Pacaraima:

Eu saí do Ceará muito jovem, aos 18 anos. Acompanhei meus pais e irmãos até Roraima em busca de melhores condições de vida porque a nossa situação econômica no Ceará não estava fácil [...]. Chegamos em Boa Vista por meio da indicação de um tio, irmão do meu pai, que trabalhava no garimpo. Meu pai não quis se aventurar no garimpo. Como lá no Ceará vivíamos da roça, aqui em Roraima não foi diferente. Meu pai conseguiu um

---

<sup>28</sup> Localizada a cerca de 40 km da cidade de Amajari, em Roraima, e a 210 Km da capital Boa Vista, tornou-se conhecida como o grande Eldorado roraimense. As riquezas minerais dessa região atraíram inúmeros garimpeiros entre as décadas de 1930 e 1970.

<sup>29</sup> Nome fictício.

lote na Confiança. A família toda foi pra lá [...]. Mas a situação no interior não é fácil. Sem escola, como o agricultor educa os filhos? [...] Por isso fomos para Boa Vista estudar. Mas eu, por exemplo, nunca me dei bem na escola. Sempre gostei de serviço puxado. Não segui adiante com os estudos. Sem estudo ficou difícil viver em Boa Vista e por esse motivo resolvi me aventurar nos garimpos da Venezuela. Mesmo estando em espaço venezuelano, eu sempre lembrei do Brasil, não do Ceará, mas de Roraima, eu me sinto roraimense [...]. Ter me mudado para a fronteira me possibilitou não ficar distante do meu país e ter contato com outros povos [...]. Foi com o dinheiro do garimpo que montei esse negócio pra mim aqui em Pacaraima [...]. Não voltei para Boa Vista porque eu acho Pacaraima um lugar tranquilo, também gosto do clima daqui, gosto da fronteira porque tenho a possibilidade de ter contato com muitas pessoas diferentes, muitas culturas. Até hoje não tenho do que reclamar [...]. Apesar de eu não ser mais jovem, se eu ver que aqui a coisa não está boa pra mim, irei para outro lugar [...] nunca deixarei de lutar por meus sonhos e pelos sonhos da minha família. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 18/02/2015, na cidade de Pacaraima).

A fala de João Fernandes evidencia como a experiência migratória é marcante para aqueles que optam vivenciá-la. É importante notar que Vasconcelos (2013) inclui um terceiro elemento que marcou a terceira fase do fluxo migratório de brasileiros para Venezuela: a regulamentação das formas de provimento no serviço público no Estado de Roraima, que tanto contribuiu para incentivo de um fluxo de migração interno no Estado quanto para o deslocamento de trabalhadores para a fronteira, uma vez que foram extintas as cooperativas de serviço que contratavam pessoas para trabalhar de forma terceirizada no setor público sem nenhuma garantia de direitos trabalhistas. Diante da exigência pelo poder judiciário para a regulamentação do acesso ao quadro de funcionalismo público do Estado por meio de concurso público, em 2004, cerca de 20 mil pessoas foram exoneradas sem nenhuma garantia de direitos. Em decorrência disso, em 2005, intensificou-se a migração de mão de obra mais especializada para o Estado de Roraima devido ao grande número de ofertas de vagas nos concursos públicos. Logo, muitos dos trabalhadores exonerados não conseguiram retornar ao serviço público por meio de concurso público, principalmente trabalhadores de baixa qualificação, como: auxiliares de serviços gerais, cozinheiras, motoristas, entre outros, que acabaram recorrendo ao mercado de trabalho informal na fronteira do Brasil com a Venezuela.

Tendo em consideração a prática migratória de venezuelanos para o Brasil, em especial Roraima, cabe mencionar que é uma ação recente motivada pela atual crise política e econômica e que tem como uma de suas consequências o desequilíbrio social, responsável por ocasionar a saída de muitos homens e mulheres de nacionalidade venezuelana para o país vizinho. Neste caso, o Brasil é escolhido por sua proximidade física com a Venezuela e pela

percepção de que sua população é dita como acolhedora. Outros fatores que têm impulsionado a saída de parte da população venezuelana para o Brasil são pequenos benefícios como supermercados com suprimentos alimentares essenciais, tendo em vista que a Venezuela tem sido desabastecida de alimentos.

Inicialmente, a presença venezuelana em Roraima estava restrita a Pacaraima. No entanto, os últimos anos, em especial 2016 e 2017, estão sendo marcados pelo grande fluxo de imigrantes que passaram a residir na capital de Roraima, a cidade de Boa Vista, considerada uma extensão da fronteira Brasil/Venezuela por ser a capital mais próxima de Pacaraima e Santa Elena de Uairén.

Atualmente, o Estado de Roraima possui um pouco mais de 500 mil habitantes e trata a chegada dos venezuelanos como causa humanitária. Segundo informações fornecidas na audiência pública sobre a imigração venezuelana em Roraima, realizada no mês de setembro de 2016 na Assembleia Legislativa de Roraima, já eram 30 mil venezuelanos que nos últimos 6 (seis) meses deixaram seu país e cruzaram a fronteira com o Brasil. Destes, segundo o setor de imigração da Superintendência da Polícia Federal em Roraima, 1.800 (um mil e oitocentos) pediram refúgio em Roraima (FOLHA WEB, 2016).

Em decorrência disso, a mídia roraimense tem divulgado que com a chegada dos venezuelanos aumentou, em Roraima, os atendimentos nos ambientes hospitalares, a violência e casos de prostituição. A mídia também tem exposto constantemente que refugiados venezuelanos mudam de carreira para arranjar emprego em Roraima, tendo em vista que, sem opções de trabalho, muitos deles se veem obrigados a mudar de profissão para arranjar emprego no Brasil e ajudar os familiares que continuam no país fronteiriço ao Estado.

No que se refere aos brasileiros que retornaram da fronteira do Brasil com a Venezuela, muitos relatam que, com a crise econômica na referida fronteira, o mercado de trabalho para os brasileiros começou a passar por momentos difíceis, devido à taxa de desemprego elevada, estimulando, inclusive, a saída de venezuelanos de seu país. No entanto, para os brasileiros que ainda permanecem na referida fronteira a crise econômica é uma oportunidade para ganhar dinheiro. Por isso que a fronteira do extremo norte do Brasil ainda representa a busca pelo “el dorado”.

Assim, pensamos as migrações para a Amazônia como uma oportunidade para muitos migrantes buscarem uma terra de riquezas, o que nos indica a ideia de que esta região necessita de desenvolvimento. Deste modo, a Amazônia depende do desenvolvimento

econômico trazido pelos atores sociais que vivem nesse espaço, estimulando uma maior integração política, social e cultural entre o povo amazônico.

No entanto, em algumas situações, as migrações para a Amazônia são marcadas por estigmatização e estereotipização social. A crescente presença de migrantes de vários locais do Brasil e de migrantes internacionais suscita algumas indagações sobre as razões pelas quais estes migrantes estariam “preferindo” esse destino. Uma delas está relacionada ao estereótipo de que a Amazônia é um vazio demográfico, um lugar de selva, marcado pela presença indígena, entre outras características.

Essas características negativas dão a entender que o indígena e os demais povos da Amazônia, entre eles os migrantes, são seres sem cultura e sem história, o que deixa seus habitantes num desconhecimento total de sua cultura.

Diante desse cenário, é necessário levar em consideração que o homem é produto das condições históricas e do meio em que está inserido. Nesse sentido, os sujeitos desse estudo, isto é, os migrantes brasileiros e venezuelanos, ao se inserirem no contexto social amazônico, tornaram-se estigmatizados pela sociedade de origem e pela sociedade de destino. Em alusão a esta realidade, Maria do Carmo<sup>30</sup>, de 63 anos, natural de Imperatriz (Maranhão), comerciante e residente em Santa Elena de Uairén desde 1981, disse:

Quando eu saí do Maranhão e fui para Roraima, meus próprios familiares me criticaram bastante. Eles geralmente falavam que eu tinha ficado doida por morar em um local que só tem mato. Mas isso não doeu tanto em relação ao que passei quando cheguei aqui na Venezuela [...]. Antes de eu ter meu comércio, trabalhei como cozinheira no garimpo [...] Só porque eu trabalhava no garimpo, mesmo tendo muitos brasileiros, falavam que eu era mulher da vida [...]. Não foi fácil suportar o preconceito. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 11/02/2015, na cidade de Santa Elena de Uairén,).

A situação vivenciada por Maria do Carmo contribui para demonstrarmos que a estigmatização contra os migrantes na Amazônia, independente da origem, ocorre de maneira corriqueira. Por conta disso, na próxima seção, esclareceremos que na Amazônia os migrantes são sujeitos “estereotipáveis”.

---

<sup>30</sup> Nome fictício.

### 2.3 A estigmatização na Amazônia e a estereotipização de seus migrantes

Os estigmas e estereótipos sobre a Amazônia e seus migrantes são criados através de práticas sociais realizadas cotidianamente por grupos, ditos “civilizados”, que ora enfatizam, ora ignoram essas diferenças, negando a identidade dos povos amazônicos e impondo suas culturas. Dada esta conotação, falar dos povos da Amazônia requer um olhar de reconhecimento da grande diversidade cultural, ambiental e social da região.

A população amazônica é formada e mesclada de povos oriundos de diferentes lugares, além dos nativos da região. No entanto, esta população é identificada indistintamente como pessoas pobres e de pouca cultura. Há também o estigma mais recorrente de ordem étnica e racial, uma vez que, em razão das características físicas, os nativos são identificados como “índios”. No que se refere aos migrantes, temos o estigma de origem jurídica, tendo em vista que o Estado brasileiro os identifica como estrangeiros indocumentados ou clandestinos, acarretando-lhes sérios problemas em seus cotidianos.

Vale dizer que, no caso dos migrantes, tal processo de estigmatização além de se dar de forma aberta também ocorre de forma velada na imprensa televisiva e na imprensa escrita. Dessa maneira, consideramos a estigmatização como uma construção social que surge nos processos de interação social cotidianos entre os atores envolvidos. Para esclarecer esse ponto, Goffman (1998) expõe que os estigmas praticados contra os migrantes representam uma forma que o grupo dominante usa para exercer sua dominação.

Nessa lógica, Souza (2004) complementa que o olhar externo foi a base da ideia de que os povos da Amazônia mantêm um modo de vida estritamente tradicional, como se vivessem de modo primitivo e parado no tempo. Nessa situação, os estigmas não levam em consideração que as manifestações culturais e sociais dos migrantes da Amazônia se expandem pelo espaço urbano, rural e fronteiro, assimilando algumas práticas e rejeitando outras.

Mesmo que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não se pode afirmar que migrantes brasileiros e venezuelanos, por exemplo, não estejam inseridos em um processo de transformação cultural, levando em consideração a formação atual desses povos que receberam contribuições de diversas culturas.

Dentro das estruturas sociais da fronteira amazônica, as culturas continuam a ser vistas como processo de resistência ou de negação. Esse cenário só fortalecesse que o espaço fronteiro amazônico é marcado por um duplo discurso, ora de exclusão, ora de imposição de quem olha e fala de fora do contexto e através de expressões de poder e dominação.

Ainda sobre esse aspecto, se analisarmos o processo de descolonização discutido por Said (1990) sobre o Oriente com um olhar voltado para a Amazônia e suas fronteiras, perceberemos certa semelhança com os processos de colonização em que ainda vivem os povos da fronteira amazônica.

No caso específico da fronteira Brasil/Venezuela, denominamos este lugar como marcado, em algumas situações, pela invisibilidade, negação cultural e estereótipo. Neste processo, a história da fronteira Brasil/Venezuela e de seu eixo migratório é marcado por estereótipos que levam a visibilidade da região apenas por questões negativas. A título de exemplo, citamos as expressões “lugar do descaminho de combustível” e “lugar da migração desenfreada de venezuelanos”.

Em vista disso, a questão central que se coloca no contexto em evidência é a de que é necessário levar em consideração a existência e dar visibilidade ao contexto de mudanças históricas e sociais da fronteira Brasil/Venezuela. É por isso que a próxima seção esclarecerá os aspectos históricos da formação dessa fronteira sob o viés das questões políticas e das mudanças econômicas.

#### **2.4 Aspectos históricos da formação da fronteira entre o Brasil e a Venezuela sob o viés das questões políticas e das mudanças econômicas**

Ao longo da história da humanidade, a fronteira sempre esteve intimamente relacionada às formas de propriedade da terra pelo grupo social. Sendo assim, o estabelecimento entre a fronteira entre o Brasil e a Venezuela remonta aos tempos de ocupação do território americano pelos colonizadores europeus.

Em decorrência disso, com a colonização, as únicas fronteiras que passariam a existir na América seriam aquelas estabelecidas pelos acordos assinados entre Portugal e Espanha, como por exemplo, o Tratado de Tordesilhas, que ao ser assinado, em 1494, tornou-se responsável por instituir uma linha imaginária a 370 léguas (ou 2.055 km) das ilhas de Cabo Verde que dividiu o mundo entre as duas coroas ibéricas.

Logo, Vicentino (1997) esclarece que as terras que estivessem a Oeste dessa linha pertenceriam à Espanha e as terras que estivessem a Leste seriam de Portugal. Nessa mesma linha de raciocínio, Martin (1997) explana que o Tratado de Tordesilhas foi a primeira tentativa europeia de estabelecer uma fronteira linear, concepção geográfica moderna em destaque neste período. O mesmo autor diz que muitas são as críticas sobre a linha invisível do Tratado de Tordesilhas, deixando transparecer que ela nunca foi respeitada.

Diante desse cenário, Martin (1997, p.36) também diz que, uma vez surgidas, as fronteiras costumam a desaparecer. Em outras palavras, o autor explana que “pode haver retificações e até mudanças de significado para este ou aquele povo, mas sua existência dificilmente será simplesmente anulada”.

Mendes Júnior et. al. (1976) acrescentam que, em 1750, foi assinado o Tratado de Madri, visto que o Tratado de Tordesilhas era considerado ultrapassado. O novo tratado garantiu a Portugal, por exemplo, o domínio sobre a maior parte da bacia amazônica e das regiões mineradoras de Goiás e Mato Grosso. A Espanha, por sua vez, ficou responsável pelo controle da maior parte da bacia do Prata, entre outros espaços.

No que se refere à região que hoje é Roraima, Amorim e Diniz (2005) afirmam que também foi no mesmo ano da assinatura do Tratado de Madri, em 1750, que foi construído o Forte São Joaquim, na região do rio Branco, possibilitando a presença administrativa e militar portuguesa na área. Freitas (1998) complementa que, após esse período, surgiram na região as Fazendas Nacionais de São Bento, São José e São Marcos.

Freitas (1998) também esclarece que, na parte setentrional do que hoje corresponde a América do Sul, a Espanha possuía dois vice-reinados: o de Nova Granada e o do Peru. Em 1819, o vice-reinado de Nova Granada transformou-se na Gran-Colômbia que, posteriormente, foi dividida em Colômbia, Equador e Venezuela. Segundo o mesmo autor, a conquista e o povoamento de Venezuela deu-se em quatro regiões: Oriente, Centro-oriente, Andes e Sul. Esta última é a região que faz fronteira com o Brasil, sendo conhecida como Guayana. Freitas (1998) acrescenta que sua colonização teve início em 1530, destacando-se o nome de Diego Ordáz, responsável por algumas expedições.

Farias et. al. (2012) endossam que a região do rio Branco estava ocupada pelos portugueses e a região da Venezuela estava na posse dos espanhóis. Em decorrência disso, era necessário estabelecer as fronteiras entre uma área e outra. Nessa lógica, Freitas (1998) evidencia que, para delimitar as fronteiras setentrionais da América entre a Espanha e Portugal, D. José Iturriaga y Aguirre foi denominado Comissário Principal da Espanha. Já pelo lado Português, Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi determinado como responsável.

Segundo Albuquerque (1986), em 1761, ocorreu a anulação do Tratado de Madri e, em 1777, aconteceu a assinatura do Tratado de Santo Idelfonso, que, de um modo geral, manteve o que foi instituído no Tratado de Madri, sendo que a alteração mais significativa foi com relação ao Sul. Freitas (1998) exalta que, neste momento, foi constituída uma Comissão de

Limites para prosseguir no estabelecimento das fronteiras na Amazônia. O chefe dessa comissão foi João Pereira Caldas, governador do Grão Pará e Rio Negro. Pelo lado espanhol, o responsável por este assunto foi D. Ramon Garcia de Leon e Pizarro. Por conta de alguns desentendimentos, os trabalhos foram suspensos.

Conseqüentemente, no início do século XIX, a questão das fronteiras sul-americanas ainda não estava nem perto de uma solução. Devido, naquele período, a Europa viver momentos conturbados de guerra, Portugal e Espanha realocaram sua atenção a outros problemas e não à questão fronteira na América. Nesta perspectiva, Freitas (1998) esclarece que, em 1822, o Brasil tornou-se independente de Portugal e, neste mesmo período, as colônias espanholas também se emanciparam. Com isso, a questão do estabelecimento dos limites entre as ex-colônias espanholas e a portuguesa na América encontrou-se em segundo plano por vários anos.

Somente em 05/05/1959 que foi assinado, em Caracas, o primeiro Tratado de Limites e Navegação Fluvial entre o Brasil e a Venezuela. Farias et. al. (2012, p.55) explicam que este tratado abordou a seguinte concepção: “ficou acordado que a linha de fronteira entre Brasil e Venezuela coincidiria com os cumes da Serra de Pacaraima até o ângulo que ela faz com a Serra do Parima, de modo que a bacia do Rio Branco pertenceria ao Brasil e a bacia do Orinoco à Venezuela”.

Embora tenha existido uma relativa disposição e cooperação entre o Brasil e a Venezuela em estabelecer suas fronteiras, muitas dificuldades foram surgindo ao longo do tempo, tanto no que diz respeito às condições físicas do espaço geográfico a ser demarcado, quanto problemas internos das comissões que estavam participando.

Dessa forma, desde a assinatura do Tratado de Limites, em 1859, até 1872, praticamente nada foi feito para o estabelecimento das fronteiras entre Brasil e Venezuela. Somente em 1873 que as comissões brasileiras e venezuelanas se dirigiram para a região fronteira para, finalmente, dar início aos trabalhos.

Sobre o que foi citado acima, Freitas (1998) diz que, em 1880, cada comissão regressou à sua base e as atividades ficaram sem continuidade por cerca de dois anos. Foi somente em 1882 que os brasileiros prosseguiram com os trabalhos, mesmo sem o apoio da comissão venezuelana. Já em 1884, com base em dados levantados acerca da bacia dos rios Negro e Branco, foi elaborado um mapa, o qual não foi aprovado pelo governo da Venezuela.

Com isso, novamente os trabalhos ficaram paralisados e só foram retomados em 1912, com a assinatura de um novo documento, o Protocolo de Limites entre Brasil e Venezuela.

Porém, em 1915, estacionou novamente e assim permaneceu até 1929, quando, no Brasil, o Ministério das Relações Exteriores criou o Serviço de Fronteiras. Freitas (1998) evidencia que, em 1930, os trabalhos de demarcação foram retomados por ambos os países, novos marcos foram implantados e avançou-se para a Serra de Pacaraima, saindo do Monte Roraima – na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana – e seguindo até o marco BV9, em uma extensão total de 165 km.

Porém, no ano de 1934, a pedido da Venezuela, os trabalhos mais uma vez foram suspensos, sendo retomados em 1939 com o uso de uma tecnologia mais avançada na época, a aerofotogrametria. Como consequência, em 1951, as verdadeiras nascentes do rio Orinoco foram descobertas, necessitando de uma revisão quanto à área pertencente à Venezuela nessa região.

Sobre a fronteira do Brasil, a lei brasileira nº. 6.634 de 02 de maio de 1979 define a faixa de fronteira do Brasil como a área que compreende uma fronteira interna ao território brasileiro de 150 km de largura, paralela à linha terrestre que divide o território nacional de outro Estado-Nação. Cabe destacar que esta faixa é considerada área indispensável à segurança nacional e nelas as seguintes práticas são permitidas a partir do prévio consentimento do órgão federal competente: concessão de terras, abertura de vias de transportes e instalação de meios de comunicação, construção de pontes, estradas internacionais e campos de pouso ou exploração de indústrias que interessem à segurança nacional. Farias et. al. (2012) explicam que qualquer dessas ocorrências sem a devida autorização constitui-se em crime. Isso indica que a fronteira é uma zona que requer uma intensa fiscalização por parte do poder público.

Ainda sobre essa questão, Martin (1997, p. 46) faz a seguinte explanação: “A formação de um limite entre dois países obedece às fases sequenciais onde uma nação não pode superar nem ser superior a outra. Essas fases são: negociação, delimitação, formalização de um tratado, demarcação e, especialmente, a inspeção permanente”.

Defarges (2003, p.33) reforça o pensamento de Martin (1997) ao afirmar que “no momento em que a fronteira linear é reconhecida como um conceito universal, revela toda a sua permeabilidade: movimentos de dinheiro, passagem de homens à procura de trabalho e de rendimento, transmissão de informações por satélite”. Além disso, o referido autor deixa transparecer que além das fronteiras oficiais, existem as fronteiras fluidas, móveis e, neste sentido, diferentes de um domínio para o outro.

É pela característica das fronteiras fluidas que a dinâmica fronteira entre o Brasil e a Venezuela torna-se frequente por meio dos estados vizinhos Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela). É possível comprovar esse aspecto nos estudos de Faria et. al. (2012) que confirmam que, desde o ano de 2006, as relações entre Roraima e Bolívar têm se estreitado. Para os autores, isso foi possível a partir de um diálogo mais efetivo entre os governadores de ambos os estados<sup>31</sup>, o que pode ser evidenciado nos Encontros de Governadores Bolívar/Roraima que vem ocorrendo desde então.

Fica evidente, nos estudos de Faria et. al. (2012), que desses encontros resultaram assinaturas de alguns acordos e termos de compromisso, principalmente nas áreas de Educação, Saúde, Agricultura e Segurança. Além disso, entre um encontro e outro, diversos eventos foram realizados ao longo dos últimos cinco anos, como, por exemplo, o Seminário intitulado “Oportunidades de Negócios com o Estado de Roraima – Brasil”, realizado no dia 02/05/2006, em Caracas/Venezuela.

Consequentemente, para promover uma integração mais efetiva, membros do governo de Roraima e representantes do setor da economia realizaram e ainda realizam muitas viagens ao país vizinho, visitando autoridades e defendendo os projetos que envolvem a região de fronteira. Da mesma forma, Roraima também recebe regularmente a visita de comitivas venezuelanas com os mesmos objetivos. Essa relação econômica entre Roraima e Bolívar é apontada na fala de Eduardo Oestreicher<sup>32</sup>, Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR):

A relação de integração e comercial de Roraima com a Venezuela é muito mais ampla do que a relação com a Guiana, principalmente porque a relação com a Venezuela é uma relação mais antiga. Roraima já tem um acesso rodoviário consolidado com a Venezuela. Além disso, a língua também é um facilitador. Há uma relação intensa entre os dois Estados fronteiriços, entre Roraima e Bolívar. No que diz respeito a Guiana, a relação para mais dois governos federais [...]. Nessa relação entre Roraima e Bolívar, esses dois Estados perceberam que, fazendo as proposições conjuntas para esta fronteira, sempre com reuniões estaduais na véspera das reuniões dos Governos Federais, poderiam chegar juntos com maior força com as suas demandas. Mas também passaram a apresentar as suas forças e soluções para aquilo que estavam pedindo. Essa foi uma conquista que ambos os Estados tiveram: passaram a ter assento nas reuniões presidenciais sempre que elas aconteciam. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

---

<sup>31</sup> Faria et. al. (2012) nos informam que o diálogo mais efetivo entre os governadores de Roraima e Bolívar, a partir de 2006, iniciou na gestão do governador de Roraima Ottomar de Souza Pinto e na gestão do governador de Bolívar Francisco Rangel Gómez.

<sup>32</sup> Eduardo Oestreicher também é Presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil e Venezuela.

O otimismo de Eduardo Oestreicher com relação aos processos de integração econômica entre Pacaraima e Bolívar, estados fronteiriços da fronteira Brasil/Venezuela, reforça que os dois Estados se juntaram e fizeram com que os Governos Federais, através de seus Ministérios de Relações Exteriores, reconhecessem a importância da participação dos Estados fronteiriços no momento em que fosse estabelecido qualquer convênio entre o Brasil e a Venezuela. Com isso, os estados conseguiram firmar alguns memorandos de entendimento (Apêndice E)<sup>33</sup> diretamente entre eles, sem que houvesse a necessidade do aval da Chancelaria dos Ministérios de Relações Exteriores dos dois países, como confirma, a seguir, o Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima:

Atualmente, ainda estão em vigência quatro memorandos de entendimento. O primeiro memorando de entendimento foi na área de educação, através do termo de cooperação científica e tecnológica entre a Universidade Estadual de Roraima (UERR) e a Universidade Nacional Experimental de Guayana (UNEG) em 31/05/2006. Nesse convênio, alunos de Roraima puderam estudar na sede da UNEG, em Santa Elena de Uairén, e alunos venezuelanos puderam estudar na UERR, em Pacaraima e em Boa Vista. Na área de segurança, após a realização de várias reuniões entre os dois Estados, em 03/10/2007 foi estabelecido o memorando de entendimento de cooperação técnica e transferência tecnológica na área de segurança pública entre o Estado Bolívar e o Estado de Roraima. Na área de saúde, aconteceu a mesma coisa: após várias reuniões entre os representantes dos dois Estados, foi instituído entre Roraima e Bolívar, no dia 03/10/2007, o memorando de entendimento de cooperação técnica e transferência tecnológica na área de saúde. Nessa mesma linha, o quarto memorando de entendimento ainda vigente é o de cooperação técnica e transferência tecnológica na área agrícola, estabelecido na mesma data dos memorandos de entendimento na área da segurança e saúde. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

Os esclarecimentos do Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR) são bastante válidos na contextualização de que a formalização dos quatro memorandos de entendimento nas áreas de educação, segurança, saúde e agricultura pode contribuir para o estabelecimento de outros memorandos de entendimento na área comercial e turística, a título de exemplo. No entanto, nesse tempo de mudanças, as reuniões entre os dois Estados fronteiriços diminuíram de intensidade. Apesar disso, os memorandos continuam vigentes porque só perdem a validade com a manifestação

---

<sup>33</sup> Os quatro memorandos de entendimento vigentes atualmente foram firmados entre o Estado Bolívar da República Bolivariana da Venezuela e o Estado de Roraima da República Federativa do Brasil entre os anos de 2006 e 2007, período do último mandato de Ottomar de Souza Pinto no governo do Estado de Roraima. As versões dos memorandos de entendimento apresentadas no Apêndice C foram fornecidas por Eduardo Oestreicher, Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR), no dia 28/08/2017.

de uma das partes. Mas a diminuição dos encontros, acarretada pela alteração de governo em Roraima e em Bolívar, fez com que esses memorandos ficassem estagnados<sup>34</sup>.

Diante do exposto, constatamos que os Estados fronteiriços de Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela) mantêm relações de amizade e cooperação em diversos setores, tais como educação, segurança pública e saúde. Ainda assim, existe uma preocupação de que essas relações se fragilizem, principalmente devido à crise política e econômica por que estão passando o Brasil e a Venezuela, além da suspensão por tempo indeterminado da Venezuela do Mercado Comum do Sul (Mercosul), em dezembro de 2016<sup>35</sup>.

Apesar da existência da preocupação mencionada, os governos de Roraima e Bolívar continuam apostando na intensificação das relações entre os dois Estados à medida que os obstáculos à integração econômica sejam eliminados. Não se pode deixar de mencionar que a relação próxima e amistosa entre os governos de Roraima e Bolívar não é algo comum em regiões de fronteira, pelo menos não nesse nível de proximidade. Esse quadro também é especificado por Eduardo Oestreicher (2017):

A Venezuela atravessa um momento de transformação na parte política e na parte econômica. Esse momento de transformação gera alguns conflitos, mas também gera algumas oportunidades. O que interessa a Roraima são as oportunidades. Primeiro, a Venezuela precisa de produtos de primeira necessidade, isto é, gêneros de primeira necessidade como alimentos, produtos de higiene pessoal e de limpeza. Grandes empresas do centro-sul do Brasil têm um sistema de operação onde as mercadorias só saem para exportação se houverem a contrapartida do pagamento em divisas, que são dólares, que são euros, que são moedas conversíveis. Como a Venezuela está com a dificuldade em conseguir divisas, essa relação comercial não *está* sendo mais intensa como foi em anos passados, onde nós chegamos a ter uma balança comercial favorável ao Brasil de até cinco bilhões de dólares. Então, essas compras desses gêneros de primeira necessidade se voltam, principalmente, para os pontos de fronteira seca que a Venezuela tem, que é com o Brasil e com a Colômbia. No caso do Brasil, esse ponto de fronteira seca se dá exatamente entre os Estados Bolívar e Roraima, o que nos trouxe uma movimentação da nossa economia [...]. Agora, no mês de junho e julho, nós triplicamos as vendas para a Venezuela. Isso se deu em função dessa proximidade fronteiriça, onde o importador conhece o exportador e há uma relação pessoal maior. Há a confiança de que todas essas compras são pagas antecipadamente. Então não há nenhum perigo em que um exportador, seja ele do Estado de Roraima ou do Estado do Amazonas, fique sem receber o

---

<sup>34</sup> Eduardo Oestreicher lembrou que no governo de dois mandatos de José de Anchieta Júnior, sucessor de Ottomar de Souza Pinto, entre os anos de 2007 a 2014, aconteceram nove encontros entre representantes dos governos dos Estados de Roraima e Bolívar. Já no atual governo de Roraima, comandado por Sueli Campos a partir de 2015, os encontros com representantes do governo estadual de Bolívar resumem-se a dois.

<sup>35</sup> Segundo o Portal de Notícias G1, em reportagem publicada no dia 01/12/2016, a Venezuela foi suspensa do Mercosul por não ter cumprido acordos e tratados do protocolo de adesão ao bloco. Informação acessada em 10/03/2017 e disponível no site: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/mercosul-suspende-venezuela-por-nao-cumprir-normas-do-bloco-dizem-agencias.ghtml>.

pagamento de suas mercadorias. Então, essa é uma das oportunidades geradas por este momento atual de crise da Venezuela. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

Ainda em relação às considerações de Eduardo Oestreicher (2017), observamos que é bastante comum os discursos sobre a situação em que a Venezuela se encontra serem voltados a problemas decorrentes da política e, é claro, aos problemas que influenciam a economia. Mas, por um lado, o que o Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR) diz dá a entender que estes problemas também geram várias oportunidades para Roraima. Isso é reforçado em sua fala a seguir:

Outra oportunidade que surgiu em decorrência desse momento na Venezuela é que os empresários venezuelanos precisam vender para o exterior para conseguir divisas para aquisição de insumos para as suas indústrias. Por exemplo, o empresário venezuelano que produz produtos plásticos industrializados tem a matéria-prima, mas numa oferta menor. Mesmo assim ainda tem porque a matéria prima do plástico deriva da indústria do petróleo. O problema é que ele precisa comprar uma correia, ele precisa comprar um motor e isso ele teria que importar. Ele só pode importar esse insumo para o maquinário, para as maquinarias dele, no momento em que ele adquirir divisas com essa exportação do produto plástico acabado. Como há mais conflitos na fronteira da Venezuela com a Colômbia do que com a fronteira da Venezuela com o Brasil, esse industrial, que está na porção ocidental da Venezuela mais próximo a Colômbia, teve que se voltar para o Brasil, precisamente para o Norte do Brasil. Então, isso gera uma oportunidade para que Roraima possa complementar a sua economia com produtos que tenham um custo mais barato. Por isso, é que hoje já observamos aqui em Boa Vista uma loja de venezuelanos associados com chineses, imigrantes da Venezuela, com vendas de produtos plásticos produzidos na Venezuela. Também podemos observar uma maior compra de insumos para agricultura no Estado, que oriunda da Venezuela. Entre esses insumos estão o calcário e cartela para ovos. Há também alguns produtos da indústria de alumínio. Então, se gera também essa oportunidade da importação de produtos ao menor custo. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

Além dessa questão econômica, a circulação de pessoas e mercadorias na fronteira do Brasil com a Venezuela, por ter se tornado cada vez mais dinâmica, tem contribuído para o desenvolvimento de ambos os Estados, tendo em vista que tanto Roraima quanto Bolívar estão distantes dos seus respectivos centros econômicos nacionais e, portanto, uma interação cada vez mais consolidada entre os países vizinhos ampliará as relações comerciais, tanto no que diz respeito à oferta de produtos e serviços, quanto ao mercado consumidor. O cenário mencionado exige, sem dúvida, uma explicação da fronteira em questão a partir do ponto de vista sociológico, estimulando o debate existente entre as estruturas sociais e simbólicas no âmbito fronteiriço, o que será possível observar no capítulo a seguir.

### 3 EXPLORANDO A FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA PELA ÓTICA DAS ESTRUTURAS SOCIAIS E SIMBÓLICAS

Toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo em que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca no espaço e no tempo um eu nômade, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades. (IANNI, 2000, p.13).

A fronteira amazônica se constrói a partir da diferença, se molda próxima à alteridade e precisa dela para determinar-se. Essa fronteira, portanto, aponta as tensões entre dois espaços: o dentro e o fora; o “eu” e o “outro”. Ao mesmo tempo, entrelaça seus pares binários, o que resulta em uma zona híbrida onde ocorre o contato entre os polos separados, espaço em que são postos frente a frente. Partindo dessa ideia de fronteira, o presente capítulo objetiva discutir a estrutura social da fronteira Brasil/Venezuela, a partir da fenomenologia, dando ênfase ao papel de suas cidades na interação regional, nos processos de negociação e estigma, bem como as parcerias interpessoais de trocas estabelecidas no processo migratório por meio da interação social.

Assumir tal ponto de partida implica, entre outras coisas, admitir que existe na Sociologia, seja ela clássica ou contemporânea, poucos estudos mais específicos sobre as temáticas de fronteira e migrações, embora esses fenômenos tenham acompanhado e unido a história dos países europeus e americanos nos séculos XIX e XX. É por esse motivo que este trabalho recorre parcialmente à fenomenologia com a finalidade de investigar a inversão do fluxo principal das migrações na fronteira Brasil/Venezuela e as mudanças nos estereótipos decorrentes disso.

No entanto, também faz um diálogo com outras abordagens teóricas da Sociologia, como o interacionismo simbólico<sup>36</sup>, da Antropologia, da Geografia e da História, que, apesar de não estudarem a fronteira e a migração na sua especificidade, deixam transparecer que, para pensar uma categoria sociológica de fronteira e migração, é necessário um raciocínio sociológico que, além de dialogar com outras áreas do conhecimento, permita a compreensão das trajetórias, identidades e experiências de indivíduos e pequenos grupos. (Quadro 01).

---

<sup>36</sup> Segundo Outhwaite (1994, p.24), a Sociologia fenomenológica tem afinidade com a tradição pragmática do interacionismo simbólico no que diz respeito ao estudo dos aspectos das experiências do comportamento humano. Por sua vez, Monsma (2007, p.27) reconhece que há vários pontos de convergência entre a fenomenologia e o interacionismo simbólico: ambas as teorias são “subjetivistas”; “para ambas, a realidade social é produzida ativamente pelas pessoas em colaboração com os outros; ambas tecem duras críticas à sociologia positivista por tratar as pessoas como objetos; e ambas são criticadas por desconsiderar as estruturas”.

**Quadro 01 – Abordagens teóricas da Sociologia e áreas afins que contribuem no estudo da categoria sociológica de fronteira e migração**

ÁREA DO CONHECIMENTO	ABORDAGEM TEÓRICA	IDEIAS CENTRAIS	PRINCIPAIS AUTORES
Sociologia Clássica	Teoria compreensiva	- Interpreta o significado ou conexão da ação social.	Max Weber
	Microsociologia	- Prioriza os fatos sociais e as ações dos indivíduos em sociedade, os conflitos de interesses existentes nas interações sociais e os modelos de pensamentos envolvidos nesse processo.	Georg Simmel
Sociologia Contemporânea	Fenomenologia social <i>(Abordagem teórica principal)</i>	- Discute a estrutura social e tem por referência as relações intersubjetivas presentes nas experiências cotidianas dos sujeitos.	Alfred Schutz
	Interacionismo simbólico	- Focaliza as propriedades emergentes da interação; - Verifica como a interação influencia as percepções e identidades individuais.	Erving Goffman; Peter Berger; Thomas Luckman
	Construtivismo estruturalista	- Propõe-se encontrar a mediação entre agente social e sociedade, homem e história.	Pierre Bourdieu
	Sociologia configuracional	- Destaca a configuração dos estabelecidos e marginais, através dos mecanismos sociais de integração e exclusão.	Nobert Elias
	Teoria da estruturação	- Relaciona a permanência (estrutura) e o movimento (ação social) por meio do tempo e do espaço.	Anthony Giddens
Antropologia	Estudos culturais / Teorias da identidade e etnicidade	- Discute a forma como as trajetórias individuais e sociais podem ser pensadas nos termos da relação indivíduo/sociedade.	Stuart Hall; Fredrik Barth; Clifford Geertz; Alejandro Grimson; Richard Jenkins; Roberto Cardoso de Oliveira
Geografia	Geografia crítica	- Critica a ideia de desterritorialização; - Considera os lugares como nós de interação das redes social, econômica e política global.	Rogério Haesbaert; Doreen Massey
	Geografia política	- Delimita o espaço a partir das relações de poder.	Claude Raffestin; André Roberto Martín
História	Teoria da fronteira	- Apresenta a fronteira como um processo social e econômico, que interage com o ambiente ao seu redor.	Frederick Turner

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir da sistematização de algumas leituras.

Diante da justificativa de poucos estudos sobre fronteira e migração no campo da Sociologia, escolhemos a fenomenologia social como uma abordagem teórica principal, dentre as várias abordagens disponíveis no quadro acima, para interpretar as noções de fronteira e migração. Em consequência, nos resta questionar: o que é fenomenologia e qual sua contribuição no estudo da interação e da estigmatização social dos migrantes brasileiros e venezuelanos pelos moradores de ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela?

As respostas às perguntas realizadas requerem considerar a fenomenologia uma abordagem fenomenológica subjetivista<sup>37</sup> que, segundo Monsma (2007), valoriza a vida cotidiana, destaca a subjetividade e as identidades individuais, nos ajudando a entender como as estruturas sociais e simbólicas se manifestam na vida dos indivíduos. Verificamos, assim, na visão de Monsma (2007), que a fenomenologia permite compreender como os atores percebem, sentem e interpretam as tendências culturais dominantes e as práticas classificatórias e disciplinares das instituições. Nessa abordagem, portanto, as pessoas entendem o mundo e os outros por intermédio de esquemas de tipificação, que são essencialmente princípios de categorização dos fenômenos e das situações.

É nesse sentido que a tradição fenomenológica estabelece a forma como as construções de pertencimento do migrante são constituídas ao longo de sua trajetória. Nesse entendimento, o fenômeno migratório apresentado no capítulo anterior contribui para um melhor entendimento da realidade fronteira do Brasil com a Venezuela, deixando transparecer que este fenômeno se trata, na verdade, de uma história ainda pouco conhecida e vivenciada por migrantes que se estabeleceram fora dos principais eixos de atração do Brasil e da Venezuela, em particular nos Estados de Roraima e Bolívar.

O fluxo migratório de brasileiros e venezuelanos dirigidos à fronteira Brasil/Venezuela não possui, numericamente, os níveis das regiões mais atrativas dos dois países, mas apresenta significativa relevância por revelar, nas especificidades de suas características, algumas das múltiplas facetas que o processo migratório pode apresentar. São analisadas, nesse caso, duas realidades migratórias distintas:

A primeira realidade migratória refere-se à migração de homens e mulheres originários, em sua maioria, do Nordeste do Brasil para Roraima e, posteriormente, para a fronteira com a Venezuela. Na concepção de Souza et. al. (2013), a migração dos brasileiros foi motivada pelos garimpos e pelos projetos e programas de assentamentos rurais, o que

---

<sup>37</sup> De acordo com Burrell e Morgan (1979), o enfoque subjetivista considera a realidade socialmente construída pelas interações pessoais. Em vista disso, o homem é o construtor de uma realidade que só existe porque foi criada pela interação social.

indica que muitos migrantes, embora não tivessem uma boa condição econômica em seu local de nascimento, resolveram se aventurar em solo roraimense e, posteriormente, na fronteira Brasil/Venezuela.

A segunda realidade migratória, por sua vez, diz respeito a emigração recente de venezuelanos para Roraima motivada pela crise econômica e política venezuelana, que tem, como uma de suas consequências, a concepção de que o povo venezuelano passou a ser considerado um problema para o governo da Venezuela, tendo em vista o aumento da inflação, a escassez de remédios e de alimentos, o racionamento de energia e o aumento da criminalidade. Diante do exposto, para Rodrigues (2017), a Venezuela vive uma “crise humanitária” e, desse modo, a população roraimense precisa mudar o jeito de pensar sobre os venezuelanos.

Em entrevista ao Jornal Folha de Boa Vista, no dia 09 de março de 2017, Francilene Rodrigues, professora de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima (UFRR), que realiza estudos na fronteira Brasil/Venezuela há aproximadamente 10 anos, chama a atenção para o preconceito e xenofobia que sofrem os venezuelanos em Roraima. Conforme a mesma,

a Venezuela sempre foi receptora de brasileiros e, após alguns acontecimentos, passou a ser eminente. A decisão pelo encaminhamento que foi dado economicamente e politicamente, pelo governo venezuelano, impactou a vida da população como um todo. Isso foi um dos motivos que fez os venezuelanos migrarem. A cultura deles não é de migração. (Entrevista concedida ao Jornal Folha de Boa Vista em 09/03/2017).

A fala da pesquisadora pode ser complementada pela narrativa do venezuelano Hector Ramirez<sup>38</sup>, de 40 anos, arquiteto, natural de Caracas/Venezuela, e que, desde o período em que começou a residir em Santa Elena de Uairén, no ano de 2006, passou a atuar como ecologista, músico e vendedor de produtos artesanais. Para ele,

el problema de la falta de alimentación en Venezuela no es actual, o sea, ese no es un problema del gobierno de Hugo Chavez [...] el modelo económico de Venezuela consiste exclusivamente de la renta del petróleo. Casi todo en el país era importado, había, de esa forma, poca producción de alimentos en el contexto local, comprometiendo el abastecimiento del mercado interno. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 23/08/2016, na cidade de Boa Vista).

---

<sup>38</sup> Nome fictício. Embora o venezuelano resida em Santa Elena de Uairén (Venezuela), a entrevista foi realizada na cidade de Boa Vista devido ao interlocutor sempre se deslocar à capital roraimense para vender artesanato feito por sua mãe.

A narrativa de Héctor Ramirez demonstra que a escassez alimentícia na Venezuela é um problema estrutural. Mesmo o governo venezuelano implementando políticas de nacionalização e de controle do capital internacional, a crise econômica não foi contida. Diante desse cenário, a migração de venezuelanos para o Brasil tornou-se uma “tática cotidiana” (CERTEAU, 2008) para enfrentar a situação de pobreza econômica da Venezuela, mesmo com o preconceito e a xenofobia presentes na prática migratória.

Sendo assim, o caráter contrastivo das relações sociais estabelecidas entre brasileiros e venezuelanos, na perspectiva da fenomenologia, constitui um atributo essencial das estruturas sociais e simbólicas como maneira de pensar a vida social na fronteira Brasil/Venezuela. Essa ênfase compreende a estrutura social como “padrões normativos que definem o que se considera ser, em dada sociedade, os modos de ação ou relações sociais adequados, legítimos ou esperados” (SCOTT, 2010, p.84). Tais padrões regulam as estruturas simbólicas, isto é, as ações das pessoas marcadas por padrões de condutas predefinidos.

Em certa medida, a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação, ou pelo exercício assertivo do sentido de ações reciprocamente direcionadas. Esta mediação é importante para pensarmos a etnicidade como um conceito que se refere a uma “identidade social coletiva e individual, sendo externalizada na interação social e internalizada na autoidentificação pessoal” (JENKINS, 1997, p.14).

A etnicidade é sociologicamente importante porque constitui, muitas vezes, uma grande causa de coesão ou de conflito social. A identidade étnica, por exemplo, é tratada por Cardoso de Oliveira (1976) como uma ação que implica na afirmação de uma pessoa ou um grupo como meio de diferenciação em relação à outra pessoa ou grupo com o qual se defronta. Dessa maneira, a identidade étnica surge por oposição e não se afirma isoladamente, mas na relação com outra identidade.

Barth (2000) trata de identidades contrastivas remetendo à ideia de “fronteiras”, precisamente as fronteiras sociais. Nesse caso, o autor considera que, se um grupo mantém sua identidade quando seus membros interagem com os outros, disso deriva a existência de critérios para a determinação do pertencimento, assim como maneiras de assinalar esse pertencimento ou exclusão.

Ao colocar peso na ação do indivíduo, a fenomenologia postula que as relações do cotidiano são pautadas pelo reconhecimento contínuo de sentidos impressos pelos atores durante o processo de interação social. Por conta disso, a noção de fronteira adotada nesta pesquisa aproxima-se das dimensões simbólicas e culturais mais do que das dimensões físicas

e geográficas, tomando como referência os estudos de Hall (2011, p.08), que faz a seguinte inferência:

A fronteira corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença e alteridade com relação a outros, relacionando-se, assim, com aquilo que chamamos de identidades culturais – "aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso 'pertencimento' a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais".

A proposta deste capítulo é, portanto, verificar como este corpus teórico contribui com o estabelecimento de parâmetros analíticos para compreender as dinâmicas de hierarquização da sociedade contemporânea e encontrar subsídios para identificar e denunciar as novas expressões das relações de dominação e de poder características desta sociedade, algumas vezes ocultas sob o aparente respeito às diferenças.

Nessa lógica, alguns dos pressupostos da fenomenologia são também pertinentes para o estudo das cidades fronteiriças no que se refere ao papel que estas desempenham no processo de interação regional, bem como na compreensão da fronteira Brasil/Venezuela como “um lugar que congrega sentido, fisionomia, localização, construção, fabricação, inclusão/exclusão, enraizamento/desenraizamento, interioridade, coletividades nacionais, internacionais e transnacionais, reunião e até mesmo um lugar-sem-lugaridade ou não-lugar” (PEREIRA, 2015, p.05-06).

Desse modo, ao adentrar um pouco mais nos caminhos abertos pela fenomenologia, esta tese busca avançar, por assim dizer, na interpretação das parcerias interpessoais de trocas presentes nos intercâmbios fronteiriços, como será demonstrado na última seção deste capítulo.

### **3.1 O papel das cidades fronteiriças na interação regional: o desafio amazônico**

As cidades fronteiriças, localizadas no espaço amazônico brasileiro, possuem formas de uso e ocupação do espaço tanto urbano como rural, além de expressarem os hábitos de moradias peculiares à região, isto é, que são construídas em locais próximos de rios e florestas. Essas cidades, em sua grande maioria, possuem pouca importância para o restante do Brasil, embora tenham uma organização e uma estrutura que extrapolam sua dimensão específica.

Ainda que tenham se mantido praticamente isoladas do restante do território nacional, com baixa densidade demográfica e fraca articulação regional, é possível observar, nesse

contexto das cidades fronteiriças da Amazônia, que Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela) são marcadas por múltiplas redes de articulação que se sobrepõem ao limite internacional<sup>39</sup>.

Além de ampliar a rede de relações das cidades da fronteira amazônica, essas redes provocaram alterações na organização espacial, atraindo migrantes dos países vizinhos e de outras regiões do país em busca de trabalho ou de oportunidades de enriquecimento, o que tem garantido a subsistência dessas cidades, conferindo à região amazônica um traço cultural característico e dinâmicas próprias.

Para Machado (1998), a tendência mencionada possibilita que a fronteira deixe de ser concebida somente a partir das estratégias e interesses do Estado central, passando a ser concebida também pelas comunidades de fronteira, ou seja, no âmbito subnacional. O desejo e a possibilidade real de comunidades locais estenderem sua influência e reforçarem sua centralidade além dos limites internacionais e sobre a faixa de fronteira estaria subvertendo e renovando os conceitos clássicos de limite e de fronteira.

A realidade mencionada remete a uma reflexão de que as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén possuem instituições regionais, nacionais e internacionais que influenciam diretamente no cotidiano da fronteira Brasil/Venezuela. Conforme Oliveira (1999, p.206), essas relações portam significado cultural e refletem a configuração de um urbano em construção na Amazônia, cujas espacialidades são constituídas de fatores externos e internos em que “cada uma dessas cidades é um lugar específico, o que não quer dizer exclusivo, pois faz parte de um contexto maior”.

As cidades fronteiriças da Amazônia assumem, portanto, diferentes significados para os diversos agentes sociais envolvidos na produção do espaço fronteiriço. No entanto, Nunes (2007) revela que, a partir da segunda metade do século XX, o Estado foi o ator principal na definição de estratégias de intervenção no território fronteiriço amazônico, com consequência sobre o avanço da fronteira.

Na oportunidade, Castro (2008, p.21) argumenta que, na Amazônia, o avanço da fronteira decorre, sobretudo, da presença pública. “O Estado desenvolvimentista, na concepção keynesiana, foi capaz de formular um projeto de intervenção do qual resultaria da abertura da fronteira no norte do Mato Grosso, de Rondônia e do sudeste do Pará, nos anos 70 e 80”. Esse processo pode ser associado à realidade da fronteira Brasil/Venezuela, em que a

---

<sup>39</sup> O avanço rumo ao Sul venezuelano na década de 1950, assim como no Brasil rumo ao Oeste, e, depois, na década de 1960, para a região Norte, ensejaram o surgimento de vilas e povoados, ou a expansão das existentes, como são os casos da vila de Santa Elena de Uairén (Estado de Bolívar, Venezuela) e do marco BV-8, Pacaraima (Estado de Roraima, Brasil), que várias décadas depois se transformaram em cidades-gêmeas.

abertura da BR-174 incentivou os crescentes fluxos migratórios, principalmente, de nordestinos para Roraima.

Ainda na visão de Castro (2008, p.22-23), “esse processo precisa ser entendido sob um enfoque que articule regiões, processos e dinâmicas de atores”. Assim, para a autora, “além da ação determinante do Estado, a fronteira é um espaço em construção, em movimento, transformado ao longo dos anos”. Em outras palavras, é um espaço de produção social pelos grupos que chegam e participam das relações sociais em um novo campo de sociabilidade.

Nessa lógica, compreender as relações transnacionais entre o Brasil e a Venezuela pela ótica da migração laboral implica em realizar uma análise conjunta das condições sociais dos fluxos migratórios, dos lugares de origem dos migrantes brasileiros e venezuelanos, dos valores culturais por eles carregados, das representações sociais, do capital social e simbólico investido nas relações de produção e dos novos modos de vida e das relações de poder que se atualizam continuamente, que permitem encontrar as lógicas que estruturam a cidade na fronteira.

No caso específico da fronteira Brasil/Venezuela, a pesquisa de campo, iniciada em 2015<sup>40</sup>, indica que esta fronteira simboliza o encontro de sonhos, de projetos de ascensão social, de segmentos sociais em disputa. A (re)construção de trajetórias por meio de histórias de vida de migrantes brasileiros e venezuelanos permitiu verificar que o novo impõe-se como determinante da economia, da modernização, das redes de informação que tornam as relações mais rápidas, com o circuito de troca em vários sentidos, e o mercado de bens e serviços e de trabalho assume uma nova configuração nas cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén.

O aspecto sociológico desta análise permite a compreensão de que muitos brasileiros e venezuelanos que vivem na fronteira Brasil/Venezuela reagem ao fenômeno migratório como uma nova experiência de construção de futuro e, por isso, de contração do tempo e do espaço. Na verdade, as concepções de tempo e de espaço referem-se à memória do lugar e às relações com o passado e, também, à necessidade cotidiana de produzir as condições de realização do trabalho, da sociabilidade e da cultura, respectivamente.

Com base nesses argumentos, Weber (1967) deixa transparecer que o fato sociológico por excelência de uma cidade, e, no caso desta investigação, de uma cidade fronteiriça, são as

---

<sup>40</sup> Embora a pesquisa de campo tenha iniciado em 2015, a tese conta observações de campo feitas pela doutoranda desde seu ingresso no Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteira (GEIFRON), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), em 2007, quando ainda era estudante de graduação em Ciências Sociais / Habilitação em Sociologia da referida instituição, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francilene dos Santos Rodrigues.

relações de vizinhança. Este é, portanto, o cerne da questão sociológica, já que o estar próximo uns dos outros traz novas modalidades de vínculos sociais.

Observa-se, portanto, que o espaço fronteiriço é visto, a partir dos estudos de Weber (1967), como estruturador das relações sociais, de comportamentos individuais, de práticas coletivas específicas e heterogêneas. De certa forma, a circulação de elementos culturais no espaço fronteiriço talvez justifique a importância que se deva dar às cidades fronteiriças no ambiente amazônico como núcleo difusor de inovações, tanto na produção econômica, como também, e, sobretudo, na produção de formas simbólicas.

A condição fronteiriça de Pacaraima e Santa Elena de Uairén resulta em particularidades decorrentes do processo de formação da fronteira Brasil/Venezuela, além de sua inserção nas diversas redes da qual participa e de sua exclusão de tantas outras redes. Nessa mesma linha de raciocínio, Nogueira (2008, p.174) diz que “a própria forma como a fronteira é definida, num aspecto simbólico ou geográfico, pode caracterizar uma específica relação fronteiriça e, conseqüentemente, das cidades gêmeas”.

Sendo ponto de encontro de nacionalidades, a fronteira Brasil/Venezuela, a partir do movimento mútuo dos fronteiriços, consolidou laços entre brasileiros e venezuelanos que hoje se revelam no parentesco binacional, com a constituição de famílias pertencentes a nacionalidades distintas. O resultado disso é que o movimento diário da população para ambos os lados implica, necessariamente, que toda e qualquer ação do poder público municipal de Pacaraima e Santa Elena de Uairén não possa realizar-se de modo isolado.

Para exemplificar o processo migratório por meio dos casamentos binacionais, entre homens e mulheres de nacionalidade brasileira e venezuelana ou vice-versa, a narrativa da brasileira Glória Silva<sup>41</sup>, 54 anos, natural de Santa Inês/Maranhão, comerciante e residente em Santa Elena de Uairén desde 2004, contribuiu no entendimento de que a permanência de migrantes no local de destino depende, muitas vezes, do casamento com nacionais:

Há 08 anos me casei com um venezuelano, de Maracay [...] não tenho do que reclamar [...] dizem que os venezuelanos são homens ruins, que tratam mal as brasileiras. Mas meu marido é diferente. Ele sempre me ajudou e não se importa que eu trabalhe. Mesmo a gente não tendo filhos, ele trata meu filho, de 22 anos, como se fosse dele [...]. Ele também não se importa quando eu vou para Boa Vista visitar meus outros familiares [...]. Já fui casada com um brasileiro e percebo a diferença: meu esposo venezuelano me valoriza e gosta da cultura do meu país. Eu também gosto da cultura venezuelana e enquanto existir oportunidade para nós, em Santa Elena, ficaremos por aqui. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 17/02/2015, na cidade de Santa Elena de Uairén).

---

<sup>41</sup> Nome fictício.

De um ponto de vista sociológico, os padrões de casamento existentes em determinada sociedade podem ser entendidos como indicadores dos padrões de interação social presentes nessa mesma sociedade. Logo, para Pagnini e Morgan (1990), os casamentos mistos indicam a existência de interações que atravessam fronteiras (nacionais, culturais, linguísticas, econômicas, etc.) e é típico de uma sociedade que se caracteriza pela abertura ao exterior. Meng e Gregory (2005) complementam que, para além de um indicador da integração dos migrantes na sociedade de acolhimento, os casamentos mistos potencializam interações que podem, elas próprias, promover essa integração.

Além da característica dos casamentos mistos, a condição locacional de Pacaraima e Santa Elena de Uairén faz dessas cidades fronteiriças lugar de passagem, de mudança de soberania, normas, ordens, leis e regras. Diante disso, Nogueira (2008, p.187) também argumenta que

transpor uma fronteira sempre exigiu controle, visto que, do ponto de vista do Estado, o outro lado pode constituir-se em ameaça, perigo. Do outro lado, podem vir doenças, contrabando, armas, drogas e bandidos. Para a sociedade, no entanto, a percepção pode ser literalmente oposta. Nem mesmo o discurso e as ações dos Estados no sentido de eliminar barreiras para aumentar a fluidez e acabam com o controle do trânsito, sendo a permeabilidade da fronteira constantemente controlada.

Segundo o Ministério da Integração (2005), as cidades-gêmeas que originalmente se consolidaram para desempenhar uma territorialidade geopolítica nas zonas de fronteira, justamente como funções relacionadas à segurança e defesa do território nacional por meio de batalhões militares, passaram a se transformar ao longo do tempo, por meio da definição de novas funções de um ponto de vista geoeconômico, com a implementação de bases fiscais e aduaneiras.

Em geral, compreender o papel das cidades fronteiriças na interação regional, a partir do desafio amazônico, implica reconhecer que as cidades fronteiriças apresentam condições locais e formas espaciais próprias de sua localização. Além do mais, entender as relações que cada grupo social de brasileiros e venezuelanos mantém com seu respectivo território é partir para a construção política de uma identidade coletiva ao dar ênfase ao fator identitário como fenômeno que levam as pessoas a se agruparem sob uma mesma expressão coletiva, a declararem seu pertencimento a um povo ou a um grupo, a afirmarem uma territorialidade específica e a encaminharem demandas frente ao Estado.

Por consequência, o que parece ocorrer é o surgimento de uma nova espécie de fronteira, que não é só política, com marcos bem definidos, mas também, uma fronteira

simbólica, construída a partir da diferença e moldada pela alteridade. Na visão de Pesavento (2002), por exemplo, a fronteira é o limiar dos espaços culturais e sociais, demarca suas portas de entrada, é o local em que ocorre o contato inicial com a cultura, marcando a passagem para o interior de um ambiente cultural. É como o patamar junto a uma porta: local onde ainda não se está de fato dentro do ambiente que a porta encerra, mas também não se está completamente alheio ao espaço resguardado pela porta.

Pensado nesse sentido, o limiar carrega o simbolismo das fronteiras invisíveis, das limitações culturais e sociais apresentadas no contexto fronteiriço. Segundo Chevalier e Cheerbrant (2009, p.549), o limiar “simboliza, ao mesmo tempo, a separação e a possibilidade de aliança, uma união, uma reconciliação. Essa possibilidade se realiza se a pessoa que chegar for acolhida no limiar da porta e introduzida no interior, e desaparece se ela ficar apenas no limiar e ninguém vier recebê-la”. Conseqüentemente, o limiar das fronteiras simbólicas permite o acolhimento e a rejeição simultâneos, que ocorrem a todo o momento. Enquanto via de mão dupla que permite diversas possibilidades de trânsitos, a fronteira viabiliza movimentos simultâneos que podem até ser contraditórios: ora os sujeitos são acolhidos, ora são rejeitados pelas mesmas motivações.

Como uma das estratégias principais de combate aos processos econômicos e sociais conflitivos compactuados politicamente na fronteira Brasil/Venezuela, o desenvolvimento regional torna-se prioritário para o Estado Brasileiro por meio da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR). De acordo com informações do Ministério da Integração (2010), esta política refere-se, em especial, à abordagem dirigida a espaços sub-regionais, buscando a dinamização econômica, o fornecimento de infraestrutura de transportes e logística, fomentando as áreas social e produtiva, bem como a melhoria nas condições de cidadania envolvendo o fortalecimento dos atores locais e o aproveitamento das peculiaridades da organização social e das características produtivas locais.

Nesse ponto de vista, Schaffer et. al. (2012) expõem que os principais instrumentos da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR) são os planos regionais, em escalas diversas, implementados não só pelo Ministério da Integração Nacional (MI), mas por diversos parceiros governamentais e não governamentais, os Fundos Regionais de Financiamento e os de Desenvolvimento.

Dentre as premissas básicas da infraestrutura e projetos integrados de desenvolvimento da faixa de fronteira do Estado de Roraima, Alexandre Hencklain, Secretário de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima em 2016, expôs na Oficina de Trabalho “Fronteiras do Brasil:

uma avaliação do Arco Norte”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) na cidade de Boa Vista/RR entre os dias 23 e 25/11/2016, o argumento de que a integração fronteiriça entre Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela) possibilita a diminuição das desigualdades entre o Brasil e a Venezuela, disseminando o desenvolvimento territorial nas diversas escalas regionais.

Ainda em relação a essa dinâmica fronteiriça, entre o Brasil e a Venezuela, existe alto grau de relação e permeabilidade entre as cidades fronteiriças de Pacaraima e Santa Elena de Uairén por meio de seus atores sociais, que nem sempre têm interesses comuns, e, por vezes, até mesmo divergentes e competitivos, resultando assim, em diversos e graves problemas sociais, econômicos, culturais e políticos. No entanto, as peculiaridades desse espaço permitem um relacionamento de complementaridade e de integração estratégica para benefícios de ambos os lados da fronteira.

Por esse ângulo, o diálogo das cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén com o Estado, seja o Estado Brasileiro ou o Estado Venezuelano, é mediado por diversos agentes sociais, que, assim como as comunidades, possuem seus interesses. Com isso, a busca pela compreensão do papel das cidades fronteiriças na interação regional do contexto amazônico fortalece os pressupostos da teoria fenomenológica, já que esta, por seguir o método compreensivo, tem como abordagem a realidade social.

O ponto de partida da fenomenologia nos estudos fronteiriços, embora a temática de fronteira não seja estudada por esse viés, é o princípio de que a sociedade não pode ser concebida como algo no exterior do homem, tornando-se fruto da ação dos sujeitos sociais. Em outras palavras, nessa perspectiva teórica, as estruturas sociais e o sistema social são explicados pelas ações e interações entre os indivíduos.

Aplicando a realidade teórica mencionada ao lócus de investigação desta pesquisa, a fronteira Brasil/Venezuela, verifica-se, nas contribuições de Marandola Júnior e Dal Gallo (2010, p.01), que, em termos fenomenológicos, “o migrante é um ser deslocado, movido de seu lugar primevo”. E é neste deslocamento que procuramos o significado do que é esta condição para os brasileiros e venezuelanos que são migrantes na fronteira Brasil/Venezuela.

Dessa forma, segundo Schutz (1979, p.119), quando o migrante reorganiza o seu comportamento, com base em certos estereótipos ou tipificações, começa a desenvolver um comportamento socialmente esperado, pois “[...] ao cumprir esse papel, a pessoa dele incumbida se tipifica, isto é, resolve agir de modo típico definido pelo papel social que assumiu”. A autotipificação é, neste caso, parte integrante da dinâmica social no desempenho

de papéis e no processo de ressignificação da identidade que também envolve o surgimento de outro “tipo” de comportamento, em algumas ocasiões, nas cidades fronteiriças.

Sendo assim, a partir do que foi exposto, a próxima seção mostrará a fronteira Brasil/Venezuela como espaço de interação e de negociação do ponto de vista simbólico, apresentando como principais pressupostos as assimetrias entre os dois países que compõe esta fronteira e o seu público migrante, além de problematizar as mudanças nas relações de trabalho vivenciadas por trabalhadores brasileiros e venezuelanos entre os anos de 1980 e 2017.

### **3.2 A fronteira Brasil/Venezuela como espaço de interação social, de negociação e estigma**

A fronteira, na esfera da Sociologia, constitui-se em espaço de condensação de processos socioculturais. Em face dessa realidade, consideramos de fundamental importância apresentar algumas definições sobre fronteira a partir de alguns pressupostos da fenomenologia, corrente teórica adotada neste trabalho com a finalidade de apresentar os conceitos essenciais da Sociologia. Sendo assim, partimos do seguinte questionamento: Como construir caminhos fenomenológicos para pensar a fronteira?

Na visão de Relph (2012), compreender a fronteira na esfera fenomenológica implica reconhecê-la como lugar de experiência que permite raízes com outros lugares ao mesmo tempo. Em vista disso, ao tomarmos como referência a visão do mesmo autor, consideramos que a fronteira Brasil/Venezuela, lócus desta investigação, se refere às configurações do seu entorno, já que possibilita a reunião de coisas, atividades e significados. Assim, mesmo havendo uma delimitação geográfica do lugar fronteiro, Corrêa (1999) afirma que as fronteiras devem ser compreendidas a partir da sua temporalidade, pois ela é transformadora do homem, de sua cultura e de seus costumes.

Nessa mesma lógica, Albizano (2005, p.113) revela que “las fronteras son los confines de un ente, sus manifestaciones, simbolizaciones o materializaciones extremas. Pero, cuando se trata de sociedades, solo encontramos algo parecido (y solo parecido) en las líneas de frontera [...]”. Neste sentido, a fronteira Brasil/Venezuela é interpretada, sob o prisma da fenomenologia sociológica, como lugar mágico, que obedece a sua própria lógica e possui uma complexidade de costumes, valores, crenças e ritos. Por conseguinte, a fronteira em questão articula relações profundas de trocas culturais, econômicas e de comunicações que não enfraquecem a identidade nacional, e sim reforçam o sentido de pertencer à fronteira.

Consequentemente, a facilidade de deslocamento na fronteira Brasil/Venezuela contribui para intensificações e relações constantes nas trocas comerciais e culturais e para o aumento populacional desta localidade fronteiriça. Nesse caso, os estudos de Oliveira (2009) deixam transparecer que os acordos bilaterais entre países fronteiriços facilitam o trânsito de pessoas, mercadorias e serviços. Ainda no caso da fronteira Brasil/Venezuela, a interação entre as cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uairén dá-se, sobretudo, pelas relações laborais nesta região.

Partindo desse entendimento, podemos pressupor que a Sociologia discute a fronteira procurando decodificar um “estilo de vida” produzido pelas inter-relações humanas no meio fronteiriço, inter-relações estas que pouco a pouco se tornam padrão para as demais escalas de organização territorial. Nesse entendimento, a decisão de migrar para as cidades fronteiriças tem, para a maioria das pessoas, um duplo significado: em primeiro lugar, ruptura com sua história, seja individual, seja coletiva; além do “abandono do conhecido” em direção ao “desconhecido”. Para Nunes (2002), o “conhecido” retrata não apenas vínculos familiares, de vizinhança, de história de vida, mas também o domínio de técnicas de trabalho adquiridas através de gerações. Já o “desconhecido” é justamente a chegada a um espaço novo, que coloca certos obstáculos à entrada a uma nova ordem hegemônica.

Assim sendo, o fenômeno migratório presente na fronteira Brasil/Venezuela representa, entre outras coisas, transformação na força de trabalho de quem opta migrar e esta transformação diz respeito ao processo de formação e de consolidação de novas classes sociais mesmo quando processos de exclusão da lógica dominante continuam a também se reproduzir no ambiente de destino das correntes migratórias. Nesse aspecto, a fronteira mencionada torna-se tanto ponto de partida quanto ponto de chegada dos processos migratórios, proporcionando o entendimento de que os deslocamentos espaciais muitas vezes “empurram” os migrantes de uma situação de fronteira para outra.

Trabalhando neste enfoque, Nunes (2002) argumenta que as “situações de fronteira” podem constituir ocasiões de diálogo e de encontro. Por esse motivo, as fronteiras, enquanto delimitações geográficas, podem ser consideradas instrumentos de separação entre os povos. No entanto, toda fronteira traz em si uma contradição, conforme expressa Grimson (2005), tornando-se limite e também lugar de encontro. Ela é o espaço de contato entre Estados e povos, tornando-se responsável por unir as extremidades. É, de fato, a mediação necessária para que haja comunicação, diálogo, conhecimento e reconhecimento entre as diversidades motivadas pelas migrações.

Se partirmos do pressuposto clássico de que o movimento migratório, no contexto fronteiriço, decorre de um processo de escolha entre várias opções, isso nos indica, entre outros caminhos apontados por Richmond (1987), que a maior parte das migrações, seja em ambientes fronteiriços ou em outros espaços sociais, é uma resposta voluntária a uma expectativa de que a mudança conduzirá a um aumento de satisfações ou a uma diminuição de privações.

Contudo, também existem as migrações forçadas, que indicam não apenas a ocorrência de uma ruptura, como abre possibilidade para refletirmos sobre a existência de elementos violentos atuando contra a vontade dos indivíduos. Nessa situação, um questionamento torna-se importante: até que ponto um indivíduo aceita se deslocar de um ambiente familiar para viver em outro ambiente inteiramente alheio a seus valores?

Na linha de pensamento da fenomenologia, a decisão de migrar significa deixar para trás referências de vida que garantem identidade. No caso específico da fronteira Brasil/Venezuela, a prática migratória possibilita novos desafios, novas exigências de vida e uma maior possibilidade de ascensão social, ao contrário dos sujeitos sociais impossibilitados de migrar, que, muitas vezes, permanecem no mesmo patamar da estrutura social.

Do ponto de vista do transnacionalismo, a Sociologia pode trazer valiosas contribuições para que a mobilidade social presente no cotidiano de migrantes brasileiros e venezuelanos residentes na fronteira Brasil/Venezuela seja interpretada por meio das estratégias e trajetórias desses atores. De um modo geral, a fronteira proporciona ao migrante trabalhador, seja ele brasileiro ou venezuelano, a manutenção dos vínculos culturais, sociais, políticos e econômicos com seus locais e/ou países de origem. Isso, sem dúvida, não implica na interação do migrante com o local de destino.

Como afirma Hall (2011, p.12), os migrantes, em sua condição social, podem experimentar diversas formas de pertencimento de modo não contraditório em consonância com a emergência de “um sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Essas novas configurações de formações sociais, impulsionadas pelo fenômeno migratório, desafiam os papéis e políticas dos Estados Nacionais, que se reposicionam conforme o impacto diferencial dos processos transnacionais. Em decorrência disso, o aumento e a intensificação da forma de mobilidade espacial dos migrantes brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela fazem com que os fluxos migratórios sejam cada vez mais dinâmicos e complexos.

Nesse contexto, a tarefa da Sociologia é interpretar a dialética da população migrante brasileira e venezuelana no processo de construção do indivíduo moderno, que se dá de forma complexa e heterogênea segundo características históricas de diferentes sociedades. Partindo dessas considerações, Castel (2004) apresenta o pressuposto de que o trabalho é um dos principais suportes da sociedade contemporânea, proporcionando, no ambiente fronteiriço, transformações na estrutura de classes e dos grupos sociais, embora o migrante em sua condição de ausente/presente passe por uma ruptura no tecido social.

Sayad (1998) descreve a condição do migrante na concepção da presença e da ausência deixando transparecer que o migrante é o *emigrante* quando deixa sua sociedade de origem e esta permanece como lembrança e vazio. Ao mesmo tempo, o migrante torna-se o *imigrante*, que chegou, mas não pertence ainda, à sociedade de destino, tendo em vista que não estabeleceu relações que o leve além de sua condição e de uma força de trabalho provisória. Logo, para Sayad (1998, p.55), “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida”.

De fato, Sayad (1998) menciona que a ruptura na ordem do tecido social é um elemento importante para definir as fronteiras do processo migratório entre brasileiros e venezuelanos sob a luz do transnacionalismo. Trata-se, desse modo, de compreender a migração transnacional como parte de um processo de emergência de novas formas estatais: Estados desterritorializados que necessitam do envolvimento ativo de seus nacionais emigrados na condução de seus assuntos políticos e econômicos.

Contudo, este envolvimento depende fortemente da inserção dos migrantes mencionados no espaço fronteiriço. Mesmo havendo, em algumas ocasiões, situações de estigmatização motivadas pelo reforço de cultura nacional, em ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela trata-se de um engajamento majoritariamente reativo. Conforme é exposto na reportagem intitulada “Brasil-América Latina: Brasileiros na Venezuela contam por que continuam no país” (Figura 12), publicada pela Radio France Internacional (RFI) em 23/07/2016, enquanto muitos venezuelanos continuam saindo do país para o Brasil, alguns brasileiros resistem em deixar a Venezuela, que passa por profunda crise política e econômica. Há, por exemplo, escassez de alimentos e de remédios e alta criminalidade. Mas por que continuar em um país assim, sobretudo, quando se é estrangeiro?



**Figura 12 – Reportagem da Radio France Internacional sobre a permanência de brasileiros na Venezuela (23/07/2016)**

Fonte: RFI (2016).

A reportagem demonstra que a Venezuela é um país com um grande potencial, embora esteja passando por um momento problemático nos cenários econômico e político. A reportagem expõe ainda as facilidades que muitos brasileiros possuem na Venezuela, uma vez que a crise econômica possibilita oportunidade para quem é criativo:

De acordo com estimativas do Consulado do Brasil em Caracas, no país moram cerca de 32 mil brasileiros [...]. Entre os venezuelanos, em geral, o ambiente é de pessimismo. A grande maioria fala mal da situação do país e muitos não têm perspectivas. Mas, como diz o ditado, “enquanto uns choram, outros vendem lenço”. A comerciante brasileira vê oportunidade: “O Brasil agora não está tão bem economicamente. A Venezuela está pior, mas aqui há trabalho. Eu, sim, acredito que aqui ainda há oportunidade. Eu acredito na Venezuela, e todo mundo que eu conheço de classe alta está investindo na Venezuela, porque em épocas de crise a gente faz dinheiro e eu estou totalmente de acordo com isso”. (Radio France Internacional, 23/07/2016).

Associando os aspectos expostos com o contexto da pesquisa desenvolvida na fronteira Brasil/Venezuela, é possível mencionar a narrativa da comerciante brasileira Vera

Soares<sup>42</sup>, natural de Bacabal/Maranhão e residente em Santa Elena de Uairén desde o ano 1995:

As coisas aqui na Venezuela não estão fáceis pra ninguém. Na fronteira ainda está tranquilo. Aqui é um paraíso se compararmos com Caracas, em que tudo saiu do controle do governo e da população [...] Eu não volto para o Brasil porque assim como a Venezuela o Brasil não está bem economicamente. A Venezuela pode estar pior do que o Brasil, mas aqui na fronteira ainda há trabalho para os brasileiros. Eu por ser comerciante penso que a crise econômica garante oportunidade para quem quer ganhar dinheiro com o comércio [...] Posso ser brasileira, mas eu aprendi a gostar da Venezuela e eu acredito nesse país, que me deu oportunidade de melhorar de vida, e estou investindo minhas economias aqui. Nessa época de crise estou conseguindo fazer dinheiro. Não tenho a facilidade de antes, mas estou aproveitando. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 19/02/2015, na cidade de Santa Elena de Uairén).

A narrativa citada contribui no entendimento dos estudos de Portes (1999), uma referência no debate da migração transnacional, que destaca o transnacionalismo como uma série de transformações na economia e na política do mundo contemporâneo, com a flexibilização do trabalho e das políticas restritivas à migração. Na visão deste autor, para contornar as dificuldades destacadas, há uma tendência importante ao empreendedorismo entre os migrantes e a atuação de suas redes sociais, que, além de densas, são vastas.

Essas redes migratórias formam vínculos de solidariedade para contrabalançar as incertezas do contexto fronteiriço e facilitar o acesso às redes de solidariedade étnica e nacional, que instauram significativos fluxos comerciais entre o Brasil e a Venezuela, representando a sociedade de origem e a sociedade de destino ao contribuir com a inserção simultânea desses migrantes por meio de interação e negociações culturais.

O contexto mencionado, sem dúvida, estimula a busca de respostas para a pergunta a seguir: como caracterizar e definir a fronteira Brasil/Venezuela sociologicamente? Neste caso, a análise sociológica permite reconhecer o conflito social como o aspecto que torna a fronteira o lugar da alteridade. Na interpretação de Martins (2009), à primeira vista, a fronteira é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si. Mas o conflito faz com que a fronteira seja, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro.

Neste caso, para Martins (2009), o desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um dos grupos sociais deste lugar está situado diversamente no tempo da história. Por isso que a situação de cada grupo social da fronteira permite estudar a sua diversidade histórica não só como diversidade estrutural de categorias

---

<sup>42</sup> Nome fictício.

sociais, mas também como diversidade social relativa aos diferentes modos e tempos de sua participação na história.

Assim, a proposta deste trabalho, voltada para a migração brasileira e venezuelana na fronteira Brasil/Venezuela, pensada no sentido da interação e do estigma, contribui na compreensão do trânsito social nesta fronteira marcada pela presença dos migrantes já mencionados que, pelo viés da fenomenologia, se esforçam para interpretar o padrão cultural do grupo social dentro do qual desejam orientar-se.

Dessa forma, de acordo com Schutz (2003), o padrão de vida de um grupo apresenta-se para o senso comum do homem que vive seu cotidiano dentro do grupo com seus semelhantes. Isso indica que todos os valores peculiares, instituições e sistemas de orientação e direção, tais como os estilos folclóricos, padrões morais, leis, hábitos, costumes, etiqueta, modismos, caracterizam ou até mesmo constituem qualquer grupo social em um dado momento na história.

Em suma, Schutz (2003) apresenta que para o sujeito migrante inserir-se no grupo da sociedade de destino, este vivencia uma enorme tensão na assimilação e adaptação a um padrão cultural que lhe é estranho. Mesmo assim, o mais interessante na abordagem desse autor é que ele considera o estranhamento e o conflito como uma condição para o estabelecimento e a manutenção das relações sociais ou como um elemento ativo no processo de fortalecimento da sociedade grupal.

No contexto de aproximação dos migrantes brasileiros e venezuelanos a um determinado grupo social da fronteira Brasil/Venezuela, está implícita a ideia de mobilidade de um indivíduo que migra em direção a este lugar fronteiro com um objetivo. A tentativa desses migrantes de compreender aspectos da cultura do outro, através das estruturas de significados do grupo, reflete no entendimento de que a cultura é uma teia de significados construída pelos próprios homens, conforme demonstra Geertz (1982).

A definição conceitual de Geertz (1982) proporciona a assimilação de que os migrantes brasileiros e venezuelanos que mantêm relações sociais com a fronteira Brasil/Venezuela procuram uma interação com o espaço social fronteiro na busca de interpretar a cultura deste lugar. Contudo, se partirmos da ideia de que os migrantes brasileiros e venezuelanos enfrentam alguns dilemas por se deslocarem entre espaços diferentes, verificamos que estes, ao se socializarem, estabelecem vínculos, interagem, sentem-se pertencidos, enfrentam olhares de reprovação, ações que podem gerar sentimentos ambíguos. Esse tipo de situação marcou a trajetória migratória do venezuelano Saul

Morales<sup>43</sup>, manicure de 25 anos, natural de Maracaibo e que migrou para Boa Vista/RR em fevereiro de 2016, conforme a narrativa a seguir:

Yo amo mi país. Salí de Venezuela porque mi situación financiera no estaba buena. Salí por cuestión de necesidad [...] mi familia aún está allá y quiero ayudarlos financieramente [...]. Pero las cosas para mi aquí em Boa Visa no están fáciles. En Venezuela yo siempre trabajé con manicure, siempre me especialicé. Soy un excelente profesional. Pero aquí en Boa Vista no estoy siendo aceptado. La principal dificultad fue encontrar un salón de belleza para trabajar. Pero gracias a Dios un salón me aceptó. El problema es ser aceptado por los clientes. Muchos cuestionan: ¿Un hombre sabe realmente hacer uñas? Eso, sin duda, es preconceito. Más allá de yo ser venezolano, soy un hombre que ejerzo una profesión femenina [...]. Delante de todo eso, sé que difícilmente seré aceptado aquí. Talves lo mejor que tengo que hacer es volver para mi país. Allá yo tengo dignidad y soy aceptado por mi forma de ser, sin precisar cambiar nada. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 23/03/2017, na cidade de Boa Vista).

O depoimento de Saul Morales revela que, nas interações sociais e na tentativa de ser aceito pelo grupo, existem uma série de impressões e tensões vivenciadas por quem migra. Dentro das especificidades que envolvem os trânsitos e as motivações que norteiam as práticas migratórias, o fato de estar deslocado faz com que o migrante conviva com a diferença e a descrença perante algumas situações da vida cotidiana.

Sendo assim, o encontro entre o nativo e o estrangeiro do qual emergem os fenômenos estigmatizantes deve-se, antes de mais nada, aos espaços de conflito, que no viés sociológico é entendido como espaço de conflito em potencial. Na visão de Goffman (1988) e Becker (2008), o conflito está presente nos espaços sociais de forma latente, podendo manifestar-se ou não em diferentes graus e sob diversas formas. Logo, para estes autores, essa realidade se deve ao fato de que os espaços sociais estão imbuídos por regras, sendo essas formais ou informais.

Dito de outro modo, na concepção de Elias e Scotson (2000), as redes de sociabilidade podem ser formadas como um espaço privilegiado para a observação dos conflitos sociais, visto que funciona para os agentes como uma alavanca em que se tem a possibilidade de atingir o alvo sem que se veja de onde parte o ataque. Assim, por proporcionarem o anonimato, garantem uma “maior” segurança ao minimizar os custos emocionais com acusações diretas, cara a cara. Portanto, consolida a imagem do migrante e, em contraposição, a própria auto-imagem do nativo.

---

<sup>43</sup> Nome fictício.

De certa forma, o fenômeno da estigmatização, como pode ser visto nos estudos de Elias (2000) e Becker (2008), apoia-se numa lógica mais profunda, onde há uma diferença no grau de organização e coesão dos grupos, e, ainda, segundo Goffman (1988), uma diferença na participação da tradição que constitui as regras, acordos informais e os espaços de significação onde os comportamentos e seus sentidos estão previamente dispostos. Nas palavras de Goffman (1988, p.12), isso ocorre devido “[a]os ambientes sociais estabelecerem as categorias de pessoas que tem probabilidade de serem neles encontradas”.

Na visão de Certeau (1994), as narrativas expõem os modelos e gestos bons ou maus utilizáveis no cotidiano. Além disso, se desdobram em um espaço executado e isolado das competições cotidianas. Sendo assim, podemos recorrer a Massey (2000) para caracterizar a fronteira Brasil/Venezuela pelo princípio do sentido global de lugar e demonstrar que, nesta realidade fronteira, as relações tecidas no espaço geográfico, e, conseqüentemente, social, se encontram diante das afirmações identitárias enquanto essência da formação do território.

Massey (2000) justifica que as identidades se traduzem não como um fator locacional, mas como uma ponte de relação entre os “lugares”. O caso do venezuelano Saul Morales reforça que os lugares não possuem uma única identidade e estão cheios de conflitos internos. Neste sentido, ao pensarmos a situação da fronteira Brasil/Venezuela, percebemos que sua especificidade deriva do fato de que cada lugar é o foco de uma mistura distinta de relações sociais externas e locais. Para Massey (2000, p.184), isso ocorre devido ao seguinte motivo: “todas as relações precisam interagir com a ajuda da história acumulada do lugar, produto de camadas sobre camadas de diferentes conjuntos de elos e vínculos locais e com o mundo exterior”.

A partir do que foi apresentado sobre a compreensão do conceito de identidade, no contexto fronteiro, Haesbaert (2004, p.71) explica que o “lugar-território” “reforça sua dimensão enquanto representação e valor simbólico”. Tal aspecto comprova que o “lugar” se amplia enquanto categoria de leitura espacial. Nessa mesma linha de raciocínio, Berger e Luckmann (1974, p.35) partem do princípio de que o “lugar” se amplia enquanto categoria de leitura espacial. Em outras palavras, os autores expõem que lugar é concebido como categoria possível de manifestação social espacializada, possuindo em si as características de identidade, poder e, principalmente, do global no local.

Berger e Luckmann (1974, p.35), ao tomarem como referência o conceito de estoque de conhecimento, entendem que todo novo fenômeno ingressado na realidade é interpretado pelos atores sociais à luz das categorias de conhecimento já dispostas nos âmbitos sociais.

Nesta dimensão, a identidade orienta para as escolhas dos sujeitos diante do seu grupo e do conhecimento ao qual têm acesso. Berger e Luckmann (1974) também entendem que o mundo cotidiano é fruto do pensamento e da ação dos homens, tendo como pressuposto o senso comum. Este senso comum detém inúmeras interpretações da realidade, constituídas por subjetividades utilizadas individualmente para a conduta na vida diária.

Outro aspecto relevante, no processo já mencionado por Berger e Luckmann (1974), é que os repertórios de conhecimento fornecem as tipificações necessárias – isto é, os enquadramentos do outro em modelos simplificadores – para o enfrentamento do cotidiano. Por conseguinte, para os autores, a estrutura social é a soma de tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas.

Diante do exposto, a estrutura social é um elemento essencial da vida cotidiana. Na avaliação de Giddens e Sutton (2017), a estrutura social por ser um sistema de classes, como é o caso da família e da economia, é construída a partir de interações sociais que resistem e se alteram com o passar do tempo. Na melhor das hipóteses, a reflexão teórica apresentada contribui para que Schutz (2003) e Goffman (1988) reflitam na tentativa de entender a condição complexa do migrante em cenário de estigmatização. Ao associarmos esse conhecimento teórico com a realidade da fronteira Brasil/Venezuela, encontramos elementos de análise que perpassam o estigma institucionalizado, nos proporcionando notar um movimento contrário dos processos de estigmatização, marcado, sobretudo, pela dinamicidade da fronteira.

No caso da fronteira Brasil/Venezuela, embora a convivência nesta fronteira pareça harmoniosa, Pereira (2010) expõe que há alguns discursos estigmatizados a respeito dos brasileiros e venezuelanos que foram construídos ao longo do intenso contato entre esses dois povos na zona fronteira. Conforme a autora, esses discursos são diversificados e estão em ambos os lados da fronteira. Os venezuelanos, por exemplo, costumam se queixar que o povo brasileiro é “abusado” no sentido de sempre querer reivindicar algo.

No que se refere às mulheres, embora seja perceptível a união matrimonial de brasileiras com venezuelanos, desde o início da migração brasileira para a Venezuela, parte das mulheres brasileiras passaram a ser vistas como prostitutas, principalmente as que trajam roupas mais curtas. Essa representação passou a ser construída devido ao grande número de brasileiras que emigram para a Venezuela para trabalhar em casas de shows ou prostíbulos.

Com a imigração em massa de venezuelanos ao Brasil, e em especial para Roraima, sobretudo a partir de 2016, o cenário em relação às mulheres brasileiras e venezuelanas

inverteu-se devido às venezuelanas passarem a ser estigmatizadas como mulheres que atuam no ramo da prostituição.

Segundo informações contidas na reportagem intitulada “Prostituição de venezuelanas avança com a imigração em massa no Norte” (Figura 13), publicada pela Folha de São Paulo no dia 24/04/2017, a imigração venezuelana na capital de Roraima é marcada pela prostituição de mulheres venezuelanas no entorno da chamada Feira do Passarão, no bairro Caimbé, ação que “acendeu a luz amarela” na Polícia Federal, que apura a exploração da prática no Estado<sup>44</sup>:

A Folha encontrou cerca de 150 prostitutas em bares e ruas próximas à feira que, com gestos com as mãos, tentam “garimpar” clientes a cada veículo que passa [...]. Duas garotas de programa disseram cobrar R\$ 80 por programa – quase o salário médio mensal recebido no país vizinho [...]. Em geral, afirma ter como meta guardar dinheiro para buscar a família na Venezuela ou mandar recursos para que possam se manter (Folha de São Paulo, 29/04/2017).



**Figura 13 – Reportagem da Folha de São Paulo sobre a prostituição de venezuelanas em Roraima (24/04/2017)**

Fonte: Folha de São Paulo (2017).

<sup>44</sup> Em entrevista a Folha de São Paulo, Alan Robson Alexandrino Ramos, delegado da Polícia Federal em Roraima, afirmou que a prostituição em si não é crime, já que muitas venezuelanas estão procurando ganhar a vida. Neste caso, o que a Polícia Federal deseja saber é se há financiadores ou aliciadores por trás desse fenômeno.

Em Boa Vista, as venezuelanas ganharam a fama de “Oitcentas” devido a muitas delas gritarem “ochenta, ochenta!” em algumas esquinas da cidade, já que o valor que cobram por cada programa sexual é de aproximadamente R\$ 80,00 (oitenta reais). O modo de identificar a mulher venezuelana é muito precário e a aplicação muito variável, dependendo de vários fatores, como demonstra, a seguir, o trecho da letra da música “Xote das Oitcenta” de autoria de Júnior Campos (2017) e interpretada por Clovis Gadelha, vocalista da banda Pipoquinha de Normandia:

### **“Xote das Oitcenta” - Pipoquinha de Normandia (2017)**

Um dia desses saí pra paquerar  
No Caimbé, resolvi passar  
E de longe uma muchacha eu avistei  
Chegando perto eu logo perguntei:  
Mira, quanto é o preço ahorita?  
Oitcenta, mi amor!  
Desse jeito meu bolso não aguenta!  
Só dou cinquenta, só tenho cinquenta!

A aplicação de termos pejorativos direcionados às mulheres venezuelanas que emigraram para Roraima, conforme retrata a letra da música “Xote das Oitcenta”, não funciona como demonstração de laços regionais, nem obedece a distinções de natureza étnica ou racial e muito menos ao clássico recorte de classes. Fica evidente, na situação mencionada pela música, que, embora as mulheres tenham ocupado um lugar de destaque na dinâmica da globalização e dos fluxos migratórios, elas também sofrem violência de gênero, sexismo e exploração. Para Novellino (2004), esse fenômeno tem sido chamado de feminização da pobreza. Com isso, observamos uma moralização acerca da experiência das prostitutas, que de acordo com Juliano (2004), têm sido estigmatizadas pela transgressão de uma essência em moralidade feminina.

A relação entre prostituição e país de origem, neste caso, a Venezuela, traz novos elementos para o debate. Elias e Scotson (2000) nos ajudam a compreender os sinais que fundamentam os argumentos de inferiorização, tal como cor, religião, gênero, entre outros. Afirmam, em geral, que as pessoas percebem as outras como pertencentes a outro grupo porque a cor de sua pele é diferente, por exemplo. Logo, os autores destacam que seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o hábito de perceber as pessoas com outra

cor de pele como pertencentes a um grupo diferente e isso vale, sem dúvida, para algumas práticas sociais.

Na tentativa de compreendermos a fronteira Brasil/Venezuela como espaço de interação, de negociação e estigma, consideramos a fenomenologia, através dos estudos de Schutz (1979), como um caminho teórico no campo da Sociologia que nos permite conhecer o mundo segundo a forma como os sujeitos o constituem e nele vivem, interpretando-o, atuando de acordo com o modo como o percebem e, portanto, construindo e alterando este mundo através de suas infundáveis interpretações, ações, reinterpretações e novas ações.

Diante do exposto, para atingirmos a compreensão da fronteira Brasil/Venezuela como realidade social ingenuamente vivida por todos os sujeitos sociais no dia a dia, Schutz (1979) afirma ser preciso pôr em questão o duplo sentido da existência desses sujeitos. Isso significa, entre outras questões, dar ênfase ao desencadeamento de intercâmbios no cenário fronteiriço por meio das parcerias interpessoais de trocas, como será abordado na seção a seguir. Além do mais, nesse processo torna-se necessário questionar a atitude, muitas vezes ingênua e naturalizada, dos indivíduos em constante interação no universo social que se pretende entender.

### **3.3 (Des)encadeando intercâmbios na fronteira Brasil/Venezuela: As parcerias interpessoais de trocas a partir da interação social**

No panorama sociológico, a palavra fronteira não é uma palavra neutra, tendo em vista que desperta sentimentos e valores diferentes. No caso específico da fronteira Brasil/Venezuela, esta pesquisa buscou retratá-la a partir do ponto de vista dos territórios e movimentos migratórios de brasileiros e venezuelanos valorizados pelas narrativas individuais de lugar.

No que se refere às questões sociológicas, considerando que se trata de uma pesquisa de doutorado com o viés sociológico, os questionamentos expostos a seguir aparecem como caminhos para que o trabalho tenha características dos princípios teórico-metodológicos sociológicos: como as teorias sociológicas estão sendo mobilizadas para pensar os espaços de fronteira? Que mediações são possíveis de serem feitas para pensar determinadas particularidades, como é o caso das migrações de brasileiros e venezuelanos, na fronteira Brasil/Venezuela?

Uma reflexão que pode ser feita, a partir dos questionamentos acima, origina-se do pensamento de Simmel (1988) que, ao desenvolver o texto intitulado “a ponte e a porta”, deu abertura ao entendimento de que a fronteira se abre e se fecha. Nessa lógica, resta a essa seção tratar das parcerias interpessoais de trocas na fronteira, dando centralidade à dupla migração, isto é, à emigração de brasileiros para a Venezuela e a imigração de venezuelanos para o Brasil, tendo em vista que, através deste foco, este trabalho poderá aproximar as questões de fronteira e migração no debate sobre a fronteira geográfica e a fronteira simbólica.

Mas, voltando ao conceito da palavra fronteira, podemos defini-la a partir das contribuições de Simmel (1988) e, em seguida, fazer uma associação com o pensamento de Durkheim (2007). Por consequência, ao ser associada com a expressão “entre a ponte e a porta”, a fronteira pode ser designada como o lugar do início ou do fim: início de um Estado, ou fim de outro Estado. Nessa linha de raciocínio, a fronteira torna-se o fim do mundo para quem deixa o seu Estado de pertença ou início do mundo para quem volta ao seu Estado de pertença.

O pensamento de Durkheim (2007), por sua vez, nos permite reconhecer a fronteira como fato social devido à fronteira ser entendida como uma coisa criada (feita) pelos seres humanos. Bento (2012, p.14-15) reforça o pensamento de Durkheim (2007) ao definir a fronteira como coisa social, exterior, que se impõe de modo coercitivo a determinada coletividade:

Fronteiras (físicas e culturais) não são obras da natureza, são criações humanas. Ter fronteiras talvez seja algo natural, mas a feição específica de cada fronteira é sempre uma questão de cultura, criação humana, particular, mutável. Assim, também as fronteiras físicas se movimentam, mudam de lugar ou de feição [...]. Mesmo sendo reais, nem sempre as fronteiras são visíveis. Além de fronteiras físicas, sedentárias, como as fronteiras geográficas entre os Estados, fronteira *stricto sensu*, podemos pensar, também, em fronteiras *lato sensu*, fronteiras nômades, espaço de encontro entre sujeitos diferentes no miolo dos Estados, e não somente nas suas bordas físicas. Fronteiras culturais também são reais. Quando dois grupos culturais diferentes se encontram no miolo do Estado, tal encontro há um quê de fronteira (cultural), mesmo não ocorrendo nas bordas físicas do Estado (BENTO, 2012, p.14-15).

Em tal sentido, as fronteiras geográfica e simbólica são constitutivas da vida social. Desse modo, não significam necessariamente divisão e sim, distinção, indicando função social reguladora ao aproximarem e/ou separarem vizinhos por meio da diversidade cultural e interação social. No nível mais elementar da Sociologia, a interação social é definida por Giddens e Sutton (2017) como qualquer forma de encontro social, em situações formais ou

informais, entre dois ou mais indivíduos. Em geral, os pressupostos da fenomenologia seguem essa definição ao interpretarem como as pessoas adquirem as suas premissas óbvias sobre o mundo.

Nessa sequência, a sociologia fenomenológica consiste na tentativa de descrever os processos de estabelecimento e interpretação de significado tal como os realizam as pessoas que vivem no mundo social. Além das características já expostas, a sociologia fenomenológica enfoca sua análise nos objetos culturais e trata de compreender o seu significado, aplicando-lhes os esquemas interpretativos, bem como retrata Schutz (1972).

Consequentemente, toda a construção teórica da fenomenologia passa pela compreensão do mundo social ou mundo da vida. Este mundo, conforme Schutz (1972), é a esfera social em que se processam as relações entre os homens. É o mundo do cotidiano, das ações triviais que, em conjunto, formam a experiência de vida dos atores sociais.

Portanto, o significado de interação social para a sociologia fenomenológica volta-se ao estado de vida coletiva onde a maioria da população ordena suas ações sociais cotidianas. Diante da referida definição, Gallino (2006) deixa transparecer que a interação social caracteriza-se por baixo nível de conflito, além de ser marcada pela gestão eficaz dos conflitos, evitando rupturas e fortalecendo a integração ao manter a diversidade.

Nesse panorama, cabe mencionar a fronteira Brasil/Venezuela como espaço geográfico e simbólico que é, também, marcada cotidianamente pela interação social, mantida muitas das vezes pela diversidade cultural e, em algumas situações, pelos conflitos sociais. O tipo de interação social mais comum nesta fronteira é caracterizado pelas relações comerciais, relações de trabalho e pelos casamentos, que possuem, entre suas peculiaridades, os interesses binacionais. Isto permite analisarmos as distâncias e aproximações entre a realidade vivida pelos migrantes brasileiros e venezuelanos em ambos os lados da fronteira e a fronteira almejada por cada um desses povos.

Como observou Albuquerque (2010), a interação pensada no sentido de integração explica as diferentes realidades e conflitos vividos no cenário fronteiriço. Neste ponto, o referido autor reconhece que, sendo feita uma problematização da fronteira, torna-se necessário discutir os conflitos e as relações desiguais de forças fixadas em ambos os Estados-Nações.

As reflexões levantadas por Albuquerque (2010) nos permitem refletir sobre o chamado “movimento das fronteiras”, já que os acordos entre os Estados oscilam conforme os fluxos migratórios e se intensificam junto aos conflitos econômicos em ambos os países que

constituem a fronteira. A partir disso, Canclini (2008) indica que é preciso repensar as conceituações sobre fronteira buscando ir além da ideia de fronteira fixa e sugerindo o termo “fronteiras em movimento”. O autor indica, na verdade, como a mobilidade das fronteiras não se restringe apenas aos resultados de acordos oficiais travados pelos conflitos políticos e econômicos entre os dois países, mas à interação e convívio entre as pessoas, conflitos e acordos entre municípios, associações e pessoas que moram e trabalham nestas regiões.

A análise de Canclini (2008) pode ser associada à visão de Martins (2009, p.10), que considera a fronteira como “ponto limite que os territórios redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos”. Ainda nessa visão, Martins (2009) realça que a fronteira não se reduz à fronteira geográfica, ela engloba a fronteira das civilizações, do espaço, das culturas, das visões de mundo, das etnias, da história, da historicidade do homem, do humano.

Por isso que, nesse estudo, torna-se evidente que as percepções dos sujeitos entrevistados sobre a fronteira compreenderam, entre os exemplos citados no decorrer das narrativas, as necessidades de cada um de fazer uso do lugar fronteiriço como meio de sobrevivência, onde a presença do Estado, seja ele brasileiro ou venezuelano, no controle em ambos os lados da fronteira e sua interferência na economia local estimula transformações dos migrantes brasileiros e venezuelanos.

Este ponto de análise evidencia que as diferentes assimilações sobre a fronteira Brasil/Venezuela obtidas no decorrer do contato com brasileiros e venezuelanos de distintas realidades sociais pautaram-se nas trajetórias individuais e nas condições de vida experimentadas no dia a dia juntamente aos costumes e valores morais compartilhados por cada um desse povo.

De acordo com essa ideia, como discutir e apresentar, nesta tese, as formas de viver retratadas por cada migrante colaborador desta pesquisa? Logo, como justificar socialmente as interações entre brasileiros com a população venezuelana no lado da Venezuela e as interações entre venezuelanos e brasileiros no lado do Brasil?

A pesquisa de campo verificou que as interações sociais estabelecidas entre brasileiros e venezuelanos se dão, sobretudo, por meio das relações comerciais, relações de trabalho, relações familiares e de amizades. Sendo assim, direcionamos o conceito de interação social a uma possível associação com as relações comerciais, de trabalho e familiares. Apesar dessa associação, é importante deixar claro que, do ponto de vista estatístico, é praticamente

inviável classificar e explicar o conjunto de interações sociais estabelecidas entre os sujeitos migrantes já mencionados.

Da forma definida por Schutz (1979), a interação social é um processo que ocorre quando as pessoas agem em relação recíproca em um contexto social. Desse ponto de vista, Weber (2009) argumenta que não podemos compreender o que as pessoas fazem sem ter uma ideia de como elas, de forma subjetiva, interpretam seu próprio comportamento.

A fenomenologia está intimamente relacionada com a interação social por ser o estudo da experiência humana consciente na vida diária. Por este motivo, baseia-se na ideia da construção social da realidade por meio da interação entre indivíduos que utilizam símbolos para se interpretar reciprocamente e atribuir significado a percepções e experiência, como lembra Johnson (1997).

Assim, a sociologia fenomenológica considera como sua tarefa principal o estudo do mundo da vida. Neste percurso, Schutz (2003) destaca como mundo da vida as rotinas diárias, as interações e eventos aceitos como coisas naturais e considerados não só como origem da experiência individual, mas também das formas assumidas por grupos e sociedades. Esses argumentos podem ser associados ao conceito de mobilidade social que, embora seja muito amplo, quando utilizado com precisão, significa uma concepção muito mais extensa dos tipos de posições sociais entre os quais os indivíduos podem mover-se do que aqueles definidos simplesmente por classe social.

Ao discutirmos a interação social na fronteira Brasil/Venezuela por meio das parcerias interpessoais de trocas, identificamos os migrantes brasileiros e venezuelanos como sujeitos sociais e históricos que interagem em meio às relações sociais vividas ao passarem pelo processo de socialização. Socialização é, para Giddens (2002), um conceito que reconhece que identidades sociais, papéis e biografias pessoais são construídos por meio de um processo contínuo de transmissão cultural.

Na Sociologia, existe uma série de teorias da socialização. Entre elas, as que sugerem que o problema sociológico é sempre a compreensão do que acontece em termos de interação social. Por isso, Berger (2012, p.47) destaca que “o problema sociológico consiste menos em determinar por que algumas coisas ‘saem erradas’ do ponto de vista das autoridades do que conhecer como todo o sistema funciona, quais são seus pressupostos e como ele se mantém coeso”.

Poderíamos dizer, deste modo, que o surgimento de uma consciência sociológica é particularmente provável, como diz Berger (2012, p.65), “numa situação cultural

caracterizada pelo o que chamamos de ‘alternação’, a possibilidade de opção entre sistemas de significados diversos e às vezes contraditórios”. O autor também demonstra que a grande intensificação da mobilidade geográfica e social se constitui como causa importante desse fenômeno. Um exemplo, a partir da narrativa da venezuelana Mariela Fariñas<sup>45</sup> – odontóloga de 48 anos, natural de Mérida e residente em Boa Vista desde 2005, sendo que, entre os anos de 2000 e 2005, viveu na cidade de Recife/PE – tornará mais claro o entendimento de que as pessoas que mudam seu ponto de vista geográfico frequentemente mudam também a imagem que fazem de si mesmas. Basta lembrar, como demonstrará a narrativa a seguir, das transformações de identidade que podem resultar de uma “simples” mudança de residência:

Siempre tuve el sueño de ser odontóloga, cuando aún vivía en mi país. Por cuenta de ese sueño, me gradué en odontología y tuve la oportunidad de ejercer mi profesión en Venezuela hasta que conocí al padre de mis 02 (dos) hijos, que es brasileño, natural de Recife/Pernambuco y vivió un tiempo en Aragua para seguir medicina, inclusive nos conocimos allá, pues me mudé de Mérida para Aragua en búsqueda de trabajo [...]. Después que nos casamos, en 1995, Joaquim me convenció de mudarnos para Recife, ya que allá tendríamos oportunidad de trabajar y continuar especializándonos[...]. Acepté ir para Recife porque yo ya sentía que Venezuela se convertiría en lo que se convirtió hoy, por ser un país que siempre importó los productos alimenticios, dejando de invertir en la agricultura. Sin embargo, yo tenía otra imagen de Brasil y de su pueblo. Pensé que no fuese me acostumbrar con la cultura brasileña. Hoy mi visión cambió porque puedo decir que conozco Brasil [...]. Vencí mi miedo y, a pesar de no haber dejado de ser venezolana ya que ese es mi origen, hoy me siento más brasileña que venezolana. Mis hijos son brasileños. Ellos hablan portugués y no español [...]. Por lo tanto, así yo viviendo actualmente cerca de mi país yo practico más la cultura brasileña de que la venezolana. Pero eso solamente fue posible porque yo pasé a vivir en Brasil. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 07/01/2017, na cidade de Boa Vista/RR).

A experiência de Miriela estimula a nos questionarmos o que significa ser migrante ou ser fruto das diversas migrações? Haesbaert (2004) entende que a migração é um acontecimento que envolve deslocamento territorial e implicações identitárias diferentes para cada grupo e sujeito. Além disso, o autor também reconhece que é por isso que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. O exemplo de Mirela, enquanto mobilidade geográfica e social, ilustra a migração como um fenômeno que está presente na experiência vivida por ela. Da mesma forma, também ilustra

---

<sup>45</sup> Nome fictício.

as relações entre o ser e o lugar, haja vista que não há experiência sem estar articulada no tempo e no espaço.

Em virtude disso, cada fluxo migratório é definido por sua época e suas necessidades, o que nos ajuda a perceber que existem diferenças, como algumas já ressaltadas, entre a emigração de brasileiros para a Venezuela e a emigração de venezuelanos para o Brasil. Nessa perspectiva, enquanto muitos brasileiros encontraram-se numa situação ambígua de escolher ou não “abandonar” o Brasil em busca de oportunidades na Venezuela, é possível, em alguns casos, que os venezuelanos que migraram recentemente para o Brasil não tenham passado por essa questão de escolha; muitos se afastaram de seu país de nascimento sem noção de retorno, até pelo menos a situação política e econômica da Venezuela se estabilizar.

Por se tratar de uma experiência que envolve ganhos e perdas, a migração fronteiriça pode ser encarada por brasileiros e venezuelanos de maneira diferente, podendo ser uma possibilidade de recomeço e de transformação como aconteceu com a brasileira Maria do Socorro Paiva<sup>46</sup>, comerciante de 64 anos, natural de Grajaú/Maranhão e residente em Santa Elena de Uairén desde 1985:

Assim como eu, muitos brasileiros fizeram a vida aqui na Venezuela. Sei que perdi parte das minhas raízes nordestinas, apesar de sempre ir a Pacaraima, a Boa Vista (cidades que são habitadas por muitos nordestinos). Mesmo eu tendo perdido a oportunidade dos meus direitos de cidadã brasileira para me aposentar pelo Brasil, porque não paguei o INSS, hoje tenho uma vida tranquila. Consegui um patrimônio aqui na Venezuela. Tenho um conforto. Sei que as coisas pioraram por causa dessa crise que a Venezuela está passando e tenho fé que isso vai passar, e que essa crise não chegará aqui na nossa fronteira [...]. Eu vou continuar aqui. Foi aqui que me casei (com outro brasileiro) e meus filhos nasceram aqui. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 20/02/2015, em Santa Elena de Uairén).

A situação de fronteira vivida por Maria do Socorro diverge bastante da situação de fronteira vivida, atualmente, por venezuelanos no Estado de Roraima. Vale considerar que, no que tange a esse processo de diferença, podemos observar, nos estudos de Cardoso de Oliveira (2006, p.112), que “o respeito a diferença é um elemento da interação social”. Evidentemente, mesmo havendo níveis de mobilidade entre brasileiros e venezuelanos podemos levantar a hipótese de que as distinções entre brasileiros e venezuelanos são marcadas por uma construção ideológica associada a uma noção de estrutura de posições, isto é, papéis, grupos de status ou de parentesco, ocupações e classes. Esses itens, segundo Scott

---

<sup>46</sup> Nome fictício.

(2010), implicam ou criam uma diferenciação social dos indivíduos de acordo com a função particular que se espera que desempenhem na vida do grupo. Proporcionam ainda uma constante negociação de definições sociais em que os indivíduos se envolvem e por meio da qual estabelecem um senso de ordem e estabilidade.

As implicações disso são retratadas por Goffman (1988) em sua explicação da relação entre os papéis e os self, dando a entender que os indivíduos interpretam e reinterpretam hesitantemente as ações uns dos outros em situações particulares e, assim, recriam seus papéis a partir dos modelos fornecidos por sua socialização. Trata-se de uma forma sociológica que expressa uma posição na qual a posição de mobilidade e fixidez adquire unidade e permanência social.

Apesar disso, Simmel (1983) destaca que a polissemia da condição de pertencer a um grupo adquire visibilidade singular, desdobrando-se no sentido social de ser do grupo e no sentido espacial de estar no grupo. Assim, através de um jogo de alternância, o estrangeiro simmeliano, que no caso desta pesquisa pode ser o migrante brasileiro ou o migrante venezuelano, é alguém que vem de fora, se estabelece, mas não se torna membro pleno do grupo, não aspirando ser assimilado. Esta é, na verdade, a condição para que o estrangeiro permaneça interagindo positivamente com a sociedade receptora, havendo, neste processo de interação, ligação ao grupo receptor e mobilidade, envolvimento emocional e indiferença, partilha de traços comuns genéricos em detrimento de sentimentos e atitudes específicos e singulares à interação particular em curso.

Em outras palavras, trata-se de reconhecer o sujeito que deixou o seu grupo de origem como um sujeito que deixou de vivenciar face a face o tempo e o espaço comum da vida diária no país de nascimento. Portanto, para Simmel (1983), trata-se de reconhecer, nesse processo, a dominação e subordinação, hierarquia e igualdade, conflito, isolamento e superficialidade como tipos de interações sociais dotadas de significado próprio, sínteses relacionais que podem ser valorizadas ou não conforme o mundo em que se esteja inserido.

Podemos dizer, então, que, nas trajetórias migratórias de brasileiros e venezuelanos, percebemos as diferentes relevâncias e os diferentes projetos sobre as mudanças vividas por cada um deles, favorecendo a compreensão dos significados e os usos da fronteira Brasil/Venezuela como estratégia de sobrevivência, bem como interpretação das lutas e das disputas entre as classes sociais envolvidas nestas relações. Este é, sem dúvida, um ponto importante para iniciarmos uma discussão mais teórica sobre a fenomenologia social, a ser apresentada no próximo capítulo intitulado “Fazendo Sociologia na fronteira: discussões

teóricas sobre fenomenologia social, estigma, estereótipo e desqualificação social numa relação com a migração”.

#### **4 FAZENDO SOCIOLOGIA NA FRONTEIRA: DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE FENOMENOLOGIA SOCIAL, ESTIGMA, ESTEREÓTIPO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL NUMA RELAÇÃO COM A MIGRAÇÃO**

Investigar empiricamente os pressupostos da realidade social, construir uma nova forma de olhar a trama social concreta além de sua aparente obviedade e, por este procedimento, revelá-la em seus potenciais padrões de racionalidade: eis o desafio dos cientistas sociais. (TEIXEIRA, 2000, p.20).

Lugar de passagem de pessoas e de troca de bens materiais e simbólicos, as fronteiras nacionais podem ter diferentes significados dependendo dos objetivos de quem a cruza, seja na condição de turista ou como morador de alguma cidade fronteiriça. Do ponto de vista cultural, elas se transformam em um espaço de hibridação cultural (CANCLINI, 2008), lugar de afirmação identitária e de múltiplas trocas simbólicas. Entretanto, do ponto de vista interno, cruzar fronteiras nacionais pode significar se deparar com um lugar de conflitos e de fricções interétnicas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1963) diante da imposição de valores e interesses de grupos econômicos locais e internacionais.

A abordagem mencionada contribui para que, neste capítulo, sejam discutidos alguns aspectos teóricos fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho, delimitando, a partir dos movimentos migratórios, os conceitos de fenomenologia social, desqualificação social e estigma, sendo que a fenomenologia social é o nosso principal referencial teórico-metodológico para analisarmos as mudanças das tipificações sociais ocasionadas pela inversão do principal fluxo migratório existente na fronteira Brasil/Venezuela, como será apresentado no próximo capítulo.

Sendo assim, a primeira seção deste capítulo reitera a adaptação e a resistência no cotidiano fronteiriço sob o viés da fenomenologia social para retratar experiência migratória na fronteira do ponto de vista teórico. Conseqüentemente, na tentativa de retratar a fenomenologia social como uma abordagem que se ocupa da realidade cognitiva incorporada aos processos das experiências humanas subjetivas, isto é, “dos meios através dos quais um indivíduo se orienta nas situações de vida, da experiência que armazenou e do estoque de conhecimento que tem à mão” (SCHUTZ, 1979, p. 17), a segunda seção situa os efeitos da migração na estrutura social da fronteiriça ao tomar como referência o mundo da vida enquanto mundo social. Com isso, dá-se abertura para que a última seção exponha exclusão e

inclusão social na sociedade fronteiriça com uma discussão teórica sobre estigma, estereótipo e desqualificação social.

No âmbito desta discussão teórica, a experiência fenomenológica dos processos migratórios, no contexto fronteiriço, parte do reconhecimento de que a migração é um fenômeno heterogêneo e que existe uma complexa estratificação social entre os próprios migrantes e a sociedade receptora, nos motivando a compreender a fronteira como uma situação de conflito social. Para Martins (2009, p.133), esse conflito é a descoberta do outro e o desencontro, dando a entender que “a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade” por não delimitar a diferentes concepções de vida, mas a desencontros de temporalidades históricas.

É essa dimensão da intersubjetividade em torno da experiência fenomenológica dos movimentos migratórios que o presente capítulo pretende problematizar a seguinte questão norteadora: o que seria, em Schutz (1979), a experiência migratória em uma estrutura social fronteiriça marcada por mudanças? Com base nas evidências empíricas, é possível dizer que as mudanças – sobretudo econômicas, políticas, sociais e culturais – que marcam uma estrutura social fronteiriça fazem parte do processo que Elias e Scotson (2000) chamam de “estabelecidos” e “outsiders”.

Dessa forma, o cotidiano e a trajetória migratória em uma estrutura social fronteiriça são importantes para percepção, representações e leituras sobre a figura do estrangeiro, mesmo que numa concepção de migração transnacional<sup>47</sup> em que existe um contato de mais frequência do migrante com o país de nascimento devido à ação das redes migratórias.

Nesse enfoque, é preciso ressaltar a contribuição da sociologia em pensar a figura do estrangeiro e sua relação com a pátria. Os trabalhos de Schutz (1979), por exemplo, examinam o estrangeiro, evidenciando a tentativa de adaptar-se ao esquema e modelo cultural já estabelecido, e evidenciam uma preocupação com as dinâmicas sociais que dominam a cena entre os sujeitos migrantes na relação com a sociedade de destino. Simmel (1983), por sua vez, estuda o estrangeiro com ênfase nos polos opostos e complementares em relação dialética das formas sociais: estabilidade/mobilidade, distância/proximidade, inclusão/exclusão, a fim de poder entender a dimensão da alteridade.

Nos aspectos mencionados, a interação social, na visão de Simmel (2006), por ser um processo no qual duas ou mais pessoas agem numa relação recíproca em determinada

---

<sup>47</sup> Tal fato ocorre porque a transnacionalidade das migrações propicia, segundo Ambrozini (2009), a manutenção das ligações sociais do transmigrante com o seu país de origem, seus costumes e sua bagagem cultural. Ou seja, o imigrante continua mantendo um elo com seu país de origem e começa a construir relações no país de destino. Tal fato é chamado pela doutrina de redes migratórias.

situação, tem um componente essencialmente social que faz com que as ações sejam baseadas em trocas de significados com as demais pessoas envolvidas naquela situação.

No caso da estrutura social fronteiriça, a postura teórica da fenomenologia social possibilita perceber alguns elementos ocultos e ocultados na análise sobre o fenômeno migratório. Neste ponto, um conceito capaz de permitir o “resgate” dos indivíduos inseridos numa situação estrutural de migração em um contexto fronteiriço é o de trajetória. Nas palavras de Bertaux (1979, p.10), a trajetória é definida a partir de uma relação entre a origem, isto é, o lugar na estrutura de classe da família onde a pessoa nasce, e a trajetória posterior.

No que concerne aos migrantes, enquanto indivíduos pertencentes a um determinado grupo social no local de destino, as diferenciações são de duas ordens: em relação aos estabelecidos (população local) e aos que chegam (migrante). Estas diferenciações são extremamente importantes para a realização do seguinte questionamento: qual espaço o migrante ocupa na sociedade receptora?

Assim, o questionamento acima contribui para que possamos compreender a trajetória como eixo orientador na distribuição dos migrantes nos níveis e lugares definidos pela estrutura de classe, que, por sua vez, segue o percurso de vida dos indivíduos. Nesse sentido, dentro da possibilidade de uma ordenação de pensamento, Schutz (1978, p.121) indica que “o mundo da vida é constituído das atividades da consciência da subjetividade transcendente”.

Schütz (1978) pressupõe ainda que os indivíduos coexistam e se enfrentem em um mundo social constituído por significados e intersubjetividades. Tal ideia implica no entendimento de que a fenomenologia social representa o estudo dos modos como as pessoas vivenciam diretamente o cotidiano e imbuem de significado suas atividades.

Mas, voltando ao questionamento referente ao espaço que o migrante ocupa na sociedade receptora, a visão fenomenológica possibilita o entendimento de que, na sociedade receptora, o migrante é considerado como indivíduo que tem como função exercer algo, como no campo do trabalho, por exemplo, que a população local não “deseja” fazer. Dependendo do contexto específico em que ocorre o fenômeno migratório, o migrante é estigmatizado como diferente dos moradores do lugar por apresentar costumes diferentes e, conseqüentemente, causa estranhamento na população local. Esse tipo de situação evidencia, por exemplo, uma das maiores dificuldades encontradas em se adaptar ao local de destino, que é exercer outra profissão diferente da que exercia no lugar de origem como estratégia de sobrevivência, o que desperta estranhamento no próprio migrante e nas pessoas com quem ele interage.

O estranhamento poderá ocorrer, segundo Schutz (2010), a partir dos aspectos mais cognitivos da relação do migrante, que para ele é o estrangeiro, com a sociedade na qual procura se integrar. Nessa visão, Schutz (2010) destaca que o estrangeiro é um indivíduo adulto, do nosso tempo e que tenta ser ‘aceito’ ou ao menos ‘tolerado’ pelo grupo do qual ele se aproxima.

Tomando como base esse pensamento de Schutz (2010), verificamos que, em uma determinada sociedade marcada por renúncias e sacrifícios, que enrijece o pensamento dadas as condições de sobrevivência num contexto de privações determinadas por relações desiguais, de apropriação concentrada dos bens materiais e simbólicos, o estranhamento torna-se um elemento que se desenvolve no processo de socialização, surgindo como resposta aos conflitos presentes na interação social e podendo ainda corroborar para a construção de distanciamento entre pessoas.

A partir de tais considerações, verificamos que a sociedade padroniza e legitima suas ações sociais de modo que o homem se adapte e se condicione às estruturas da sociedade. Nesse mesmo sentido, o estabelecimento de papéis sociais no tempo e no espaço é, pelo que tudo indica, um condicionamento da experiência migratória no contexto fronteiriço por meio da adaptação e resistência, como será ressaltado na seção seguinte.

#### **4.1 Em busca da experiência migratória na fronteira: adaptação e resistência no cotidiano fronteiriço sob o viés da fenomenologia social**

Todo indivíduo ocupa uma posição na sociedade à qual pertence, com maior ou menor prestígio, menores ou maiores ganhos, menor ou maior poder. Na realidade, são muitos os papéis atribuídos a um só indivíduo ao longo da sua história de vida, com implicações relativas aos modelos de sociedade. Neste caso, a interação social interfere e determina o viver dos atores ao experimentar e compartilhar coisas dando sentido a elas, num ir e vir ininterrupto alicerçado em dizeres, gestos, olhares, ouvires. Esse procedimento nos leva a refletir sobre os princípios teórico-metodológicos da fenomenologia social, principal teoria sociológica utilizada neste trabalho para retratar a fronteira como lugar da migração.

O sociólogo Alfred Schutz<sup>48</sup>, considerado o principal teórico da fenomenologia social, embasou seu pensamento nos estudos de Max Weber<sup>49</sup> e Edmund Husserl<sup>50</sup>. O primeiro autor,

---

<sup>48</sup> Conforme estudos de Wagner (1983), Alfred Schutz foi um sociólogo e filósofo que nasceu na Áustria, em 1889, e, ao mudar-se para os Estados Unidos no ano de 1939, passou a se dedicar a fenomenologia sociológica. Faleceu em 1959 na cidade de Nova Iorque.

Max Weber, inspirou Schutz a realizar uma interpretação dos tipos ideais para a análise de uma sociedade, isto é, contribuiu no aprofundamento das relações essenciais que existem na estrutura social, pondo em evidência a funcionalidade existente entre diversos grupos sociais. O pensamento de Edmund Husserl, por sua vez, permitiu a Schutz a compreensão dos fenômenos sociais a partir do mundo da vida e do significado atribuído pelo sujeito à ação, amparando-se nos conceitos de intencionalidade e intersubjetividade.

Desse modo, as contribuições de Max Weber e Edmund Husserl à teoria fenomenológica de Alfred Schutz voltam-se à discussão da estrutura da realidade. Nesse processo, a tarefa da fenomenologia consiste em mostrar como o outro, o mundo social, cultural, histórico e natural, ao invés de serem “fatos” já construídos para um sujeito, ao contrário, são constituídos pelo sujeito. Assim, o que é primeiro na ordem sociocultural não é a estrutura social, a sociedade ou a vida social, mas o ser individual radicalmente livre em sua atividade constitutiva. É por este motivo que a fenomenologia social possibilita o olhar sob a dimensão social, tendo por referência as relações intersubjetivas inscritas nas experiências cotidianas dos sujeitos.

No caso do objeto de estudo desta pesquisa, o fenômeno da interação social e estigmatização dos migrantes brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela, alguns conceitos da fenomenologia social podem ser aplicados para a sua interpretação, tais como: *mundo da vida, atitude natural, intersubjetividade, situação biográfica, estoque de conhecimentos, ação social, motivação e tipificação*.

Para definir os conceitos mencionados, Schutz (2003) deixa transparecer que sua fenomenologia discute a estrutura social e salienta a relação social como elemento fundamental na interpretação dos significados. Para isso, elege como relevante a compreensão que se dá na cotidianidade da existência humana no *mundo da vida*, também denominado de mundo social, mundo cotidiano e mundo de senso comum.

Conforme os princípios da fenomenologia sociológica, o *mundo da vida* é o cenário onde o ser humano vive, o qual já se encontra estruturado previamente, anterior ao seu nascimento. Essa explicação é dada por Schutz (2012, p. 92), que diz:

---

<sup>49</sup> Considerado um dos fundadores do estudo sociológico moderno, Max Weber nasceu em 1864 na Alemanha. Hanke (2012) expõe que o referido autor se tornou sociólogo, jurista, historiador e economista. Morreu em 1920 na Alemanha.

<sup>50</sup> Nascido em 1859 no território que hoje corresponde a República Tcheca, Edmund Husserl foi um matemático e filósofo que estabeleceu a escola da fenomenologia. Segundo Barbosa (2015), Husserl tornou-se responsável por romper com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época. Faleceu em 1938 na Alemanha.

o mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos, com sua estrutura particular de significados, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígios etc.

Uma forma de resumir o argumento de Schutz (2012) é dizer que, para os fins deste trabalho, a migração de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil é compreendida nos termos de um movimento desempenhado, em sua dimensão biográfica, por indivíduos que se deslocam fisicamente e socialmente de um lugar para outro. Nesse ponto, convém mencionar que a dimensão principal desse deslocamento é seu caráter processual, ou seja, o foco da análise não recai apenas na partida ou na chegada do indivíduo em um lugar, mas em todo o processo de gênese e transformação dessa movimentação.

Nesse tipo de interpretação, chegadas e partidas de um lugar para o outro devem levar em consideração a noção de pertencimento, uma das dimensões da migração abordada neste trabalho. Muito próximo desse entendimento, Elias (1994) mostra que a ideia de pertencimento busca dar conta da dinâmica existente entre indivíduo e agrupamento, como constituição mútua entre indivíduo e sociedade.

A partir desse entendimento, recorremos a Schutz (2010) para argumentar que a leitura que o migrante faz da realidade estabelecida o faz agir de modo natural a partir do que lhe é apresentado como realidade social. Além disso, tem a capacidade de intervir naturalmente nesse mundo, influenciando e sendo influenciado, transformando-se continuamente e alterando as estruturas sociais. Schutz (2010) denomina de *atitude natural* essa forma do migrante se colocar no mundo da vida.

Diante o exposto, o mundo da vida pode ser compreendido como um mundo cultural e intersubjetivo devido a cada migrante, seja ele brasileiro ou venezuelano, viver em sociedade e manter vínculos com outros indivíduos em diferentes relações sociais, compreendendo e sendo compreendido por meio destas relações.

Dessa forma, para viver no mundo da vida, o migrante se orienta pelo modo como define o cenário da ação, interpretando suas possibilidades e enfrentando seus desafios. Segundo Schutz (2010), isso precede o reconhecimento da situação atual do sujeito constituída por uma *situação biográfica*.

A *situação biográfica* representa, para Schutz (1979, p.73), uma “sedimentação de todas as experiências anteriores do homem, organizadas de acordo com as poses ‘habituais’ de seu estoque de conhecimento à mão, que como tais são poses unicamente dele, dadas a ele

e a ele somente”. Essa definição nos permite entender que, mesmo que cada migrante possua uma biografia diferente, cada biografia é construída dentro de um mundo constituído por todos, mas vivenciado de forma diferente.

Fica evidente, na explanação acima, que o migrante enquanto sujeito social está sempre amparado em sua biografia e em uma comunidade de pessoas que formam o *outro* para ele. De acordo com Schutz (1979), este *outro* é imprescindível. É graças a ele que a sociabilidade se efetiva através dos atos comunicativos.

Não seria exagero dizer que o sujeito, quando se socializa, o faz através de suas experiências. Isto nos permite concluir que, mesmo fazendo parte de uma realidade social vivida por outros sujeitos, lhe confere sentidos diferentes. Esta situação confere ao ser humano um *estoque de conhecimentos*, constituído através de sua vida diária, que faz com que ele dê sentido ao mundo que o rodeia; a isto, Husserl denomina “sedimentação de significado”. Esse *estoque de conhecimento* é construído a partir da *intersubjetividade*.

Schutz (1964) atribui como tarefa da fenomenologia a necessidade de fundamentar criticamente a *intersubjetividade*, considerada categoria fundamental da existência humana no mundo. Isso significa que é na esfera do *mundo da vida*, no âmbito das microrrelações e interações diárias, que a realidade social passa a atuar como um repertório válido e concreto para os seus usuários, correspondendo a um mundo intersubjetivo. Dito de outra forma, corresponde a um mundo do qual os sujeitos participam com outras pessoas.

No entanto, é importante perceber que esse caráter coletivo da realidade cotidiana – que faz dela a realidade social – não se traduz numa homogeneização das percepções da mesma realidade. Cada indivíduo tem um ponto de vista sobre o mundo social diferente dos demais, apreendendo os elementos a seu redor. Neste aspecto, por se constituir em um mundo marcado por subjetividades em constante diálogo e negociação, estabelecidas conforme um conhecimento e uma linguagem comuns, o *mundo da vida* deve ser tomado pela *intersubjetividade*.

Mas, de que maneira acontecem diálogos e negociações na realidade intersubjetiva? Esse questionamento nos leva à análise de um elemento-base ao estudo da sociedade: a *ação social*. Conforme já foi apresentado no início dessa seção, Schutz foi influenciado pela concepção weberiana de sociologia. Weber (1979) considera a *ação social* uma conduta humana dotada de sentido. Esse conceito contribui para o entendimento de que a organização social, nas suas regras e normas, seja vista como resultado de um conjunto completo de ações nas quais os indivíduos escolhem distintas formas de conduta. É justamente essa ênfase sobre

a ação social que faz Schutz (2012) definir a *ação* como a conduta humana projetada pelo sujeito de maneira autoconsciente, intencional, dotada de propósito, podendo ser positiva ou negativa. Desse modo, a situação bibliográfica e o estoque de conhecimentos condicionam a projeção da ação.

É nesse sentido que a interpretação da *ação social*, no âmbito do cenário migratório, pressupõe a compreensão da ação individual em relação à dinâmica social dos agrupamentos aos quais o migrante pertence (BOGNER e ROSENTHAL, 2009). Nessa abordagem, o projeto da ação migratória poderá ser interpretado pelo migrante partir de seus *motivos existenciais*. A partir desse entendimento, Marandola Júnior e Dal Gallo (2010) explicam que migrar obriga os indivíduos a desenvolverem outros tipos de territorialidade ao darem “um salto para o desconhecido”.

Dentro dessa lógica, o envolvimento de brasileiros com a Venezuela e de venezuelanos com o Brasil é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente, havendo fatores encorajadores/incentivadores desse envolvimento, enquanto que podem ocorrer fatores que repelem a tentativa ou interesse no envolvimento. É bom ressaltar que para o entendimento das migrações, a partir da vertente fenomenológica, é preciso atentar também para as redes de sociabilidade, formadas com o auxílio do deslocamento e do enraizamento destes indivíduos.

Conforme foi exposto no capítulo 3, as redes de sociabilidade são essenciais para o entendimento do processo migratório, já que contribuem na assimilação dos motivos e do fluxo que levaram o migrante ao local de destino devido a, geralmente, serem formadas por relações de parentesco, vizinhança e amizade. No caso específico da migração de brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela, essas redes deixam transparecer que, no contexto migratório, devemos levar em conta o nível de interação social e as reações de adaptação dos migrantes às novas condições espaciais e socioculturais na sociedade de acolhimento. A esse respeito, Elias e Scotson (2000) chamam a atenção para a tendência de discutir o problema da estigmatização social como se ele fosse uma simples questão de pessoas que demonstram individualmente um despreço acentuado por outras pessoas como indivíduos.

O argumento de Elias e Scotson (2000) fortalece a visão de Silva (2006) sobre a relação entre os migrantes e nativos. Este último diz que as representações sociais dos nativos sobre os migrantes sustentam práticas sociais discriminatórias e segregativas. O argumento do autor é que os migrantes são os “outsiders”, os estranhos, os diferentes, que são vistos a partir do lugar do outro e, portanto, sob a ótica do etnocentrismo própria dos “estabelecidos”.

Nesse ponto, se tomarmos a estigmatização como um atributo profundamente depreciativo, poderemos recorrer à *tipificação* para justificar que o estigma, enquanto modelo da ação humana, é criado através de um processo de tipicidade. Capalbo (1998) esclarece que a tipificação desempenha um papel importante na compreensão do outro e na interação social, sendo fundamental no estudo das relações sociais que se desenvolvem na vida cotidiana e influenciam nos fatores que determinam a conduta dos sujeitos. Desse modo, as tipificações aparecem como funções sociais, papéis sociais ou comportamentos institucionais.

Voltando às reflexões de Capalbo (1998), verificamos que os sujeitos recebem uma certa visão de mundo e uma série de tipificações, geralmente admitidas no seio do grupo social onde nascem e crescem: são os costumes e hábitos, maneiras típicas de se comportar para alcançar certos fins típicos. Schutz (2012) chama isso de “caráter social do conhecimento”, dando a entender que o estigma é constituído no decorrer do processo de interação social. Nessa situação, a interação social possibilita ao migrante criar um sentido para a sua ação e compreensão do mundo como forma de adaptação e resistência no contexto social em que está inserido.

O que foi mencionado no parágrafo anterior mostra que os esquemas tipificadores estão em diálogo constante e recíproco, fazendo com que a realidade social seja incessantemente negociada e construída no âmbito da sociedade, definida por Blumer (1986) como um conjunto de ações realizadas pelos indivíduos.

Por tal procedimento, Berger e Luckmanm (1974) explicam que os esquemas tipificadores são padrões de pensamento e comportamento que guiam e orientam as condutas sociais, que condicionam a maneira como as pessoas agem e se comportam nas diversas situações sociais. Nessa definição, os esquemas tipificadores são padrões mentais que ajudam a classificar e ordenar tanto as situações sociais, como também as pessoas e suas ações e comportamentos.

Nessa mesma linha de raciocínio de Berger e Luckmanm (1974), Schutz (1979) explica que a tipificação é sempre construída com referências a problemas que despertam nossa atenção e instauram um estado de reflexão em meio à corrente contínua de tempo na qual estamos imersos no dia a dia. Por conta disso, os esquemas tipificadores permitem que as pessoas se orientem na vida cotidiana, interpretando as situações que vivenciam. Ao interpretarmos a tipificação, por esta leitura dos escritos de Schutz (1979), entendemos que o ato de tipificar influencia não só as interpretações sobre eventos ou objetos do presente, mas

também do passado e do futuro, ajudando as pessoas a organizarem mentalmente esses eventos ou objetos.

Schutz (1979) também salienta que a compreensão da realidade social está atrelada à apreensão das suas tipificações, designadas como construtos de primeiro grau, que surgem das falas dos sujeitos. Assim, a função da Sociologia é a elaboração dos construtos de segundo grau, a partir dos de primeiro, construindo, dessa forma, os tipos vividos, sendo que estes esquemas interpretativos do mundo social devem estar de acordo com a compreensão do mundo científico e do senso comum para serem válidos cientificamente.

Mediante essas determinações, na próxima seção partiremos para um aprofundamento no debate do mundo da vida enquanto mundo social, o que dará abertura para o entendimento dos efeitos da migração na estrutura social fronteiriça. De modo igual, ficará evidente que a ação do migrante no mundo social é resultado de uma decisão tomada no mundo da vida, pois o que se destaca nesse processo é a possibilidade de uma ação livre e racional do homem enquanto capaz de agir por decisão própria no horizonte do mundo vivido intersubjetivamente.

#### **4.2 O mundo da vida enquanto mundo social: os efeitos da migração na estrutura social fronteiriça**

Estrutura social é um dos conceitos fundamentais em Sociologia e visa descrever o padrão organizado da atividade social, como propôs Comte, Spencer e Durkheim (SCOTT, 2010). A partir dessa ótica, os pioneiros da Sociologia usaram o termo para se referir às sociedades como totalidades organizadas que não podiam ser reduzidas simplesmente aos indivíduos e suas ações.

Consequentemente, a expressão estrutura social tem sido vista como uma forma de descrever e explicar padrões recorrentes e duradouros encontrados no comportamento social e nos vários elementos que constituem o sistema social. Isso levou autores mais contemporâneos, como Giddens (1984) e Bourdieu (1983), a desenvolverem uma abordagem de maneira mais ampla sobre a estrutura social.

Giddens (1984), por exemplo, afirma que a estrutura social deve ser vista como sistema de regras “gerativo” que é inconsciente e permite às pessoas envolverem-se em cursos de interação particulares. Já Bourdieu (1983) se refere à estrutura social como reflexo internalizado e generalizado das instituições e relações em que os indivíduos estão

posicionados. Esse sistema de disposições é denominado como *habitus*<sup>51</sup>, que pode ser aplicado a várias situações com que as pessoas se defrontam.

O *habitus* age como um mediador fenomenológico entre o mundo social e natural externo e aquele que o agente habita experiencialmente. Em decorrência disso, tem como ponto de partida a dicotomia agente social (indivíduo) e sociedade (estruturas estruturadas e estruturas estruturantes) numa relação dialética entre interioridade e exterioridade.

Nessa passagem, notamos que os migrantes, enquanto atores que interagem na sociedade fronteiriça, constroem e reconstróem a realidade social com base nos esquemas simbólico-cognitivos. Por meio dessa prática, esses migrantes desenvolvem a percepção da realidade fronteiriça e orientam suas ações no mundo societário, estimulando a compreensão do mundo da vida enquanto mundo social.

A abordagem apresentada acima é estimulada pelas orientações intersubjetivas e procedimentos práticos de conduta intencionalmente mobilizados pelos indivíduos na produção da *ação* e da *interação* social, dando a entender o mundo da vida cotidiana como responsável por explicitar as modalidades de ação e interação como dependentes de um repertório magnificamente complexo de “estoques de conhecimento”, “sistemas de tipificação e relevância” (SCHUTZ, 1979).

Numa breve indicação, podemos dizer que, para Schutz (2008), o mundo social é constituído por uma multiplicidade de atores com concepções de mundo diferentes, dando a entender que a sociedade é uma aglomeração de diferentes tipos de conhecimentos. No entanto, o cientista social só julga importante analisar as ações que correspondem a “fatos objetivos” significantes.

A descrição que Schutz (2008) faz do mundo social é descrita como situação face a face, que se reproduz quando há comunidade de espaço e de tempo. O autor salienta que, em linhas gerais, a interação face a face é uma experiência direta entre pessoas que têm vários níveis, que vão da simples atitude de orientação até a interação social.

Isso significa que o pensamento de Schutz (2008) é completado pelas ideias de Berger e Luckmann (1974, p.49) sobre a realidade da vida cotidiana<sup>52</sup>. No geral, os autores avaliam a

---

<sup>51</sup> Scott (2010) diz que o conceito de *habitus* foi adotado por Bordieu como forma de expor suas ideias acerca da estrutura social e ação, tornando-se essencial para a análise da vida social.

<sup>52</sup> As aproximações entre as ideias de Schutz (2008) e Berger e Luckmann (1974) indicam que a Fenomenologia Social e o Interacionismo Simbólico são duas correntes teóricas próximas que marcam o pensamento das Ciências Sociais no cenário contemporâneo. Essa proximidade se justifica devido a seus pensadores compartilharem tanto autores como fontes teóricas, tornando-se difícil separar os princípios de cada uma delas. Cabe destacar também que, para Correa (2005), Berger e Luckmann partem dos pressupostos teóricos de Schutz para desenvolver sua Sociologia do Conhecimento.

vida cotidiana como marcada por “esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como lidamos com eles nos encontros face a face”.

Desta maneira, como a realidade da vida cotidiana, na fronteira, se mantém válida e compartilhada entre muitos membros de um grupo? Como é possível identificar um padrão de realidade social na fronteira se sua substância mais imediata – as interações face a face entre migrantes e a população estabelecida – são suscetíveis à mudança?

As questões acima podem ser respondidas com o auxílio de Berger e Luckmann (1974), responsáveis por afirmar que todas as interações são mediadas por esquemas tipificadores que padronizam as relações em curso na vida cotidiana, oferecendo aos interlocutores conhecimentos pré-determinados através dos quais cada um vivencia a experiência do outro. Ainda no ponto de vista de Schutz (2008), quando as tipificações se tornam estáveis e universalmente reconhecidas, elas dão origem aos “papéis sociais”, às “funções sociais” e ao “comportamento institucional”. Em resumo, a tipicidade se abre e se fecha conforme o grau de anonimato e familiaridade, sendo um processo chave para o surgimento e a manutenção de estigmas recorrentes em determinada sociedade.

Nesse mesmo contexto, entendemos a migração como uma ação social que envolve um conjunto de significações que, por sua vez, geram outros e novos significados – dependendo do lugar que ocupa na estrutura da sociedade em que ocorre. Trata-se, sem dúvida, de um deslocamento de pessoas no espaço físico, que é também um espaço qualificado em muitos sentidos: socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente, como compartilha Sayad (1998).

Nos itinerários migratórios, sujeito e sociedade apresentam-se como uma via de mão dupla, ou seja, a ida e o regresso encontram-se na mesma condição humana e social (SPRANDEL, 2007). Isso justifica que a mesma sociedade de emigração se converte na sociedade de imigração, dependendo de onde e de que forma está sendo abordada. Segundo Oliveira (2016, p.55), “algo parecido ocorre com o sujeito migrante, que ora emigra e imigra nos itinerários de ida e de retorno ou de novas idas, muitas vezes num caminho sem volta”.

A situação mencionada acima não quer dizer que as experiências devem ser exclusivamente pensadas em termos de estruturas sociais interiorizadas, mas também em termos de interações sociais e em termos de repertórios e recursos das estruturas sociais

acionados pelos sujeitos em suas interações. Nessa linha de raciocínio, Dubet (1994, p. 98) faz a seguinte explicação:

A socialização não é total, não porque o indivíduo escape ao social, mas porque a sua experiência se inscreve em registros múltiplos e não congruentes. É nisso que assenta aquilo que se poderá considerar como a autonomia do indivíduo.

Dubet (1994, p.140) também afirma que “as experiências sociais são combinações subjetivas de elementos objetivos”. Essa afirmação revela que a autonomia do indivíduo e sua intersubjetividade, não estão dissociadas da vida social, de suas interações e dos diferentes recursos e repertórios disponíveis na sociedade. A experiência social é, dessa forma, construída socialmente, ainda que experimentada, em grande medida, no nível da intersubjetividade e ainda que vivenciada como experiência individual.

No geral, esses apontamentos nos estimulam a considerar que “ninguém emigra porque quer” (GALEANO, 2008, p.151). Muitas são as causas que continuam provocando as migrações em ordem crescente e deslocando sujeitos e, junto com eles, grupos e sociedades inteiras. Por isso que no próximo capítulo iremos destacar que o cenário das migrações nos desafia a verificar e demonstrar o porquê do impacto da migração venezuelana ter sido maior para o Brasil, especificamente para o Estado de Roraima, do que a migração de brasileiros para a Venezuela, em especial para o Estado Bolívar.

De fato, no que concerne aos itinerários migratórios no cenário fronteiriço, a estrutura social fronteiriça tende a provocar uma dicotomia entre as identidades territoriais, conforme a pluralidade de atores sociais existentes nas zonas fronteiriças (ALBUQUERQUE, 2012). Nesse ponto de vista, o conhecimento interpretativo dos atores sociais envolvidos em um determinado contexto é fundamental para a compreensão das situações que conformam a realidade concreta.

Dada a existência de diversos marcadores de diferença (classe, etnia, gênero, geração e nação) e das distintas concepções dos sujeitos posicionados na intersecção de diferentes fronteiras sociais, Albuquerque (2012, p.77) recorre a Vila (2003) para expor que “as fronteiras e identificações étnicas, regionais, migratórias, de gênero e geracionais atravessam as fronteiras nacionais e não podem ser ocultadas em nome de referentes exclusivos de identificação nacional contrastiva”.

Diante disto, Serrano (1990) evidencia a relevância do mundo social, que fornece o elemento primário para a produção de conhecimento social. Esta produção é marcada por construções previamente elaboradas pelos atores no mundo da vida. O mundo da vida,

observado pela ótica de Schutz (1979, p.72), “se baseia num estoque de experiências anteriores dele, as nossas próprias experiências e aquelas que nos são transmitidas por nossos pais e professores, as quais, na forma de ‘conhecimento à mão’, funcionam como um código de referência”.

Schutz (1979) identifica o indivíduo como construtor do seu próprio mundo, tendo em vista que é responsável por arquitetar sua vida cotidiana, compartilhando suas experiências cotidianas a partir de relações com diferentes atores por meio da interação. Logo, as ações na vida cotidiana só têm sentido em relação às ações dos demais.

A título de exemplo, o próprio migrante, em suas interações com o restante da sociedade receptora, reforça a todo tempo o seu status social, seja positivo ou negativo. Nesse caso, o status positivo do migrante fundamenta-se na sua importância para o desenvolvimento da sociedade receptora. Já o status negativo é marcado por estigmatização ligada à inferioridade do status e faz com que o migrante procure um equilíbrio de vida num ambiente extremamente precário e no limite da exclusão social.

Esse quadro esclarece que migrar é sempre um ato de consciência do sujeito particularmente ou de alguém com quem ele partilha a vida. Deste modo, acreditamos que a conduta do migrante, isto é, a ação, nos termos de Schutz (1979), é baseada em um projeto pré-concebido por ele.

O projeto migratório nasce na relação com a experiência concreta no mundo vivido. Portanto, para a sua concretização é necessário que o migrante tenha consciência desse processo, implicando em dois elementos constitutivos fundamentais: a origem (presente) e o destino (futuro).

De um modo geral, o projeto migratório é elaborado pela existência de demanda de alguma ordem econômica, social e/ou afetiva que surge da constatação crítica da realidade. Neste caso, tanto a origem quanto o destino fazem parte da experiência vivida e sentida do migrante. No entanto, compreender o projeto migratório impõe discutir o cenário social das sociedades de origem e destino. Implica também, como é o caso deste trabalho, interpretar o processo de marginalização a partir do debate teórico em torno da inclusão e exclusão social na sociedade fronteiriça. Para desenvolver esse debate, a próxima seção tomará como referência os conceitos de tipificação, estigma, estereótipo e desqualificação social.

### **4.3 Exclusão e inclusão social na sociedade fronteiriça: tipificação, estigma, estereótipo e desqualificação social**

Considerados conceitos recentes, a exclusão e inclusão social abrangem uma variedade de situações socioeconômicas voltadas a um conjunto de fenômenos que se configuram por meio das relações sociais. No caso específico da exclusão social, Lesbaupin (2006) compartilha que o termo deriva da teoria da marginalidade dos anos 1960, cujo fenômeno compreendia a mão de obra marginalizada na América Latina. Segundo o mesmo autor, o conceito de exclusão está presente em todos os países, independentemente de seu nível de desenvolvimento, tendo em comum a questão social.

De qualquer forma, o estudo da exclusão e inclusão social pressupõe o conhecimento prévio do conceito, sendo esta a razão pela qual apresentamos, a seguir, uma síntese das definições feitas por Hunter (2000) e Sheppard (2006). Posto isto, de acordo com Hunter (2000, p.02-03), exclusão social pode ser definida “como múltiplas privações resultantes da falta de oportunidades pessoais, sociais, políticas ou econômicas”. Nessa lógica, a noção de exclusão social diz respeito à participação social inadequada e à falta de interação social. Sheppard (2006, p.22), por sua vez, afirma que “a inclusão social, por ser um processo que visa promover a inclusão dos seguimentos de vulnerabilidade social, está relacionada com a procura de estabilidade social através da cidadania social, ou seja, todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade”. Sendo assim, a cidadania social preocupa-se com a implementação do bem-estar das pessoas como cidadãos.

A reflexão feita, nos parágrafos anteriores, sobre os conceitos de exclusão e inclusão social proporciona a problematização do conceito de fronteira, concebido numa dimensão espaço-temporal onde se efetua o diálogo entre os sistemas sociais. Nessa sequência, no âmbito da sociedade fronteiriça, a exclusão é compreendida como um monólogo “do sistema de poder”, o qual é produzido na dimensão espaço-temporal da fronteira (STEFFENS; DANTAS, 2016).

Nesse diálogo, a sustentação da inclusão se dá no reconhecimento dos direitos humanos dos cidadãos, o qual implica ir contra a toda forma de marginalização social com base no propósito de “assegurar o direito do desenvolvimento individual e participação social para todos independente de suas necessidades pessoais e de ajuda, como destacam Steffens e Dantas (2016).

À vista disso, o debate acerca da exclusão e inclusão social contribui para a construção da condição fronteiriça (DORFMAN, 2008; PORTO, 2014) no que diz respeito ao uso da

fronteira como *sistema de objetos*, que condicionam a forma como se dão as ações, e no que se refere à condição fronteiriça como *sistema de ações*, que leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. A partir deste foco, Dorfman (2008, p.02) apresenta a condição fronteiriça como

um *savoir passer* [saber passar] adquirido pelos habitantes da fronteira, acostumados a acionar diferenças e semelhanças nacionais, linguísticas, jurídicas, étnicas, econômicas, religiosas que ora representam vantagens, ora o cerceamento de trânsito ou direitos. [...] evidentemente, deve-se duvidar de uma condição fronteiriça universal, haja vista a variedade de relações que podem existir entre os fronteiriços e o território estatal à sua frente e às suas costas: o que temos idealizado aqui diz respeito à fronteira viva e vivida.

Assim sendo, a construção histórica, social, econômica e politicamente estabelecida pelas suas relações locais (como espaço do mundo da vida) e externas (como espaço do mundo social) para a construção desta condição confirma a tese de que a fronteira é um produto historicamente construído, reestruturado e (re)significado. Com base nessa discussão, a condição fronteiriça é constantemente (re)inventada devido à cada momento histórico ela ser refeita, recomposta e estabelecida social e politicamente como um espaço de diálogo e/ou de conflitos. Sem dúvida, essa contextualização é válida para esclarecermos as especificidades dos conceitos de estigma, estereótipo e desqualificação social.

No cenário atual, a realidade social fronteiriça se evidencia como um espaço-tempo híbrido, de invenções e negociações; uma dinâmica na qual a negociação das identidades amplia a possibilidade das fronteiras a serem consideradas “lugares da contradição, ao mesmo tempo periféricos aos estados-nação e plenos de alternativas políticas e econômicas pelo trânsito fronteiriço” (DORFMAN, 2008, p.01).

A emergência de novas/outras identidades na sociedade fronteiriça coloca em evidência o processo de constituição de uma identidade negativa do sujeito. Com isso, convém mencionar que a expressão “identidade negativa” contribui para que os migrantes herdem um status desvalorizado e vivam a experiência da desqualificação social (PAUGAM, 2003). Esse processo, sem dúvida, contribui também para que esses migrantes sejam transferidos das posições sociais anteriormente reconhecidas para uma experiência de viver com/na diferença, na qual a instabilidade do sentido de identificação concede lugar a um emaranhado jogo de identificações provisórias e instáveis, idealizando um novo espaço social visivelmente marcado por uma eventual “crise de identidade” (HALL, 2011).

Por consequência, é no espaço social fronteiro – pouco demarcado, constituído e tangenciado pelas relações de poder – que diferentes sujeitos negociam formas de pertencimento no sistema de significação social. Diante disso, as subjetividades são produzidas ao mesmo tempo em que produzem relações sociais como efeito das experiências do sujeito e das suas relações com outros sujeitos, com as coisas e com o mundo. De modo sequente, a repetição de discursos sobre o outro possibilita a constituição e a disseminação de representações da realidade, além da demarcação de zonas de pertencimento capazes de fixar posições como desejáveis e indesejáveis.

Os discursos sobre o outro são frequentemente repetidos com o padrão do chamado “hábito” (LAHIRE, 2002; KAUFMANN, 2003) e podem permear tanto as ações sociais quanto as individuais. Em suma, podemos dizer que toda atividade humana está sujeita ao hábito. Mas qual o papel social do hábito? Para Castro e O’Donnell (2015), o hábito fornece um padrão a partir do qual agentes aprendem “como as coisas são” sem que cada situação tenha que ser definida de novo, etapa por etapa, cada vez que acontece. Logo, podemos dizer que, diante das situações apresentadas, no decorrer da vida cotidiana, recorremos a um “estoque” social de conhecimento que fornece os esquemas tipificadores para as principais rotinas que preenchem o dia a dia. Isso significa que as tipificações não se restringem ao âmbito das interações sociais, valendo também como instrumento de padronização de acontecimentos e experiências por contribuírem na formulação de ideias sobre os indivíduos e o mundo social.

Os processos de formação de hábitos, expostos anteriormente, são denominados por Beger e Luckmann (1974) como institucionalização, já que estes autores reconhecem a origem das instituições na tipificação das ações habituais. Contudo, não é possível definir os indivíduos sociais apenas por um pertencimento típico – classe social, gênero, raça, idade, etc. –, tornando-se necessário apreender a relação entre as disposições dos indivíduos e as estruturas sociais.

Nessa situação, os grupos constroem características positivas ou negativas deles mesmos nos processos de interação ou as impõem a outros grupos (DIEHL, 2017). Evidentemente, no processo de interação entre os indivíduos, estas características contribuem para o surgimento de símbolos que originam as formas acentuadas de diferenciação social, ou seja, determinados tipos de desigualdade e discriminação originados no processo de interação, visto que os atores vão reproduzindo em suas ações símbolos que possuem significados. Segundo Gallino (2005), quando esses símbolos são resultantes de avaliações negativas,

capazes de marcar severamente a identidade e a autoestima do indivíduo, é que surge o estigma, conceituado por Goffman (1988) como rótulo social negativo que identifica pessoas como desviantes, não porque seu comportamento viole normas, mas porque elas têm características pessoais ou sociais que levam outras pessoas a excluí-las.

Em termos gerais, para uma melhor compreensão a respeito dos estigmas, Goffman (1988) propõe a visão de que este conceito é constituído socialmente, além de ser permeado, na relação social cotidiana, pela ideia da presença física entre estigmatizados e normais. Essas considerações fazem com que Goffman (1988) acredite que o indivíduo estigmatizado possui duas identidades: a real e a virtual.

O pensamento de Goffman (1988) é explicado por Siqueira e Cardoso (2011), que fazem as seguintes definições: a identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para com o estranho que aparece à sua volta. Logo, são exigências e atribuições de caráter feitas pelos normais quanto ao que o estranho deveria ser. Desse ponto de vista, uma dada característica pode ser um estigma especialmente quando há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Portanto, nessa relação entre identidades real e virtual, Goffman (1988) descreve três tipos de estigma:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1988, p.14).

Em consequência da descrição acima, o estigma é um símbolo, um elo utilizado por um grupo ou indivíduo com a finalidade de exercer a dominação sobre outro. Em geral, essa dominação ocorre de diversas formas, podendo variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo por intermédio de elementos de rotulação, estereotipização, separação, perda de status e discriminação.

Várias explicações podem ser prontamente extraídas do pensamento de Goffman (1988). Uma delas consiste em reconhecer a rotulação como processo social de eleger uma determinada característica e aplicá-la a alguém, não indicando, necessariamente, que este indivíduo a possua (LINK; PHELAN, 2001).

Os rótulos, na verdade, ligam uma pessoa ou grupo a um conjunto de características desagradáveis que formam o estereótipo. Em outras palavras, Link e Phelan (2001) reforçam que, a partir dos rótulos empregados às pessoas e grupos estigmatizados, estereótipos são criados, constituindo, com tal característica, o processo de estereotipização.

A estereotipização propicia, na realidade, o entendimento de que as pessoas dispõem de uma gama de termos que estigmatizam outros grupos e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000). Por conseguinte, o estigma é tratado como um símbolo que um grupo estabelecido apresenta sobre um grupo subjugado por um poder de dominação.

Em condições gerais, o poder de dominação é definido por Becker e Arnold (1986) como prestígio, riqueza e habilidade de manter o controle social sobre alguém. Essa explicação justifica o processo que envolve a sociedade e o estigma, dando a entender que a sociedade tem o poder de impor suas normas, valores e crenças sobre pessoas com menos poder. No nível de comportamento social, as pessoas tomam atitudes específicas sobre um determinado estigma e sobre os comportamentos das pessoas estigmatizadas, influenciando a forma pela qual um indivíduo estigmatizado é inserido num grupo ou excluído socialmente.

No ponto de vista de Becker e Arnold (1986), os indivíduos estigmatizados tornam-se cientes da forma como os outros os veem. Para os mesmos autores, aquele que é estigmatizado pode sofrer um complexo processo de normatização, o qual se dá pela forma que o indivíduo estigmatizado se adapta à sociedade, com a intenção de restringir sua diferença das normas culturais.

Algo semelhante ocorre em relação aos estereótipos, que criam, por exemplo, consensos sociais a respeito de categorias étnico-raciais, regionais, de gênero e de orientação sexual. Esses elementos sustentam e reproduzem as desigualdades a que estas categorias estão historicamente submetidas. No âmbito dessas características, Johnson (2015) caracteriza o estereótipo como uma forma de tipificar e marcar diferenças que são socialmente significativas, definindo previamente categorias de pessoas à medida que os estereótipos as classificam.

Os argumentos desenvolvidos até aqui especificam os estereótipos e estigmas como formas de pensar, representar e marcar as diferenças. Esse propósito associa-se ao processo de desqualificação social, designado por Paugam (2003) como mudanças relacionadas às condições de vida degradadas ou precarizadas. Trata-se, desta forma, de “estudos a diversidade do status que definem as identidades pessoais, ou seja, os sentimentos subjetivos

acerca da própria situação que esses indivíduos experimentam no decorrer de diversas experiências sociais e, enfim, as relações sociais que mantém entre si com o outro” (PAUGAM, 2003, p.47).

Sobre esse aspecto, Paugam (2003) menciona que a construção conceitual da desqualificação social compreende situações de pobreza além de também estar vinculada a processos de exclusão. Esse princípio estimula o autor a articular os seguintes pressupostos acerca do conceito de desqualificação social: 1) Noção de trajetória – processo entendido de forma longitudinal, o que permite apreender o percurso temporal dos indivíduos; 2) Conceito de identidade – conjunto de percepções positivas ou negativas sobre quem são os indivíduos em relação a eles mesmos, aos outros e aos sistemas sociais; 3) Aspecto da territorialidade – base espacial que abriga processos excludentes.

Os pressupostos apresentados acima evidenciam que a desqualificação social surge em decorrência de processos de inclusão marginal. Nessa situação, o que ocorre é que o contato estrutural entre dois grupos nacionais ou grupos nacionalizados, em um contexto fronteiriço, contribui para que a sociedade fronteiriça, assim como outras sociedades contemporâneas, seja delimitada por categorias e diferentes classes no seu interior.

Certamente, condições sociais em transformação no cotidiano fronteiriço recolhem a percepção subjetiva e objetiva de alguns sujeitos que se encontram em situação de mudança social. Essa realidade é, sem dúvida, o ponto de partida para que o próximo capítulo “Interações e estigmas entre brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela: redefinição do fluxo migratório” explore algumas dimensões cotidianas emergentes das interações entre pessoas de diferentes nacionalidades na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, em particular os migrantes brasileiros e venezuelanos. Posto isto, será evidenciado a complexidade da realidade migratória da fronteira Brasil/Venezuela, considerando a emergência dos processos sociais que vão além dos limites geográficos, culturais, políticos das sociedades neles envolvidas.

## **5 INTERAÇÕES E ESTIGMAS ENTRE BRASILEIROS E VENEZUELANOS NA FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA: REDEFINIÇÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO**

Pensar a etnicidade em relação a um grupo e sua cultura é como tentar aplaudir somente com uma mão (BARTH, 1995, p.16).

Considerar as interações e estigmas sociais na relação estabelecida entre os migrantes brasileiros e venezuelanos com a população estabelecida na fronteira Brasil/Venezuela é adentrar no entendimento de que o estigma é um fenômeno que se dá nas interações sociais.

Definido o estigma, partimos agora para a delimitação de suas manifestações. Sobre isso, Corrigan e Lundin (2000) explicam que o processo de estigma é manifestado por estereótipos que são construídos com a experiência, adquiridos através do contato regular com membros de um grupo em particular. Os autores ressaltam que as pessoas desenvolvem atitudes em relação a certos grupos com base no número de vezes que interagem com ele.

Tendo em vista o contexto apresentado, este capítulo tem por objetivo principal a exposição e a análise dos contextos e processos de interação e estigmatização vivenciados cotidianamente pelos interlocutores desta pesquisa na fronteira Brasil/Venezuela. Paralelo a isto, os migrantes brasileiros e venezuelanos se colocam no centro de um processo marcado pela noção de “sociedade de emigração e imigração” (SAYAD, 1998) em que a alteridade deriva do “não-lugar” a que o sujeito desenraizado passa a ocupar no trânsito entre duas sociedades. Característica esta que fundamenta o estigma enquanto um atributo profundamente depreciativo marcado através das relações sociais onde um lado é depreciado com relação ao outro “normal” (GOFFMAN, 1988).

Neste sentido, ao mesmo tempo em que as trajetórias de sociabilidade moldam o indivíduo migrante na sua relação com a sociedade receptora, os sujeitos que possuem vários atributos sociais negativos são mais facilmente identificados como migrantes. Então, conforme Uriarte (2009), o estigma se projetará com mais facilidade naqueles considerados mais diferentes em termos de cultura, religião, classe e raça.

O estigma do migrante dificulta sua vida principalmente no processo de interação social com a sociedade já estabelecida no local de destino. Desta maneira, a análise apresentada nas seções seguintes tem como propósito explicar as categorias expressas do vivido extraídas dos discursos dos migrantes brasileiros e venezuelanos e de suas representações consulares. Conseqüentemente, falar de migrantes brasileiros e venezuelanos sem levar em conta as interações que estruturam o universo social do qual fazem parte

difícilmente nos fornecerá uma imagem vívida da experiência migratória e da sociedade na qual se realiza.

Portanto, no que se refere aos conteúdos das seções que compõem esse capítulo, esclarecemos que, inicialmente, faremos uma contextualização da experiência de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos no Brasil, dando ênfase ao princípio de que essa dinâmica migratória é recente e acontece especificamente, no caso dos brasileiros, na cidade de Santa Elena de Uairén (Estado Bolívar/Venezuela) e, no caso dos venezuelanos, nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, ambas pertencentes ao Estado de Roraima (Brasil). Nessa lógica, desenvolveremos um debate acerca das mudanças das tipificações sociais ocasionadas pela inversão do fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela. Com essa inversão, marcada pelo deslocamento em massa de venezuelanos para Roraima, os processos de estigmatização e estereotipização tornaram-se cada vez mais evidentes. Por fim, diante desse contexto de migração fronteiriça, refletiremos sobre o modo como brasileiros e venezuelanos são representados pela população já estabelecida na fronteira Brasil/Venezuela.

### **5.1 A experiência de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos no Brasil: uma contextualização da dinâmica migratória recente**

As migrações internacionais estão relacionadas às ocupações dos mais diversos pontos do planeta e, atualmente, “vêm passando por profundas mudanças em suas formas de organização socioespaciais e nas significações atribuídas pelos diversos sujeitos que migram” (ALBUQUERQUE, 2014, p.02). Ainda conforme o autor, essas mudanças indicam que todas as migrações são, por consequência, fronteiriças devido, entre outros motivos, às fronteiras nacionais, culturais e simbólicas estarem em movimento e em constante redefinição nos processos de interação social dos migrantes com a população local do lugar de destino e também com os familiares e amigos que ficaram no lugar de origem.

No caso específico do lócus de investigação desta pesquisa, a fronteira Brasil/Venezuela, é importante verificar as formas criativas em que brasileiros e venezuelanos se tornam sujeitos de suas experiências migratórias e que, para além de materialidades, as migrações promovem trocas, partilhas e inserção de novos conhecimentos e valores, mesmo havendo situações de manifestação de estigmas em um processo de desqualificação social.

Importa reconhecer que a migração de brasileiros e venezuelanos, na fronteira Brasil/Venezuela, comporta fluxos e refluxos importantes para o entendimento de que esse cenário das migrações nos desafia a verificar e demonstrar o porquê do impacto da migração

venezuelana ter sido maior para o Brasil, especificamente para o Estado de Roraima, do que a migração de brasileiros para a Venezuela, em especial para o Estado Bolívar.

Pensamos, então, que apesar de poucos dados e bibliografias específicas que comparem as migrações de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil, os brasileiros que começaram a emigrar para a Venezuela a partir do ano de 1970 possuem um propósito de migração e perfil diferenciados dos venezuelanos que passaram a chegar ao Brasil, sobretudo, a partir de 2015, embora ambos os povos tenham realizado outra etapa migratória antes de chegarem ao destino atual.

No entanto, antes de apresentarmos as análises mais específicas para os migrantes brasileiros e venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela, pretendemos abordar esse fenômeno migratório de um modo mais geral. À vista disso, o que mais chama a atenção, inicialmente, é que, mesmo a emigração de brasileiros para Santa Elena de Uairén compreendendo um marco temporal de 37 anos, nesse período o número de brasileiros residentes na Venezuela corresponde a cerca de 15 mil, como apresentamos no capítulo 01. Ao contrário da atual imigração venezuelana nas cidades brasileiras de Pacaraima e Boa Vista, que já foi noticiada pela mídia televisiva e impressa de Roraima em 2017 com o número de aproximadamente 30 mil pessoas em menos de 02 anos, sendo que a maioria vive de forma irregular.

Como exemplo de notícia referente à presença de venezuelanos em Roraima, citamos a reportagem da EBC Radioagência Nacional intitulada “Ao menos 30 mil venezuelanos já migraram para Roraima”, publicada em 13/02/2017 (Figura 14). A reportagem expressa que muitos venezuelanos buscam assistência no Centro de Referência ao Imigrante, abrigo mantido pelo governo do Estado de Roraima:

Durante o ano de 2016, Roraima viu crescer o fluxo migratório de venezuelanos no estado. Foram cerca de 30 mil estrangeiros, segundo estimativa do governo estadual [...] na capital, Boa Vista, é possível vê-los por toda parte. Fazendo malabares ou limpando para-brisas nos semáforos, vendendo artigos pelos bares e restaurantes ou em busca de suporte no Centro de Referência ao Imigrante, um ginásio de esportes na zona oeste da cidade que virou a casa de centenas deles. (EBC Radioagência Nacional, 13/02/2017).

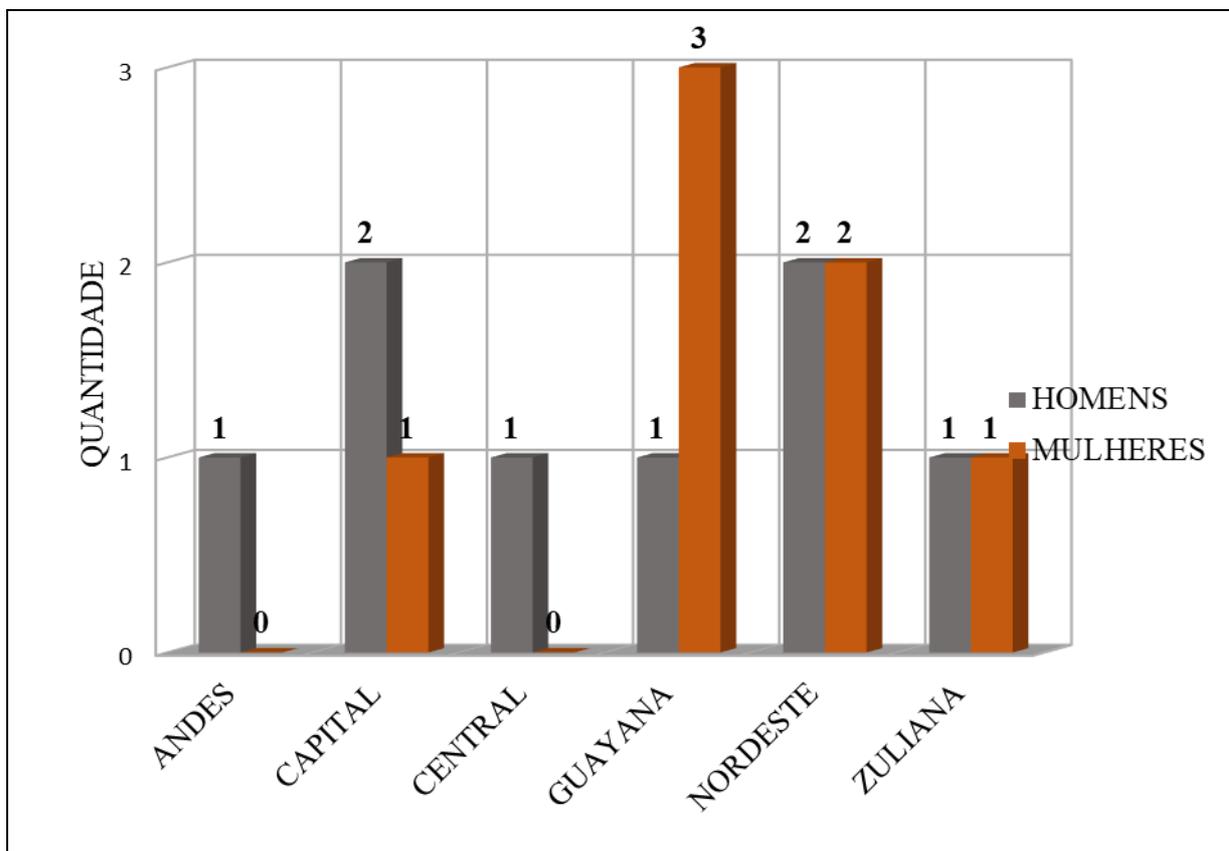
The image shows a screenshot of a news report from EBC Radioagência Nacional. The header features the EBC logo and the text 'Radioagência Nacional'. The main headline is 'Ao menos 30 mil venezuelanos já migraram para Roraima'. Below the headline are social media sharing buttons for 'Gosto 0', 'Tweetar', and 'G+'. The URL is 'http://radioagencianacional.ebc.c'. The report is dated '13/02/2017 - 15h13' and is categorized under 'Direitos Humanos, Especiais'. The author is 'Grazielle Bezerra'. The text of the report states: 'A **Radioagência Nacional** divulga, a partir desta segunda-feira (13), a primeira matéria especial, de uma série de três, sobre a situação de venezuelanos que estão migrando para o Brasil em busca de melhor qualidade de vida. A matéria de hoje aborda o crescimento do fluxo migratório de venezuelanos que entram no país por Roraima. A reportagem foi produzida pela equipe de jornalismo da **Rádio Nacional da Amazônia**.'

**Figura 14 – Reportagem da EBC Radioagência Nacional sobre a migração de venezuelanos em Roraima (13/02/2017)**

Fonte: EBC, 2017.

O dado da reportagem, além de ser preocupante, só confirma que o impacto da migração fronteiriça tem sido maior para Roraima, pois o estado brasileiro está exposto à segurança pública nacional em razão de fronteira desprotegida, caracterizada por diversas vias de acesso clandestinas utilizadas como rota de tráfico de pessoas, de drogas e de armas (SANTOS, 2015). Além disso, a intensidade do fluxo migratório, a ponto de ser descrito por outros veículos de comunicação como êxodo ou invasão, levou o governo de Roraima a decretar estado de emergência por receber venezuelanos de diferentes regiões da Venezuela (Gráfico 01).

**Gráfico 01– Origem dos entrevistados venezuelanos por Regiões Administrativas da Venezuela<sup>53</sup>**



**Fonte:** Amostra de 15 migrantes venezuelanos. Pesquisa de campo, 2016, 2017.

Outras justificativas que corroboram para que o impacto da migração de venezuelanos seja maior para Roraima do que a migração de brasileiros para Bolívar estão entre as prováveis motivações para esse fluxo migratório. De modo comparativo, afirmamos que, enquanto os brasileiros passaram a migrar para a Venezuela de forma espontânea – este fluxo é, de certo modo, um prolongamento das migrações internas, resultado da expansão da fronteira agrícola na Amazônia (BECKER, 2007) e a frente garimpeira (RODRIGUES et al., 2016) –, os venezuelanos têm praticado a migração forçada para Roraima.

Os acontecimentos indicam que o movimento migratório de venezuelanos para o Brasil possui um fator de expulsão muito expressivo, no qual as situações de debilidade econômica, social e de segurança fazem com que muitos venezuelanos deixem seu país em

<sup>53</sup> Desde um decreto de 1969, as Regiões Administrativas da Venezuela agrupam Estados, Distrito Capital e dependências federais da Venezuela, sendo classificadas da seguinte forma: Região dos Andes, Região Capital, Região Central, Região Centro-Oeste, Região Guayana, Região Insular, Região dos Llanos, Região Nordeste, Região Sudoeste e Região Zuliana.

busca de um emprego em condições dignas ou de uma moradia para que, assim, amenizem o desespero causado pela fome e pela pobreza.

O que acontece, nesse cenário, é que o movimento migratório de venezuelanos para Roraima configura-se nos princípios de sobrevivência. Isso quer dizer que, embora seja um movimento forçado em virtude das condições em que se encontra o migrante na origem, não possui maiores resguardos no sistema internacional da mesma maneira que os refugiados<sup>54</sup> (BETTIS, 2009). Essa mudança marcante no fluxo migratório da fronteira Brasil/Venezuela nos estimula a realizar o seguinte questionamento: Roraima está preparado para receber os venezuelanos?

O questionamento acima pressupõe que, por Roraima ser o estado com a menor população absoluta do Brasil, o movimento migratório em massa de venezuelanos, iniciado em 2015, passou a ser bastante significativo em termos numéricos e não foi comportado pela estrutura física das cidades de Pacaraima e Boa Vista, que é incipiente quando comparada à estrutura física de outras cidades brasileiras.

Sobre esse aspecto, devemos levar em consideração a avaliação de Eduardo Oestreicher<sup>55</sup>, Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR), quando comparou o fluxo migratório de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil:

Os números sobre a imigração venezuelana em Roraima estão superestimados. O Estado de Roraima não tem ainda um dado oficial [...]. Penso que o número é bem menor que 30 mil, como está sendo divulgado pela mídia local. Mas esse número é crescente e, por causa disso, as autoridades de Roraima precisam pensar no que fazer? O impacto dessa migração já é bem visível a Roraima. Já atinge, por exemplo, o atendimento à saúde, já atinge em registros na área de segurança e também atinge na divisão de espaços de escolas e creches, para não falar na oferta de empregos [...]. No período onde essa migração era inversa, no final dos anos 70, começo dos anos 80, brasileiros das Regiões Norte e Nordeste também fizeram como os venezuelanos estão fazendo ao procurar o Brasil. Eles foram para a Venezuela em busca de oportunidades e de atendimento a uma estrutura de serviços públicos, que naquele momento era bem melhor do que

---

<sup>54</sup> Apesar da diferença entre migração de sobrevivência e migração compulsória, muitos venezuelanos permanecem em Roraima através da solicitação de refúgio.

<sup>55</sup> Eduardo Oestreicher, além de ser uma das principais autoridades de Roraima que tem um grande conhecimento sobre as relações bilaterais entre Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela), transita constantemente para a Venezuela desde 1984, quando seu pai (migrante originário do Maranhão) implantou em Roraima uma empresa de exportação de madeiras para a Venezuela. Por este motivo, desde a década de 1980, ele passou a realizar viagens para a Venezuela com o intuito de estabelecer uma relação mais próxima com os clientes e cuidar da documentação da exportação. Logo, com a experiência adquirida, é considerado um conhecedor da fronteira Brasil/Venezuela. Foi por esse motivo que recebeu a indicação para atuar como Diretor de Comércio Exterior em Roraima e Presidente da Câmara Venezuelana Brasileira de Comércio e Indústria de Roraima.

na Região Norte do Brasil. Quando eu falo em Nordeste é exatamente a ponta do Nordeste que é mais próxima da Região Norte, onde está inserido o Maranhão o Piauí e o Ceará. Apesar da ausência de dados mais precisos sobre a chegada dos brasileiros no Estado de Bolívar (Venezuela), afirmo com toda certeza que houve um impacto na economia de Bolívar, principalmente no setor de mineração, onde o brasileiro que buscava uma oportunidade era melhor aceito do que o próprio venezuelano porque ia para uma atividade mais pesada, uma atividade braçal [...] mais pra frente, na década de 90, quando começou a construção do Complexo Hidrelétrico de Guri, brasileiros de melhor qualificação também migraram para a Venezuela para trabalharem nesse projeto da construção da hidrelétrica. Porém, foram migrações pontuais como também aconteceu mais recente na efetivação de obras de infraestrutura, através de empresas brasileiras, que foram contratadas para atuarem na construção da segunda ponte do rio Orinoco e do metrô de Caracas, por exemplo. Então, essa imigração venezuelana, em Roraima, também é em busca *de* uma melhor qualidade de vida por quem não está encontrando no país de nascimento [...]. A principal diferença que eu vejo é no controle. A Venezuela fazia o controle dos antecedentes criminais junto aos brasileiros que entravam em solo venezuelano. Isso não é feito pelo Brasil. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

Como dito por Eduardo Oestreicher (2017), o deslocamento entre um país e outro representa uma possibilidade de sobrevivência, mas também uma escolha ou um projeto individual. Essa dinâmica faz com que Roraima e Bolívar enfrentem um duplo papel de emissor de mão de obra de nacionais (migração interna)<sup>56</sup> e de estrangeiros oriundos, principalmente, da região fronteira.

Apesar disso, é importante levarmos em consideração que o processo migratório não se inicia com a partida do local de origem. Ele é, antes de tudo, um projeto migratório. Portanto, decidir migrar implica se dispor a construir uma nova vida, uma nova história e uma nova identidade. Além do mais, o processo de elaboração e execução do processo migratório torna-se marcado, inicialmente, pela construção do mapa sobre o destino e as informações advindas por diversos meios com o objetivo de reduzir os riscos de fracasso do projeto que se iniciou. Esta etapa de transição entre a construção do projeto migratório e o deslocamento ao local de destino caracteriza a migração uma ação consciente, mesmo havendo motivos distintos para a sua prática.

Assim, quando discorremos sobre a construção do projeto migratório de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil, compreendemos que no caso dos brasileiros a emigração para a Venezuela iniciou-se espontaneamente com o desejo desses

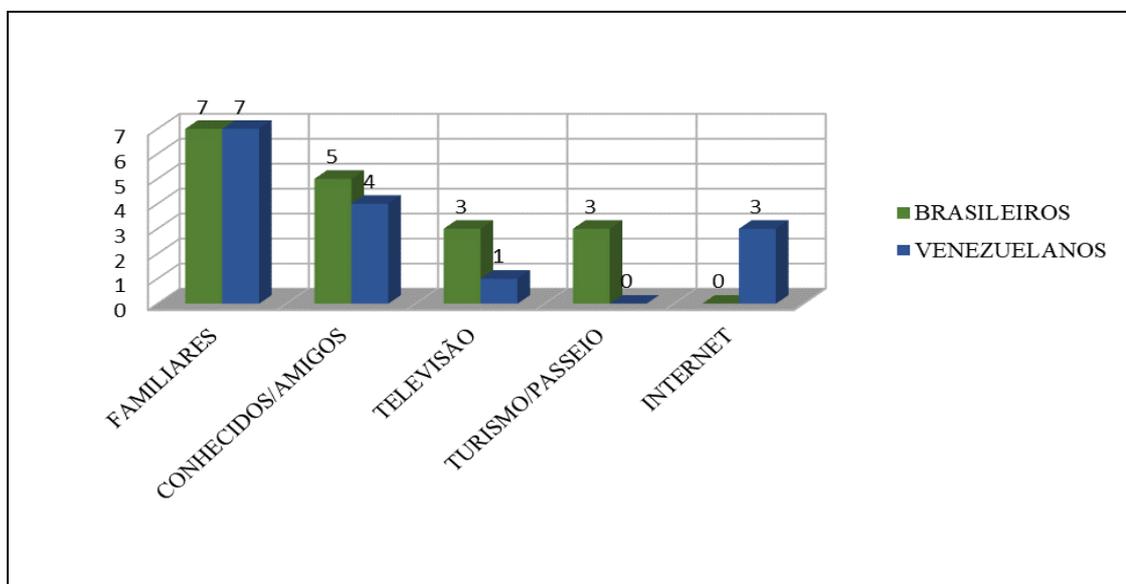
---

<sup>56</sup> Os brasileiros que migram para a Venezuela, apesar de saírem de Roraima, são nascidos em outros estados brasileiros. A mesma coisa acontece com os venezuelanos, que chegam ao Brasil dando continuidade ao projeto migratório iniciado com a experiência migratória em distintos lugares do país de origem.

migrantes em melhorarem a vida econômica, tornando-se uma continuidade da migração, em especial de nordestinos, até Roraima.

No que se refere à emigração de venezuelanos para o Brasil, esta ação social inicia basicamente por uma crítica ao lugar de origem, pela consciência de sua condição, como também perspectivas para o futuro. Ao analisarmos essa condição e a condição anterior dos brasileiros, lançamos a seguinte pergunta: como a informação sobre a Venezuela chegou para os migrantes brasileiros e como a informação sobre o Brasil chegou para os migrantes venezuelanos, apesar de os dois países serem fronteiriços? A resposta para esta pergunta pode ser visualizada no gráfico 02, exposto a seguir:

**Gráfico 02 - Fonte de informações sobre o Brasil e a Venezuela<sup>57</sup>**



**Fonte:** Amostra de 33 migrantes (18 brasileiros e 15 venezuelanos). Pesquisa de campo, 2015, 2016 e 2017.

O gráfico 02 demonstra que, para os migrantes entrevistados (brasileiros e venezuelanos), as relações familiares são a fonte de conhecimento por excelência das cidades de Santa Elena de Uairén, no caso dos brasileiros, e das cidades de Pacaraima e Boa Vista, no que se refere aos venezuelanos. Na maior parte dos migrantes contatados, ficou explícito que seus familiares representam uma fonte de conhecimento sobre as cidades de Santa Elena de Uairén, Pacaraima e Boa Vista devido a já terem alguma experiência com essas cidades, ou

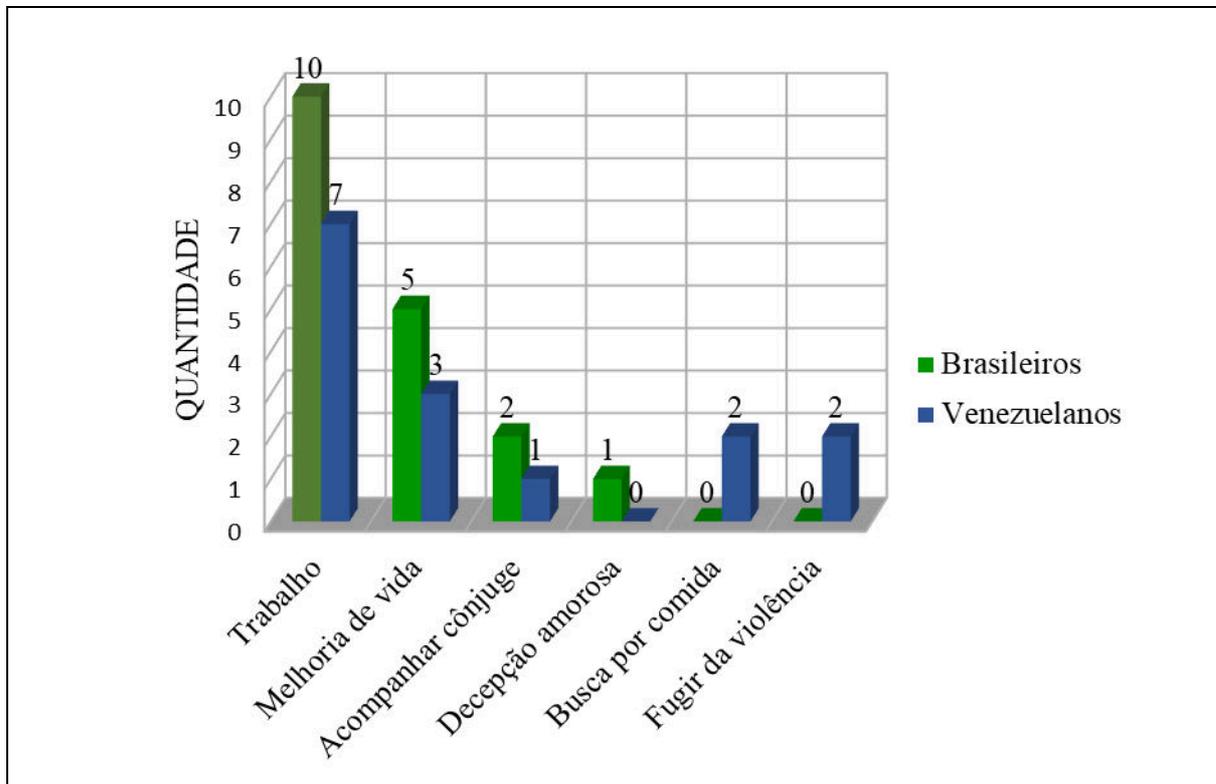
<sup>57</sup> O gráfico apresenta a visão dos entrevistados (brasileiros e venezuelanos, compreendendo um total de 33 pessoas – 18 brasileiros e 15 venezuelanos) sobre as informações obtidas em relação ao Brasil e a Venezuela antes da migração.

porque nelas moravam há algum tempo, ou ainda por morarem em outras cidades próximas e com elas estabelecerem relações cotidianas.

Obviamente, essas informações sobre os países de destino são úteis para os migrantes brasileiros e venezuelanos à medida que compõem o acervo de informações sobre as condições sociais, econômicas e políticas das cidades em que passam a viver. Esses elementos são necessários à construção do projeto migratório e à interpretação dos efeitos da migração de brasileiros e venezuelanos na estrutura social da fronteira Brasil/Venezuela, conforme os princípios do mundo da vida e do mundo social.

É pertinente observar que a migração não é somente parte de um processo econômico. Como sustenta Durham (1973), a decisão de migrar possibilita ampla mudança social, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade de origem e de destino. É em razão disso que os fatores determinantes que motivaram a prática migratória dos brasileiros e venezuelanos entrevistados para a fronteira Brasil/Venezuela são apresentados a seguir, no gráfico 03.

**Gráfico 03 – Motivações que ocasionaram a decisão de migrar (brasileiros e venezuelanos)**

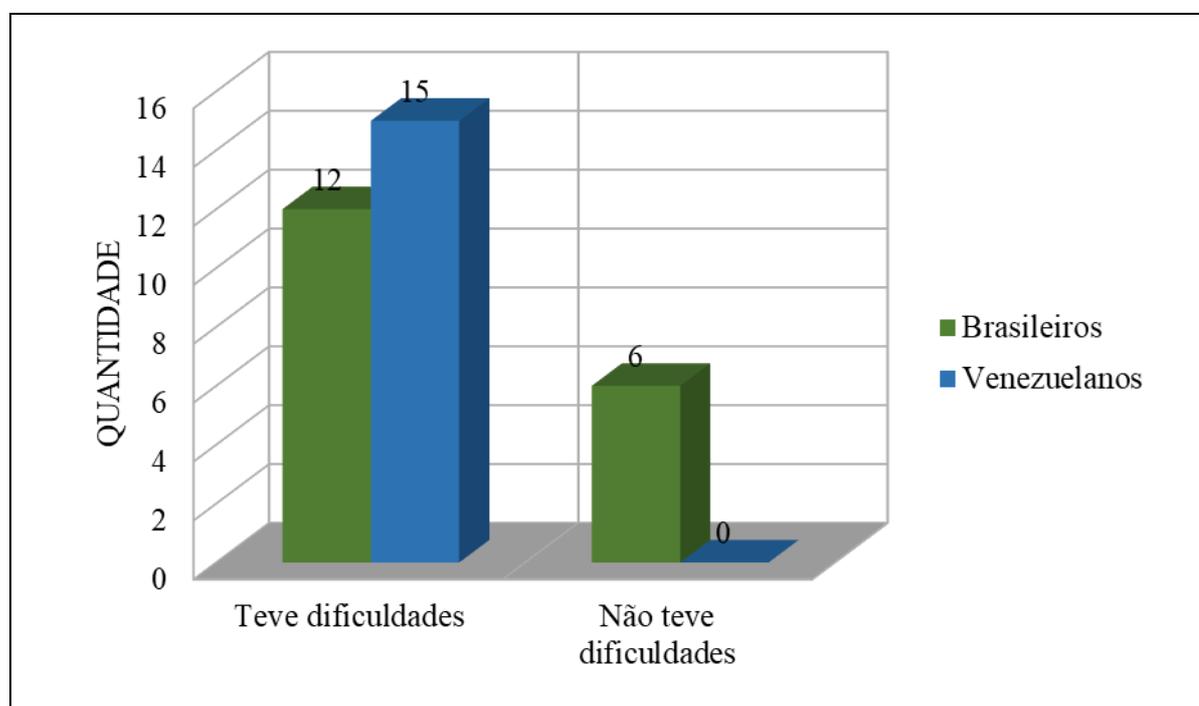


**Fonte:** Amostra de 33 migrantes (18 brasileiros e 15 venezuelanos). Pesquisa de campo, 2015, 2016 e 2017.

É interessante notar que, segundo as informações apresentadas no gráfico 03, a motivação pelo trabalho foi a que mais estimulou brasileiros e venezuelanos a praticarem a migração fronteiriça. Como diria Schutz (1979), o trabalho é um dos estilos cognitivos da realidade da vida cotidiana. Melhor dizendo, o trabalho é um tipo significativo de espontaneidade que coloca os indivíduos na condição de artífices de sua própria vida.

No entanto, apesar do trabalho (formal e informal) desempenhado pelos migrantes brasileiros e venezuelanos, como forma de sobrevivência, nem sempre a atividade laboral foi suficiente para suprir adequadamente as atividades da vida material dos entrevistados, como expõe o gráfico 04.

**Gráfico 04 – Enfrentamento de dificuldades financeiras (brasileiros e venezuelanos)**



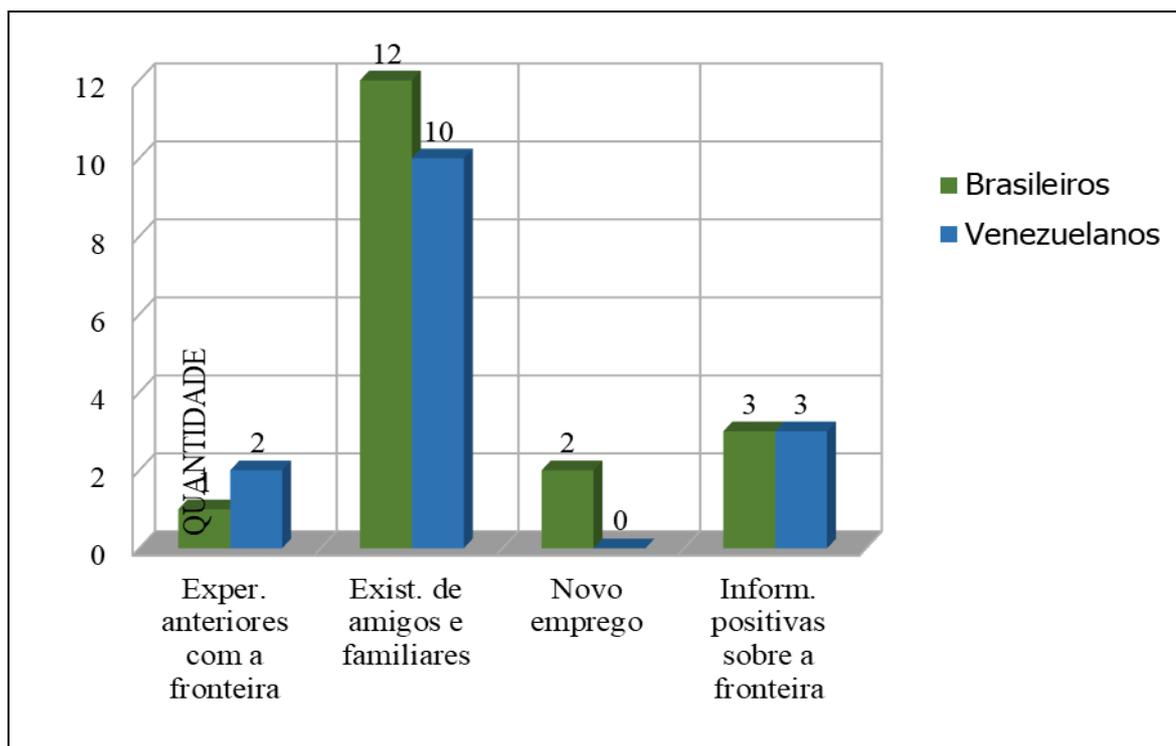
**Fonte:** Amostra de 33 migrantes (18 brasileiros e 15 venezuelanos). Pesquisa de campo, 2015, 2016 e 2017.

O gráfico 04 aponta que os relatos de 67% dos brasileiros e de todos os venezuelanos entrevistados revelaram que, por mais que consigam trabalhar a semana inteira, o dinheiro adquirido não garante por total o sustento com moradia e alimentação, como também não continua sendo suficiente para suprir outras despesas oriundas, por exemplo, de situações voltadas à doença.

As entrevistas também demonstraram os motivos da escolha da fronteira Brasil/Venezuela como destino de brasileiros e venezuelanos, podendo ser visualizados no

gráfico 05. Entre os resultados apresentados, a presença de amigos e familiares na fronteira Brasil/Venezuela aumentou significativamente a escolha por esse destino feita por brasileiros e venezuelanos.

**Gráfico 05 – Motivos da escolha da fronteira Brasil/Venezuela como destino (brasileiros e venezuelanos)**



**Fonte:** Amostra de 33 migrantes (18 brasileiros e 15 venezuelanos). Pesquisa de campo, 2015, 2016 e 2017.

Diante das informações apresentadas no gráfico 05, também nos chamou a atenção as informações positivas sobre a fronteira Brasil/Venezuela como um dos motivos para a escolha deste local no projeto migratório de brasileiros e venezuelanos. Percebe-se com essa visão positiva sobre a fronteira Brasil/Venezuela a desmitificação da fronteira como “lugar de perigo”. Nessa vertente de pensamento, a fronteira é retratada tanto como lugar de referência identitária quanto lugar onde as diferenças se evidenciam e acarretam conflitos culturais, sociais e econômicos. Por outro lado, se tomarmos como referência os estudos de Nogueira (2007), chegaremos ao pressuposto de que, na fronteira, as distâncias também se estreitam e as diferenças passam por um processo de reelaboração.

Não podemos deixar de mencionar, no caso da fronteira Brasil/Venezuela, que, em certas circunstâncias, a proximidade entre o Brasil e a Venezuela gera intensos fluxos e produz diversas barreiras e travessias que se cruzam e (re)definem a compreensão dos limites

nacionais. Essa reflexão é enfatizada por Albuquerque (2015, p.98) quando considera o cotidiano da vida fronteiriça marcado “por meio de muitas travessias e contornos das leis estatais que inscrevem, no território de moradia, os limites entre o cidadão e o estrangeiro”.

Diante do que foi exposto, o pensamento de Albuquerque (2015) contribui para refletirmos sobre o posicionamento da Superintendência da Polícia Federal em Roraima que, quando solicitada para dados sobre: a) Número de pessoas (brasileiros e estrangeiros) que circulam na fronteira Brasil/Venezuela (informações dos últimos 5 anos), b) Número de estrangeiros no Estado de Roraima (projeção dos últimos 10 anos) e c) Laudo sobre a presença venezuelana em Pacaraima e em Boa Vista (entre os anos de 2014 e 2017), manteve o seguinte posicionamento:

Não temos como informar da forma como solicitada. A dinâmica e a legislação que ainda rege o trânsito fronteiriço não obriga a passagem e registro por ponto oficial de imigração de brasileiros nem de estrangeiros na condição de fronteiriço, bem como é sabida a realidade fática da passagem clandestina de migrantes pela fronteira seca. Ademais, é conhecida a realidade, que confirma a literatura científica, acerca da múltipla dinâmica fronteiriça nesta porção Norte da Amazônia, mormente a situação do trânsito de solicitantes de refúgio, indocumentados, indígenas migrantes, inclusive Warao, e outras situações que impossibilitam faticamente a resposta numérica e precisa desejada pela pesquisadora (Ofício nº 9/2017-DREX/SR/PF/RR de 11/08/2017).

Antes de qualquer observação específica sobre as informações contidas na resposta da Superintendência da Polícia Federal em Roraima, é importante mencionarmos a existência de obstáculos diante da falta de informações fidedignas e dados oficiais fornecidos por organizações governamentais brasileiras e venezuelanas, o que de certa forma prejudicou a pesquisa em termos quantitativos. A complexidade dessa questão se dá, entre outros motivos, devido às mesmas pessoas circularem a fronteira várias vezes por semana, como expõe Eduardo Oestreich – Diretor de Comércio Exterior da Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima (SEPLAN/RR):

A primeira coisa que deveríamos saber para encontrar uma possível solução ao problema da imigração venezuelana em Roraima é quem está entrando na fronteira? E isso não sabemos. Será que essa é uma responsabilidade somente da Polícia Federal no lado do Brasil? Eu acho que não. Eu acho que o Estado de Roraima está sendo impactado e precisa se aproveitar da relação próxima que estabeleceu em governos anteriores – como é o caso do ex-governador de Anchieta Júnior<sup>58</sup> que investiu em reuniões com

---

<sup>58</sup> José de Anchieta Júnior eleger-se como vice-governador de Roraima em 2006 na chapa do governador Ottomar de Souza Pinto pelo PSDB para o mandato de 2007 a 2011. Com a morte de Ottomar, assumiu o governo de Roraima em 11/09/2017. Em 2010, foi reeleito e renunciou ao cargo de governador em 04/04/2014

representantes do Estado Bolívar no decorrer do seu governo – e buscar conjuntamente o melhor mecanismo de controle para obter o perfil de quem circula a fronteira até porque uma única pessoa pode transitar mais de uma vez por dia na fronteira, aumentando o fluxo ao longo da semana e do mês (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 28/08/2017, na cidade de Boa Vista).

A situação exposta por Eduardo Oestreicher nos leva a observar que o Governo Federal ao enviar seus policiais federais para trabalhar no controle e fiscalização das fronteiras não lhes proporciona nenhum tipo de preparo diferenciado, ou seja, o policial federal que trabalha nas fronteiras recebe o mesmo treinamento de quem trabalha nas demais cidades brasileiras.

Cabe elucidar que, mesmo com alguns problemas evidentes em relação a um controle mais efetivo de quem circula a fronteira Brasil/Venezuela em ambos os lados, os dados fornecidos pela Divisão de Controle de Imigração da Polícia Federal em Roraima indicam mudanças e adaptações no movimento de trânsito de pessoas, evidenciando uma circulação maior no lado fronteiriço brasileiro. Um dos aspectos a considerar, nesse cenário de mudança, refere-se à especificidade da migração de brasileiros na Venezuela e de venezuelanos para o Brasil, como serão expostos nas subseções a seguir.

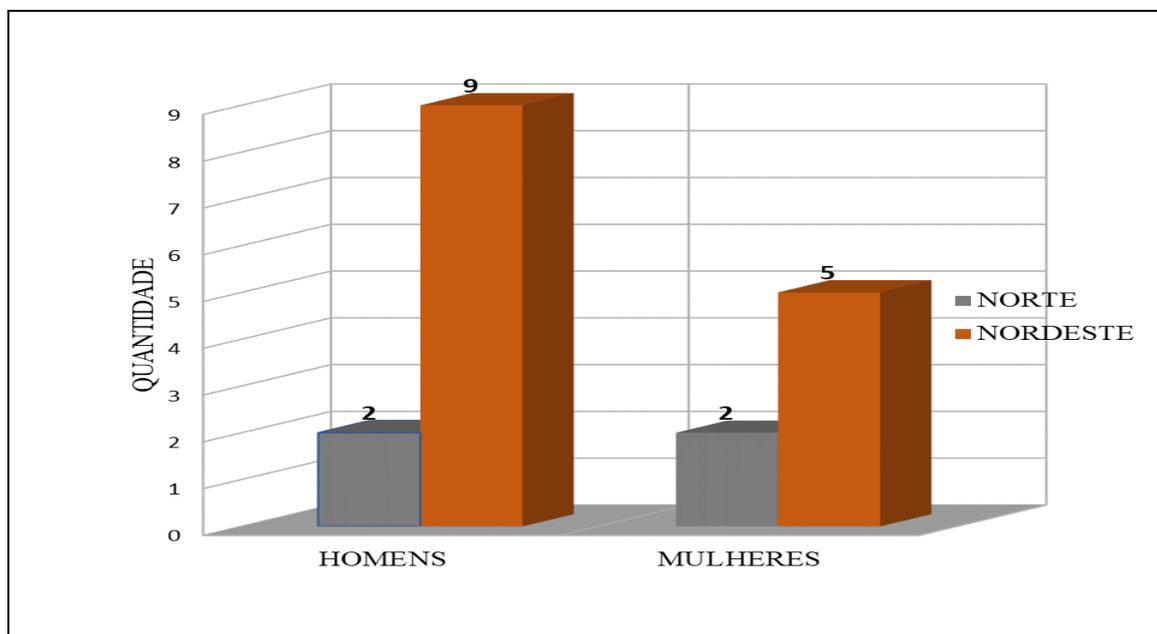
## **5.2 Brasileiros em Santa Elena de Uairén (Bolívar/Venezuela)**

Estudos de Rodrigues et al. (2008) revelam que a emigração de brasileiros para a Venezuela esteve associada ao declínio da garimpagem ocorrido a partir de 1970 (primeiro movimento migratório) e de 1990 (segundo movimento migratório), da transformação da Vila de BV-8 em município de Pacaraima (1995) e do asfaltamento da BR 174 (1998) (terceiro movimento migratório), o que facilitou e incrementou o trânsito de pessoas e de mercadorias.

A primeira fase desse movimento migratório tem como característica a presença maciça de homens, oriundos em sua maioria do Nordeste brasileiro e também da Região Norte, o que também se confirmou entre os brasileiros entrevistados no decorrer da pesquisa, como demonstra o gráfico 06. Esses brasileiros se estabilizaram particularmente na cidade fronteiriça de Santa Elena de Uairén, cidade de apoio e porta de entrada no país vizinho. Embora Santa Elena de Uairén seja a única cidade venezuelana lócus desta pesquisa, por ser a

cidade que mais recebe brasileiros na zona de fronteira, os brasileiros também passaram a migrar para Ciudad Bolívar, capital do estado Bolívar, e para Maturin.

**Gráfico 06 - Origem dos entrevistados brasileiros por Regiões Administrativas do Brasil**



**Fonte:** Amostra de 18 migrantes brasileiros. Pesquisa de campo, 2013, 2015.

Com base nessas informações do gráfico 06, recorremos a Ubiraci Bastos (2015), vice-cônsul do Brasil em Santa Elena de Uairén, para especificar o estado da Região Nordeste que tem registrado a maior saída de sua população para Santa Elena de Uairén, embora esse não seja o destino inicial da maioria dos migrantes:

A maioria dos brasileiros que estão em Santa Elena de Uairén são nordestinos ou filhos de nordestinos [...] a maioria é do Maranhão. Só que eles não vêm direto do Maranhão para cá. Eles vêm de Boa Vista, de Roraima. É em Roraima que os maranhenses estão concentrados na Região Norte. Os dados estatísticos do IBGE comprovam isso. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 12/02/2015, na cidade de Santa Elena de Uairén).

As considerações de Ubiraci Bastos (2015) contribuem para uma reflexão sobre a situação de “expulsão” e de “atração” que ligou o Maranhão a Roraima e como esses migrantes se conduziram até a fronteira Brasil/Venezuela, reforçando a existência de conexões entre as migrações internas, ocorridas no Brasil, e a migração fronteiriça, estabelecida em Santa Elena de Uairén. Essa explicação é fundamental para darmos continuidade à descrição das fases do movimento migratório de brasileiros rumo a Venezuela.

Neste sentido, expomos que a segunda fase do movimento migratório de brasileiros para a Venezuela, de acordo com Rodrigues et. al. (2016, p. 84), “caracterizou-se pelo crescimento da emigração de mulheres para juntarem-se aos seus maridos e, outras, para atuarem na mineração, seja como cozinheiras e lavadeiras, seja como dançarinas<sup>59</sup>”. Nessa sequência, a terceira fase do movimento migratório em questão apresentou novas características, dentre elas a migração de retorno para o Brasil e das áreas de garimpos para Santa Elena de Uairén. Além dessas características, também passou a ocorrer a emigração de brasileiras sozinhas.

No panorama dessa migração, é possível apontar que muitos brasileiros já estão vivendo na Venezuela há cerca de 30 anos, com famílias constituídas ou reconstituídas ao longo da trajetória migratória. Os motivos apresentados pelos brasileiros no que se refere ao ato de migrar são os mais diversificados: reunificação familiar, fim de relacionamentos afetivos no Brasil, fuga de relações violentas, e, principalmente, a atividade laboral relacionada à mineração, às atividades turísticas e ao comércio (marcada pelas alterações cambiais entre o Brasil e a Venezuela).

No caso dos brasileiros que moram em Santa Elena de Uairén, muitos ficam temporariamente irregulares no país, renovando o visto de turista duas vezes ao ano. Em outros casos, permanecem sem renovação de vistos. Esses acontecimentos indicam que a proximidade geográfica entre o Brasil e a Venezuela faz com que a condição de indocumentado não tenha tanta centralidade para permanência e subsistência no país, uma vez que a qualquer momento podem recorrer a uma rede de ajuda do outro lado da fronteira ou, dependendo da pressão institucional, podem simplesmente renovar o visto de turista.

Ainda no que se refere à irregularidade dos brasileiros, em Santa Elena de Uairén, Ubiraci Bastos (2015) faz as seguintes considerações:

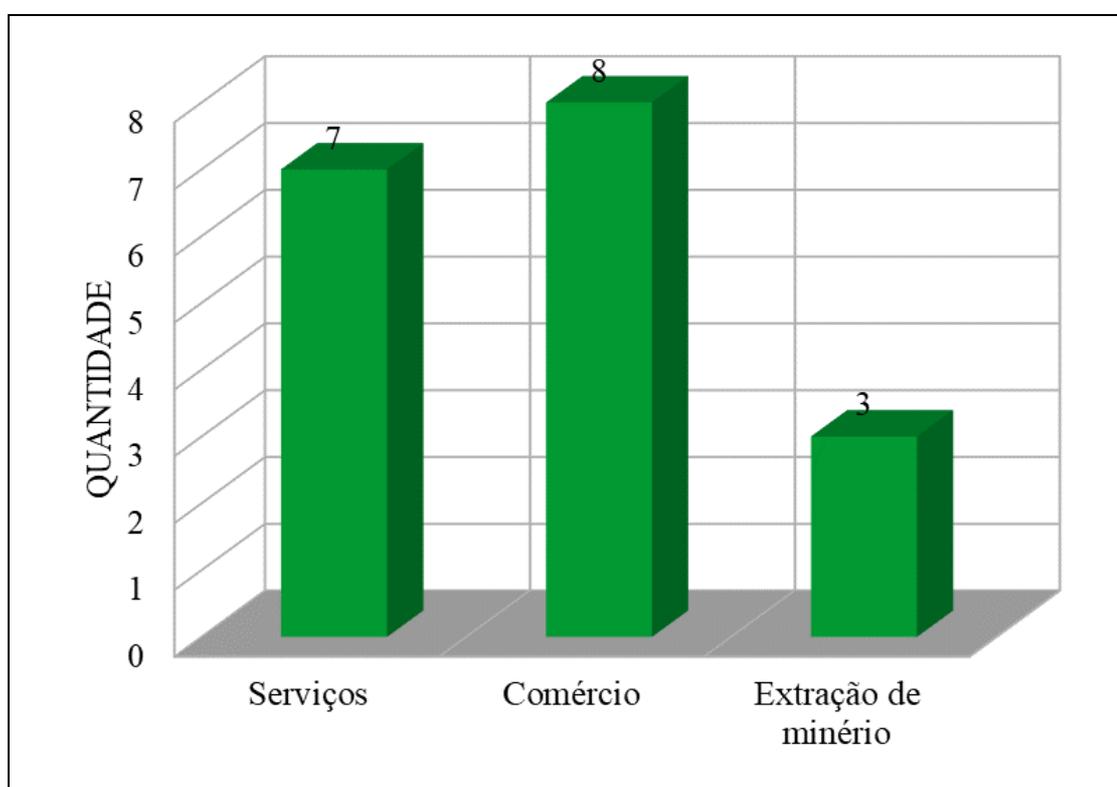
A irregularidade dos brasileiros em suas documentações reflete na atuação deles no mercado de trabalho. Muitos trabalham de forma irregular. Os que têm seu comércio realmente cumprem com a lei. Agora, outras pessoas que não têm documentação regular, elas desempenham serviços diversos, mas não têm vínculo empregatício. Para ter vínculo empregatício, tem que estar legalizado, tem que ter a cédula de estrangeiro. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 12/02/2015, na cidade de Santa Elena de Uairén).

---

<sup>59</sup> Dançarinas nos cabarés inseridas no comércio da prostituição vinculado à economia garimpeira (RODRIGUES et al., 2016, p.84).

Vasconcelos (2013) enfatiza que a migração de brasileiros para a Venezuela se caracteriza como migração fronteiriça, tendo em vista que os brasileiros permanecem na rota dos países de fronteira, se deslocando apenas alguns quilômetros até o país vizinho. Sobre esse cenário, a pesquisa de campo apresentou, como um de seus resultados, que o mercado de trabalho disponível para o migrante brasileiro na Venezuela se divide entre setor de serviços, comércio e extração de minério, como apresenta o gráfico 07.

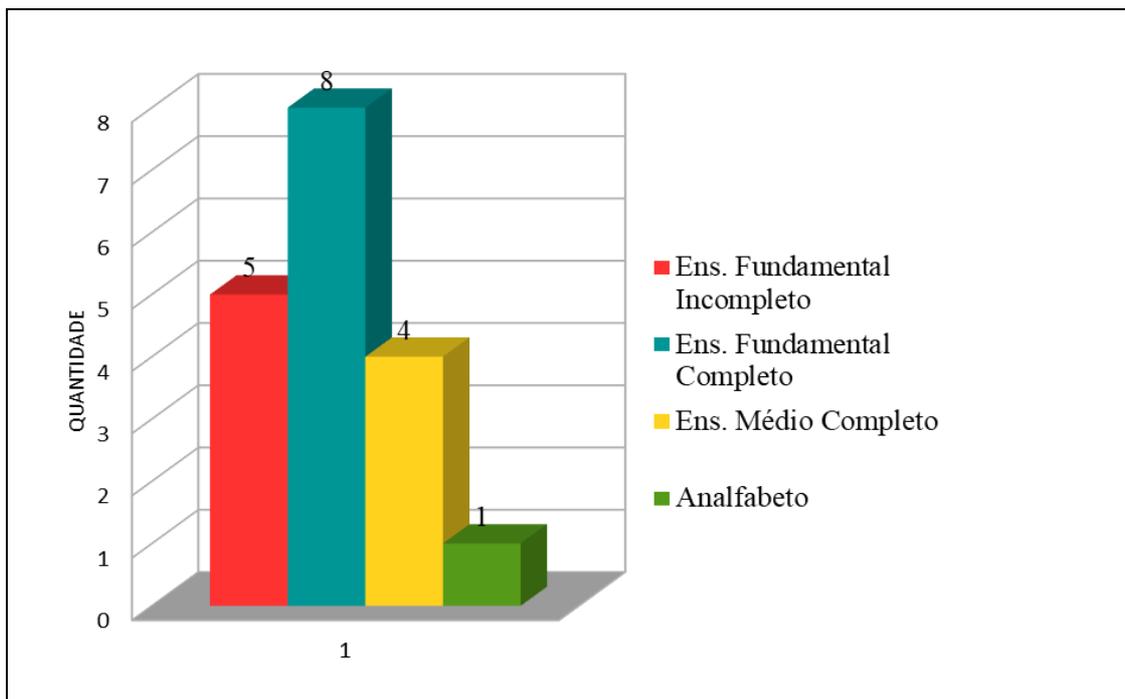
**Gráfico 07 – Atividades que os entrevistados brasileiros passaram a desempenhar após a migração**



**Fonte:** Amostra de 18 migrantes brasileiros. Pesquisa de campo, 2015.

Logo, nesse cenário, grande parte das mulheres migrantes desempenha funções laborais no setor de comércio e serviços, enquanto os homens, no setor de transporte (também inserido no setor de serviços) e mineração. Quanto ao perfil desses migrantes brasileiros, os resultados do campo esclarecem que homens e mulheres, oriundos de camadas populares brasileiras, possuem grau de estudo que varia entre não alfabetizado e ensino médio (Gráfico 08), embora haja profissionais liberais com graduação, tais como médicos e enfermeiros, que, na sua maioria, possuem dupla nacionalidade em virtude de pertencerem a articulações familiares transnacionais ou de pertencerem à segunda geração de família de migrantes na fronteira do Brasil com a Venezuela.

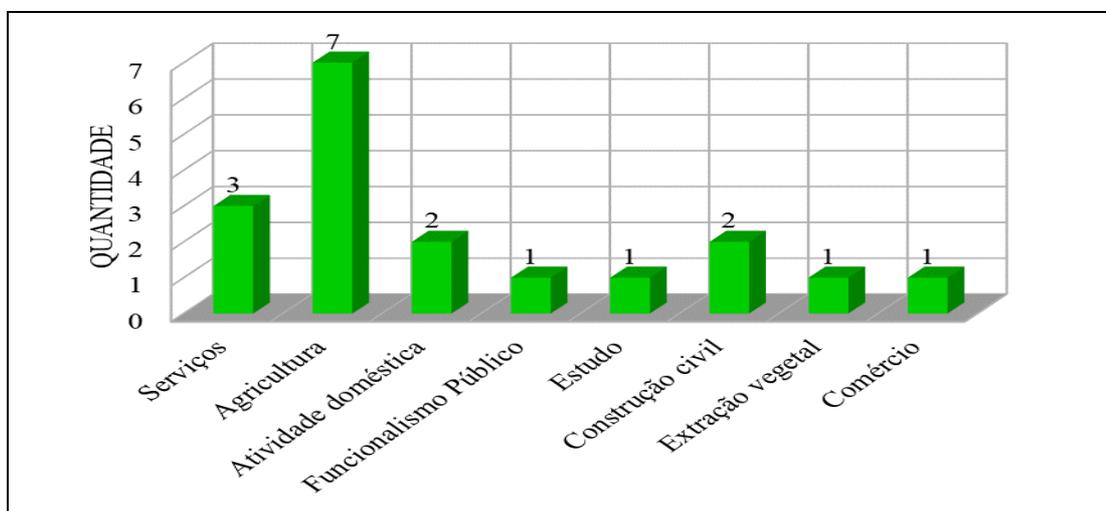
**Gráfico 08 – Escolaridade do grupo de brasileiros estudado**



**Fonte:** Amostra de 18 migrantes brasileiros. Pesquisa de campo, 2015.

Já com relação à idade em que os entrevistados migraram, explicamos que se dividem entre 22 a 43 anos, sendo que a maior incidência está entre as pessoas maiores de 20 anos e menores de 40 anos. De maneira geral, em relação às atividades que os brasileiros desempenhavam no ato da migração, verificamos, no gráfico 09, as que são voltadas ao setor da agricultura, serviços, entre outros setores.

**Gráfico 09 – Atividades desempenhadas pelos entrevistados brasileiros na ocasião da migração**



**Fonte:** Amostra de 18 migrantes brasileiros. Pesquisa de campo, 2015.

Além disso, observamos que entre os brasileiros há um decréscimo do ritmo migratório à medida que há um aumento na idade. Essa característica também é invertida quando se observa a motivação de retornar ao Brasil, isto é, quanto mais idoso o migrante menor é a motivação de retornar ao país.

Mas, no geral, embora os estudos de Rodrigues et al. (2008) demonstrem um retorno de brasileiros a partir da terceira fase da migração para a Venezuela, Ubiraci Bastos (2015), vice-cônsul do Brasil em Santa Elena de Uairén, afirma que, mesmo com a crise pela qual passa a Venezuela, os brasileiros não estão voltando ao Brasil pela seguinte justificativa:

É muito raro alguém sair e voltar para o Brasil, pelo menos aqui na Venezuela. Esse brasileiro já está estabelecido aqui e também tem a proximidade com o Brasil, isso contribui para que permaneçam aqui. Além disso, as pessoas que vieram, vieram em busca de alguma coisa. Elas não trouxeram alguma coisa e os que conseguiram ficam. Não precisam voltar porque conseguiram o que queriam. Sabemos também que é comum esses brasileiros irem ao Brasil visitar seus familiares. O interessante é que, geralmente, essa ida ao Brasil associa-se a ir para Roraima [...] embora os familiares desses brasileiros sejam do Nordeste, muitos deles estão em Roraima. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 12/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

A permanência dos brasileiros em Santa Elena de Uairén, mesmo com o atual contexto vivenciado pela Venezuela, também é reforçado por Ubiraci Bastos (2015) nesta outra justificativa:

Essa fronteira, para minha surpresa, é uma fronteira sem perigo, sem criminalidade. Para você ter ideia, Santa Elena de Uairén não tem nem cadeia. Quando uma pessoa é presa, ela é levada para ser julgada em Puerto Ordaz, há 800 km daqui. Não tem cadeia, não tem poder judiciário, não tem ministério público, algumas coisas assim. Mas acontece criminalidade? Acontece, raramente, acontece um pequeno roubo. Isso, algumas vezes, não é sempre. Além disso, a fronteira é bem vigiada do lado venezuelano. O lado brasileiro também é vigiado. Mas nota-se o lado brasileiro um pouquinho mais flexível. No lado da Venezuela, você vê que a guarda nacional e o exército estão armados. Então, é bastante vigiado [...]. Existem outros tipos de atividades, como o tráfico, por exemplo. Não adianta eu dizer que não existe porque existe. Mas está sendo combatido e não é aquela coisa dos bandidos chegarem com metralhadora. Não tem nada disso. É um lugar muito tranquilo e impressionantemente lindo. Pacaraima é uma cidade pequenininha, mas também não tem violência. Pode ter alguma coisa pontual, mas não que exista grupo, quadrilha... Nem pensar. Todo mundo se conhece. É por essa razão que os brasileiros também permanecem. [...] posso te dizer com toda a certeza que a crise econômica e política que a Venezuela vivencia ainda não chegou aqui na fronteira. (Entrevista concedida a

Alessandra Rufino Santos em 12/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

Diante do que foi exposto por Ubiraci Bastos (2015), identificamos que os brasileiros construíram estratégias para permanecerem e se estabelecerem em Santa Elena de Uairén, como expressam as narrativas, a seguir, de algumas pessoas que representam a população venezuelana residente em Santa Elena de Uairén:

Los brasileños tomaron poder de Santa Elena de Uairén. Muchos se dieron bien aquí, consiguieron ganar mucho dinero. (Ricky Balarini<sup>60</sup>, de 48 años, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 13/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

Las mujeres brasileñas quedaron conocidas aquí en Venezuela como fáciles, que usan el cuerpo para ganar dinero. Pero, actualmente, esa fama ya no es más como antes. La mayoría de ellas se casaron con venezolanos y lograron respeto en nuestra sociedad. (Elisabeth Osorio<sup>61</sup>, de 36 años, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 13/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

Pienso que por el tiempo que los brasileños pasaron a emigrar a Venezuela, precisamente a partir de la década de 1970, como usted mencionó, era para la cultura brasileña estar más presente aquí en Santa Elena de Uairén. La cultura brasileña sólo está presente / visible en el comercio. Como los brasileños, hasta los que no viven aquí, acostumbran venir de Manaus, Boa Vista para hacer compras, el idioma predominante en las tiendas es el portugués. Mismo cuando la tienda es de venezolanos, la preferencia de vacante para vendedor es dada a los brasileños [...] una cosa que llama no sólo mi atención, sino de otros venezolanos, es que los brasileños que circulan aquí en Santa Elena de Uairén no son los brasileños que conocemos por la televisión, los brasileños de ciudades como São Paulo y Río de Janeiro. Estos brasileños, si vienen a Venezuela, van directo a Caracas. Ellos no necesitan venir a la frontera. (Lidia Galvis<sup>62</sup>, de 59 años, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 13/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

Como vimos, uma série de justificativas de que os brasileiros já se estabeleceram em Santa Elena de Uairén foram apresentadas pela população venezuelana. Essa realidade se concretizou justamente porque, ao longo dos último 37 anos, os migrantes brasileiros criaram metas e propósitos que, segundo Schutz (1978), se realizaram pela ação projetada, denominada “*motivo por que*”.

---

<sup>60</sup> Nome fictício.

<sup>61</sup> Nome fictício.

<sup>62</sup> Nome fictício.

De certa forma, para os brasileiros, a chegada em Santa Elena de Uairén, o processo de adaptação, a inserção no mundo do trabalho e o estabelecimento de novas relações de sociabilidade foram etapas problemáticas do processo migratório, na medida em que demandaram grande desgaste emocional e físico para tentar fazer o “projeto migratório” dar certo. Essa realidade é apresentada na fala da brasileira Glória Silva<sup>63</sup> – de 57 anos, cabeleireira, natural de Maranguape (Ceará) e residente em Santa Elena de Uairén (Venezuela) desde 1993:

Aqui na Venezuela consegui garantir meu sustento, o sustento da família que constituí aqui e também da minha família que ainda está no Ceará [...]. Não foi fácil aprender a conviver com a cultura venezuelana, mas com o passar do tempo eu consegui me acostumar e pra falar a verdade não penso mais em sair daqui, apesar de muitos falarem em crise na Venezuela. Penso que essa crise não chegou, de fato, aqui na fronteira porque a economia e a própria cultura brasileira está cada vez mais presente na fronteira [...]. A única dificuldade que encontrei no início, quando resolvi vim para cá, é que fui considerada prostituta devido eu ter passado um tempo em um garimpo aqui da Venezuela. Lá trabalhei como cozinheira e conheci meu esposo, que é venezuelano [...]. O garimpo foi importante para juntarmos dinheiro e hoje eu ter o meu próprio estabelecimento, o que me oportunizou a ajudar outras brasileiras e também venezuelanas ao disponibilizar trabalho. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 19/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

Com efeito, torna-se evidente que a migração produz a mudança de padrões culturais e comportamentais tanto para o migrante quanto na estrutura da sociedade que o recebe. No que diz respeito à temática referente a esta investigação, Rodrigues (2009)<sup>64</sup> afirma que após a consolidação do fluxo migratório de brasileiros na fronteira Brasil/Venezuela, a partir da década de 1970, as consequências para a população migrante e a população nativa foram: alteração nas relações sociais, quebras nos padrões tradicionais de comportamento, acirramento da competição e das disputas por oportunidade de emprego e pelo uso de bens públicos, entre outros.

Outro aspecto importante dos migrantes brasileiros em Santa Elena de Uairén diz respeito à circularidade migratória, visto que, predominantemente, são de origem de centros urbanos menores, emergentes de uma trajetória de migração laboral interna no Brasil e

---

<sup>63</sup> Nome fictício.

<sup>64</sup> Desde o ano de 2007, a autora coordena a pesquisa intitulada “Deslocamentos Populacionais na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana” cujo objetivo é investigar os processos sociais e simbólicos decorrentes da migração no espaço fronteiro Brasil-Venezuela-Guiana. Neste caso, é importante ressaltar que esta tese se diferencia da proposta apresentada por Rodrigues (2009). Enquanto a autora aborda a temática apresentada numa perspectiva macro e multidisciplinar, esta tese investiga o fenômeno da interação social e da estigmatização dos migrantes brasileiros e venezuelanos pelos moradores locais (estabelecidos) em ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela sob o viés da Sociologia.

tiveram a fronteira Brasil/Venezuela como primeira experiência de migração fronteiriça e internacional. Diante disso, o uso das redes de relações sociais de apoio para inserção no mercado de trabalho, articulado ao processo migratório, é um mecanismo acionado por grande parte dos brasileiros, como é o caso da Simone Souza<sup>65</sup>, de 45 anos, natural do Maranhão e com o ensino médio completo. Ela vive em Santa Elena de Uairén há 22 anos, casou-se com um venezuelano, tem uma filha nascida na Venezuela e trabalha como comerciante:

Cheguei na fronteira em busca de trabalho. Eu tinha uma amiga que já morava e trabalhava em Pacaraima. Ela me informou sobre as oportunidades de emprego. Mas quando cheguei em Pacaraima percebi que as coisas não eram muito fáceis. Não tinha trabalho. Só consegui trabalho aqui em Santa Elena. No começo, eu atravessava a fronteira todos os dias para trabalhar em um supermercado. Quando eu conheci o meu atual marido, que é venezuelano, recebi o convite para morar aqui. Ele me incentivou a ter o meu próprio negócio. Foi então que comecei a trabalhar com venda de roupas. No início, vendia em casa mesmo. Depois, conseguimos montar essa loja aqui no centro (Entrevista concedida em: 10/02/2015).

Esse exemplo revela a importância das redes de relações sociais no direcionamento e na manutenção dos fluxos migratórios. A maioria dos brasileiros que vivem em Santa Elena de Uairén possui algum tipo de contato nessa fronteira antes de migrar, facilitando-lhes a inserção no local de destino. Contudo, tais redes podem criar também relações de dependência em que o favor pode transformar-se em dívida, pretendendo e subjugando aquele que o recebe. Esta situação foi vivenciada pelo brasileiro Ricardo Vasconcelos<sup>66</sup>, de 56 anos, natural do Ceará, que chegou em Pacaraima no ano de 1994:

Eu vivia em Pacaraima na casa de um amigo cearense que me convidou para trabalhar com ele em um táxi. No começo foi bom. A gente se dava bem. Mas depois ele começou a ficar com todo o dinheiro que ganhávamos. Eu ficava sem nada. Percebi que aquilo estava errado. Então, saí da casa dele e fui morar sozinho em Pacaraima mesmo. Em seguida, casei com uma brasileira que conheci aqui [em Santa Elena de Uairén] e fiz amizade com os venezuelanos e com outros brasileiros. Arrumei emprego aqui [em Santa Elena de Uairén] como vendedor em uma loja de eletrônicos e depois passei a trabalhar como recepcionista em um hotel. No começo, eu continuei morando em Pacaraima. Atravessava a fronteira todos os dias para trabalhar [...]. Minha ideia era ter o meu próprio negócio. Então, minha esposa me convenceu a me mudar para cá. Batalhei e consegui. Hoje sou dono desse restaurante, que garante o meu sustento e da minha família (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 16/02/2015 na cidade de Santa Elena de Uairén).

---

<sup>65</sup> Nome fictício.

<sup>66</sup> Nome fictício.

Esse outro exemplo representa uma situação em que a ajuda inicial por um conterrâneo pode se converter numa relação de exploração. Contudo, o contato com outras pessoas pertencentes ao novo lugar pode garantir um recomeço dotado de melhorias para o futuro. Apesar de situações adversas como esta vivenciada por Ricardo, a fronteira Brasil/Venezuela continua sendo um espaço de oportunidades e de múltiplas possibilidades de mobilidade econômica e social para parte dos migrantes brasileiros.

Contudo, Rodrigues (2013) alerta que existe entre os migrantes brasileiros uma possível estratificação social dividida da seguinte forma: 1) Comerciantes, com estratégias de integração na vida econômica local, 2) Profissionais liberais, que atuam na área da saúde e que possuem dupla nacionalidade, 3) Trabalhadores do ramo da mineração, agricultura e transporte, 4) Empregados no setor comercial, 6) Trabalhadores que atuam nas atividades ilícitas (como o descaminho de combustível).

Essa possível estratificação social entre os migrantes brasileiros torna-se importante para questionar como as nomeações de classe, que posicionam os indivíduos em uma estrutura econômica, se associam com aquelas que definem a migração e a nacionalidade? Serve ainda para reforçar que os brasileiros pertencem a diferentes classes sociais e estão presentes em vários setores da economia da fronteira, embora essa presença seja mais marcante nas atividades comerciais e nas atividades de mineração. Por último, contribui com o entendimento de que parte dos migrantes brasileiros, que ascendeu socialmente ao longo das últimas décadas, controla setores da economia e da cultura local.

Entretanto, apesar dessa característica, a fronteira Brasil/Venezuela não pode ser tratada apenas como um lugar privilegiado das oportunidades de ascensão social através do trabalho. Deve ser pensada também como um espaço de contradições, uma vez que nem todas as trajetórias dos brasileiros são marcadas pelo tão almejado sucesso, fato esse que os leva a rever suas trajetórias a partir do seguinte questionamento: regressar ao Brasil ou permanecer na Venezuela mesmo com a atual crise econômica e política?

A primeira opção parece estar fora de cogitação, pois, se por um lado, é preciso considerar que as expectativas depositadas naquele que emigrou são muitas, inclusive, em alguns casos, há um investimento do grupo familiar no seu empreendimento migratório, por outro, é preciso avaliar o retorno como uma situação promissora ou não. Descartada essa possibilidade, só resta aos brasileiros permanecerem onde estão ou partir para outros lugares em busca de novas oportunidades. Cabe lembrar que esta última opção é uma escolha cada

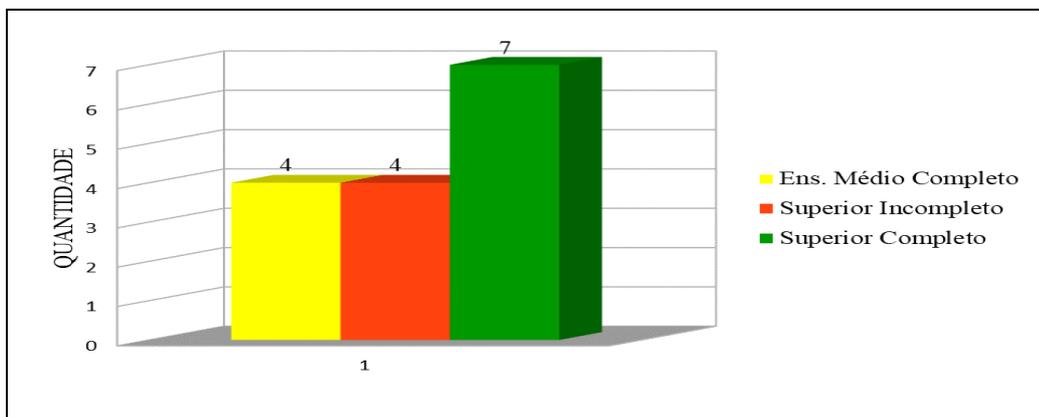
vez mais distante em razão das crescentes restrições à imigração, impostas pelos países receptores de migrantes. Neste sentido, a fronteira Brasil/Venezuela continua sendo para a maioria dos brasileiros, ainda com o atual cenário de crise da Venezuela, o lugar onde a realização dos projetos de vida desses migrantes pode vir a se tornar realidade.

### 5.3 Venezuelanos em Pacaraima e Boa Vista (Roraima/Brasil)

Atualmente, a presença de venezuelanos em Roraima, precisamente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, tem sido muito comum, tendo em vista o fato deste estado ser a ligação física do Brasil com a Venezuela. Mesmo com esse novo cenário, historicamente, os venezuelanos não tiveram números expressivos na região Norte do Brasil, pois essa divisa fica ao Sul da Venezuela, em uma região com baixa densidade demográfica e marcada pela presença de extensas áreas de reservas naturais e indígenas.

Tomando por base essas características, verificamos que, ao contrário dos brasileiros, que desde a década de 1970 passaram por um processo de mobilidade social na Venezuela, mesmo em decorrência de atuarem nas atividades não qualificadas, como no setor de mineração, no comércio local e no setor de transportes, além das atividades ilegais, como descaminho de combustível e câmbio ilegal de moeda (RODRIGUES, 2013), os venezuelanos que começaram a migrar em massa para o Brasil, sobretudo a partir de 2015, compartilham um processo ambíguo de desqualificação social (PAUGAM, 2003) devido a muitos terem ensino superior (Gráfico 10) e desempenharem trabalhos informais, passando pela interiorização de uma identidade incerta e estigmatizada. Mas, por outro lado, pela possibilidade concreta de interação com os brasileiros, ainda que periférica, reitera-se a experiência migratória como processo de adaptação e resistência no cotidiano fronteiriço.

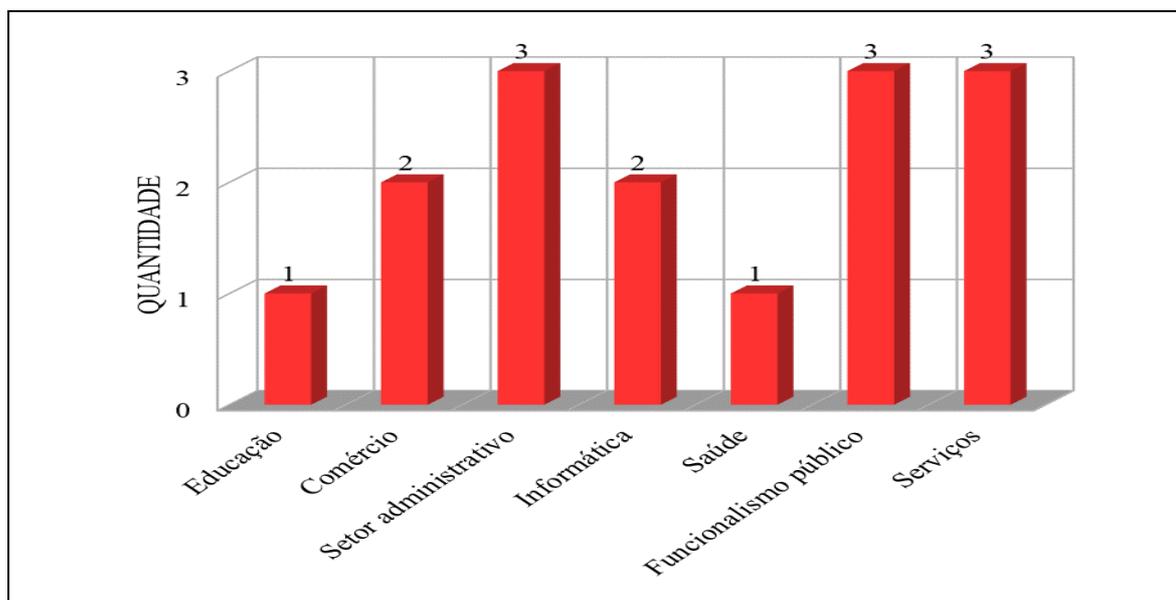
**Gráfico 10– Escolaridade do grupo de venezuelanos estudado**



**Fonte:** Amostra de 15 migrantes venezuelanos. Pesquisa de campo, 2016, 2017.

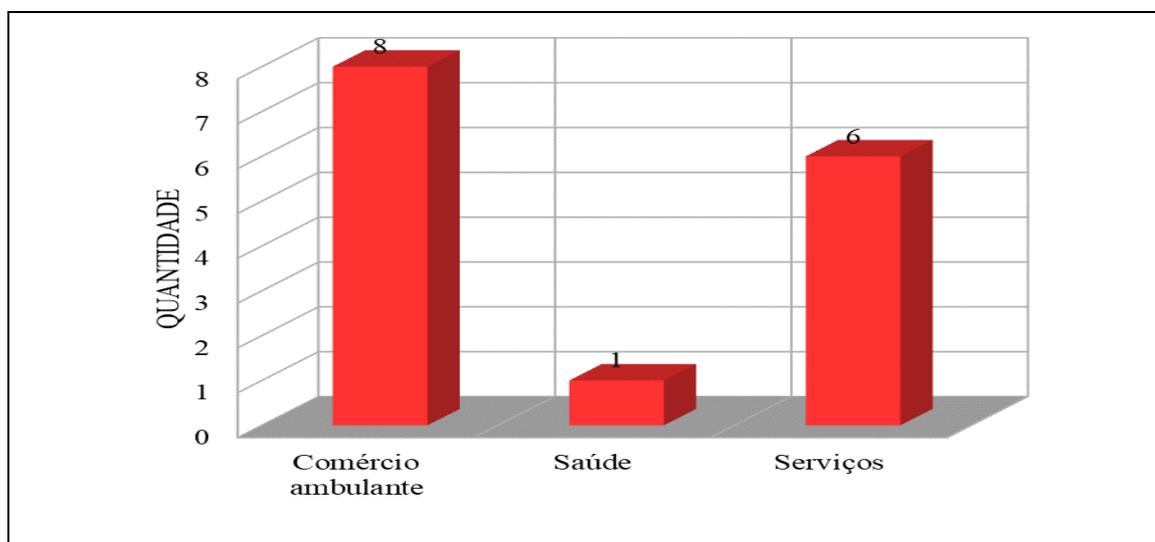
Se fizermos uma comparação das atividades laborais que os venezuelanos entrevistados desempenhavam na ocasião da migração (Gráfico 11) com as atividades laborais que passaram a desempenhar após a migração (Gráfico 12), veremos como resultado a passagem da condição de empregados, supostamente com algum benefício trabalhista, para o ingresso em atividades incertas e desprotegidas no mercado informal do comércio nas ruas.

**Gráfico 11 – Atividades desempenhadas pelos entrevistados venezuelanos na ocasião da migração**



Fonte: Amostra de 15 migrantes venezuelanos. Pesquisa de campo, 2016, 2017.

**Gráfico 12 - Atividades que os entrevistados venezuelanos passaram a desempenhar após a migração**



Fonte: Amostra de 15 migrantes venezuelanos. Pesquisa de campo, 2016, 2017.

Partindo de uma análise da variedade de atividades desempenhadas pelos entrevistados venezuelanos na ocasião da migração e as poucas possibilidades de trabalho no local de destino, correspondentes a outras funções trabalhistas consideradas inferiores, esses migrantes carregam, no plano subjetivo e simbólico, as marcas do estigma e um reconhecimento negativo do exercício da atividade que desempenham, principalmente nas ruas, como destaca a música “Lá vem os mira com rodo na mão”, de autoria de Júnior Campos (2018), lançada pela banda Pipoquinha de Normandia para retratar a vida dos venezuelanos em Boa Vista:

**“Lá vem os mira com o rodo na mão” – Banda Pipoquinha de Normandia (2018)**

Quando chego no sinal  
E páro o meu carrão  
Lá vem o mira com o rodo na mão (2 vezes)  
E eu dentro do carro dizendo que não  
E ele sapecando água com sabão

Sei que vocês estão na pindaíba  
E que esta vida não tá mole não  
Mas também sei que foi o Maduro  
Que botou vocês nessa situação

Mas Boa Vista, uma linda cidade  
Vão trabalhar com dignidade  
E segue em frente sempre, meu irmão  
Cada vidro que tu limpa  
A moeda cai na mão

Lá vem os mira com o rodo na mão (2 vezes)

Ao analisarmos a letra da música “Lá vem os mira com rodo na mão”, verificamos as consequências da exclusão social no contexto das mudanças contemporâneas vivenciadas pela Venezuela e verificamos também as *consequências morais* (PAUGAM, 2003) desses processos para a constituição identitária dos venezuelanos em Boa Vista, que, ao serem referenciados como *mira* – termo bastante usado pelos próprios venezuelanos em situações em que é necessário chamar atenção e/ou se referir a algo –, estão sendo referenciados como sujeitos sociais que possuem uma posição desfavorável ocupada no interior da estrutura social de Boa Vista e um *status* desqualificado reforçado pela expressão “sei que vocês estão na pindaíba”.

A condição dos venezuelanos nos semáforos das ruas de Boa Vista (Figura 15) contribui na repercussão dessa condição no âmbito das relações sociais tecidas entre esses migrantes e a sociedade estabelecida na capital de Roraima que divide a opinião da população boa-vistense como demonstram os depoimentos abaixo:

Eu acredito que, para retirar os venezuelanos dos semáforos teria que dar uma outra condição, teria que proporcionar outra forma de gerar renda para esse pessoal todo (Helidio Cavalcante<sup>67</sup>, maranhense, de 57 anos, que mora em Boa Vista há 35 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017 na cidade de Boa Vista).

Eu acho que é muito feio, envergonha a cidade, fica muito feio. Deveria ter outra possibilidade para eles poderem trabalhar, fazer outra coisa a não ser isso aqui. (Diana Lima<sup>68</sup>, roraimense, de 27 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017 na cidade de Boa Vista).

A atividade desempenhada pelos venezuelanos nos semáforos de Boa Vista pode ter outro efeito voltado para a marginalização dessas pessoas no espaço da criminalidade, por exemplo. Além do mais, os condutores de Boa Vista não demonstram interesse no tipo de serviço que os venezuelanos desempenham.



**Figura 15 – Venezuelanos que trabalham em semáforo de Boa Vista**

**Fonte:** G1/Jornal Nacional, 2017.

Quando questionados sobre o tratamento xenofóbico que recebem dos brasileiros nos semáforos de Boa Vista, a reportagem do Portal Terra intitulada “Venezuelanos ‘invadem’ semáforos de Boa Vista, em Roraima”, de 27/10/2016, expõe os seguintes relatos:

---

<sup>67</sup> Nome fictício.

<sup>68</sup> Nome fictício.

Isso é muito feio. Porque estamos trabalhando, não roubando. Mas por sorte a maioria dos brasileiros nos entende e ajuda (Piterson Roque<sup>69</sup>, de 28 anos, em entrevista ao Portal Terra no dia 27/10/2016).

Os brasileiros dizem que não trabalhamos, que nos dedicamos a mendicância. Também criticam nossa fala. Dizem que não falamos nem o português e nem o espanhol. Por isso que procuro me distanciar dos brasileiros (Neye Sierra<sup>70</sup>, de 25 anos, em entrevista ao Portal Terra no dia 27/10/2016).

A angústia do fracasso é provavelmente ainda mais forte quando a inferioridade social está ligada também à desqualificação social da condição de como se garante o sustento do dia a dia. Essa realidade permite que os venezuelanos que passam pela experiência da desqualificação social adotem uma estratégia de distanciamento quando entram em contato com o grupo de brasileiros que pratica ações de xenofobia. Fora esse aspecto, receber maus tratos da sociedade estabelecida no local de destino representa um custo simbólico, pois a situação de desqualificação social contribui para alterar a dignidade e a identidade social desses migrantes. Um exemplo é o testemunho da venezuelana Amara Zamora<sup>71</sup>, de 24 anos, natural da Ciudad Bolívar (Estado Bolívar), que trabalha como auxiliar administrativo e reside em Boa Vista desde 2015:

No me gusta ver a mis hermanos venezolanos llorando miseria en la calle. Gracias a Dios tengo un empleo digno. No es mucho en relación a lo que yo hacía en Venezuela. Pero no necesito ir a la calle a pedir comida, limpiar vidrios de los coches y ser insultado de vagabundo [...] muchos brasileños se están aprovechando de los venezolanos. En realidad, lo que están haciendo es explotación. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 11/12/2016 na cidade de Boa Vista).

No geral, apesar de todo o contexto apresentado, os venezuelanos desejam interação social e renegam absolutamente o fracasso quando buscam outra profissão como estratégia de sobrevivência, mesmo que esta profissão desperte estranhamento nos próprios migrantes e nas pessoas com quem interagem. Essa situação aconteceu com a venezuelana Mireya Salas<sup>72</sup>, de 37 anos, natural de San Francisco (Estado de Zulia), professora universitária na Venezuela e atendente de caixa de uma lanchonete desde 2016, quando passou a residir em Boa Vista:

---

<sup>69</sup> Nome fictício.

<sup>70</sup> Nome fictício.

<sup>71</sup> Nome fictício.

<sup>72</sup> Nome fictício.

Infelizmente, Brasil dificulta la inserción del extranjero en el mercado de trabajo. Soy una profesora universitaria que siempre invertí en mi formación. Tengo hasta libros publicados y hoy estoy en esta situación: trabajando como moza en un quiosco para tener el dinero del alquiler y de la comida. A veces, ni yo misma me reconozco. Cuando digo para las personas que en Venezuela trabajaba como profesora universitaria piensan que estoy mintiendo y no entienden porque me sujeto a trabajar en un quiosco aquí en Brasil [...]. Solo quería una oportunidad para ejercer mi verdadera profesión y ser respetada. Si aquí en Brasil me sujeto a trabajar en un quiosco es porque en Venezuela está difícil de vivir. Allá no tenemos comida, no tenemos más dignidad. Espero que mi país salga de esa difícil situación y que yo pueda tener mi vida de antes. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 21/06/2017 na cidade de Boa Vista).

Em sentido próximo ao de Mireya Salas, o venezuelano Josias Castillo<sup>73</sup>, de 33 anos, natural da Ciudad Guayana (Estado Bolívar-Venezuela), formado em enfermagem e residente em Boa Vista desde 2016, onde passou a exercer a função de ajudante de pedreiro, soma-se a muitos outros venezuelanos que sofrem com o preconceito e exercem funções que não correspondem ao diploma universitário que possuem, conforme a narrativa a seguir:

No es de broma que estamos aquí. Muchos de nosotros venezolanos somos insultados por hablar español. Somos discriminados por ser venezolanos [...] Me encantaría mucho ejercer mi profesión de enfermero aquí en Brasil porque es una profesión importante y yo tengo una buena formación. Pero por cuestiones burocráticas soy impedido de ejercer. Es mucha exigencia para convalidar un título extranjero en Brasil. Pienso que las autoridades brasileñas y venezolanas deberían hacer algún convenio para que los venezolanos pudiesen ejercer sus profesiones en Brasil. De la misma forma que los brasileños podrían ejercer sus profesiones en Venezuela [...]. Brasil y Venezuela son países vecinos y su pueblo debe tratarse como hermano. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 03/06/2017 na cidade de Boa Vista).

A descrição de Josias não é uma novidade em Boa Vista, que, além de ser a capital, é a cidade de Roraima que mais tem recebido venezuelanos desde 2015. Tem sido bastante comum venezuelanos trabalharem sem garantias sociais e recebendo menos que outros trabalhadores brasileiros. Este cenário contribui para que o processo migratório, seja de brasileiros para a Venezuela ou de venezuelanos para o Brasil, exerça influência nas configurações das relações sociais na sociedade de destino, bem como na sociedade de origem.

---

<sup>73</sup> Nome fictício.

Algo parecido aconteceu com o venezuelano Edgaly Lizardo<sup>74</sup>, de 28 anos, natural de Mérida (Estado de Mérida), que estava terminando de cursar a graduação em medicina quando teve que interrompê-la para trabalhar com serviços gerais em Boa Vista desde 2016:

¡Yo me hundí! Pero gracias a Dios no necesité cometer ningún crimen para tener lo mínimo: un lugar para dormir y comida. Para no robar, prefiero pedir y si me dan una oportunidad hago una cosa aquí y otra ahí para tener un dinero. Sólo no me gusta de ser llamado como vagabundo. Eso no lo soy. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 04/05/2017 na cidade de Boa Vista).

Analisando a situação dos venezuelanos, segundo essa abordagem de Edgaly Lizardo, inferimos o desrespeito ou o reconhecimento ignorado a esses migrantes, que permanecem estruturalmente alijados da posse ou do usufruto de quaisquer direitos sociais no interior da sociedade de Roraima. Em outras palavras, o desrespeito ou o reconhecimento ignorado pela exclusão desses migrantes da esfera institucional dos direitos está articulado ao sentimento de não possuir o mesmo valor moral, social e econômico da sociedade estabelecida em Roraima, o que pode levar o indivíduo não-reconhecido a reforçar um estado desqualificado, ou ainda desenvolver sentimentos de vergonha social. Isso aconteceu com o venezuelano Neovis Campos<sup>75</sup>, de 36 anos, natural de El Tigre (Estado Anzoátegui), que trabalhava como advogado na Venezuela e passou a ser auxiliar de cozinha quando chegou em Boa Vista no ano de 2016:

De tanto oír a los brasileños hablar mal de los venezolanos, estoy comenzando a creer que somos malos. ¿Cómo dejamos a Venezuela llegar a ese tipo de situación? El pueblo venezolano fue cobarde. Era para haber hecho algo [...]. Sólo creo que no está muy lejos de Brasil quedar igual a Venezuela también. El pueblo brasileño no puede dejar. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 22/08/2017 na cidade de Boa Vista).

É evidente, na fala de Neovis Campos, o caráter precário e degradante do sistema social e político venezuelano, marcado, conseqüentemente, por uma identidade negativa e desvalorizada dos migrantes venezuelanos. Trata-se, portanto, de elucidar como se configuram as redes de sociabilidade e qual a origem e densidade delas, atentando para a dinâmica de interação das trocas estabelecidas entre sujeitos em situação de deslocamento de posição de trabalho e desfiliação social.

---

<sup>74</sup> Nome fictício.

<sup>75</sup> Nome fictício.

Para apreender esse processo, entendemos a experiência advinda da migração como decisiva das identidades, o que leva ao fortalecimento de identidades discriminadas e estereotipadas, bem como dos produtos culturais de grupos marginalizados, além da valorização da diversidade cultural, ou ainda, da desconstrução e transformação dos padrões sociais de representação, compartilhados na narrativa da venezuelana Ariel Atencio<sup>76</sup>, de 30 anos, natural de Maturin (Estado de Monagas), artesã, que reside em Boa Vista desde 2016:

Siempre tengo la impresión de que las personas, aquí en Brasil, me miran con aire de rareza. Creo que les sorprenden mis ropas, mi voz [...] no sé qué es peor: convivir con la miseria en Venezuela o ser tratado como bandido aquí en Brasil. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 09/01/2017 na cidade de Boa Vista).

A situação descrita por Ariel Atencio suscita a identidade como uma categoria social marginalizada, assim sendo que os comportamentos dos venezuelanos parecem inaceitáveis pelos brasileiros quando buscam comparar a cultura brasileira à venezuelana. No caso específico da imigração venezuelana no Brasil, as redes de relações sociais são empreendidas como elemento analítico para a apreensão dos processos de interação social desses migrantes com a sociedade estabelecida, acarretando no seguinte questionamento: que implicações a imigração de venezuelanos, em Roraima, provocou (e provoca) nos agrupamentos sociais na sociedade de destino?

As fontes orais e outras consultas realizadas no decorrer da pesquisa indicam que existe, entre grande parte dos migrantes venezuelanos, uma percepção do valor das diferenças (étnicas e outras) e uma constante adaptação ao modo de vida brasileiro, que pode ser entendida resumidamente como contato permanente com a cultura de outro grupo social, bem como resistência frente ao processo de estigmatização. Essa realidade é representada na fala do venezuelano Cesar Marin<sup>77</sup>, de 38 anos, arquiteto, natural de Valencia (Estado de Carabobo) e residente em Boa Vista desde 2016, onde passou a desempenhar a função de empacotador em um supermercado:

Yo vine para Boa Vista porque tengo un primo que ya está aquí y dijo que sería fácil conseguir trabajo. Vine con la esperanza de encontrar empleo como arquitecto y, infelizmente, no conseguí [...]. Veo que, a pesar de los brasileños ser hospitaleros, nosotros los venezolanos estamos siendo considerados como un problema para Brasil y para los brasileños [...]. Aquí en Roraima los venezolanos son considerados marginales. Todo aquí es

---

<sup>76</sup> Nome fictício.

<sup>77</sup> Nome fictício.

culpa de los venezolanos, sin hablar que las mujeres venezolanas son consideradas prostitutas [...]. Hay también la cuestión de competencia en el mercado de trabajo entre brasileños y venezolanos que ha aumentado la disputa entre esos dos pueblos [...]. En la mayoría de las veces, nosotros venezolanos, trabajamos para tener que comer y eso perjudica a los trabajadores brasileños, que pasaron a tener la mano de obra desvalorizada [...]. Quien está ganando es el empleador, que está explotando la mano de obra venezolana, dejando de emplear a los brasileños. (Entrevista concedida por Cesar Marin a Alessandra Rufino Santos em 19/01/2017).

A situação exposta por César Marin seria a situação de qualquer outro migrante venezuelano em situação de vulnerabilidade social. Esse modo de vida que os venezuelanos levam em Boa Vista compromete a dignidade, a capacidade de ser cidadão, bem como a condição humana (do ponto de vista moral e político) desse grupo. Nesse contexto, o processo de desqualificação social surge em decorrência do modo pelo qual um contingente expressivo da população venezuelana, ao se inserir na sociedade brasileira, e, mais especificamente, na sociedade roraimense, sofre implicações dessa inserção marginal.

Tal constatação adquire relevância na fala da venezuelana Leomarys Duarte<sup>78</sup>, de 25 anos, natural de Caracas (Distrito Capital), que trabalha como ajudante em um supermercado:

¿A veces me pregunto si todavía soy una ciudadana? Porque ni la dirección fija tengo más. Es muy difícil vivir de alquiler o, a veces, de favor. Aún más en otro país. Es muy difícil escuchar bromas de brasileños que hablan que nosotros venezolanos amamos al Maduro. ¿Cómo amar a una persona que acabó con Venezuela? (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 14/05/2017 na cidade de Boa Vista).

Na fala de Leomarys Duarte, não podemos considerar que somente as questões econômicas e sociais se tornaram perturbadoras entre os venezuelanos no decorrer do processo migratório. As questões afetivas também ocupam lugar no cotidiano dos migrantes, principalmente em situações relacionadas com a vivência cotidiana desses indivíduos, marcada por situações de precariedade e vulnerabilidade social.

Mesmo com esse contexto de naturalização do fenômeno da exclusão na relação entre migrantes venezuelanos e a sociedade estabelecida em Roraima, nos depoimentos dos venezuelanos transpareceu a convicção de que, apesar de algumas dificuldades, decidir sair da Venezuela foi uma boa escolha, já que o Brasil, além de ser um lugar de oportunidades, contribui para que esses venezuelanos fujam da fome, como reforça a venezuelana Carola

---

<sup>78</sup> Nome fictício.

Sierra<sup>79</sup>, de 23 anos, natural de Maracaibo (Estado Zulia) e residente em Boa Vista desde 2015:

Me encanta Brasil. Hoy Brasil, Roraima, es mi casa. Mi hijo ya nació aquí. Él aún no entiende muchas cosas. Pero, a pesar de yo ser venezolana, de su padre ser venezolano, necesito que él entienda que él es brasileño y que aquí estamos teniendo la oportunidad de vivir dignamente [...] como estamos en región de frontera, no estamos lejos de Venezuela. Si seguimos viviendo aquí en Roraima, será posible mostrar a nuestro hijo la cultura de nuestro país. Pero, mientras las cosas no mejoren por allá, no volveremos. Tenemos que huir del hambre. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 05/05/2017 na cidade de Boa Vista).

A fala de Carola Sierra nos remete a perceber que a migração proporciona bens significativos, embora também seja marcada por perdas, como a distância da cultura do país de nascimento. No entanto, os depoimentos revelaram um distanciamento da sociedade receptora, o que contribui para o entendimento de que os venezuelanos estão sendo acolhidos em Roraima, mas ainda não conseguiram se integrar à sociedade roraimense, conforme exposto nas seguintes narrativas:

Yo no sé quién soy. No me reconozco. No estoy integrado en esta sociedad. Aquí la mayoría de la gente me rechaza por ser venezolano. No vale la pena continuar en Roraima. Tal vez en otro lugar de Brasil sea diferente y las personas sepan respetar a los extranjeros porque aquí en Roraima la mayoría de la gente no sabe respetar a los venezolanos. No somos bandidos. Somos profesionales. Son padres y madres de familia, jóvenes, niños, que quieren una única oportunidad para vencer la vida y superar todo el sufrimiento que ya pasamos. (Josue Leon<sup>80</sup>, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 07/05/2017 na cidade de Boa Vista).

Ningún venezolano, me refiero a hombres y mujeres, son iguales unos a otros. Todos nosotros somos diferentes [...] hay venezolanos cometiendo crimen aquí y ensuciando la imagen de los otros venezolanos. Por la acción negativa de uno o dos venezolanos todos los venezolanos que están en Roraima pagan [...]. La población de Roraima necesita entender que las personas son diferentes (Keidy Fernandez<sup>81</sup>, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 23/03/2017 na cidade de Boa Vista).

Podemos pensar que, aparentemente, essas narrativas são marcadas por uma tendência da estigmatização social, já que a sociedade já estabelecida em Roraima demonstra um despreço pelos venezuelanos, estimulado, sobretudo, pela estereotipização efetivada nas

---

<sup>79</sup> Nome fictício.

<sup>80</sup> Nome fictício. Natural de Puerto Ordaz (Estado Bolívar), 28 anos, formado em eletrônica e, em Boa Vista, passou a trabalhar como auxiliar de pedreiro desde 2016.

<sup>81</sup> Nome fictício.

distâncias das relações sociais, demonstradas nos trechos de falas de sujeitos sociais que fazem parte da sociedade roraimense:

Os venezuelanos estão invadindo Roraima. (Nádia Leopoldino<sup>82</sup>, cearense, de 45 anos, que mora em Boa Vista há 29 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

Boa Vista vai ser uma grande colônia da Venezuela. (Caio Machado<sup>83</sup>, roraimense, de 20 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

A governadora tem que colocar os venezuelanos no quintal da casa dela ou da fazenda dela. (Pedro Fonseca<sup>84</sup>, maranhense, de 42 anos, que mora em Boa Vista há 25 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017)<sup>85</sup>.

A prefeitura tem que tirar os venezuelanos dos bairros de Boa Vista. (Gleiciane Silva<sup>86</sup>, amazonense, de 34 anos, que mora em Boa Vista há 15 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

Não vai mais ter emprego para os brasileiros. (Edjane Santos<sup>87</sup>, roraimense, de 22 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

Roraima está cheia de bandidos. (Adalgiza Seabra<sup>88</sup>, maranhense, de 39 anos, que mora em Boa Vista há 18 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

Os venezuelanos foram tirados da rodoviária, mas estão voltando. (Weliton Melo<sup>89</sup>, roraimense, de 34 anos, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos no dia 12/11/2017).

Nesses trechos de narrativas, foi identificado que os estabelecidos de Roraima retratam os venezuelanos como pessoas de “fora”, “invasores” que estão acarretando sérios problemas a Roraima. Apesar disso, há grande presença venezuelana em Roraima; no entanto, ainda não percebemos a influência marcante da cultura venezuelana na sociedade roraimense. O que existe entre venezuelanos e brasileiros é uma certa hierarquia social conduzida pelo processo de estigmatização e estereotipização.

---

<sup>82</sup> Nome fictício.

<sup>83</sup> Nome fictício.

<sup>84</sup> Nome fictício.

<sup>85</sup> A narrativa do homem maranhense diz respeito a uma crítica feita por ele ao governo do Estado de Roraima por disponibilizar abrigos para os venezuelanos nas cidades de Pacaraima e Boa Vista.

<sup>86</sup> Nome fictício.

<sup>87</sup> Nome fictício.

<sup>88</sup> Nome fictício.

<sup>89</sup> Nome fictício.

Por outro lado, as práticas cotidianas de resistências não são tão visíveis, entre os venezuelanos, como eventos formais e coletivos. Com isso, supomos que existe entre os migrantes venezuelanos uma certa possibilidade de submissão à múltipla condição social a qual estão sujeitos.

Em vista desse cenário, o fluxo migratório venezuelano no lado da fronteira brasileira gerou uma preocupação por parte dos órgãos governamentais e não-governamentais, além dos organismos internacionais que lidam com a questão do refúgio e da migração, como o Alto Comissariado das Nações Unidas Para os Refugiados (ACNUR) e a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Por esse motivo, a principal preocupação do governo brasileiro seria a de criação de empregos e documentação para esses migrantes. Isso reforça que a migração de venezuelanos em Roraima segue o padrão de migrações internacionais para o Brasil, ou seja, majoritariamente masculina, mas com a presença constante de mulheres, e em idade laboral.

Essa migração também tem impactado as cidades de Pacaraima e Boa Vista de modo marcante. Pacaraima, a título de exemplo, se tornou porta de entrada dos venezuelanos no Brasil, virando uma espécie de campo de refugiados para venezuelanos carentes. A situação mais grave é dos indígenas Warao, que são vistos mendigando, principalmente, nas ruas de Boa Vista (Figura 16). “Esses indígenas chegam a Roraima com fome, sede e necessitados de atendimento médico após viajarem de canoa, ônibus e carona no percurso de 925 km entre as aldeias no estado Delta Amacuro, na Venezuela, e a capital roraimense” (SANTOS, 2016, p.01).



**Figura 16 – Mulher indígena Warao pede dinheiro na rua de Boa Vista**  
**Fonte:** Amazônia Real, 2016.

Essa situação vivenciada pelos Warao fez com que o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) classificasse a imigração venezuelana em Roraima como indígena e não indígena. De qualquer forma, é bom esclarecer que neste trabalho voltamos a nossa atenção somente para os venezuelanos não indígenas (SIMÕES, 2017).

Outro fator importante, apresentado pelo cônsul da Venezuela em Roraima Jose Matin Uriana Moran (2017), é que a imigração venezuelana em Roraima, por ser relativamente jovem e em idade laboral, apresenta grandes potenciais de desenvolvimento para o Estado de Roraima e para o Brasil. Entretanto, apresenta alguns desafios em termos de acolhimento e melhor integração em Roraima. Quando questionado sobre a principal diferença entre a migração de brasileiros para a Venezuela e a migração de venezuelanos para o Brasil, o cônsul fez a seguinte observação:

La migración de brasileiros hasta Venezuela siempre continúa con los garimpos porque muchos brasileiros que hicieron del garimpo su vida. En el garimpo el dinero es rápido y abundante. Consiguen las gramas de oro, las venden y consiguen dinero rápido y abundante. Esta migración ahora de venezolanos hacia Roraima es producto de una crisis y esta es una crisis circunstancial. Las crisis no son permanentes, las crisis son ciclos y este ciclo va a pasar. Muchos venezolanos regresaran de nuevo al territorio venezolano cuando las condiciones de las crisis pasen. Primero, hay varios factores, el idioma, lo cultural, la oferta de vida. Los venezolanos siempre dificultan por el idioma, la cultura, la comida y toda una serie de hechos culturales, no se sienten a gusto o sea. (Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos em 22/08/2017 na cidade de Boa Vista).

No debate proposto pelo cônsul da Venezuela em Roraima, embora fique claro uma possibilidade de retorno dos venezuelanos ao país de origem, atualmente o fluxo migratório de venezuelanos no lado da fronteira brasileira é contínuo, sem precedentes e de grande volume. De certa forma, essas características fortalecem cada vez mais a inversão do fluxo migratório, a ser melhor retratado na próxima seção.

#### **5.4 Processos de estigmatização e estereotipização na fronteira Brasil/Venezuela: mudanças das tipificações sociais na inversão do fluxo migratório**

As estratégias de migração envolvem, muitas vezes, uma ampla rede de relações sociais. Apesar disso, deixar um cotidiano conhecido representa um momento de tensão entre o indivíduo e o todo social que o circunda. Esta mudança provocada pela reestruturação produtiva em nível internacional e marcada pela crise financeira – isto é, o estancamento do

processo de desenvolvimento, o excedente de mão de obra crescente, a pobreza, a ausência de perspectiva de mobilidade social, entre outras causas – modificou o panorama da sociedade dita complexa, criando infinitas topologias de expressão social e individual.

De antemão, é impossível afirmar que um processo de migração não resulte de alguma forma de desenraizamento do indivíduo inserido em um procedimento que envolve um deslocamento físico, social, cultural e psíquico do ser humano. O ato de migrar é, portanto, marcado por estratégias de sobrevivência social, pela negociação das identidades culturais e pelas trajetórias individuais dos migrantes.

Importa demonstrar que, quando os sujeitos sociais mudam de lugar, levam consigo ideias, gostos, conhecimentos, costumes, valores, religiões que impregnarão o tecido social do lugar de acolhida. É por isso que os fluxos migratórios formam grupos étnicos em lugares distantes de sua origem. Esses grupos, segundo Menezes (2007), não precisam estar contidos dentro dos mesmos limites geográficos para influenciar culturalmente na nova Região ou Estado. Assim, o choque cultural é inevitável no processo migratório, quando os “preconceitos” precisam se abrir à revisão ou toda a personalidade deve se preparar para os mecanismos de defesa frente à adaptação e à resistência à mesma.

Nas relações do migrante com o grupo social do lugar de destino, a ideia “pré-concebida” entre o sujeito migrante e a população nativa permite aos membros de uma cultura fazer o esforço para entender (não para julgar) os valores e o estilo de vida de outra. Mas qual é o ponto de partida para entender o *outro*? Se nessa relação as tipificações forem tomadas como referência, o “preconceito” torna-se ponto de partida para estimular a capacidade de se colocar no lugar do *outro* no processo de aceitação da diversidade ou no processo de intolerância à diferença.

Isso significa que, antes mesmo de entrar em contato com o *outro*, o indivíduo tem pré-noções socialmente compartilhadas que o leva a ver o *outro* inicialmente como um “tipo”, no sentido de ser um representante considerado “típico” de um grupo, o que o torna mais homogêneo do que as inúmeras variações existentes na realidade para que possa melhor compreendê-la. Uma maneira de sermos mais específicos é associarmos o que foi dito com a realidade da migração de brasileiros e venezuelanos vivenciada na fronteira Brasil/Venezuela. Em tal caso, quando um nativo da Venezuela ou do Brasil estabelece uma interação com um migrante que não conhece, se apega a classificações como “brasileiro”, “venezuelano”, “comerciante”, “garimpeiro”, “prostituta”, “pampeiro”, “oitchenta”, etc., moldando seu

comportamento conforme o que acredita ser as características da categoria atribuída ao interlocutor.

Desse modo, o *outro* é sempre percebido de acordo com tipificações socialmente construídas que atuam como “padronizadoras” do que acontece na vida cotidiana. Contudo, embora os esquemas tipificadores afetem continuamente os processos de interação social, estes também são passíveis de ser alterados no próprio curso de interação. No caso específico de uma mulher venezuelana que é tipificada por um brasileiro como “oiticenta” e ao longo da interação, por exemplo, esse brasileiro perceber que essa mulher não se encaixa nas características que chegou a atribuir a ela, sem dúvida, ocorrerá uma modificação no esquema em que a mulher venezuelana foi inicialmente classificada por ele.

Em razão disso, os esquemas tipificadores estão em diálogo constante e recíproco, fazendo com que a realidade social seja frequentemente negociada e construída no curso das interações face a face. No caso das interações marcadas pelo anonimato, Berger e Luckmann (1974) afirmam que, na impossibilidade da negociação direta proporcionada pela interação face a face, as tipificações se tornam progressivamente anônimas, passando a se referir a tipos cada vez mais genéricos. Desse processo, surgem tipificações como “os homens brasileiros gostam de confusão”, “os venezuelanos estão invadindo Roraima”, “os brasileiros querem acabar com a gasolina da fronteira”, “os venezuelanos aumentaram a criminalidade em Roraima”, etc.

Com os exemplos citados anteriormente, chamamos a atenção para o fato de que as tipificações derivam de diferentes graus de anonimato: há aqueles migrantes com quem o sujeito já estabelecido na sociedade receptora se encontra regularmente sem que, no entanto, estabeleça uma relação direta mais profunda (como um garçom de um restaurante); há também aquelas pessoas com quem se encontrou uma vez e pouco provável voltará a encontrar (como uma pessoa que encontrou na fila para atendimento no hospital); ou ainda aquelas cuja existência é bastante concreta, apesar de muito distante (como um representante político ou representante consular).

Por este ângulo, a realidade social no cotidiano da fronteira Brasil/Venezuela enquanto construção intersubjetiva é percebida pelos membros da sociedade, em ambos os lados da fronteira, como um “contínuo de tipificações, que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui’ e ‘agora’ da situação face a face” (BERGER; LUCKMANN, 1974, p.52).

Como Schutz (1979) reforça, um mundo pode ser instável, marcado pela aceleração das diferenças, pela erupção de acontecimentos permanentes. Porém, aos olhos dos agentes que o integram, as tipificações permitem lidar com essas mudanças de um modo que lhes parece evidente. Certamente, a inversão do fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela contribui com essa linha de raciocínio.

A chegada em massa de venezuelanos em Roraima, sobretudo em Boa Vista, é uma situação completamente nova no extremo Norte do Brasil e que jamais foi imaginada. Afinal, sempre foi bastante comum os brasileiros emigrarem para a Venezuela, não o contrário. A abrangência desse cenário de mudanças demonstra que a fronteira tende a provocar uma dicotomia entre as identidades territoriais conforme se pertença ou não a um território. A partir desse pressuposto, podemos recorrer a Dorfman (2009, p.01) para inferir que “a fronteira em si é significada como um lugar de referência, uma fonte de identidade”. Logo, as mudanças de fronteiras vão juntas com as (re)identificações, as (res)significações e as (re)composições territoriais.

Seguindo esse raciocínio, podemos justificar que a principal responsável pelas transformações, em espacial no fluxo migratório, que vem passando a fronteira Brasil/Venezuela é a crise econômica que assola a Venezuela, intensificada a partir de 2013, após a morte do ex-presidente Hugo Chávez e a eleição de Nicolás Maduro a presidente do país. Desde então, o declínio do modelo chavista de governo tornou-se evidente<sup>90</sup>.

A estatização dos principais setores da economia como turismo, alimentação e energia, ocasiona a redução da produtividade que se agravou com a queda do preço do petróleo, principal recurso para a compra de matéria-prima para as indústrias governamentais e para a compra de produtos básicos.

Consequentemente, o resultado foi uma crise econômica sem precedentes que se intensifica cada vez mais. Dentre as opções possíveis, o Brasil, por ser um país vizinho, tem sido cada vez mais procurado pelos venezuelanos. No entanto, cabe mencionar que, a partir de 2015, o fluxo dos venezuelanos também aumentou significativamente para a Colômbia, Trinidad e Tobago e diversos países do continente americano que, de acordo com Álvarez (2016), viram seus registros de venezuelanos aumentar a partir desse ano.

No caso específico do Brasil, o principal destino dos venezuelanos tem sido o Estado de Roraima, precisamente as cidades de Pacaraima e Boa Vista, como demonstramos em outras passagens do texto. Em geral, a fronteira seca, sem obstáculos naturais, entre a cidade

---

<sup>90</sup> De acordo com Borges (2005), o principal fundamento do socialismo venezuelano é a total intervenção do Estado, que controla a economia, nacionaliza empresas, manipula os preços e intervém no câmbio.

brasileira de Pacaraima e a venezuelana de Santa Elena de Uairén, transformou Roraima no destino mais acessível. Sendo assim, o exemplo da imigração de venezuelanos em Roraima torna-se importante para expor que a chegada de migrantes provenientes de países fronteiriços se acentuou no Brasil, incluindo também um importante contingente de brasileiros retornados. Vale notar, nesse processo, o aumento no número de pedidos de refúgio<sup>91</sup> por cidadãos venezuelanos no Brasil, que, segundo as informações da Tabela 04, quadruplicou nos últimos dois anos.

**Tabela 04 - Pedidos de solicitação de refúgio de venezuelanos e outros imigrantes em Boa Vista/RR**

ANO	PAÍS	QUANTIDADE	%
2014	Venezuela	9	3,36
	Outros Países (Bangladesh, Burquina Faso, Cuba, Gâmbia, Gana, Haiti, Nigéria, Paquistão, Quênia, República dominicana, Senegal, Síria e Somália)	259	96,64
	TOTAL:	268	100
2015	Venezuela	234	21,91
	Outros Países (Alemanha, Bangladesh, Benin, Cuba, Gana, Guiana, Haiti, Índia, Nepal, Nigéria, República Dominicana e Síria)	834	78,09
	TOTAL:	1.068	100
2016	Venezuela	2.241	70,63
	Outros Países (Alemanha, Bangladesh, Chile, China, Colômbia, Cuba, Gâmbia, Gana, Guiana, Haiti, Líbano, Nepal, Nigéria, Peru, Portugal, República Dominicana, Senegal e Síria)	932	29,37
	TOTAL:	3.173	100
2017 (até junho)	Venezuela	6.517	86,71
	Outros Países (Benin, China, Colômbia, Coréia do Sul, Cuba, Espanha, Gana, Guiana, Haiti, Índia, Nigéria, Peru, República do Benin, República Dominicana, Síria e Suriname)	999	13,29
	TOTAL:	7.516	100

**Fonte:** Divisão de Controle de Imigração da Polícia Federal em Roraima. Informações disponibilizadas à autora em 25/07/2017.

<sup>91</sup> O refúgio é uma proteção legal que um determinado país oferece a cidadãos que estejam sofrendo perseguição no país de nascimento por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Também pode ser solicitado a quem esteja sujeito a graves violações de direitos humanos (ACNUR, 2011).

Diante dos dados apresentados na Tabela 04, verificamos que o número de solicitantes de refúgio venezuelanos, para a capital de Roraima, passou de 234 em 2015 para 2.241 em 2016 e, até o mês de junho de 2017, para 6.517 venezuelanos. Para fortalecer essas informações, recorreremos a Simões (2017) com o intuito de acrescentar que, a nível nacional, isto é, para todo o Brasil, os números de venezuelanos que solicitaram refúgio são respectivamente de 829, 3.368 e 7.600 para os anos de 2015, 2016 e 1º semestre de 2017. Em vista disso, percebe-se que a maioria dos venezuelanos recém-chegados ao Brasil solicitou seu pedido de refúgio em Roraima.

A relevância da questão apresentada está ligada não tanto ao número de migrantes venezuelanos, mas, antes de tudo, à forma com que o fluxo migratório tem ocorrido e aos desafios que foram colocados à sociedade brasileira, em especial à sociedade roraimense. Por outro lado, a chegada dos venezuelanos em Roraima, lugar marcado pela presença de pessoas de outras nacionalidades, como é possível verificar na Tabela 04, mostrou que os mecanismos legais que o Brasil dispõe não estão adaptados a essa nova realidade voltada para um mundo no qual as pessoas transitam por diversas razões, sendo a mais importante a migração laboral.

Nesse contexto, a utilização de mecanismos pelos migrantes venezuelanos, como o de refúgio, para contornar os impedimentos legais de entrada e permanência no Brasil, contribui com uma sobrecarga nos serviços públicos de todas as áreas institucionais. Isso ocorre porque a crise econômica brasileira está sendo responsável por diversos cortes em repasses financeiros para os municípios e estados, prejudicando os serviços públicos em todos os níveis, e no Estado de Roraima essa realidade não é diferente.

Frente a essa realidade, Roraima visa buscar alternativas para dinamizar o fluxo migratório de venezuelanos em seu território. Assim, torna-se necessário problematizar o lugar da fronteira Brasil/Venezuela no contexto das migrações, que se encontra em constante redefinição, dando abertura para pensarmos, por exemplo, a nova identidade da fronteira Brasil/Venezuela, caracterizada pelo desafio da interação social entre o povo brasileiro e venezuelano, como é apresentada na letra da música “Somos todos hermanos”, de autoria e interpretação de Neuber Uchôa (2017):

### **“Somos todos hermanos” – Neuber Uchôa (2017)**

É tempo de acolher, de compartilhar  
O que se tem de bem, no coração também  
Por nossos manos, venezuelanos  
Nossos vizinhos do peito, los hermanos  
Mira, tamo junto na mira  
A fronteira respira pro mar  
Margarita, maravilha!  
No sonho de ilha de mel  
Gosto do céu da boca de quem se dá  
Somos filhos de Jah, da bondade de Alá  
Axé do Deus Buda, Macunaíma!

A música “Somos todos hermanos” representa uma causa humanitária e um apelo pela solidariedade dos roraimenses com os venezuelanos. Ou seja, incentiva ao acolhimento aos venezuelanos em Roraima. A expressão “é tempo de acolher”, por exemplo, é uma referência ao apoio que os venezuelanos precisam ao cruzar a fronteira na esperança de uma vida melhor. A letra também destaca a importância da fronteira de Roraima com a Venezuela, que “respira para o mar”, ao citar Margarita, a ilha com praias caribenhas que atrai os brasileiros. A música finaliza fazendo uma conexão entre Jah, Alá, Buda e Macunaíma, o justiceiro da mitologia indígena de Roraima.

Sem dúvida, a música “Somos todos hermanos” objetiva a união cultural e social da população brasileira, em Roraima, com a população venezuelana. Mesmo assim, a rejeição que os venezuelanos sofrem pelos brasileiros ainda é bastante evidente nas ações de diferenciação individual e social entre os dois povos. Ao mesmo tempo em que os venezuelanos são acusados pela degradação das condições de vida em Roraima, parte desses migrantes aproveitam para ressaltar o que a fronteira representa para eles:

La frontera realmente aproxima a los dos países. Pero no acerca a la gente [...] Sólo yo fui más cercana a los brasileños cuando estaba casada con un brasileño. A pesar de habernos separado recientemente no me siento más ligada a Brasil. Todavía estoy aquí porque la vida es más fácil que en Venezuela. (Nubia Pastron<sup>92</sup>, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 16/01/2017, na cidade de Boa Vista).

Muchos brasileños reclaman que fueron maltratados en Venezuela y que, por eso, maltratan a los venezolanos que están en Brasil [...] Mientras como venezolano pido disculpas a todos los brasileños por lo que ya pasaron de malo en Venezuela [...] Somos todos hermanos y necesitamos hacer que nuestra frontera, Brasil/Venezuela, sea la mejor del mundo. (Carlos Bravo<sup>93</sup>,

---

<sup>92</sup> Nome fictício.

<sup>93</sup> Nome fictício.

em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 21/11/2016, na cidade de Boa Vista).

La frontera es mágica. Es un lugar que todos deberían conocer [...] La frontera nos proporciona tener contacto con otras culturas. Es otro mundo. (Elias Mendoza<sup>94</sup>, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 21/06/2017, na cidade de Boa Vista).

Mi sueño es que Roraima y Bolívar se unan e inviertan en sus potencialidades, en su gente [...] Sus autoridades no pueden continuar con esa separación de que Roraima es Brasil y de que Bolívar es Venezuela. Son dos Estados alejados del centro político de sus países. Podrían unirse y establecer estrategias económicas y políticas. (Rosalba Meza<sup>95</sup>, em entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, em 19/01/2017, na cidade de Boa Vista).

De forma resumida, essas narrativas dos venezuelanos reforçam a análise de Albuquerque (2010), que nos apresenta a noção de fronteira como delimitação de territórios ou como metáforas da vida social. Nessa mesma linha de raciocínio, as narrativas também apresentam a fronteira Brasil/Venezuela como palco da mobilidade social, como lugar de encontro de culturas. Com esta condição, cria-se uma relação de pertencimento e/ou identificação com o lugar, fortalecidos pelos processos de interação e estigmatização social.

Assim, a tarefa de refletir sobre o fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil e de brasileiros para a Venezuela, do ponto de vista fenomenológico, nos mostra um desafio quando compreendemos que esses migrantes, ao interagirem com a sociedade estabelecida na fronteira Brasil/Venezuela, nos motivam a realizar o mesmo questionamento de Sayad (1998): o que é um imigrante? Estendemos esse questionamento para o migrante em condição fronteiriça, o que também nos dá abertura para finalizarmos o capítulo com outro questionamento importante: qual será o futuro de Roraima diante das consequências das mudanças do fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela?

---

<sup>94</sup> Nome fictício.

<sup>95</sup> Nome fictício.

## CONCLUSÃO

A condição de fronteira é ser ex-cêntrico, ou seja, é dada pela situação de ser borda, margem ou franja. Não estar no centro é, pois, tanto que estar distante quanto ser diferente. Admitir tal condição é postular uma atitude de estranhamento, que possibilita aquilo que se convencionou chamar como sendo a melhor atitude antropológica: “ver mais longe”, colocar-se à distância e em recuo frente à situação observada para melhor enxergá-la e compreendê-la. (PESAVENTO, 2002, p.37).

Nesta tese, propusemos abordar a interação social e o estigma na fronteira Brasil/Venezuela a partir das mudanças do fluxo migratório de brasileiros e venezuelanos nessa fronteira. Tal abordagem possibilitou, entre outras coisas, analisar os impactos do processo migratório de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil, sobretudo, na formação de estereótipos em relação ao contato com a sociedade estabelecida na fronteira já mencionada. Estruturamos o texto em cinco eixos temáticos interligados e distribuídos em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento do estudo e apresentamos alguns elementos relativos às particularidades da pesquisa de campo e o modo como foi proposta a análise dos dados a partir das contribuições teórico-metodológicas da fenomenologia social. De certa forma, este caminho mostra que o referido estudo é inovador na medida em que se propõe aplicar os pressupostos da fenomenologia social, em diálogo com outras teorias e conceitos, sobretudo, sociológicos, para compreender elementos pertinentes do fenômeno migratório de brasileiros e venezuelanos no contexto da fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

Ainda na parte metodológica, demonstramos que a fonte primordial da construção dessa tese foram as narrativas dos migrantes brasileiros e venezuelanos, que permitiram tirar do anonimato as experiências de vida de homens e mulheres que migraram para a Venezuela, no caso dos brasileiros, e para o Brasil, no caso dos venezuelanos.

Os depoimentos desses migrantes nos possibilitaram compreender os desafios do projeto migratório, marcado pela socialização com a sociedade estabelecida no local de destino, a inserção no mundo do trabalho e a (re)construção da vida – processo este influenciado pela condição social atrelada ao nível de vida desses migrantes. Substancialmente, não se pode afirmar com precisão que os projetos migratórios se realizaram

plenamente, pois estes continuam em curso e muitos dos *motivos a fim de*, que ressalta Schutz (1979), não se concretizam em sua plenitude.

Dando continuidade a esse propósito, no segundo capítulo, realizamos uma análise aprofundada da fronteira amazônica enquanto lugar de recepção da migração. Nesse eixo temático, apresentamos a migração como processo que redefine novos espaços e espacialidades, especialmente na dinâmica fronteiriça.

No terceiro capítulo, abordamos a temática das estruturas sociais e simbólicas para contextualizar a fronteira Brasil/Venezuela, especificamente os estados que a compõem: Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela). Buscamos, de certa forma, problematizar a abordagem fenomenológica e sua contribuição nos processos de interação social dos migrantes brasileiros e venezuelanos pelos moradores de ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela.

Abordamos, no quarto capítulo, os aspectos teóricos que tratam da fenomenologia social, dando ênfase aos pressupostos da migração. Sendo assim, no âmbito dessa discussão teórica, a Sociologia torna-se fundamental para explicar o estabelecimento dos papéis sociais no tempo e no espaço fronteiriço.

No último capítulo, apresentamos os aspectos empíricos da tese, que visaram dialogar com o primeiro capítulo. Na primeira parte do capítulo, sistematizamos alguns dados coletados no campo, sobretudo as entrevistas, para contextualizar a dinâmica migratória de brasileiros e venezuelanos. Esses dados contribuíram para a realização de algumas reflexões acerca das mudanças das tipificações sociais na inversão do fluxo migratório através dos processos de estigmatização e estereotipização. Todas essas reflexões contribuíram para o surgimento de questionamentos que, de certa forma, deixam a pesquisa em aberto para que possa ser continuada em outro momento.

Deste modo, a pesquisa permitiu desvelar a saga da migração brasileira e venezuelana na fronteira Brasil/Venezuela e sua contribuição para o campo de estudo da Sociologia, através de um diálogo aprofundado com a fenomenologia social, como já foi mencionado. Entre as inquietações deixadas por este trabalho para futuras pesquisas se destacam: Qual será o futuro de Roraima diante das consequências das mudanças do fluxo migratório na fronteira Brasil/Venezuela? Será que daqui a algum tempo os venezuelanos, que estão passando por um processo de acolhimento em Roraima (Brasil) vão estigmatizar a população indígena de Roraima para não continuarem sendo estigmatizados pela população já estabelecida? Da mesma forma, os brasileiros que ainda permanecem na Venezuela estigmatizam os

venezuelanos que migraram para o Brasil ou os venezuelanos que continuam na Venezuela como forma de “serem superiores”? Finalmente, a Venezuela, mesmo com a crise econômica e política, continuará sendo um *el dorado* para os brasileiros já estabelecidos nesse país?

Esses questionamentos representam os diferentes momentos e o engajamento de povos de duas nacionalidades distintas – neste caso, os brasileiros e venezuelanos – no espaço entre o Brasil e a Venezuela. Para cada inserção, seja dos brasileiros ou dos venezuelanos, houve ajustes nas suas intencionalidades, possibilitando a caracterização da identidade brasileira e venezuelana em cada lado da fronteira. Sobre isso, Santos (2002) entende que o espaço social é como toda realidade social, visto que é definido metodologicamente e teoricamente por conceitos gerais como forma, estrutura, função e processo. Por esse motivo, o espaço sociocultural da fronteira Brasil/Venezuela se modificou ao acompanhar as transformações dos grupos de migrantes que marcaram e marcam presença no local.

No discurso dos sujeitos de pesquisa, o que ficou bem referenciado foram as alterações do fluxo migratório, no qual a procura de brasileiros pela Venezuela foi substituída pela procura em massa dos venezuelanos pelo Brasil. Essa ação dos migrantes venezuelanos não foi algo previsível, mas, ao mesmo tempo, esperado, no que tange à territorialização de suas formas físicas no lado fronteiriço brasileiro.

A trajetória dos migrantes venezuelanos até a chegada em Pacaraima e Boa Vista, no Estado de Roraima, configura um marco histórico para este Estado por se tratar de um contexto de imigração inaugural no Brasil uma vez que se caracteriza em torno de mudanças e trocas culturais.

No caso da emigração brasileira para a Venezuela, este fenômeno revelou que, por este grupo já estar estabelecido no cenário social venezuelano, a atual situação em que se encontra não se compara ao momento da chegada. Apesar das dificuldades encontradas no decorrer do percurso migratório, as relações sociais estabelecidas pelos brasileiros com a população local de Santa Elena de Uairén se integram e se alteram mutuamente no espaço fronteiriço.

Nas interações dos brasileiros com a população venezuelana, que se mostravam estigmatizadas no início do fluxo migratório deste grupo para a Venezuela a partir da década de 1970, esses migrantes encontraram, na identidade fronteiriça, formas de posituação dos elementos de seu próprio grupo. Com isso, podemos dizer que a trajetória migratória de parte dos brasileiros que vivem, atualmente, em Santa Elena de Uairén, é percebida por eles próprios como exitosa. De certa forma, se eles enfrentaram dificuldades na chegada, hoje se

orgulham dos projetos de vida que deram certo mesmo com a intensa crise política e econômica que a Venezuela está vivenciando desde a morte do ex-presidente Hugo Chávez em 2012.

Esse fenômeno vem a calhar com a análise proposta por Schutz (1979), à qual recorreremos amplamente neste estudo. Para este autor, as ações humanas só são compreensíveis se encontramos nelas motivações. Por isso, partimos do pressuposto de que os atos dos venezuelanos em recorrerem à prática migratória rumo ao Brasil são motivadas, entre outros motivos, pela ação migratória de brasileiros rumo a Venezuela.

Conforme os pressupostos da fenomenologia social, esses dois grupos de migrantes vivenciam o cotidiano fronteiriço de forma diferente, dependendo do lugar em que ocupam dentro de um determinado contexto social. Diante disso, mesmo compartilhando intersubjetivamente o mesmo contexto fronteiriço, as experiências subjetivas desses grupos de nacionalidades distintas não são iguais. Este ponto é fundamental para pensar o cenário de interação social e estigmatização na fronteira Brasil/Venezuela sob a ótica das migrações a partir da fenomenologia.

Outro fator que deve ser pensado é que, apesar de todos os desafios enfrentados pelos brasileiros na Venezuela, podemos levantar a hipótese de que a preferência pela fronteira Brasil/Venezuela se deva, entre outros motivos, ao fato de que a prática migratória poderia viabilizar a possibilidade de se alcançar a mobilidade econômica na medida em que eles vão se inserindo no mercado de trabalho, mesmo que informal.

Neste caso, para conseguir a tão almejada mobilidade, o migrante brasileiro adotou uma estratégia que consiste em desvincular-se dos vários estigmas imputados ao seu grupo étnico mediante a combinação de estratégias familiares e econômicas para que o fenômeno migratório de brasileiros para a Venezuela e de venezuelanos para o Brasil sejam analisados na sua dupla dimensão, isto é, dois segmentos ou grupos de migrantes que foram contemporâneos em sua ida para a Amazônia, em especial para a fronteira Brasil/Venezuela.

Assim, do ponto de vista sociológico, podemos dizer que as possibilidades do reconhecimento no âmbito da sociedade estabelecida em ambos os lados da fronteira Brasil/Venezuela são ainda mais reduzidas para os venezuelanos do que para os brasileiros, isto porque aos migrantes venezuelanos são atribuídos um número maior de estigmas.

Os estigmas atribuídos aos venezuelanos nos estimulam a reconhecer que pensar o eixo Norte do Brasil, fundamentado na fronteira Brasil/Venezuela, se mostra mais que necessário, principalmente em um momento de intensa troca cultural fruto de uma identidade

inaugural mesclada por características da cultura brasileira e venezuelana e que certamente alterará, em muitos aspectos, o que entendemos por Estado-Nação.

Esses processos consolidam a ideia de que a pesquisa implica alguns fatores importantes para a indicação de possíveis políticas públicas que possam absorver melhor os venezuelanos recém-chegados a Roraima. Neste sentido, para que a degradação da solidariedade e dos vínculos sociais seja minimizada no contexto migratório de venezuelanos em Roraima, uma política pública de suporte ao emprego (SIMÕES, 2017), desde que devidamente planejada com entidades federativas e com o setor privado, torna-se cada vez mais necessária.

Conclui-se, assim, que, a partir de suas experiências diferenciadas de inserção na fronteira Brasil/Venezuela, brasileiros e venezuelanos compartilham escolhas circunscritas a um emaranhado de acontecimentos históricos e sociais que as suas vontades passam a atender. Isso faz com que esses migrantes se encontrem em um espaço contraditório de provisoriedade subjetiva, dando abertura para o entendimento de que, na interação entre um sujeito estigmatizado e um outro que é considerado “normal”, o estigmatizado poderá sentir-se sendo constantemente vigiado em todas as suas ações, para ver como ele vai se portar ou o que vai dizer. Conseqüentemente, este fator será uma das razões que levará o indivíduo estigmatizado, no caso o migrante venezuelano, a desenvolver estratégias para ocultar sua identidade, podendo assim tentar garantir viver uma vida normal.

## REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Rosa; CASTRO, Edna. **Negros do trombetas**. Belém: CEJUP, 2003.
- ACNUR. **Manual de Procedimentos e Critérios para a Determinação da Condição de Refugiado**: de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao estatuto dos refugiados. 2011.
- ALBINZANO, Roberto Carlos. Las Regiones De Frontera: espacios complejos de la resistencia global. In: OLIVEIRA, T.C.M. (org). **Território Sem Limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005.
- ALBUQUERQUE, Camila Rodrigues Cavalcanti de. **Áreas de livre comércio**: O caso de Boa Vista. (Dissertação de Mestrado em Economia). Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010
- \_\_\_\_\_. Fronteiras múltiplas e paradoxais. **Textos & Debates**: Revista de Filosofia. Dossiê Sociedade e Fronteiras. n.22. Boa Vista: Ed. UFRR, julho/dezembro, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Migrações em territórios fronteiriços**: a experiência cotidiana entre legislações nacionais, fronteiriças e regionais. 38º Encontro Anual da ANPOCS/GT23 – Migrações internacionais: legislações, estados e atores sociais. Caxambu: ANPOCS, 27 a 31 de outubro de 2014.
- \_\_\_\_\_. Migração, circulação e cidadania em território fronteiriço. **Revista Tomo**. n.26 Jan/Jun. 2015.
- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena história da formação social brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ÁLVAREZ, Johanna A. A new wave of Venezuelans on the verge of destitution flees to Miami. **Miami Herald**. Miami: 03/06/2016. Disponível em: <http://www.miamiherald.com/news/local/immigration/article81578152.html>. Acesso em: 23/09/2017.
- AMBROSINI, Maurizio. **Un'altra globalizzazione**: la sfida delle migrazioni transnazionali. Bologna: Il Mulino, 2009.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; DINIZ, Alexandre Magno Alves. A embrionária rede urbana de Boa Vista. **Revista de Geografia Estudios Setentrionales**. Tandil – Argentina, v.5, n.5, 2005.
- ANCEL, Jaques. Geopolítica de fronteiras. In: CASTAGNIN, D. **Poder global y Geopolítico**. Buenos Aires: Pleamar, 1984.
- ATENCIO, Ariel. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 09/01/2017.

BARBOSA, Pedro M. Rosario. **La filosofía de Edmund Husserl: Introducción**. San Juan: Ediciones Nóema, 2015.

BARTH, Frederick. Etnicidade e o Conceito de Cultura. In: **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense**: Niterói: Ed. UFF, 1995.

\_\_\_\_\_. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: T. LASK (org.), **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

\_\_\_\_\_. Etnicidade e o conceito de cultura. **Niterói**, n.19, 2. sem., 2005. pp. 15-30.

BASTOS, Ubiraci. (Vice-cônsul do Brasil em Santa Elena de Uairén – Venezuela). **Entrevista sobre as condições de vida dos brasileiros na fronteira Brasil/Venezuela**. Santa Elena de Uairén: Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, 12/02/2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BECKER, G.; ARNOLD, R. Stigma as a social and culture construct. En AINLAY, S. C.; Becker, G.; Colman, L. M. A. (Ed), **The Dilemma of Difference** (39-76). New York: Plenum, 1986.

BECKER, Howard S. Falando Sobre a Sociedade. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

\_\_\_\_\_. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENTO, Fábio Régio. Fronteiras, significado e valor – A partir do estudo da experiência das cidades-gêmeas de Rivera e Santana do Livramento. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Fronteiras em movimento**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERTAUX, Daniel. **Destinos sociais e estrutura da classe: para uma crítica da antroponomia política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BETANCORT, Carlos A. **El Estado Bolívar y sus Municipios**. 3ª ed. Venezuela: [s.n.], 2005.

BETTS, Alexander. **Forced migration and global politics**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

BOGNER, Alfred.; ROSENTHAL, Gabriele (eds.). **Ethnicity, belonging and biography**. Berlim: Verlag, 2009.

BORGES, Altamiro. **Venezuela: originalidade e ousadia**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF**. Brasília: SPR, 2009.

BRAVO, Carlos. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 21/11/2016.

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. In: **Revista Espaço e Cultura**. N. 23. Rio de Janeiro: UERJ, jan/jun de 2008.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and Method**. Los Angeles, University of California Press, 1986.

BURRELL, G; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis: elements of the sociology of corporate life**. London: Heinemann, 1979.

CAMPOS, Junior. **Música Xote das Oitenta**. Boa Vista: Pipoquinha de Normandia, 2017.

\_\_\_\_\_. **Música Lá vem os mira com o rodo na mão**. Boa Vista: Pipoquinha de Normandia, 2018.

CAMPOS, Neovis. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 22/08/2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAPALBO, Creusa. **Metodologia das Ciências Sociais: A Fenomenologia de Alfred Schutz**. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 1998.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **Fronteiras: Revista Catarinense de História [on-line]**, Florianópolis, n.20, p.53-68, 2012.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Aculturação e “fricção interétnica”. **América Latina**, v. 6, n. 3, p. 33-46, 1963.

\_\_\_\_\_. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. Introdução. \_\_\_\_\_; BAINES, Stephen Grant (Orgs). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CORRÊA, Lúcia. Salsa. **História e Fronteira: O Sul de Mato Grosso (1870-1920)**. Campo Grande: UCDB, 1999.

CORRIGAN, P.; LUDIN, R. **Don't call me nuts: coping with the stigma of mental illness**. Champaign, Ill: Recovery Press, 2001.

CARVALHO, Maria Dalva de Barros; VALLE, Elizabeth Ranier Martins do. A pesquisa fenomenológica e a enfermagem. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 24, n. 3, p. 843-847, 2002.

CASA DE CULTURA E TURISMO DE PACARAÍMA. **Anotações de campo 2015**. Pacaraima: Pesquisa de campo realizado por Alessandra Rufino Santos em 09 de fevereiro de 2015.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: CASTEL, R; WANDERLEY, L. E. W.; BELFIORE-WANDERLEY, M. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2004.

CASTILLO, Josias. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 03/06/2017.

CASTRO, Celso; O'DONNELL, JÚLIA. **Introdução às Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidades das cidades amazônicas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

CAVALCANTE, Helidio. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CONSULADO DA VENEZUELA EM RORAIMA. **Anotações de campo 2017**. Boa Vista: Pesquisa de campo realizada por Alessandra Rufino Santos em 22 de agosto de 2017.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Horizonte, 2005.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Estado, Planejamento e Produção do Espaço Amazônico: crítica, autocrítica e perspectiva para o futuro**. (Palestra proferida ao Ciclo de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2011.

CRUZ, Valter do Carmo. R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia. **Revista Terra Livre**. Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

DEFARGES, Phillipe Moreau. **A mundialização: o fim das fronteiras**. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro. 1980.

DIEHL, Fernando. **Três teorias sociológicas para a compreensão da discriminação contra minorias sociais na interação cotidiana**. Revista Contraponto | Vol. 1 n. 3. out.nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estrangeiro em uma terra estranha: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul**. (Dissertação de mestrado em Sociologia). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

DINIZ, Alexandre. A evolução fronteiriça em Roraima. O caso das confianças I, II e III. In: **Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças** (Seminário Organizado e Coordenado pelo curso de Especialização em relações Fronteiriças do Centro de Ciências Sociais e Geociências da UFRR). Boa Vista-RR: UFRR, 1997.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça: a experiência local de um objeto geográfico nacional. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Geografia**. São Paulo: USP, 2008.

\_\_\_\_\_. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. **Estudios Historicos**. CDHRP, mayo 2009, nº 1 - ISSN: 1688 – 5317.

\_\_\_\_\_. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. In: NASCIMENTO, D. M.; PORTO, J. L. R. **Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2013.

DREX/SR/PF/RR. **Ofício nº 9/2017-DREX/SR/PF/RR**. Boa Vista: Delegacia Regional Executiva da Superintendência da Polícia Federal em Roraima, 11/08/2017.

DUARTE, Leomarys. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 14/05/2017.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EBC. Ao menos 30 mil venezuelanos já migraram para Roraima. **EBC Radioagência Nacional**: 13/02/2017. Disponível em: <http://radioagencianacional.ebc.com.br/direitos-humanos/audio/2017-02/ao-menos-30-mil-venezuelanos-ja-migraram-para-roraima-em-busca-de>. Acesso em: 09/03/2017.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_; SCOTSON John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENNINGER, Rossana Zott. **Identidade e hibridação cultural em fronteiras**: conceitos e aproximações. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de cultura e identidade no V Seminário Internacional da Pesquisa em Comunicação (SIPECOM). Santa Maria: UFSM, 2013.

FARIA, Ana Carolina Viana. **Fronteira Brasil/Venezuela**: Relações bilaterais entre Roraima e Estado Bolívar. MG: PUC-Minas, 2009.

\_\_\_\_\_; DINIZ, Alexandre Magno Alves; AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. A formação da fronteira entre Brasil e Venezuela: Aspectos históricos e relações bilaterais contemporâneas. In: LIMA, Marcos Costa; BOTÍA, Carlos Gilberto Zárate; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (Orgs.). **Governabilidade e fronteira**: os desafios amazônicos. Boa Vista: UFRR, 2012.

FARIÑAS, Mariela. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 07/01/2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. Prostituição de venezuelanas avança com a imigração em massa no Norte. **Folha de São Paulo (Cotidiano)**. São Paulo: Folha de São Paulo, 24/04/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1879719-prostituicao-de-venezuelanas-avanca-com-imigracao-em-massa-no-norte.shtml>. Acesso: 13/06/2017.

FOLHA WEB. Audiência Pública debate situação da imigração venezuelana em Roraima. **Jornal Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 09 set. 2016. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Audiencia-Publica-debate-situacao-da-imigracao-venezuelana-em-Roraima/20019>. Acesso em: 09/09/2016.

FONSECA, Pedro. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto et. al. O ser da Amazônia: Identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**. vol.61. n.3. São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. **O ser da Amazônia**: Identidade e invisibilidade. *Ciência e Cultura*. vol. 61 n.3. São Paulo, 2009.

FERNANDES, João. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Pacaraima/RR: 18/02/2015.

FERNANFEZ, Keidy. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 23/03/2017.

FERNANDES NETO, Pedro. **Caracterização Geográfica da Faixa de Fronteira Continental Norte do Brasil**. (Monografia de Graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

FREITAS, Aimberê. **Fronteira Brasil/Venezuela: encontros e desencontros**. São Paulo: Corprint, 1998.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GALLINO, Luciano. **Dizionario di sociologia**. Roma: Editoriale l'Espresso, 2006.

GAUDEMAR, J. P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Stampa, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1982.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

GIL, Antônio Carlos – **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

GORDILLO, Gastón; LEGUIZAMÓN, Juan Martín. **El Río y la Frontera: mobilizaciones aborígenes, obras públicas y mercosur en el Pilcomayo**. Buenos Aires: Biblos, 2001.

GRIMSON, Alejandro. Cortar puentes, cortar pollos: conflictos económicos y agencias políticas em Uruguayana (Brasil) - Libres(Argentina). In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen Grant (Orgs). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

GUIMARÃES, Edson P.; ALVES JÚNIOR, José. Impactos para o Brasil de um Acordo de Livre Comércio com a Venezuela. Texto para Discussão, **IPEA**, n.521, Rio de Janeiro, 1997.

G1/JORNAL NACIONAL. Serviços de venezuelanos nas ruas dividem opinião em Boa Vista. **Portal de notícias G1/Jornal Nacional**: 20/11/2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/11/servicos-de-venezuelanos-nas-ruas-dividem-opinioes-em-boa-vista.html>. Acesso em: 29/11/2017.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANKE, Edith. A obra completa de Max Weber: um retrato. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. v.24, n.1. 2012.

HENCKLAIN, Alexandre. Faixa de Fronteira: Infraestrutura e projetos integrados de desenvolvimento sustentável. In: **Oficina de Trabalho Fronteiras do Brasil: uma avaliação do arco Norte**. Boa Vista: IPEA, 2016.

HERÉDIA, Vania B. M.; MOCELLIN, Maria Clara; GONÇALVES, Maria do Carmo (Org.). **Mobilidade humana e dinâmicas migratórias**. Porto Alegre: Letras & Vida, 2011.

HUNTER, B. H. Social exclusion, social capital, and indigenous australians: measuring the social costs of unemployment, Centre for Aboriginal Economic Policy Research. **Discussion Paper**, n. 204, p. 1-41, 2000.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_\_. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 29/05/2015.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 18/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 2017**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa\\_dou.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa_dou.shtm). Acesso em: 17/11/2017.

INE. Instituto Nacional de Estadística. **Censos**. Disponível em: <http://www.ine.gov.ve/>. Acesso em: 18/03/2017.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estadística. **Censos**. Disponível em: <http://www.ine.gov.ve/>. Acesso em: 17/11/2017.

JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity: arguments and explorations**. London: Sage Publications, 1997.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Ego, para uma sociologia do indivíduo**. Instituto Piaget: 2003.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEMOS, David Sena. **A construção da temporalidade e a constituição identitária em relatos de deslocamento na região fronteiriça Brasil/Venezuela**. (Dissertação de Mestrado Letras Neolatinas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

LÊNIN, Vladimir Ilyich Ulyanov. **Capitalismo e agricultura nos Estados Unidos da América**. São Paulo: Brasil Debates, 1980.

LEON, Josue. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 07/05/2017.

LEOPARDI, M. T. Fundamentos gerais da produção científica. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Florianópolis: UFSC, 2002.

LEOPOLDINO, Nádia. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

LEON, Josue. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 07/05/2017.

LESBAUPIN, Ivo. **Poder local x exclusão social: a experiência das prefeituras democráticas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, Diana. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

LINK, B. G.; PHELAN, J. C. **Conceptualizing stigma**. *Annual Review of Sociology*, New York, (27), 363-385. 2001.

LIZARDO, Edgaly. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 04/05/2017.

MAGALHÃES, Maria das Graças S. D. **O Estado de Roraima e as fronteiras com a Venezuela e a Guiana**. *Revista Textos & Debates*, Boa Vista, n.12, 2007.

MACHADO, Lia Osorio. **Limites, Fronteiras, Redes**. In: STROHAECKER, Tânia Marques et. al. (Orgs.). *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre: AGB, 1998.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. 2010. vol. 27, n.2, pp.407-424.

MARIN, Cesar. **Entrevista concedida por Cesar Marin a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 19/01/2017.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e nação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A reforma agrária e os limites da Democracia na “Nova República”**. São Paulo: Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. **Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano.** São Paulo: Contexto, 2009.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. **Livro do ouro da Amazônia.** 5.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MELO, Weliton. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 12/11/2017.

MENDES JÚNIOR, Antonio; RONCARI, Luiz; MARANNAO, Ricardo. **Brasil História: texto e consulta – Colônia.** São Paulo: Brasiliense, 1976.

MENDOZA, Elias. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 21/11/2016.

MENEZES, Lena Medeiros de. Movimentos migratórios: resgate necessário nas Relações Internacionais. In: LESSA, Mônica Leite; GONÇALVES, Williams da Silva. **História das relações internacionais: teoria e processos.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

MENG, X.; GREGORY, R. Intermarriage and the economic assimilation of immigrants. **Journal of Labour Economics**, v. 23, p. 135-175, 2005.

MEZA, Rosalba. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 19/01/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINISTERIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira.** Brasília: MIN, 2005.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR).** Brasília: MIN, 2010.

MONSMA, Karl Martin. Teorias interacionistas e fenomenológicas da violência com aplicações à pesquisa histórica. **MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 11, p. 23-37, jan./jun. 2007.**

MORALES, Saul. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 23/03/2017.

MORAN, Jose Martin (Cônsul da Venezuela em Roraima – Brasil). **Entrevista sobre as condições de vida dos venezuelanos na fronteira Brasil/Venezuela.** Boa Vista: Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, 22/08/2017.

MOURA, Hélio A. de; MOREIRA, Morvan M. **As migrações na Região Norte em período recente: uma abordagem preliminar.** Manaus: FJN/IESAM, 1997.

NEWMANN, Elisa. **La otra cara de las remesas: La família transnacional**. Brasília: REMHU, 2008.

NOGUEIRA, Ricardo. Tabatinga: uma cidade na fronteira da Amazônia. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades da floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Urbanização e migrações: reflexões gerais para auxiliar na interpretação do fenômeno no Brasil. In: TROMBETTA, Clecir Maria (Org.). **Migração e situações de fronteira**. Brasília: CSEM, 2002.

\_\_\_\_\_. **Brasília: a fantasia corporificada**. Brasília: Paralelo 15, 2007.

\_\_\_\_\_. A interface entre o urbano e o rural na Amazônia Brasileira. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

OESTREICHER, Eduardo (Diretor de Comércio Exterior da SEPLAN/RR). **Entrevista sobre as relações fronteiriças entre Roraima (Brasil) e Bolívar (Venezuela)**. Boa Vista: Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos, 28/08/2017.

OLIVEIRA, Adélia E. Ocupação humana. In: **Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq. p. 144-327, 1983.

OLIVEIRA, José Ademir de. **As pequenas cidades da Amazônia: espaços perdidos e reencontrados**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. Gente em movimento: migração no contexto regional da Amazônia. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus: EDUA, 2010.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

\_\_\_\_\_. Mobilidade humana na Amazônia contemporânea: pressupostos teóricos e metodológicos. In: SOUZA, Carla Monteiro de. **Migrações e outros Deslocamentos na Amazônia Ocidental: Algumas questões para o debate**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima**. (Tese de Doutorado em História). São Paulo: USP, 2003.

OLIVEIRA Tito C.M.de. Os Elos Da Integração: O exemplo da Fronteira Brasil - Bolívia. In: COSTA, Edgar Aparecido da; OLIVEIRA, Marco A. M (Orgs.). **Seminário de Estudos Fronteiriços**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

OLIVERA FILHO, João Pacheco. O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. In: MOACYR FÉLIX, Ênio Silveira. **Encontros com a civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

OLIVEIRA NEVES, Lino João de. **Volta ao começo: Demarcação emancipatória de terras indígenas no Brasil.** Tese (Doutorado em Economia). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.

OUTHWAITE, William. **A critical introduction.** Cambridge: Polity, 1994.

PAIVA, Maria do Socorro. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Santa Elena de Uairén/VE: 20/02/2015.

PAGNINI, D. L.; MORGAN, S. P. Intermarriage and social distance among U.S. immigrants at the turn of the century. **American Journal of Sociology**, v. 96, p. 405-432, 1990.

PASTRON, Nubia. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 16/01/2017.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza.** São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

PEREIRA, Alberto. Garimpo e fronteira amazônica: as transformações dos anos 80. In: LENA, Philippe; RODRIGUES, Adélia Engrácia de Oliveira (Orgs.). **Amazônia: fronteira agrícola 20 anos depois.** Belém: Cejup/MPEG, 1992.

PEREIRA, Ancelma Barbosa. Um olhar sobre sujeitos entre-línguas e entreculturas na fronteira Brasil/Venezuela. **Textos & Debates**, Boa Vista, n.18, p. 251-268 , jan./jun. 2010.

PEREIRA, Mariana Cunha. **A Ponte imaginária: o trânsito de etnias na fronteira Brasil-Guiana.** (Tese de Doutorado). Brasília: UNB, 2005.

\_\_\_\_\_. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. **Estudos Avançados.** São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 197-207. pp. 209-219.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. Fronteira como experiência fenomenológica: lugaridades em uma ilha dividida. In: **Anais do XI Encontro Nacional da ANPEGE.** Presidente Prudente: ANPEGE, 2015.

PEREIRA, Simone. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Pacaraima/RR: 17/02/2015.

PEITER, P.; FERNANDES NETO, P. **Relatório do Trabalho de Campo a Roraima em outubro 2001.** Rio de Janeiro: Grupo RETIS; UFRJ, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Fronteiras culturais - Brasil, Uruguai, Argentina.** Cotia: Ateliê editorial, 2002. pp. 35-39.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. **Viagens das ideias.** 2.ed. Manaus: Valer, 2008.

PORTAL TERRA. Venezuelanos ‘invadem’ semáforos de Boa Vista, em Roraima. **Portal Terra:** 27/10/2017. Disponível: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/venezuelanos-invadem-semaforos-de-boavista,0f2ce1751188ed4d403a6ac0d7796abd2wrxv35.html>. Acesso em: 15/11/2017.

PORTES, Alejandro. **Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação.** Oeiras: Celta, 1999.

PORTO, Jadson Ribeiro. A construção da condição fronteiriça do oeste amapaense (1947-2014). **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, 2014, pp.145-173.

PREFEITURA DE PACARAIMA. **História de Pacaraima.** Disponível em: <http://pacaraima.rr.gov.br/>. Acesso em: 04/04/2015.

RAMIREZ, Hector. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista/RR: 23/08/2016.

RATZEL, Friedrich. **Geographie.** Paris: Econômica, 1988.

RELPH, Edward C. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens.** Brasília: Ed. UnB, 2000.

RICHMOND, Anthony H. Migração. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: FGV/MEC, 1987.

RFI. Brasil-América Latina: Brasileiros na Venezuela contam por que continuam no país. **RFI Brasil:** 23/07/2016. Disponível em: <http://br.rfi.fr/brasil/20160723-brasileiros-na-venezuela-contam-por-que-continuam-no-pais-0>. Acesso em: 16/01/2017.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. **Revista Terra Livre.** Ano 22, v.1, n.26. Goiânia: Jan-Jun/2006. (ISSN 0102-8030).

ROCHA, Valcléia Barros e SILVA, Paulo. Rogerio de Freitas. Pacaraima no Contexto Regional Fronteiriço- Brasil/Venezuela. In: VERAS, A. T.R; SENHORAS, E. M (org.) **Pacaraima: Um Olhar Geográfico.** Coleção Comunicação e Políticas Públicas – Volume 1, Ed. UFRR\ABBU – Boa Vista\RR – 2012.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Sociologia das migrações.** Portugal: Universidade Aberta, 1995.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação.** Lisboa: Edições 70, 2000.

RODRIGUES, Franciele dos Santos. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados 20.** São Paulo: EDUSP, 2006, pp. 197-207.

\_\_\_\_\_; VASCONCELOS, Iana dos Santos; HOST, Carla Regina. Cruzando fronteiras: Famílias migrantes na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: **REMHU.** Migrações internacionais e direitos humanos. Brasília. 2008, v.16, Ano XVI. n.31 (2008). pp. 247-257.

\_\_\_\_\_. Configuração migratória no lugar Guayana: Uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEAUFPA, 2009.

\_\_\_\_\_. La frontera dorada: brasileiros em busca de ouro na fronteira Pan-Amazônica. In: RODRIGUES, Francilene dos Santos; PEREIRA, Mariana Cunha. **Estudos transdisciplinares na Amazônia Setentrional: Fronteiras, Migração e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

\_\_\_\_\_. Migração e (re)configuração social da transfronteira Brasil-Venezuela. In: **XXIX Congresso Alas: Crise e emergências na América Latina**. Santiago: 2013.

\_\_\_\_\_. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: EDUA, 2014.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Márcia Maria; PEREIRA, Mariana Cunha. Migrações, trânsitos transfronteiriços e mercado laboral na Pan-amazônia: Brasil, Venezuela e Guiana. In: MONTEIRO, Carla (Org). **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

\_\_\_\_\_. Socióloga diz que roraimenses precisam mudar jeito de pensar sobre imigrantes. **Entrevista concedida ao Jornal Folha de Boa Vista**. Boa Vista/RR: Folha de Boa Vista, 09/03/2017.

ROQUE, Pieteron. **Entrevista concedida ao Portal Terra**. Boa Vista/RR: 27/10/2016.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALAS, Mireya. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 21/06/2017.

SANTOS, Adair J. Estado de Roraima. In: \_\_\_\_\_. **Roraima História Geral**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.

SANTOS, Alessandra Rufino. Tráfico humano e contrabando de migrantes em regiões de fronteira. **Textos & Debates**, Boa Vista, n.27, v.2., p. 349-367, jan./jun. 2015.

SANTOS, Edjane. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

SANTOS, Marcos Joel de Melo. Crise econômica e migrações de venezuelanos para o Brasil: um estudo sob a ótica dos direitos fundamentais da pessoa humana. **Anais do Congresso Internacional de Direitos Humanos**. Campo Grande: UFMGS, 07 a 09/11/2016.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHAFFER; FERRARI, M.; DIAS, L. C. **Notas preliminares sobre o processo de formação da fronteira seca internacional entre Brasil e Argentina**. Misiones: 2012.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia del mundo social**: introduccion a la sociologia comprensiva. Buenos Aires: Paidos, 1972.

\_\_\_\_\_. **Phenomenology and sociology**. New York and Londres: Penguin Books, 1978.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia. Fundamentos da fenomenologia. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro: um ensaio em Psicologia Social. **Revista Geraes**, n. 53, pp. 117-129, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estudios sobre teoría social**: escritos II. Buenos Aires: Amorrortu; 2003.

\_\_\_\_\_. **El problema de la realidade social**. 2ª reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

\_\_\_\_\_; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu; 2009.

\_\_\_\_\_. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. In: **Revista Espaço Acadêmico**, n. 113, p.117-129, out, 2010.

\_\_\_\_\_. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCOTT, John (Org.). **Sociologia**: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SEABRA, Adalgiza. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

SEBRAE/RR. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Roraima. **Relatório da gestão de 2011**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/>. Acesso em: 04/05/2014.

SEPLAN/RR. Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento. **Informações sobre Boa Vista 2016**. Disponível em: <http://www.seplan.rr.gov.br/>. Acesso em: 09/05/2017.

SERRANO, M. O. El problema de la intersubjetividad en Alfred Schütz. **Sociológica**. v.5, n.14, set-dez, 1990.

SHEPPARD, Michael. **Social work and social exclusion**: the idea of practice. Aldershot: Ashgate, 2006.

SIERRA, Carola. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista: 05/05/2017.

SIERRA, Neye. **Entrevista concedida ao Portal Terra**. Boa Vista/RR: 27/10/2016.

SIMÕES, Gustavo da Frota. Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país. **Mundorama** – Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/?p=23834>>. Acesso em: 24/09/2017.

SILVA, Fabíola Santos da; ALVES, Gerlany Feitosa; CAVALCANTE, Hionara Maruai. Os fluxos de redes e o controle do território na fronteira do Brasil com a Venezuela. **VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales**. São Paulo: 08 a 12 de setembro de 2014.

SILVA, Felipe Maia Guimarães da. **Fronteira: uma categoria sociológica?**. (Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia). Curitiba: UFPR, 2011.

SILVA, Gleiciane. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Boa Vista/RR: 12/11/2017.

SILVA, Glória. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Santa Elena de Uairén/VE: 19/02/2015.

SIMMEL, Georg. A determinação quantitativa dos grupos sociais; Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. Pont et porte. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **La Tragédie de la culture et autres essais**. Paris: Rivages, 1988.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMÕES, Gustavo. Venezuelanos em Roraima: migração no extremo norte do país. **Revista Mundorama: Divulgação científica em relações internacionais**. 2017. ISSN 2175-2052.

SOARES, Vera. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Santa Elena de Uairén/VE: 19/02/2015.

SOUZA, Candice Vidal. A noção de fronteira e espaço nacional no pensamento social brasileiro. **Textos de história**. v.4, n.2 (1996): pp. 94-129.

SOUZA, Carla Monteiro de; NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. **Notas sobre a presença nordestina em Roraima**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: UFRN, 2013.

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes. Notas sobre a presença nordestina em Roraima. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal: UFRN, 2013.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: Algumas questões para o debate**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2004.

SOUZA, Simone. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Santa Elena de Uairén/VE: 10/02/2015.

SPRANDEL, Márcia Anita. A “questão migratória” como objeto de reflexão. In: **Refúgio, Migrações e cidadania**. Caderno de debates 2 – Agosto de 2007. Brasília: ACNUR & IMDH, 2007.

STEFFENS, Jan; DANTAS, Suene de Souza. Luhmann, Lotman e o problema da fronteira: uma reflexão teóricocrítica em torno das categorias de inclusão e exclusão. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n. 2, p. 354-374, jul-dez 2016.

STEIMAN, Rebeca. **A geografia das cidades na fronteira**: Um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia). (Dissertação de Mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

TEIXEIRA, Carla Costa (Org.). **Em busca da experiência mundana e seus significados**: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

TURNER, Frederick J. **The frontier in american history**. New York: Holt, Rinehart and Wiston, 1963.

UCHOA, Neuber. **Música Somos todos hermanos**. Boa Vista: Neuber Uchoa, 2017.

URIARTE, B. P. **Perigoso é não correr perigo**. Experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e territorialização**: As dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR. (Tese de doutorado). Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 2007.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. **Articulações familiares transnacionais**: Estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2013.

\_\_\_\_\_; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Nem rosas, nem espinhos: a construção da identidade de gênero das trabalhadoras transfronteiriças. In: RODRIGUES, Francilene dos Santos; PEREIRA, Mariana Cunha (Orgs.). **Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional**: fronteiras, migração e políticas públicas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

VASCONCELOS, Ricardo. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos**. Santa Elena de Uairén/VE: 16/02/2015.

VICE-CONSULADO DO BRASIL EM SANTA ELENA DE UAIÉN. **Estimativa de brasileiros em Santa Elena de Uairén em 2017**. Santa Elena de Uairén: Informações concedidas a pesquisadora por e-mail em 23 de outubro de 2017.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

VILA, Pablo. **Crossing borders, reinforcing borders:** social categories, metaphors and narrative identities on the US-México frontier. United States of América: University of Texas Press, 2003.

WAGNER, Helmut. **Alfred Schutz:** An intelectual Biography. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

WEBER, Max. Conceito e categoria de cidade. In: VELHO, Otávio (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e sociedade rural na Alemanha. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia e outros escritos.** Coleção Os Pensadores, vol. XXXVII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade.** Brasília: Editora da UNB, 2009.

ZAMARA, Amara. **Entrevista concedida a Alessandra Rufino Santos.** Boa Vista: 11/12/2016.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas aplicado aos migrantes brasileiros em português

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

**Pesquisa:** O papel das redes de relações sociais na inserção do migrante brasileiro na fronteira do Brasil com a Venezuela.

**Pesquisadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local da entrevista:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_\_

#### IDENTIFICAÇÃO E DADOS SOCIOECONÔMICOS

1) Nome: \_\_\_\_\_

2) Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

3) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

4) Como você se define em relação à raça/etnia?

- ( ) Negro ( ) Branco  
( ) Pardo ( ) Amarelo (asiático)  
( ) Indígena/Etnia: \_\_\_\_\_ ( ) Outros: \_\_\_\_\_

5) Estado Civil:

- ( ) Casado (a) ( ) Solteiro (a)  
( ) União estável ( ) Separado (a)/divorciado (a)  
( ) Viúvo (a) ( ) Outros: \_\_\_\_\_

6) Se casado (a), ou com companheiro (a), qual a nacionalidade dele (a)?

\_\_\_\_\_

7) Tem filhos: ( ) Sim ( ) Não Quantos: \_\_\_\_\_

8) Onde os filhos nasceram? (perguntar cidade, estado e país)

\_\_\_\_\_

9) Nível de escolaridade:

- ( ) Analfabeto ( ) Médio completo  
( ) Alfabetizado ( ) Superior incompleto  
( ) Fundamental incompleto ( ) Superior completo  
( ) Fundamental completo ( ) Pós-Graduação em: \_\_\_\_\_  
( ) Médio incompleto

10) Pratica alguma religião (Crença)?

\_\_\_\_\_

11) Com quem e com quantas pessoas você vive?

( ) Pais e/ou irmãos ( ) Esposo(a) e/ou filhos ( ) Parentes ( ) Amigos ( ) Sozinho ( ) Outros:

\_\_\_\_\_

12) Em sua casa quantas pessoas trabalham?

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ou mais pessoas. Em que trabalham? \_\_\_\_\_

13) A casa em que você mora é:

( ) Própria ( ) Alugada ( ) Cedida ( ) Outros: \_\_\_\_\_

14) Se não vive com a família no local, qual a periodicidade com que visita os familiares?

---

**15) Quais documentos possui?**

- certidão de nascimento  carteira de vacinação  
 identidade (RG)  certidão de reservista (*homens*)  
 título de eleitor  certidão de casamento (*se declarar casado*)  
 CPF  passaporte  
 carteira de motorista  visto de trabalho/residência

**VIDA NO LOCAL DE ORIGEM**

16) Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

17) Cidade em que vivia antes de emigrar para Santa Elena de Uairén (Bolívar/Venezuela):

---

**18) O que fazia na sua cidade antes de vim para Santa Elena de Uairén?**

Estudava  Estudava e trabalhava  Ajudava apenas em casa  Trabalha. Em que? \_\_\_\_\_

**19) Com quem morava?**

Pais e/ou irmãos: \_\_\_\_\_  Esposo(a) e/ou filhos: \_\_\_\_\_  Parentes: \_\_\_\_\_  
 Amigos: \_\_\_\_\_  Sozinho  Avós  Outros: \_\_\_\_\_

---

20) Como se dava o sustento da família?

---

21) Como era a vida na cidade?

---

**22) Em situações de dificuldade financeira ou doença, a quem recorria?**

Familiares  Amigos  Vizinhos  Igreja  Outros: \_\_\_\_\_

**MIGRAÇÃO PARA A FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA**

**23) Como você soube ou ouviu falar da fronteira Brasil/Venezuela?**

Familiares  Conhecidos/amigos  Televisão  Turismo/passeio  Internet

**24) Quais foram as motivações que ocasionaram a decisão de migrar?**

Trabalho  Melhoria de vida  Acompanhar conjuge  Decepção amorosa  Busca por comida  Fugir da violência

25) O que mais lhe preocupou ao decidir migrar para a fronteira Brasil/Venezuela? Qual foi o seu dilema?

---

26) Qual foi a sensação/sentimento ao deixar a sua cidade?

---

27) Há quanto tempo vive na fronteira Brasil/Venezuela? Como foi o deslocamento? Fale um pouco sobre isso.

---

28) Passou por outros lugares antes de chegar à fronteira Brasil/Venezuela? Quais?

---

29) **Quem pagou o deslocamento?**

( ) Recursos próprios ( ) Ajuda de familiares ( ) Ajuda de amigos ( ) Outros: \_\_\_\_\_

30) **Na sua opinião o que estimula as pessoas, em especial os brasileiros, a migrarem para a fronteira Brasil/Venezuela?**

---

31) **O que você pensa sobre os estrangeiros (migrantes, viajantes, turistas) que vivem ou passam pela fronteira Brasil Venezuela?**

---

32) **Como você define migração? / O que é ser migrante para você?**

---

33) **O brasileiro que migra para a fronteira Brasil/Venezuela é diferente dos brasileiros que migram para outros lugares, como os Estados Unidos e os países da Europa, por exemplo?**

---

34) **O que vive na fronteira Brasil/Venezuela é diferente do brasileiro que vive em outras cidades do Brasil distantes da fronteira?**

---

**ADAPTAÇÃO E TRAJETÓRIAS SOCIAIS NO LOCAL DE DESTINO**

35) **Quais foram as impressões ao chegar na fronteira Brasil/Venezuela?**

---

36) **Você tinha familiares e/ou conhecidos na fronteira Brasil/Venezuela?**

( ) Não ( ) Sim. Quem? \_\_\_\_\_

37) **Caso a resposta anterior seja positiva, foi morar com eles?**

( ) Não ( ) Sim. Quem? \_\_\_\_\_

38) **Caso a resposta da questão 28 seja negativa, onde foi morar?**

( ) Casa alugada ( ) Comprou casa própria ( ) Vila ( ) Outras: \_\_\_\_\_

39) **Como foram suas primeiras experiências na fronteira Brasil/Venezuela? Encontrou dificuldades?**

---

40) **Como foi para conseguir trabalho? Que atividade exerceu?**

---

41) **Quais as principais mudanças que percebeu na fronteira Brasil/Venezuela desde que chegou?**

---

42) **Na sua opinião, a fronteira Brasil/Venezuela está desenvolvendo políticas públicas que visam atender os migrantes internacionais? Se sim, quais?**

---

43) **Você utiliza os serviços públicos (referentes a saúde e educação) da Venezuela ou do Brasil?**

---

44) **Qual local que considera como sendo sua casa (residência)?**

---

**PROCESSOS DE ESTIGMATIZAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL**

45) **Como é a sua vida social na fronteira Brasil/Venezuela?**

---

46) **Na Venezuela você já se sentiu desrespeitado, agredido ou discriminado pelo fato de ser de outro país? Se sim, por que acha que isso ocorre?**

---

47) **Ouviu de moradores locais aspectos negativos sobre os brasileiros? Se sim, concorda ou discorda?**

---

48) **Você tem contato com outros brasileiros que moram na fronteira Brasil/Venezuela? Quais profissões eles exercem? Vocês se reúnem?**

---

49) **Você tem muitos amigos na fronteira Brasil/Venezuela? Comente sobre as suas relações de amizade (seus amigos são venezuelanos, brasileiros ou de outra nacionalidade)?**

---

50) **Você se reúne com amigos e familiares? Se sim, com qual finalidade?**

---

51) **O que você diz dos venezuelanos?**

---

52) **Quando se fala do brasileiro o que vem a sua mente?**

---

53) **Existem diferenças entre os brasileiros e venezuelanos (homens e mulheres)?**

---

54) **Existe diferença entre a cultura brasileira e a cultura venezuelana?**

---

55) **Como você se identifica hoje? (Brasileiro? Venezuelano? Venobras?)**

---

56) **Em situações de dificuldade financeira ou doença, a quem você recorre?**

( ) Não tem com quem contar ( ) Familiares ( ) Amigos ( ) Vizinhos ( ) Igreja ( ) Outros: \_\_\_\_\_

57) **Você acha que a sua vida na fronteira Brasil/Venezuela é melhor do que se tivesse ficado onde nasceu?**  
( ) Sim ( ) Não. Por que? \_\_\_\_\_

58) **Você pensa/pensou em voltar para a sua cidade natal ou migrar para outro lugar?**  
( ) Não ( ) Sim. Por que/Qual? \_\_\_\_\_

59) **Fale um pouco dos seus sonhos, projetos de vida...**

\_\_\_\_\_

60) **Tem alguma coisa que você gostaria de comentar que não foi abordada?**

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas aplicado aos migrantes venezuelanos em espanhol

### GUIA DE ENTREVISTAS

**Tema de investigación:** El papel de las redes de relaciones sociales en la inserción del emigrante brasileño en la frontera de Brasil con Venezuela

**Investigadora:** Alessandra Rufino Santos.

**Local de entrevista:** \_\_\_\_\_ **Fecha:** \_\_\_\_\_

#### IDENTIFICACIÓN Y DATOS SOCIO-ECONÓMICOS

1) **Nombre:** \_\_\_\_\_

2) **Fecha de nacimiento:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ **Edade:** \_\_\_\_\_

3) **Sexo:** ( ) Masculino ( ) Femenino

4) **¿Como usted se identifica em relación a su raza / etnia?**

- ( ) Negro ( ) Blanco  
( ) Pardo ( ) Amarillo (asiático)  
( ) Indígena/Etnia: \_\_\_\_\_ ( ) Otros: \_\_\_\_\_

5) **Estado Civil:**

- ( ) Casado (a) ( ) Soltero (a)  
( ) Unión estable ( ) Separado (a)/divorciado (a)  
( ) Viudo (a) ( ) Otros: \_\_\_\_\_

6) **Si es casado (a), o con compañero (a), ¿Cual es la nacionalidad de él/ella?**

\_\_\_\_\_

7) **Tiene hijos:** ( ) Si ( ) No Cuantos: \_\_\_\_\_

8) **¿Donde los hijos nacieron? (preguntar ciudad, estado e país)**

\_\_\_\_\_

9) **Nível de escolaridad:**

- ( ) Analfabeto ( ) Secundaria completo  
( ) Alfabetizado ( ) Superior incompleto  
( ) Primaria incompleto ( ) Superior completo  
( ) Primaria completo ( ) Post-Graduación en: \_\_\_\_\_  
( ) Secundaria incompleto

10) **¿Practica alguna religiónCrencia)?**

11) **¿Con quién y con cuantas personas usted vive?**

- ( ) Padres y/o hermanos ( ) Esposo(a) y/o hijos ( ) Parientes ( ) Amigos ( ) Solo ( ) Otros:

\_\_\_\_\_

12) **¿En su casa cuantas personas trabajan?**

- ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 o más personas. ¿En que trabajan?

13) **La casa en que usted vive es:**

- ( ) Propio ( ) Alquilada ( ) de Cortesía ( ) Otros: \_\_\_\_\_

14) Si no vive con la familia en el local, ¿Cual es La frecuencia con que visita a sus familiares?

---

15) ¿ Cuáles documentos tiene?

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Partida de nacimiento | <input type="checkbox"/> Libreta de vacinação                                       |
| <input type="checkbox"/> identidad             | <input type="checkbox"/> Libreta militar ( <i>hombres</i> )                         |
| <input type="checkbox"/> Libreta de elector    | <input type="checkbox"/> Partida de matrimonio ( <i>si declarar que es casado</i> ) |
| <input type="checkbox"/> CPF                   | <input type="checkbox"/> pasaporte  |
| <input type="checkbox"/> brevete               | <input type="checkbox"/> visa de trabajo/residencia                                 |

#### VIDA EN EL LOCAL DE ORIGEN

16) Ciudad en que nació: \_\_\_\_\_

17) Ciudad em que vivía antes de inmigrar/emigrar para Boa Vista/Pacaraima (Roraima/Brasil):

---

18) ¿Que hacía en su ciudad antes de venir para Pacaraima/Boa Vista?

Estudiaba  Estudiaba y trabajaba  Ajudaba apenas en casa  Trabaja. En que? \_\_\_\_\_

19) ¿Con quien vivía?

Padres y/o hermanos  Esposo(a) y/o hijos  Parientes  Amigos  Solo  Otros: \_\_\_\_\_

20) ¿Cómo sustentaba a su familia?

---

21) ¿Cómo era la vida en la ciudad?

---

22) ¿En situaciones de dificultad financiera ó enfermedad, a quien recurría?

Familiares  Amigos  Vecinos  Iglesia  Otros: \_\_\_\_\_

#### MIGRACIÓN HACIA LA FRONTERA BRASIL/VENEZUELA

23) ¿Cómo usted supó o ha oído hablar de la frontera Brasil/Venezuela?

Familiares  Conocidos/amigos  Televisión  Turismo/paseo  Internet

24) ¿Cuáles fueron las motivaciones que hicieron su decisión de emigrar?

Trabajo  Mejora de vida  Acompañar cónyuge  Decepción amorosa  Búsqueda de comida  Huir de La violencia

25) ¿Qué más le preocupó al decidir emigrar para la frontera Brasil/Venezuela? ¿Cuál fué su dilema?

---

26) ¿Cuál fue la sensación/sentimiento al dejar su ciudad?

---

27) ¿Hace cuanto tiempo vive em La frontera Brasil/Venezuela? Como fue el desplazamiento? Hablé un poço sobre eso...

---

28) **¿Pasó por otros lugares antes de llegar a la frontera Brasil/Venezuela? ¿Cuáles?**

---

29) **¿Quién pago el desplazamiento?**

( ) Recursos propios ( ) Ayuda de familiares ( ) Ayuda de amigos ( ) Otros: \_\_\_\_\_

30) **¿En su opinión que estimula a las personas, en especial a los venezolanos, a emigrar para la frontera Brasil/Venezuela?**

---

31) **¿Qué usted piensa sobre los extranjeros (emigrantes, viajeros, turistas) que viven o pasan por la frontera Brasil / Venezuela?**

---

32) **¿Cómo usted define la palabra migración? ¿Qué es ser emigrante para usted?**

---

33) **¿El venezolano que emigra para la frontera Brasil/Venezuela es diferente de los venezolanos que emigran para otros lugares, como los Estados Unidos e los países de Europa, por ejemplo?**

---

34) **¿El Venezolano que vive en la frontera Brasil/Venezuela es diferente del venezolano que vive en las ciudades de Venezuela lejanas de la frontera?**

---

#### **ADAPTACIÓN Y TRAYECTORIAS SOCIALES EN EL LOCAL DE DESTINO**

35) **¿Cuáles fueron las impresiones al llegar en la frontera Brasil/Venezuela?**

---

36) **¿Usted tenía familiares y/o conocidos en la frontera Brasil /Venezuela?**

( ) No ( ) Si. Quien? \_\_\_\_\_

37) **En caso la respuesta anterior sea positiva, fue vivir con ellos?**

( ) No ( ) Si. ¿Quien? \_\_\_\_\_

38) **¿En caso la respuesta de la pregunta 28 sea negativa, donde fue vivir?**

( ) Casa alquilada ( ) Compró la casa propia ( ) Villa ( ) Otras: \_\_\_\_\_

39) **¿Cómo fueron sus primeras experiencias en la frontera Brasil/ Venezuela? ¿Encontró dificultades?**

---

40) **¿Cómo fue para conseguir un trabajo? ¿Qué actividad ejerció?**

---

41) **¿Cuáles son los principales cambios que percibió en la frontera Brasil / Venezuela desde que llegó?**

---

42) **¿En su opinión, la frontera Brasil / Venezuela está desarrollando políticas públicas que apuntan a atender a los migrantes internacionales? Si es así, cuáles?** \_\_\_\_\_

43) **¿Usted utiliza los servicios públicos (referentes a la salud y educación) de Brasil o de Venezuela?** \_\_\_\_\_

44) **¿Cuál lugar considera que es su casa / residencia?**

\_\_\_\_\_

#### **PROCEDIMIENTOS DE ESTIGMATIZACIÓN E INTERACCIÓN SOCIAL**

45) **¿Cómo es su vida social en la frontera Brasil / Venezuela?**

\_\_\_\_\_

46) **¿En Brasil usted ya se sintió irrespetado, agredido o discriminado por el hecho de ser de otro país? Si es así, ¿por qué crees que esto ocurre?**

\_\_\_\_\_

47) **¿Oyó de moradores locales aspectos negativos sobre los venezolanos? Si es así, concuerda o desacuerdo?**

\_\_\_\_\_

48) **¿Usted tiene contacto con otros venezolanos que viven en la frontera Brasil / Venezuela? ¿Qué profesiones ejercen? ¿Ustedes se reúnen?**

\_\_\_\_\_

49) **¿Usted Tiene muchos amigos en la frontera Brasil / Venezuela? ¿Comente sobre sus relaciones de amistades (sus amigos son venezolanos, brasileños o de otra nacionalidad)?**

\_\_\_\_\_

50) **¿Usted se reúne con amigos y familiares? ¿Si es así, con qué finalidad?**

\_\_\_\_\_

51) **¿Qué se dice de los venezolanos?**

\_\_\_\_\_

52) **¿Cuándo se habla del brasileño qué viene a su mente?**

\_\_\_\_\_

53) **¿Existen diferencias entre los brasileños y los venezolanos (hombres y mujeres)?**

\_\_\_\_\_

54) **¿Existe diferencia entre la cultura brasileña y la cultura venezolana?**

\_\_\_\_\_

55) **¿Cómo se identifica hoy? (Venezolano, brasileiro, venobras).**

\_\_\_\_\_

56) **En situaciones de dificultad financiera o enfermedad, ¿a quién usted recurre?**  
( ) No hay con quien contar ( ) Familiares ( ) Amigos ( ) Vecinos ( ) Iglesia ( ) Otros:

57) **¿Usted Cree que su vida en la frontera Brasil / Venezuela es mejor de que si se hubiera quedado donde nació?**

Sí  No. ¿Por qué?

58) **¿Usted piensa / pensó en volver a su ciudad natal o emigrar para otro lugar?**

No  Sí. ¿Por qué /Cuál?

59) **Hable un poco de sus sueños, proyectos de vida**

---

60) **¿Tiene algo que le gustaría comentar que no se ha abordado?**

---

## APÊNDICE C – Termo de consentimento em Português

### TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Eu \_\_\_\_\_,  
Portador(a) do documento nº \_\_\_\_\_, atualmente com \_\_\_\_\_ anos,  
residindo da cidade de \_\_\_\_\_, após explicação dos  
objetivos da pesquisa de doutorado **Interação social e estigma na fronteira  
Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos**,  
concordo com os procedimentos a serem realizados pela pesquisadora **Alessandra Rufino  
Santos**. Concordo também com o uso científico dos dados, preservando a minha identidade.  
Além disso, fui informado (a) de que a qualquer momento, posso solicitar minha exclusão da  
pesquisa.

Ciente do conteúdo, assino o presente termo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
**Assinatura da pesquisadora**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do(a) entrevistado(a)**

## APÊNDICE D – Termo de consentimento em espanhol

### TERMINO DE CONSENTIMIENTO Y LIBRE ESCLARECIMIENTO (TCLE)

Yo \_\_\_\_\_,  
Portador(a) del documento n° \_\_\_\_\_, actualmente con \_\_\_\_\_ años,  
viviendo en la ciudad de \_\_\_\_\_, después de explicado los  
objetivos de la investigación de doctorado: Interacción social y estigma en la frontera  
**Brasil/Venezuela: una mirada sociológica sobre la emigración de brasileños y  
venezolanos**, estoy de acuerdo con los procedimientos a ser realizados por la investigadora  
*Alessandra Rufino Santos*, estoy de acuerdo con el uso científico de los datos, preservando  
mi identidad. Además, fui informado de que en cualquier momento, puedo solicitar mi  
exclusión de la investigación.

Consciente del contenido, firmo el presente término.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Firma de la investigadora

\_\_\_\_\_  
Firma de (la) entrevistado(a)

**APÊNDICE E – Memorandos de entendimento entre o Estado Bolívar da República Bolivariana de Venezuela e o Estado de Roraima da República Federativa do Brasil**

**TERMO DE COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM MATÉRIA DE EDUCAÇÃO ENTRE O ESTADO DE RORAIMA, DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E O ESTADO BOLÍVAR, DA REPUBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA.**

NO USO DAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS QUE CONFEREM AS NORMAS CONTIDAS NAS CARTAS FUNDAMENTAIS E LEIS ESPECIAIS RESPECTIVAS EM MATÉRIA DE EDUCAÇÃO DOS ESTADOS DE RORAIMA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL E DO ESTADO BOLÍVAR DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA, PROCEDEM A CELEBRAR O PRESENTE TERMO DE COOPERAÇÃO,

**CONSIDERANDO**

Que a educação é de interesse público e eminente social, constituindo um direito de âmbito internacional, como direito fundamental à vida de todo ser humano.

**CONSIDERANDO**

Que o Governo do Estado Bolívar e o Governo do Estado de Roraima se dispõe a estabelecer um convenio de caráter científico, tecnológico, técnico e pedagógico, onde se estabeleçam mecanismo de registro de diplomas entre universidades, localizadas nas respectivas regiões dos Estados assinantes do convênio.

**CONSIDERANDO**

Que o Governo do Estado Bolívar e o Governo do Estado de Roraima, entre as áreas prioritárias que se podem desenvolver no marco deste convenio, devem-se mencionar: turismo, comércio exterior, computação e aperfeiçoamento no ensino da língua espanhola e portuguesa e em outras áreas que ambos governos decidam.

**Primeiro:** O início do presente convênio de 2006, até agosto de 2007, com os seguintes programas:

**1º. Programa de Graduação na Universidade Estadual de Roraima.**

Este programa será nas áreas de: turismo, comércio exterior, computação e aperfeiçoamento da língua espanhola e portuguesa em Pacaraima, Estado de Roraima, com vinte (20) vagas em cada curso por nacionalidade, tendo o programa um total de oitenta (80) vagas para cada Estado. O programa estará a cargo da Universidade Estadual de Roraima e os docentes serão desta universidade e da universidade designada pela Secretaria de Educação e Desportos do Governo do Estado Bolívar, com a ênfase de que devam participar docentes universitários de ambos os países. Os custos da matrícula e dos registros acadêmicos ficarão a cargo da Universidade Estadual de Roraima. Um programa similar será instalado em Santa Elena de Uairén num segundo momento, um semestre depois, com uma universidade venezuelana designada pela Secretaria de Educação e Desporto do Governo do Estado Bolívar, que assumirá o custo da matrícula e dos registros acadêmicos. O programa e o perfil do acadêmico e a grade curricular, serão desenhadas por cada universidade, considerando o concernente à autonomia universitária. Os certificados a serem expedidos serão outorgados pelas duas universidades ao mesmo tempo, atendendo à legislação pertinente.

## **2º. Programa de Professores Visitantes**

Este programa terá como objetivo o intercâmbio de um número determinado de professores por semestre acadêmico, em número de cinco (5) por país, em primeira instância, com perfil acadêmico de mestrado ou doutorado, afim de que possam integrar-se desde o ponto de vista acadêmico, cultural e social à região que os recebem em áreas, tais como: educação, gerência e administração, biologia, meio-ambiente, desenvolvimento local, segurança pública, geografia, computação, agronomia, odontologia, esportes e ciências básicas. Este programa se realizará sob a modalidade de licença sabática, no qual a universidade de origem do professor efetiva o pagamento dos salários correspondentes, além de receber por parte da Universidade Estadual de Roraima, ou por parte do Governo do Estado Bolívar uma remuneração equivalente ao que recebe em sua universidade de origem. Os professores correspondentes a este programa comprometem-se a desenvolver linhas de pesquisas vinculadas às necessidades peremptórias de suas respectivas regiões. Estabelecer-se-ão relações com o Vice-ministério.

## **3º. Programa de Doutorado Binacional em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável.**

Neste doutorado, que terá entre vinte (20) e trinta (30) estudantes, quinze (15) de cada país. O programa se desenvolverá de maneira conjunta entre a Universidade Estadual de Roraima, uma universidade venezuelana designada pelo Governo do Estado Bolívar e outra universidade latino-americana designada pelas duas primeiras instituições. A elaboração do presente programa será responsabilidade das duas universidades vinculadas.

## **4º. Programa de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável em Relações Internacionais.**

Este programa já está em desenvolvimento entre FLACSO, UNB, Universidade Federal de Roraima e o Governo do Estado de Roraima, onde se oferecerão cinco (5) vagas para estudantes venezuelanos, os quais serão indicados pelo governo do Estado Bolívar e selecionados pelo comitê acadêmico de FLACSO. O financiamento de matrícula correrá por conta do Governo do Estado de Roraima e SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus, e o sustento dos estudantes nos locais onde estudem se estabelecerá através de aporte do Ministério da Educação Superior.

## **5º. Programa de Mestrado em Educação Regional**

Ambos os governos se comprometem em reunir-se para elaborar um programa de mestrado em educação regional binacional, com aportes da Universidade Estadual de Roraima, uma universidade venezuelana e uma universidade latino-americana. Os términos deste programa serão preparados no transcorrer das próximas semanas.

**Segundo:** A Secretaria de Educação do Governo do Estado Bolívar e a Secretaria de Educação, através da Universidade Estadual de Roraima, da República Bolivariana da Venezuela e a República Federativa do Brasil, respectivamente, ficam encarregadas de velar pelo cumprimento e execução do presente acordo.

Acordado, assinado e carimbado no Estado Bolívar, da República Bolivariana de Venezuela e a República Federativa do Brasil, aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano dos mil e seis (2006).

FRANCISCO JOSÉ RANGEL GÓMEZ  
Governador do Estado Bolívar  
República Bolivariana da Venezuela

OTTOMAR DE SOUZA PINTO  
Governador do Estado de Roraima  
República Federativa do Brasil

ALFREDO CAMPOS  
Secretário de Educação  
Governo do Estado Bolívar  
República Bolivariana da Venezuela

JOSÉ HAMILTON GONDIN  
Reitor da Universidade Estadual de Roraima  
República Federativa do Brasil

## **MEMORANDO DE ENTENDIMENTO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E TRANSFERÊNCIA TECNOLÓGICA NA ÁREA DE SEGURANÇA PÚBLICA ENTRE O ESTADO BOLÍVAR DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA E O ESTADO DE RORAIMA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Entre o **ESTADO BOLÍVAR** da República de Venezuela e o **ESTADO DE RORAIMA** da República Federativa do Brasil, em adiante denominados “as Partes”.

**CONSIDERANDO** que existem elementos comuns de segurança por ser estados fronteiriços, que podem afetar a ordem pública dos estados e que requerem a homologação das práticas e procedimentos policiais;

**EM VISTA** que a segurança é de ordem pública e eminentemente social, constituindo um direito de âmbito internacional como direito fundamental à vida de todo ser humano;

**RECONHECENDO** que para obter o desenvolvimento integral dos respectivos estados, é necessário compartilhar um paio mútuo baseado nas potencialidades de cada um, quanto aos avanços científicos e tecnológicos para fortalecer a segurança pública contribuindo à melhora da qualidade de vida dos cidadãos;

**CONSIDERANDO** que o presente Memorando de Entendimento significa a continuidade do processo de cooperação que se leva adiante no atual momento entre as autoridades de ambos estados;

As partes acordam celebrar o presente Memorando de Entendimento sob os seguintes termos:

**ARTIGO PRIMEIRO:** O presente Memorando de Entendimento tem por objeto promover a cooperação entre as Partes, mediante cursos de especialização policial, proteção civil, administração de desastre, para a capacitação, adestramento e especialização profissional dos corpos policiais de cada uma das Partes. Ditos cursos deverão ser realizados de acordo às diretrizes que em matéria policial ditam os organismos nacionais competentes de Venezuela e Brasil.

**ARTIGO SEGUNDO:** Os primeiros cursos de interesse para o Estado Bolívar são: Promotor de Polícia Comunitária (05 cotas por curso), Técnicas de Investigação Criminosa (10 cotas por curso), Multiplicador de Polícia Comunitária (10 cotas por curso), Gerenciamento de Crise (10 cotas por curso), Direitos Humanos (10 cotas por curso), Defesa Pessoal (10 cotas por curso), Negociação (02 cotas por curso), Inteligência Policial (10 cotas por curso).

**ARTIGO TERCEIRO:** O Governo do Estado de Roraima oferecerá transporte, hospedagem e alimentação durante a permanência dos participantes no estado de Roraima para a sua capacitação.

**ARTIGO QUARTO:** Os cursos de interesse para o Estado de Roraima são: Sala Situacional e Gestão de Risco, Atendimento de Emergências com Materiais Perigosos, Busca e Resgate em Selva, Evacuações Aero Médicas em Aviões Pressurizados e não Pressurizados, e Suporte de Vida Pré-Hospitalar em Pacientes Traumatizados, sendo que serão oferecidas até 30 vagas por cada um dos cursos assinalados.

**ARTIGO QUINTO:** O Governo do Estado Bolívar oferecerá inicialmente, a partir do mês de outubro do presente ano, cursos de Proteção Civil e Administração de Desastres aos profissionais dos Órgãos de Segurança do Estado de Roraima, como cooperação.

**ARTIGO SEXTO:** O Governo do Estado Bolívar oferecerá transporte, hospedagem e alimentação, durante a permanência dos participantes no Estado Bolívar, em ocasião dos referidos cursos.

**ARTIGO SÉTIMO:** Ambas as partes se comprometem em continuar com a capacitação dos Corpos de Segurança Pública, de acordo com as suas necessidades através dos Cursos Acadêmicos para o fortalecimento da formação policial, sendo que todos os gastos que ocasionem os mesmos serão sufragados por cada Parte quando se realizem em sua área geográfica.

**ARTIGO OITAVO:** As Partes, através das Secretarias de Segurança dos Estados de Bolívar e Roraima, da República Bolivariana de Venezuela e da República Federativa do Brasil, respectivamente, comprometem-se a realizar reuniões semestrais, entre representantes das polícias de cada uma das Partes, com a finalidade de intercambiar informações técnicas e tecnológicas, bem como avaliar o cumprimento dos termos do presente Memorando de Entendimento.

**ARTIGO NONO:** Os investimentos ou gastos que forem ocasionados em atendimento ao previsto nos termos acordados, assim como, os que sejam gerados e não foram mencionados neste Memorandum de entendimento, serão custeados por cada uma das Partes de acordo com as suas respectivas legislações.

**ARTIGO DÉCIMO:** Qualquer dúvida ou controvérsia que possa surgir da interpretação ou aplicação do presente Memorandum de Entendimento será resolvida através da negociação direta entre as partes.

**ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO:** O presente Memorando de Entendimento poderá ser emendado por mútuo consentimento entre as partes, sendo que as emendas entrarão em vigor na forma em que as partes as acordaram.

**ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO:** O presente Memorando de Entendimento entrará em vigor na data de sua assinatura e terá uma duração de um (1) ano prorrogável por períodos iguais, salvo que uma das Partes comunique à outra, sua intenção de não o prorrogar, com um mínimo de trinta (30) dias de antecipação à data de sua expiração.

Qualquer das Partes poderá dar por encerrado, em qualquer momento, o presente Memorando de Entendimento, mediante prévio aviso por escrito à outra Parte. O encerramento sortirá efeitos aos trinta (30) dias de recebida a comunicação.

O encerramento do presente Memorando de Entendimento não afetará o desenvolvimento dos programas e/ou projetos acordados pelas Partes, os quais continuarão em execução, a não ser que as Partes acordem o contrário.

Assinado no município Caroní do Estado Bolívar, aos três (03) dias do mês de outubro de dois mil e sete (2007), em dois (2) exemplares originais redigidos em idioma castelhano e português, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

**FRANCISCO JOSÉ RANGEL GÓMEZ**  
Governador do Estado Bolívar da  
República Bolivariana de Venezuela

**OTTOMAR DE SOUSA PINTO**  
Governador do estado de Roraima  
da República Federativa do Brasil

## **MEMORANDO DE ENTENDIMENTO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E TRANSFERÊNCIA TECNOLÓGICA NA ÁREA DE SAÚDE ENTRE O ESTADO BOLÍVAR DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA E O ESTADO DE RORAIMA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Entre o **ESTADO BOLÍVAR** da República Bolivariana da Venezuela e do **ESTADO DE RORAIMA** da República Federativa do Brasil, em adiante denominado "as partes".

**CONSIDERANDO** que o serviço de saúde é de interesse público e eminentemente social, constituindo um direito de âmbito internacionalmente como direito fundamental à vida de todo ser humano, devendo garantir um atendimento integral e sanitário estendido até as áreas mais longínquas e limítrofes dos estados;

**EM VISTA** de que o Estado de Roraima da República Federativa do Brasil e o Estados Bolívar da República da Venezuela, possuem territórios limítrofes apresentaram diversos problemas de doenças endêmicas, requerendo um esforço de cuidados de saúde, tendo em conta o afastamento territorial que dificulta assistência imediata e direta das patologias que apresentam os cidadãos de ambos estados;

**RECONHECENDO** que para conseguir desenvolvimento integral da saúde nos respectivos estados, é necessário compartilhar um apoio mútuo baseado nas potencialidades de cada um, quanto aos avanços científicos e tecnológicos em garantia do direito à saúde;

**CONSIDERANDO** que o presente Memorando de Entendimento significa a continuação do proceso de cooperação assistencial sanitária que se leva adiante no atual momento entre as autoridades de ambos estados;

As partes acordam celebrar o presente Memorando de Entendimento sob os seguintes termos:

**ARTIGO PRIMEIRO:** O presente Memorando de Entendimento tem por objeto o intercâmbio de experiências nas áreas tecnológica e científica para a prevenção, controle e erradicação de doenças endêmicas e epidemiológicas que afetam as populações de ambos os Estados.

**ARTIGO SEGUNDO:** Para o escopo deste Memorando de Entendimento as Partes acordam a impulsionar campanhas bilíngües de maneira conjunta, em promoção da saúde e prevenção de doenças endêmicas que afetam a população dos estados signatários, sujeitando aos ordenamentos jurídicos de cada país.

**ARTIGO TERCEIRO:** As partes desenharão e implementarão um sistema referência e contra-referência único, em ambos os idiomas, que contenha os dados de pacientes atendidos por ambos estados.

**ARTIGO QUARTO:** As Partes, através das Secretarias de Saúde dos estados de Roraima e Bolívar, da República Federativa do Brasil e da República Bolivariana de Venezuela, respectivamente, comprometem-se a realizar reuniões trimestrais com a participação de seu representantes nos respectivos estados, a fim de realizar intercambio de informações de interesse comum, bem como avaliar o cumprimento dos termos do presente Memorando de Entendimento.

**ARTIGO QUINTO:** Os investimentos ou gastos que forem ocasionados em atendimento ao previsto nos termos acordados, bem como, os que são gerados e não se tenham mencionado neste documento, serão custeados por cada Parte, de acordo as suas respectivas legislações.

**ARTIGO SEXTO:** Qualquer dúvida ou controversia que possa surgir da interpretação ou aplicação do presente Memorando de Entendimento será resolvida através da negociação direta entre partes.

**ARTIGO SÉTIMO:** O presente Memorando de Entendimento pode ser emendado por mútuo consentimento entre as Partes, sendo que as emendas entrarão em vigor na forma em que as PARTES as concordaram.

**ARTIGO OITAVO:** O presente Memorando de Entendimento entrará em vigor na data de sua assinatura e terá uma duração de 01 (um) ano, prorrogáveis por período iguais, salvo que uma das Partes comunique à outra, sua intenção de não o prorrogar, com o mínimo 30 (trinta) dias de antecipação à data de sua expiração .

Qualquer das PARTES poderá dar por encerrado em qualquer momento, o presente Memorando de Entendimento, mediante aviso por escrito à outra Parte. O Encerramento sortirá efeitos aos trinta (30) dias de recebida a comunicação.

O encerramento do presente Memorando de entendimento não afetará o desenvolvimento dos programas e/ou projetos acordados pelas Partes, os quais continuarão em execução, a não ser que as Partes acordem o contrário.

Assinado no município de Caroní do Estado Bolívar, aos três (03) dias do mês de outubro de dois mil e sete (2007), 02 (duas) exemplares originais em redigidos em idioma castelhano e Português, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

**FRANCISCO RANGEL GÓMEZ**

Governador do Estado Bolívar da  
República Bolivariana de Venezuela

**OTTOMAR DE SOUSA PINTO**

Governador do Estado de Roraima  
da República Federativa do Brasil

## **MEMORANDO DE ENTENDIMENTO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA E TRANSFERÊNCIA TECNOLÓGICA NA ÁREA AGRÍCOLA ENTRE O ESTADO BOLÍVAR DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA E O ESTADO DE RORAIMA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Entre o **ESTADO BOLÍVAR** da República Bolivariana de Venezuela e o **ESTADO DE RORAIMA** da República Federativa do Brasil, doravante denominados “as Partes”.

**CONSIDERANDO** que ambos estados apresentam territórios limítrofes com condições agroclimáticas similares;

**EM VISTA** que a atividade agrícola está associada a aspectos de segurança alimentar, constituindo um direito de âmbito internacional como direito fundamental à vida de todo ser humano, devendo ser estendida essa garantia de atendimento até as zonas mais longínquas e limítrofes dos estados;

**RECONHECENDO** que no Estado de Roraima da República Federativa do Brasil a agropecuária está desenvolvendo-se através da utilização de modernas técnicas e que o Estado Bolívar da República Bolivariana de Venezuela, apresenta grandes potencialidades para o desenvolvimento agropecuário devido a suas condições de solo e clima;

**CONSIDERANDO** que para conseguir o desenvolvimento integral da agricultura é necessário compartilhar um apoio mútuo baseado nas potencialidades de cada um, quanto aos avanços científicos e tecnológicos em garantia do direito à alimentação;

**CONSIDERANDO** que o presente Memorando de Entendimento significa a continuação do processo de cooperação técnica e transferência de tecnologia em matéria agrícola que se levam adiante no atual momento entre as autoridades de ambos estados;

As partes acordam celebrar o presente Memorando de Entendimento sob os seguintes termos:

**ARTIGO PRIMEIRO:** O presente Memorando de Entendimento tem por objeto dar início às atividades de intercâmbio de experiências entre as Partes, na área agropecuária com a participação direta da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, como representante do Estado de Roraima e a Secretaria de Desenvolvimento Agrícola e Agroindustrial, como representante do Estado Bolívar, para o desenvolvimento e fortalecimento do setor agropecuário em ambos estados. A inclusão de outros organismos ou instituições nas atividades programadas no marco do presente Memorandum de Entendimento deverá ser canalizada, autorizada e supervisionada diretamente por cada Secretaria, de acordo com os ordenamentos jurídicos de cada país.

**ARTIGO SEGUNDO:** As Partes planejarão e executarão projetos de intercâmbio de experiências na área, tendo que avaliar a adaptabilidade, validação e sustentabilidade de novas tecnologias em ambas as regiões.

**ARTIGO TERCEIRO:** As Partes acordam que toda atividade de caráter inovador realizada no marco do presente Memorando de Entendimento deverá ser consultada e aprovada previamente pelos ministérios e organismos centralizados segundo sua competência e dar cumprimento pleno às normas e legislação vigente que regem cada país.

**ARTIGO QUARTO:** As Partes através da Secretaria de Desenvolvimento Agrícola e Agroindustrial do Estado Bolívar e da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do

Estado de Roraima, comprometem-se a aportar toda a logística, pessoal e demais recursos necessários, para garantir o êxito das diferentes provas.

**ARTIGO QUINTO:** Para o alcance do objeto do presente Memorando de Entendimento as partes realizarão mesas de trabalho para determinar as áreas de intercâmbio de experiências com potencial para serem desenvolvidas de maneira complementar entre ambas as Partes, com intenção de aproveitar as experiências de cada um.

**ARTIGO SEXTO:** As Partes, através da Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Roraima e da Secretaria de Desenvolvimento Agrícola e Agroindustrial do Estado Bolívar, da República Federativa do Brasil e da República Bolivariana de Venezuela, respectivamente, comprometem-se a realizar reuniões trimestrais, com a participação de seus representantes nos respectivos estados, a fim de realizar intercâmbio de informação de interesse comum, bem como avaliar o cumprimento dos termos do presente Memorando de Entendimento.

**ARTIGO SÉTIMO:** Os investimentos ou gastos que forem ocasionados em atendimento ao previsto nos termos acordados, bem como, os que sejam gerados e não se tenham mencionado neste documento, serão custeados por cada estado de acordo as suas respectivas legislações.

**ARTIGO OITAVO:** Qualquer dúvida ou controvérsia que possa surgir da interpretação ou aplicação do presente Memorando de Entendimento, será resolvida através da negociação direta entre as Partes.

**ARTIGO NONO:** O presente Memorando de Entendimento poderá ser emendado por mútuo consentimento entre as Partes, sendo que as emendas entrarão em vigor na forma em que as Partes as acordam.

**ARTIGO DÉCIMO:** O presente Memorando de Entendimento entrará em vigor na data de sua assinatura e terá uma duração de um ano prorrogável por períodos iguais, salvo que uma das Partes comunique à outra, sua intenção de não o prorrogar, com um mínimo de trinta (30) dias de antecipação à data de sua expiração.

Qualquer das Partes poderá dar por encerrado, em qualquer momento, o presente Memorando de Entendimento, mediante prévio aviso por escrito à outra Parte. O encerramento sortirá efeitos aos trinta (30) dias de recebida a comunicação.

O encerramento do presente Memorando de Entendimento não afetará o desenvolvimento dos programas e/ou projetos acordados pelas Partes, os quais continuarão em execução, a não ser que as Partes acordem o contrário.

Assinado no município Caroní do Estado Bolívar, aos três (03) dias do mês de outubro de dois mil e sete (2007), em dois (2) exemplares originais redigidos em idioma castelhano e português, sendo ambos os textos igualmente autênticos.

**FRANCISCO RANGEL GÓMEZ**  
Governador do Estado Bolívar da  
República Bolivariana de Venezuela

**OTTOMAR DE SOUSA PINTO**  
Governador do Estado de Roraima  
da República Federativa do Brasil